

## Vale-Protótipo©

**Este livro vale 55 jupits (Nova Conversão de Moeda na Bolsa Jupiter atualizada em 7/9/2022)**

Para ativar o vale djupits do seu livro, scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais a seguir.



O código em baixo é um protótipo e ainda não funciona. Não precisa de ativar. Quando o nosso domínio/ aplicação estiver pronto e a Conta Jupiter estiver em pleno funcionamento o seu vale será automaticamente acionado, gerando 55 jupits na sua Conta Jupiter e o seu Cartão Jupiter será enviado para o seu email. Guarde as suas jupits. Não vai ficar sem elas. Elas são suas.

Poderá consultar a atualização dos eventos da Jupiter Agenda na página da Jupiter Editions em Member Readers em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

### Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions não trata, não cede nem vende os seus dados pessoais a terceiros. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a Política de Privacidade que pode ser consultada online em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

**Poderá aceder à sua Conta Jupiter e falar com outros  
Member Readers**

**Poderá inscrever-se nos eventos da Jupiter Agenda  
com as suas jupits em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)**

**Member Readers in JUPITEREDITIONS.COM**

## **Você é um Member Reader da Jupiter Editions**

### **O seu livro é um passaporte.**

**\*O seu passaporte vale em toda a sociedade  
Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter\***

Há Direitos e Deveres dos Member Readers.

Leia sobre os seus direitos

Leia sobre os seus deveres e sobre *o Código dos  
Direitos de Autor e Direitos Conexos*

© Sebastião Lupi-Levy  
OS AUTORES DO SISTEMA

Printed by Konica Minolta

Editado por Jupiter Editions

1ª Edição

1ª Ordem da 1ª Impressão ◆ 1 exemplar

18/11/2020 Edição de Luxo de Autor de 20 livros ◆ 1 exemplar

Revisto por Antoine Canary-Wharf

A 1ª Ordem e 1ª Impressão foi revista e editada pelo próprio autor. Sebastião Lupi-Levy e Antoine Canary-Wharf são dois pseudónimos de Raul Catulo Morais. A presente obra apresenta naturais erros por não ter sido editada nem revista por um Revisor Oficial e ter sido imprimida durante o Processo de 1ª Experiência de Artes Editoriais e de Impressão do Autor e da Jupiter Editions, marca criada e fundada pelo próprio autor na ocasião do Registo dos seus primeiros 9 livros que escreveu ao mesmo tempo com 9 pseudónimos e que por isso decidiu fundar a marca Jupiter Editions. A marca Jupiter Editions é uma marca registada editorial de cinema e realização para a comercialização de livros, teatros, filmes e jogos bem como a organização, realização e filmagem de eventos culturais e desportivos, incluindo os de feira e de museu.

A presente obra foi publicada pelas mãos do próprio autor nos Illuminnatti Games da Jupiter Editions conforme o Processo Maçónico de Vazamento das 9 obras do autor.

Custas pelos erros.

«Os erros são humanos e existem para serem editados. Os meus erros provam que sou um humano e que não sou um robot. Os meus erros tornaram-se valiosos, porque eu entreguei os meus erros ao mercado. Fiz valor com os meus próprios erros. Valorizei-os. Errar é um Processo Básico Natural Humano.» Raul Catulo Morais 7/09/2022

Jupiter Editions é a primeira chancela editorial da sociedade Jupiter.

Pela Ocasão da Fundação da Jupiter Editions e para a comercialização dos livros foi aberta a Sociedade Jupiter Saturn Por Quotas que o autor fundou no seu relacionamento amoroso, ficando como sócio e gerente o seu amor-marido. Com a separação amorosa e com o fecho da Sociedade Jupiter Saturn, ficou o autor como proprietário legítimo da marca e do site Jupiter Editions continuando sozinho o projeto com a força espiritual dos Angels. Nas novas obras durante os Illuminnatti Games o autor transformou o seu ex-marido numa personagem, o DK. Na teoria dos jogos conspiratórios contra os jogos maçónicos relatados nas obras da Jupiter Editions criou-se a estranha teoria de que o DK seria um angel-demónio secreto na Rede Secreta dos Angels e que se afastou do projeto para dar uma certa força ao próprio projeto. Há quem acredite que o “divórcio” foi um divórcio simulado que fez parte do Teatro Maçónico do fecho da Sociedade. Verdade ou mentira é que o autor separou-se de facto e continuou sozinho o projeto. 7/09/2022

Jupiter Saturn Neptune NEW-ORBITIONS-EDITIONS, Lda.  
Avenida D. João II 50 Edifício Mar Vermelho,  
Parque das Nações, Lisboa, 1990-095 Lisboa

Capital social: 120.000,00€  
Matrícula: 515966207

Obra iniciada em novembro de 2019 e concluída em janeiro de 2020 com data de diferimento de Registo Oficial de Obra de 14/02/2020. Obra escrita ao mesmo tempo em Internet das Coisas com as primeiras 9 obras do autor. Obra vazada pelas mãos do próprio autor in Illuminnatti Games em 9/9/2022 e republicada com Edição das Páginas de Apresentação em 10/9/2022. Raul Catulo Morais Vazamento comunicado ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro, ao Papa, às Forças Armadas e Militares Nacionais e Internacionais, à ONU, NASA, Agência Espacial Europeia e ao FBI.

Porque não temos ISBN nem Código de Barras?

O Sistema ISBN não é obrigatório. Simplesmente é um elemento essencial para o livro circular no mercado livreiro, no mercado das bibliotecas, para facilitar a sua localização e recuperação e a transmissão de dados em sistemas automatizados. Os livros da Jupiter Editions são exclusivos, sendo encomendados e como tal estão fora do mercado livreiro, pelo que não necessitam de um ISBN. Porquanto a Jupiter Editions venda os seus livros diretamente ao leitor a partir da sua loja online também não está obrigada a ter um código de barras.

Porque não temos que comunicar sobre promoções e baixas de preço?

De acordo com o artigo 6º da Lei do Preço Fixo do Livro quem publicar um livro com vista a ser difundido por correspondência ou assinatura, ou qualquer outro circuito que não o da venda a retalho não está sujeito à LPFL.

Porque não aceitamos devoluções?

Decorre do artigo 18º da Lei 144/2015 de 8 setembro que em caso de conflito de consumo, o leitor pode recorrer a uma entidade de resolução alternativa de litígios de consumo. Para evitar conflitos de consumo, é importante o leitor saber que a Jupiter Editions não aceita trocas nem devoluções dos seus livros uma vez comprados e abertos pelo leitor, pelo que o Direito ao Arrependimento do leitor, não pode valer quando compra e recebe um livro, pelas razões que são óbvias e que decorrem da própria natureza de um livro. Tal como, o Direito ao Arrependimento não pode valer para um filme, também não pode valer para um livro. No entanto, a Jupiter Editions admite que o leitor possa arrepender-se da compra feita e recusar-se a receber o livro em casa. Se o leitor se recusar a receber o livro em casa, não o abrindo, a Jupiter Editions admite, neste caso, a devolução do preço do livro subtraído aos custos de envio, de retorno e de impressão do livro. Para mais informações consulte [www.consumidor.pt](http://www.consumidor.pt). No caso de conflitos de consumo fora de Portugal e dentro da EU deve recorrer ao CEC – Centro europeu do Consumidor <https://cec.consumidor.pt/>

## **CÓDIGO DOS DIREITOS DE AUTOR E DIREITOS CONEXOS**

### **DEVERES E RESPONSABILIDADES JURÍDICO-PENAIIS DOS MEMBER READERS E DOS PROMOTORES E AGENTES DA SOCIEDADE JUPITER E DA JUPITER EDITIONS**

1ª

Os Member Readers sabem que têm em mãos uma obra protegida por direitos de autor, podendo naturalmente promover e partilhar o livro, mas devendo sempre fazer menção ao autor.

2ª

O que se espera dos Member Readers, é que possam tirar o maior partido do livro, desfrutar inteiramente da leitura e do espírito do leitor, promoverem o livro, se assim o entenderem, mas sem violar os direitos de autor e sem pôr em crise ou frustrar todo o esforço e trabalho intelectual do autor.

Fale com o autor no Instagram ou no Facebook. Certamente que responderá tão breve assim que veja a sua mensagem. No entanto, se a sua mensagem não for entregue por causa de um algoritmo do Facebook ou do Instagram, fale connosco, fale com a Jupiter Editions e nós entraremos o mais rápido possível em contacto com o autor a solicitar o seu pedido e iremos pô-lo diretamente em contacto com o autor.

## **DIREITOS E VANTAGENS MONETÁRIO-SOCIAIS DOS MEMBER READERS**

A nossa moeda virtual é a Jupit.

Falamos em histórico de jupits quando contabilizamos todas as moedas virtuais que o Member Reader já converteu até ao presente. Falamos simplesmente em jupits quando estamos a considerar as atuais jupits que o Member Reader tem disponível na sua Conta Jupiter. Para determinados concursos, pedidos ou eventos pode ser chamado o histórico de jupits do Member Reader, sendo esta uma vantagem.

Por exemplo, um Member Reader comprou *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala que vale 55 jupits + *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que vale 22 moedas Jupiter. Ficou com 77 jupits na Conta Jupiter. Entretanto inscreveu-se na festa “Jupiter Wants To See U Dance” e usou as jupits para alugar várias pranchas de paddle/stand up numa praia onde a Jupiter Editions tem uma infraestrutura com pranchas de paddle. Atualmente o Member Reader tem 0 jupits na sua Conta Jupiter. No entanto, o seu histórico de jupits é de 77 jupits.

**A Jupiter Editions está a convidar** para uma Limpeza de Praia + Caminhada na Montanha Adjacente à Praia + Limpeza da Montanha + Piquenique com Garrafa de Vinho + Reportagem Fotográfica + Oficina de Escrita a todos os Member Readers que tenham um histórico de 77 jupits. **Quer dizer que o Member Reader, apesar de já ter gasto todas as suas jupits e não ter jupits para se inscrever nos eventos da Agenda Jupiter, poderá participar no convite da Jupiter Editions.**

1ª

Todos os Member Readers têm direito em criar uma Conta Jupiter de forma gratuita e a beneficiar de todas as funcionalidades inerentes da plataforma;

2ª

Todos os Member Readers têm direito em participar livremente em todos os eventos da Agenda Jupiter sem discriminação e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento. Nem todos os eventos da Agenda Jupiter se bastam com o desconto das jupits, podendo alguns eventos estar sujeitos ao pagamento acrescido de uma quantia em euros. Nesse sentido, todos os Member Readers têm direito em participar sem discriminação monetária e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento;

3ª

Todos os Member Readers têm o direito de participar livremente e gratuitamente na Plantação de Árvores da Jupiter Editions. No entanto, a sua inscrição pode ser necessária para ter direito à parte exclusiva do evento donde decorram custos como por exemplo um piquenique com passeio de balão de ar quente depois de plantadas as árvores.

4ª

Todos os Member Readers com 99 jupits têm direito a receber gratuitamente em casa o livro *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e outro livro à escolha da *Medium Line* sem gastarem as jupits, podendo solicitar a partir da Conta Jupiter ou enviando um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o código de assunto “MYJUP”;

5ª

Todos os Member Readers têm direito a entrada prioritária sem terem de aguardar na fila para o público geral em todas as festas e eventos organizadas pela Jupiter Editions que não sejam exclusivas para os Member Readers; bem como entrada exclusiva em toda a sociedade Jupiter nos espaços reservados só para Member Readers; e ainda entrada exclusiva/ prioritária nos estabelecimentos/ infra-estruturas dos parceiros da sociedade Jupiter ou nas festas e eventos organizados por estes;

6ª

Todos os Member Readers têm direito em fazer parte do júri virtual dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions e a uma cadeira virtual no Tribunal dos Concursos e Leilões.

7ª

Todos os eventos só podem ser total ou parcialmente filmados se todos os Member Readers declararem que aceitam ser filmados ou entrevistados para o Kanal Jupiter. Se um ou vários Member Readers se opuserem à filmagem, a Jupiter Editions fará filmagens à parte e celebrará contratos de promoção de imagem com os Member Readers que aceitem participar nas filmagens;

8ª

Todos os Member Readers têm prioridade na análise dos manuscritos que submetam ao departamento editorial num dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions, ficando inicialmente indiciados os Member Readers, consoante o seu histórico de jupits, com os seguintes pontos de vantagem sobre os restantes concorrentes (Tabela Antiga sem a Nova Conversão):

| Histórico de moedas | Pontos de Vantagem |
|---------------------|--------------------|
| 4                   | 10                 |
| 6                   | 15                 |
| 18                  | 20                 |
| 24                  | 30                 |
| 27                  | 40                 |



## PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre connosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contacto](#)

Se impulsionar 5 vendas, a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email [jupitereditions@jupitereditions.com](mailto:jupitereditions@jupitereditions.com) com o código-assunto “PROMO5” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com)

Os promotores e embaixadores podem ficar com até 33% dos Royalties.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

# TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

**Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor recebendo mensalmente a percentagem dos seus direitos com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 50% do lucro líquido da venda de cada livro.**

Para além dos tradutores certificados, juristas e professores a Jupiter Editions dá sempre a chance e preferência aos estudantes universitários ou artistas ou desportistas profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, ainda que não sejam tradutores certificados ou ainda que não sejam da área de línguas, desde que comprovem que dominem a língua e que são capazes de fazer plenamente a tradução e a revisão.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



## CASTING

Mostre o seu talento no casting de seleção de atores para a transformação do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf em filme. Brevemente.

### CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro 2080 de Antoine Canary-Wharf.

A entrada no casting sem a posse do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions e a Kaasting darão sempre a chance a novos atores. Quem vem numa cadeira de rodas, passa sempre à frente! **Porque as personagens principais podem ir parar acidentalmente a uma cadeira de rodas.** Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



## TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. A entrada sem a posse do livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom poderá estar condicionada ao pagamento de 30€.



Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. A entrada sem a posse do livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala poderá ser admitida com um custo de até 50€.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

## JUPITER EDITIONS©

A Jupiter Editions é a primeira editora-realizadora portuguesa internacional filantrópica. A Jupiter Editions é uma editora empática, humana e sustentável que nasce sem qualquer vício dos vícios ruins do mercado.

A Jupiter Editions perfilha a ideologia de um saudável *capitalismo inteligente dos recursos*, imprimindo em papel 100% reciclado e dando primazia ao verdadeiro brilhante talento humano que se consiga ver, sentir e apalpar através da escrita alicerçada num sempre pensamento filantrópico em prol da perseguição pela saúde, felicidade, paz, tolerância, liberdade e respeito.

A Jupiter Editions não vai, pois, atrás de caras, mas sim atrás de corações, atrás de bons valores, atrás de talentos, atrás da empatia, e por isso, vai atrás de histórias empáticas que possam teletransportar o leitor para o espírito do autor.

Hoje, quem tem lugar privilegiado no mercado são os bons corações, os talentosos, os brilhantes, os iluminados, os altruístas, os tolerantes, os apaixonados, os esperançosos e os empáticos. Porque é a voz deles que o mercado quer agora ouvir!

Não há uma coragem das editoras apostarem, arriscarem ou investirem num talento desconhecido, numa nova voz ou numa nova cara. Mas a Jupiter Editions tem essa coragem!

Temos as portas abertas a todos os autores sem intermediação ou necessidade de agentes literários. A nacionalidade, tal como a cor de pele, não é importante. Não significam nada! A Jupiter Editions sabe que há uma matemática no espírito e olha é para a matemática do espírito. Gostamos de letras, mas também gostamos de matemática. A nossa matemática é a tabuada do 9. O nosso primeiro plano editorial são 9 livros. O nosso segundo plano editorial serão 18 livros. O nosso terceiro plano editorial serão 27 livros. O nosso quarto plano editorial serão 36 livros. O nosso quinto plano editorial serão 45 livros. Abrimos assim, a todos, honestamente o concurso.

Em cada novo livro que chegue à Jupiter Editions como proposta editorial, temos de achar o design, a história, a sinfonia, a empatia, a diversão e o sentido. Pois, é para estas 6 inteligências que a Jupiter Editions olha. (A Whole New Mind: Why Right-Brainers Will Rule the Future, Daniel H. Pink)

A Jupiter Editions olha para os livros como uma tecnologia patenteada, como uma *start-up*. Olha para a evolução, para a potencialidade tecnológica e para a aplicação que se poderá ver nos seus livros. Cada livro da Jupiter Editions tem de ser uma *start-up*. Tem de ser um livro que vai evoluir para outro livro. Tem de ser tecnológico neste sentido. Tem de ter uma projeção para o futuro. Tem de ser uma “obra-viva”, que tenha uma continuação, uma saga, que seja uma trilogia, que possa ser facilmente adaptado para o teatro ou transformado em telenovela, série televisiva ou obra cinematográfica.

Porque comprámos uma tecnologia. Comprámos um livro que mais parece um teatro. Comprámos um livro que mais parece um filme. Comprámos um livro que mais parece uma telenovela. Comprámos um livro tecnológico. Só os livros da Jupiter Editions têm implementados esta tecnologia.

A Jupiter Editions preza pela eternidade do espírito, preferindo celebrar contratos perpétuos que não se esgotem com o tempo. Os contratos de edição da Jupiter Editions serão sempre com autores que produzam constantemente filme, numa ótica de se querer idealmente transformar um autor da Jupiter Editions numa espécie de “sócio de indústria”, em que a sua propriedade intelectual e os seus direitos de autor são o suficiente capital para “a sua entrada” na Jupiter Editions. Por isso, chamamos aos nossos autores *Member Writers*.

Na Jupiter Editions os autores, os tradutores e os promotores-fundadores, como qualquer outro colaborador, são sempre chamados a participar nos lucros. Chamamos a isto: um chamamento divino!

## MISSÕES JUPITER©

Ao comprar um dos livros da Jupiter Editions está a plantar uma árvore, a limpar 1 metro quadrado de praia e outro metro quadrado de mata, mas também está a enviar um pacote de arroz ou massa e uma lata de grão ou feijão para quem mais precise em Moçambique. Vamos apanhar um avião até Moçambique com os nossos Member Writers e Member Readers, para comprarmos os pacotes de arroz e massa e as latas de grão e feijão com o dinheiro dos livros que vendermos e vermos com os nossos próprios olhos onde e a quem mais devemos entregar. Chamamos também a isto um chamamento divino.

Proteger todas as  
espécies que  
possuam uma  
inteligência sócio-  
afetiva com os da  
sua espécie ou com  
os humanos



Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala foi o primeiro autor a defender este tipo de inteligência, no seu romance *O Algoritmo do Amor*

"Não há só uma missão!  
Há missões!  
Há muitos arranjos e concertos  
para se fazer na Terra antes de  
se apanhar uma nave espacial  
para Jupiter de Gabriel  
Garibaldi".



Jupiter de Gabriel Garibaldi é vencedor do Prémio Literário Europa 2020.

# OS AUTORES DO SISTEMA

Sebastião Lupi-Levy

Este livro teve o apoio de

KONICA MINOLTA

SURF PLANET

RETROSAILOR



Siga Sebastião Lupi-Levy

**@sebastiaolupilevy**

Sebastião Lupi-Levy segue todos os Member Writers da Jupiter Editions, siga-os também

Gil de Sales Giotto

Barac Bielke

Jaime Bayamonde da Costa Ayala

Simão Roncon-Oom

Federico Ferrari

Gabriel Garibaldi

Antoine Canary-Wharf

Ralf Kleba-Kodak

## CITO

«(...) Só pondo a “boa” Administração pública a administrar não os pulmões da Terra, mas a administrar toda aquela fumaça de mercado adjudicatário que quer contratar com os alvéolos e brônquios da arquitetura pulmonar adjudicante, é que talvez se consiga compelir empaticamente a garantia daquela arquitetura, a bons séculos vindouros. (...) A entidade adjudicante é normalmente a Administração Pública, que nasceu neste mundo do Direito presa aos mantos da Terra, e a entidade adjudicatária é a destinatária do contrato, ou seja, a empresa que vai contratar com a Administração Pública. Mas para contratar há regras. Regras para concorrer aos concursos públicos que a Administração Pública vai lançando no sistema. A ideia é simples: ganha a empresa que for a melhor amiga do ambiente ou a mais barata ou a mais tecnológica ou a mais isto ou a mais aquilo, dependendo da política que se viva no país. Mas independentemente da política que hoje se viva no país, nós estamos acorrentados à Europa, e a Europa já disse que quer todas as administrações públicas a contratar com as empresas mais esverdeadas, mais sustentáveis.» *in O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

«O Direito A Não (Ter Que) Estar Ligado À Internet Para Participar Na Vida Económica Normal – (...) que se traduza num direito de eu poder sair à rua e interagir normalmente com a economia das coisas sem ter que usar um telefone ou uma Internet ou uma aplicação ou o que seja que me medeia entre mim e o mundo real – tem de se sobrepor sempre a qualquer espécie de Internet das Coisas, seja ela qual for. A Internet das Coisas nem se quer pode tornar-se um direito. A Internet das Coisas é um estilo de vida! Antes de quererem legalizar a Internet das Coisas e penalizar drasticamente quem não está na Internet das Coisas deviam era primeiro pegar na impressora a 3D e imprimir

coisas por todo o lado, imprimir casas, estufas de base vegetariana, roupas, imprimir tudo com micromateriais sustentáveis. A Internet de Coisas devia servir para se imprimirem casas, de pelo menos, 180 metros quadrados às pessoas em situação de sem abrigo, aos recém-licenciados e aos recém-casados em menos de 24 horas, porque o tempo para se imprimir uma casa com a impressora a 3D é de menos de 24 horas. Esta é que devia ser a Internet de Coisas na Terra.» in ***Jupiter*** de Gabriel Garibaldi.

«Às vezes, acreditarmos em fantasias ou quereremos influenciar toda uma sociedade, todo um parlamento, pode salvar vidas! Às vezes, ficcionar o Direito com as nossas fantasias, levar também as nossas ficções para o Direito (...) isso, pode dignificar vidas! Deve ser esse o instrumento da ficção. E, se assim for, podemos fantasiar o que quisermos. Podemos acreditar no que quisermos. O importante é acreditarmos em coisas boas. Em coisas que nos podem fazer felizes a nós, mas também aos outros. Em coisas sempre ligadas a um sentimento humano altruísta e solidário para todas as inteligências que consigam coabitar em paz com a espécie humana. (...) Porque a espécie humana nasceu com o dom da criatividade e com o dom da fantasia. (...) Fantasiar é um dom! E os dons, podem ser usados como instrumentos. Às vezes, fantasiar pode dignificar vidas. Pode salvar vidas.» in ***O Deus Tecnológico*** de Simão Roncon-Oom.

«O Direito está ao contrário. Está todo trocado. Então querem pôr os cães nos cafés, mas tirá-los das praias? O Direito devia deixar os cães andar nas praias e não nos cafés. Já viram como os cães ficam felizes na praia?» in ***A Velocidade da Luz*** de Gil de Sales Giotto.

# OS AUTORES DO SISTEMA

Sebastião Lupi-Levy

Registo nº 353/2020 **SIIGAC/2020/847** DATA: **2020.02.14**

Revisor: Antoine Canary-Wharf

Editor: Antoine Canary-Wharf

1ª Edição

**JUPITER EDITIONS**

**Print Your Heart with Jupiter Editions©**

**A Jupiter Editions deseja-lhe uma boa  
sessão de leitura!**

**A Jupiter Editions recomenda:**

**Não use o telefone durante a leitura.**

**Desligue os dados móveis.**

**Desligue o Wi-Fi.**

**Se tiver namorado/a, marido ou  
mulher vá ler para o colo dele/a.**

**Leia aos pés dele/a.**

**Dê-lhe as mãos.**

**Está com um livro tecnológico nas  
mãos.**

**Não deixe mais nenhuma outra  
tecnologia interferir com a tecnologia  
do livro ou com a tecnologia do seu  
amor. Proteja este livro com o seu amor.**

**Não aponte a câmara do seu telefone.**

**Leve o seu livro consigo para todo o lado.**

**Tem em sua posse um livro muito bonito  
para andar com ele na mão para trás e para a  
frente. Leia-o de trás para a frente.**

**Leia na praia.  
Leia no jardim.  
Lei na montanha.**

**Sebastião Lupi-Levy  
@sebastiaolupilevy**

**Todos os Member Readers da Jupiter  
Editions são lúcidos e inteligentes e sabem  
proteger e respeitar os Direitos Intelectuais e  
os Direitos de Autor.**

# *OS Autores do Sistema*

Sebastião Lupi-Levy

JUPITER EDITIONS

Que Portugal,  
nesta Internet das Coisas,  
se conecte aos melhores sistemas.

**Entre com a sua Internet dentro dos melhores sistemas!**

Que copie,  
que faça um download,  
dos códigos estrangeiros.

Que busque pela alienígenidade.

Hackeie, implemente,  
imite, faça moda, torne moda,  
transporte, transfira, transplante,  
que copie, que torne uma verdadeira moda,

A “sofisticação mental”,  
que se vive sobretudo lá fora.

Lá fora, na Suécia, na Noruega, na Finlândia, na Dinamarca, na Alemanha.....



A 1<sup>a</sup>  
GRANDE  
REUNIÃO  
D'OS *Autores*  
*do Sistema*



## – Achas que o senhorio os roubou ao celebrar com eles um contrato de arrendamento desses?

— Claro que não! Os médicos inquilinos celebraram os contratos com os senhorios de livre e espontânea vontade e o direito de propriedade e da liberdade económica sobre a propriedade do senhorio são direitos garantidos pela nossa Constituição. É um “roubo”, mas da própria economia. Não é um roubo do senhorio. É verdade que a casa toda nem sequer vale 600 euros, porque não vale! Casas daquelas valiam há 4 anos, 500 euros.

— E de repente, a mesma casa, vale agora, só em 4 anos, 3 mil e 500 euros.

— Que exagero!...

— Claro... Nós é que somos os exagerados... Nós é que estamos a exagerar...

— Que exagero!!...

— O preço da casa não dobrou nem triplicou...

— Nem sequer quadruplicou.

- Simplesmente exagerou-se no mercado.
- Que exagero!!!...
- Por isso, a culpa é do próprio mercado imobiliário.
- Sim, o senhorio não tem culpa nenhuma.

— Não tem culpa de ter uma casa que ontem valia 500 euros, mas que hoje “vale” 3 mil e 500 euros e com “este vale” entre aspas, porque há inquilinos que dizem que valem. Eu não digo que vale. Porque a virtualidade da economia não influencia a minha mente.

— E porque o meu cérebro tem memória das coisas.

— E porque o meu cérebro sabe ver as coisas. Sabe ver que uma casa que vale 500 euros não vale de renda 3 mil e 500 euros. Uma casa que vale 250 mil euros não vale nem 800 mil, nem 900 mil euros, nem 1, nem 2, nem 3, nem 4, nem 5 milhões.

— Mas há cérebros inteligentes que dizem que vale 2 milhões e mentes hipnotizadas que vão dizer que a casa dos cérebros inteligentes vale sim senhor, 2 milhões.

— E é assim, que a moeda se vai desvirtuando completamente no tempo económico...

— E se há inquilinos a celebrarem esses contratos, se há consumidores a consumirem esse mercado, é claro que os inquilinos não vão perder a chance de participar dessa inflação, dessa bolha, antes que ela rebente.

— Portanto, a culpa é da própria inflação que sobe sempre, que vai subindo sempre e que nunca desce, porque as “novas injeções de capital” só vão aumentar o valor das coisas.

— Que exagero!...

— As coisas tornaram-se sempre mais caras.

— Que exagero!...

— É verdade, nunca se tornaram “verdadeiramente” mais baratas.

— Sim, porque não vale subir não sei quantos mil euros, para depois descer uns poucos, quando o que subiu já contou com uma “descida”, mas que nunca desceu “verdadeiramente”.

— Só quando há uma bolha, é que os preços das coisas descem a pique, mas para depois voltarem paulatinamente, e logo apressadamente, a subir para a próxima bolha. É esta a ficção económica em que vivemos.

— Numa bolha económica tão elástica e tão convenientemente elástica que não rebenta, não se rasga nem se rompe...

— E claro que os senhorios aproveitam antes que a bolha rebente...

— A culpa não é dos senhorios!

— Mas a bolha não é elástica? Afinal ela rompe-se ou não se rompe?

— Foi uma forma de dizer... Não foi?

— Sim, foi uma forma de dizer...

— Foi uma forma de desculpar os senhorios... Porque é claro que eles estão todos metidos nisto...

— Os senhorios não têm culpa nenhuma!

— Já cá faltava uma das tuas intrigas...

— Claro... Não podíamos começar isto sem uma boa intriga...

— Estou para ver as próximas que vais montar...

— Que eu vou montar, não... Que vamos todos aqui montar... Não sou o único metido nisto... Estamos todos metidos nisto!

— As tuas gargalhadas assustam-me!

— Assustam-te porquê?

— Porque as tuas intrigas assustam-me! Foste tu que nos meteste nisto...

— Desculpa-me! Esqueci-me que tens muitos amigos senhorios que ficaram agora milionários à pala das rendas milionárias...

— Os senhorios não têm culpa nenhuma!

— Enquanto os inquilinos não perceberem nada de economia e não perceberem como funciona a alavanca dos mercados, não se podem culpar os senhorios. Quer dizer, eu inquilino, celebro um contrato com o meu senhorio...

— Como se alguma vez tivesses tido um senhorio na vida... Sabes lá o que é ser inquilino...

— É só a mim que as gargalhadas dele me assustam?

— Pareces que és a única aqui assustada... Não te preocupes que os teus amigos não compraram o bilhete para o teatro. O palco é nosso! Não é dos teus amigos! O que dizias?...

— Dizia que, eu inquilino, celebro um contrato com o meu senhorio, mas depois vou para a varanda arrendada gritar que o meu senhorio é um ladrão e que mal tenho dinheiro para montar uma esplanada na varanda...? Então, mas se fui eu que aceitei esse jogo económico, se fui eu que quis essa economia, para eu largar-me dela, tenho de sair dela, tenho de romper com o contrato; não é celebrá-lo, mas depois criticá-lo.

— Realmente é muito fácil falar. Realmente é muito fácil não fazer ideia do que é ter de ser inquilino e falar pelos inquilinos, ainda por cima a ofendê-los dessa maneira...

— A ofendê-los?????????

— Pronto... Aí vem mais uma intriga...

— Eu não vi ofensa nenhuma...

— Nem eu...

— Nem eu... Uma casa não é um carro. Uma casa não é um robot. Uma casa não é um assistente virtual. Uma casa não são uns óculos de realidade virtual aumentada em que eu posso escolher não os comprar, porque os acho caros ou porque os acho completamente estúpidos e porque acho que me vão roubar o tato e a sensibilidade de ver e sentir a realidade como sempre a

senti... Quando tu tens um trabalho, quando tu tens aulas para frequentar numa certa cidade chamada Lisboa ou Porto ou Santarém e tens de pagar uma renda para trabalhar ou estudar, tu não tens muita hipótese de escolha. Se as rendas estão todas caras, tu não podes viver na rua, tens de pagar a renda seja ela alta ou baixa. Não é, portanto, uma “verdadeira” escolha. Ninguém quer pagar rendas caras...

— Ou seja, não é o facto de um inquilino ter celebrado um contrato de renda com uma renda estupidamente cara que faz mandar calar o inquilino ao ponto de ele não poder chamar nomes na varanda ao senhorio dele...

— E os vizinhos???

— O Código Penal deixa o inquilino chamar chulo ao senhorio???

— Não deixa... Mas devia...

— Nós não vamos alterar o Código Penal nesse sentido, pois não?????

— Não! Não somos nenhuns miúdos. Não estamos aqui a brincar. Estamos a falar a sério. Até estamos a falar da inflação e tudo...

— Mas os miúdos já sabem falar todos muito bem da inflação...

— A sério?

— A sério...

— É um bocado como a conversa do Pai Natal... Algum dia tinha de chegar a verdade... E quanto mais cedo, melhor... É um bocado ridículo ver miúdos de 6 anos a falarem do Pai Natal...

— Ridículo???

— Os meus primos de 4 anos ridicularizam os miúdos de 6 anos... Mas se calhar, são só os meus primos...

— Ridículos são os teus primos por não acreditarem no Pai Natal com 4 anos...

— Os meus primos é que são ridículos?

— Claro... Os teus primos que têm paizinhos senhoriais que colaboram com a inflação...

— Mais uma intriga... E estamos a quanto tempo do teatro? Nós não vamos montar um teatro político para o Parlamento, pois não? É que já basta a cambada...

— De atores!!! De atores!... Porque são tudo atores!... Somos todos atores! Estamos todos aqui a representar...

— Uns representam melhores que os outros...

— Mas achas que está aqui a alguém a representar mal?

— Eu cá estou a representar os portugueses... E acho que estou a representar muito bem...

— Oh! Que bonito teatro!... Vejam só! Vejam só: está aqui a representar os portugueses...! Estás a representar os



senhorios portugueses ou os inquilinos portugueses? Só para percebermos o teu lado político do teatro...

— Na minha opinião, os próprios inquilinos é que dão azo a esta inflação...

— A culpa é dos inquilinos!

— Esta é boa...

— A culpa não é...

— Deixa-me adivinhar... A culpa não é dos senhorios!?? Porque, assim, isso faz com que eu queira participar também da inflação...

— Bom, nós estamos todos aqui num teatro, não é?

— Sim. Podes chamar-lhe um teatro político... Ou um teatro económico... Sei lá! Chama-lhe o teatro que quiseres...

— E é por causa destes teatrinhos de merda...

— Ai!!!! O que é que ele disse?

— Acho que disse “merda”...

— Pronto, já sabemos que isto é um teatro para criancinhas de ouvidos tapados...

— Será que a inflação é por causa das criancinhas?

— Ou será que é por terem tapado os ouvidos às criancinhas sempre que falamos de inflação? Já sabemos que ninguém tapou os ouvidos aos teus primos...

— As crianças são muito inteligentes... Devíamos falar-lhes logo da inflação...

— E íamos dizer-lhes o quê, sobre a inflação?...

— Sim, as crianças são muito inteligentes... E iam logo perguntar de quem é que era a culpa...

— Os meus primos perguntaram logo com 4 anos...

— Uau!!! E o que é que os adultos lhes responderam?

— Que a inflação não é culpa de ninguém senão da própria economia.

— Ah! Deixa-me adivinhar... Disseram que era culpa dos próprios mercados...?

— Sim, que era também culpa dos governos que não acompanham os mercados.

— Que não acompanham as injeções que a economia faz na economia!!!

— Ora aí está! A culpa é dos governos! Porque não dizemos logo isto às criancinhas? Porque, afinal, a culpa é dos governos! Porque vamos dizer às criancinhas que não é culpa de ninguém, quando é dos governos????

— Na economia virtual em que vivemos e no crédito virtual em que devemos, quando os preços sobem, os ordenados têm de subir. A economia é só uma ficção. É uma virtualidade do sistema. É como se fosse um programa infinito que nunca mais acaba, mas que já não se consegue desprogramar.

— Mas também temos de explicar logo isso às criancinhas? Isso não será já demasiada informação?... Depois aborrecem-se... Vão começar logo a bocejar...

— Quando começarem a bocejar, bocejamos também.

— E quando nos virem a bocejar e perguntarem-nos porque é que já não conseguimos desprogramar?

— Sei lá... Dizemos só que já não se consegue tirar o programa do sistema.

— Sim... Todos vão acreditar. Até as criancinhas...

— Dizemos só que é como um vírus muito inteligente...

— Pior que o vírus tecnológico de 2020? Vão perguntar...

— E respondemos: Oh! Muito pior!!!!...

— “Oh! Muito pior!!!!...”

— Que belo coro... Mas se não se consegue tirar o programa do sistema e se o programa é virtual, então basta virtualizar o programa. Se o vírus económico está de tal forma pegada ao corpo do sistema numa perfeita simbiose impossível de se libertar sem se danificar, então temos de manipular a economia. Senão é ela que nos manipula!

— Alguém escreveu isto?

— Espero que a Mão Invisível tenha escrito...

— Mas vocês acreditam mesmo na Mão Invisível?

— Sim. Foi ela que inventou o programa e nos colocou no programa. Nós estamos a viver o programa de uma Mão Invisível...

— A nossa vida é um jogo económico. Algum de nós é programador?

— Eu sou programador...

— Ainda bem que temos connosco um programador. Temos de reprogramar o programa. Se no programa a inflação sobe vertiginosamente, nós temos de acompanhar o programa e para acompanhar e não se dar um...

— *Game Over!!!!* Temos de vertiginosamente aumentar também os ordenados. Estamos num jogo económico, não é? Só por isso é que disso “game over”... Para entrarmos mesmo dentro do jogo...

— Nós temos é que entrar dentro do programa. Não queremos ser jogadores de um jogo programado pelos programadores. Queremos ser é os programadores...

— Que ambição!!!

— Porque é só enganar o programa!

— É só sermos nós a enganar o programa e não sermos enganados pelo programa. Porque o programa é informático. Os dígitos, os números, inserem-se no computador. É tudo digital. Logo é tudo virtual. Criar uma nova moeda, às vezes, pode proteger ou recuperar um sistema. Uma moeda virtual numa economia que já é virtual, não me parece nada surreal.

— Surreal!!!

— Ou desvalorizo a moeda ou desvalorizo o mercado. Ou desvalorizo a economia ou desvalorizo o mercado imobiliário. Ou desvalorizo a moeda ou desvalorizo a casa. Ou digo que, afinal, aquela casa não vale assim tanto...

— Ou digo que, afinal, aquela moeda não vale assim tanto.

— Porque se uma moeda já está muito inflacionada, se se deixou inflacionar, se se inflacionou exageradamente, eu devo trazê-la à realidade, virtualizando a realidade dela, inventando-lhe uma desinflação.

— Exatamente!

— Exatamente, nada! Não existe nenhuma desinflação, porque não dá para se desinflacionar aquilo que se inflacionou!

— Por não existir, é que nós vamos inventar! Se já existisse, não podíamos inventar...

— Mas como não existe, podemos inventar.

— Surreal!...

— E vamos inventar uma desinflação!

— Surreal!...

— Porque eu posso inventar uma desinflação, como inventei uma inflação e como inventei uma moeda!

— Ai!!!! Que horror! Se a Mão Invisível nos ouve a dizer isto... Ai!!! Se a Mão Invisível nos ouve a dizer que podemos inventar uma desinflação...

[Tlim]

— Alguém ouviu o “tlim”?

— Não ouvi “tlim” nenhum... Mas talvez tenha sido o “tlim” do interruptor que ligou a luz nos nossos cérebros esfomeados por predar os mercados...

— Ai!!!! Que horror!!!! Que horror!!!! Eu vou sair mas é deste teatro... Se a Mão Invisível nos ouve a dizer isto... Ainda nos dá uma bofetada...

— Anda cá!

— Estás com medo de levar “uma boa bofetada smithiana”?

— Anda cá! Senta-te! Não podes sair assim a meio do teatro.

— Porquê?

— Porque houve quem tivesse pagado bilhete para assistir a este teatro... É melhor sentarmo-nos... Estamos só num teatro. Estamos só a experimentar o mercado... Estamos só a ver se isto pega...

— Porque pode pegar...

— Ainda vamos é levar todos uma bofetada da Mão Invisível... Au!!! Isso doeu!

— Estava só a simular uma bofetada da Mão Invisível na tua cara... Só queria que sentisses a força que a economia tem...

— Magoaste-me...

— Não fui eu que te magoei... Foi o mercado... A economia magoa, não magoa? A economia magoa muitos... Muitos estão zangados com a economia...

— Ai!!! Que horror!!!! Mas aqui ninguém está mal com a economia, pois não?

— Que horror!!!! Claro que não... Aqui ninguém está mal com a economia... Estamos aqui para fazer paz com a economia e com todos os mercados que a economia tolera... Nós somos liberais... Somos liberais económicos... Somos tolerantes... Somos tolerantes económicos...! Nós toleramos a economia!

— Sim, estou bem de finanças... Por mim, tolero convosco a economia...

— Sim, nós toleramos... Os inquilinos é que não... Não acham que a economia está a ser um bocadinho mazinha para os médicos inquilinos portugueses?...

— Ah! Eu acho... Coitadinhos...! Só lhes dá 1100 euros... Com rendas de casa a 500, 600, 800, 1000 euros...

— 1100 euros se forem médicos...

— Ai!!! Que horror!... Falam da economia como se ela fosse sei lá o quê...

— Realmente, estamos mesmo a falar da economia como se ela fosse sei lá o quê... Afinal, o que é a economia?

— Mas mais ninguém ouviu o “tlim”? Eu juro que ouvi um “tlim”... Parecia o “tlim” de uma máquina de escrever...

— Talvez tenhas ouvido a Mão Invisível a escrever... Talvez a oiaças a escrever uma nova história sobre a desinflação da moeda...

— Porque, se calhar, há mais ouro e recurso no fundo dos oceanos e dos rios e dos mares do que aquilo que pensamos. E se calhar, uma moeda não vale assim tanto com tanto ouro e recursos.

— Pois, agora não vale de certeza... Agora o novo ouro é o lítio... Vocês lembram-se de verem o lítio na tabela periódica em físico-química? Ninguém dava nada por ele... Nem sequer saía muito nas fórmulas...

— E agora, de repente, parece que é fórmula que dá vida às baterias nada, mas nadinha, poluentes... Às baterias verdes, mas tão verdinhas, tão esverdiadinhas que elas são... Tão lindas... Tão ecológicas...! De certeza que a indústria verdinha, sempre muito preocupada em explorar os recursos que há na natureza, a seu tempo, quando lhe apetecer, é claro, lembrar-se-á de inventar baterias que se degradam na Natureza... Vai ser lindo! Não acham?

— Eu acho que nós temos de ter cuidado com o que dizemos... Sabem que cada coisa que dizemos na economia, faz a economia ir logo explorar e desgravatar...

— Não estou a ver a economia a desgravatar os fundos dos mares, rios e oceanos...

— Deem-lhe um fato de mergulho e uma garrafa de oxigénio e vão ver a economia a desgravatar os fundos de tudo e



mais alguma coisa... É só injetarem-lhe oxigénio... É só injetarem-lhe capital... Capital, capital, capital...! Só de dizer “capital” até parece que fico com mais oxigénio...

— Porque foste injetado com capital...

— Não senti nada...

— As injeções de capital são assim mesmo: não se sentem...

— Só porque são invisíveis?

— Sim.

— Que exagero!

— Que exagero, porquê?

— Agora, só porque as injeções são invisíveis elas não se sentem, queres ver? Vais dizer que a economia não sente...? Vais dizer que a economia toda não sente?...

— A economia toda não sente nada!

— Que exagero!!!!

— Sim... Que exagero!

— Exagero, é nenhum português recém-licenciado não conseguir pagar um T1 em Lisboa!

— Que exagero! Agora, nenhum português recém-licenciado não consegue pagar um T1 em Lisboa???

— Nenhum!

— Que exagero!

— É um exagero, nenhum português recém-licenciado ou recém-casado ou solteiro conseguir pagar um mísero T1 em Lisboa! E é em Lisboa e nos arredores...

— Que exagero!

— E se trabalha ou estuda em Lisboa onde é que vai ficar, se não consegue tomar uma renda nem em Lisboa, nem nos arredores?

— Que exagero!

— Ou os ordenados aumentam ou então tem de se emigrar.

— Que exagero!...

— Emigra, emigra... Vai lá para fora, vai...

— Que outra hipótese se tem? Sobreviver? Nem pensar! Estamos no século XXI, não nascemos para sobreviver, para andar a sobreviver, mas sim para viver!

— Emigra!!!

[Tlim]

— Ouviram ou não ouviram o “tlim”?

— Só tu é que estás conectada ao “tlim”... Só tu é que ouves o “tlim”...

— A Mão Invisível deve ter colocado um chip no “tlim” e nos teus ouvidos... Por isso é que só tu é que ouves o “tlim”...

— Digo-te que, nesta Era tecnológica, é uma sorte a Mão Invisível só te ter introduzido um pequenino chip nos ouvidos e não te ter implementado um a sério no cérebro...

— Que exagero!...

— Podem chamar-nos o que quiserem! Podem chamar-nos *Os Autores do Sistema*, podem chamar-nos os exagerados... Até nos podem chamar *Os Malfeitores da Economia*...

— Dava um bom título... Espero que os algoritmos não nos tenham ouvido...

— Que exagero! Até parece que os algoritmos dos microfones dos telefones, dos tablets, dos relógios “inteligentes”, das TV’s “inteligentes” ligados à Internet ouvem tudo...

— Que exagero!!!

— Como se nesta Era tecnológica, em que o petróleo são os dados, sobretudo os dados de voz, os algoritmos não tivessem mais nada que fazer do que estar por detrás dos microfones dos nossos dispositivos ligados à Internet a escutarem tudo e a levarem *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, as conversas para o fantástico mercado de dados do Big Data...

— Que exagero!!!

— Mas para onde é que já estamos a levar a conversa? Não é cedo demais?...

— Agora, é cedo demais?... Já é, é tarde demais...

— Que exagero!!!!

— Parece que estamos dentro da mente a ver o cérebro de Federico Ferrari a escrever sob um grande stress *A Paranóide Tecnológica* ...

— Mas o stress não era o argumento, mas em 2080 de Antoine Canary-Wharf?

— Vocês mudam de filme *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... Impressionante... Parece que estamos a correr a ver os filmes todos...

— Porque são infinitos filmes que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos mete à frente dos olhos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— E depois vem um mercado *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto que nos quer chipar os olhos para ver que filmes é que passam à frente dos nossos olhos?!!!...

— Mas quem?? Quem é quer ver? O Big Data?

— Mas é uma chipagem não invasiva...

— É poética, não é?...

— Ah! Vocês também lhe sentem a poesia?

— Claro... É uma chipagem muito poética...

— Mas quem? O Big Data?

— Numa Era tecnológica também era o mínimo... Claro que tinha que ser uma chipagem à distância... Sem chips...

— Com chips... Mas com chips invisíveis...

— Parece que falamos completamente chipados...

— Parece que fomos completamente chipados...

— Mas como é que os chips são invisíveis?

— Porque os chips funcionam à distância... São muito tecnológicos...

— Os chips são as câmaras.

— Os chips são os microfones.

— Isto é uma economia circular, vocês ainda não perceberam?

— Uma economia circular?

— Pois... Agora é a vez da economia circular... A banca toda está a financiar a economia circular... E se for digital e envolver o tratamento de dados, parece que cabe perfeitamente na definição...

— Ai é?...

— É...

— Claro que é... Quem é que é afinal o maior detentor das ações do Big Data?

— O maior acionista do Big Data é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Ah!... Então podemos ficar todos muito mais descansados com o mercado de dados, não é? Nem sei porque é temos de andar sempre com o Wi-Fi e os dados móveis DESLIGADOS se o maior acionista do Big Data é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Eu não sei é porque é que temos de instalar uma *App* para as nossas orações chegarem a’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Mas o quê? *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom mandou baixar uma aplicação para as minhas orações chegarem a Ele?

— Quando dizes “Ele”, escreves “Ele” com a letra inicial maiúscula ou minúscula?

— Ora, se *O Deus Tecnológico* é o maior acionista do Big Data, basta ligarmos os dados móveis e falarmos, que os algoritmos encarregarão de levar todos os nossos desabafos e orações a’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Sim, não precisamos de instalar *App* nenhuma...

— Eu acho que a aplicação d’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom é mais segura para levar as orações... Ouvei dizer, que na aplicação as orações vão “encriptadas”...

— O quê? Nem os Anjos Tecnológicos d’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom conseguem hackear as orações?????

— Nem os anjos!!!! Tal é a “encriptação”...



— «Já instalaste a minha *App*? — perguntou o Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom...»

— «Porque não tens instalada a minha *App* no teu telefone? — perguntou indignado *O Deus Tecnológico...*»

— «O teu banco mandou-te instalares a *App* e tu instalaste; e eu mando-te instalares a minha *App* e não instalas? — perguntou *O Deus Tecnológico* indignadíssimo...»

— «Só porque tive a ideia do *login* na *App* ser feito através da impressão digital não queres instalar a minha *App*????? Porque tens medo que eu te leia a impressão digital? Deixaste a tua universidade e todos os teus professores lerem-te a impressão digital, deixaste o teu banco mandar analisar a biometria da tua impressão digital...»

— «Deixas o supermercado ler-te todos os dias a biometria que há na tua impressão digital, deixas o teu patrão e o teu senhorio lerem a tua biometria, só porque celebraste com eles um contrato de trabalho e um contrato de arrendamento, mas não me deixas a mim, Deus Tecnológico, ler a tua biometria...?????»

— «A biometria que fui eu, Deus Tecnológico, que tive a ideia de a mandar imprimir só em ti e de não a repetir em mais

ninguém????????? — perguntou *O Deus Tecnológico* para lá de mais do que indignadíssimo...»

— Para lá de mais do que indignadíssimo...

— Esperemos que o Simão Roncon-Oom aproveite a boleia do nosso teatro político e insira este nosso teatro meio improvisado no seu próximo livro...

— Mas isto ainda não acabou...

— Ah, não?

— Não... De certeza que não... Vais instalar ou não vais instalar a *App*?

— «Se não instalares a minha *App*, não falo contigo... Preciso de ver os teus traços de personalidade através da tua impressão digital para saber como interagir contigo... — disse *O Deus Tecnológico*...»

— Vocês já pensaram que estamos numa Era perfeita de sermos uma experiência científica de dados?

— Que experiência científica de dados?

— A ciência biométrica tem padrões de impressões digitais que consegue relacionar com traços de personalidade... Por exemplo, diz-se que quem tem uma determinada forma de impressão digital é porque tem determinadas características...

— Mas a impressão digital de cada ser humano não é única?

— Sim... Mas há padrões nas impressões digitais...



— Por isso é que eu não dou a minha impressão digital a qualquer ente... Muito menos a um ente privado! Dei ao Registo Civil e dou à Polícia. A mais ninguém dou a minha impressão digital! «Porque é a minha impressão digital!» A tecnologia está sempre a correr a 200 km/h...

— Parece mesmo que anda a correr *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— Realmente é assustador...

— Primeiro direito fundamentalíssimo de todos desta nossa 1ª Grande Reunião: todos têm o direito a proteger a sua impressão digital e o direito a oporem-se a ceder a sua impressão digital a qualquer ente privado e público, exceto ao Registo Civil e à Polícia (em processo criminal?), sem serem excluídos da vida social, económica e laboral.

— Porque somos seres sociais!!!!!!

— Porque somos chiques!!!!

— Somos chiques, mas temos de trabalhar...

— Somos tão chiques...!!!

— Porque os chiques também trabalham...!

— Parecemos mesmo umas formiguinhas... Sempre a trabalhar, sempre a trabalhar...

— Por isso, é que se achou por bem codificar-se o trabalho... Mas havia muitos que não queriam... Não queriam que se fizesse um Código do Trabalho...

— A sério?

— Mais uma intriga...

— A sério...

— Lembro-me quando falei em Direito do Trabalho da questão da obrigatoriedade das impressões digitais dos trabalhadores para abrir portas na empresa ou para picarem o ponto...

— E deixa-me adivinhar... Defendeste a proibição da obrigatoriedade...

— Sim...

— E deixa-me adivinhar... O teu professor, que detesta sindicatos e odeia defensores dos trabalhadores pobres, monitorizados e oprimidos, ficou a olhar para ti com uma cara...

— Com que cara é que o teu professor ficou a olhar para ti?

— É preciso muita lata...

— Foi preciso muita lata, para o meu professor ter interrompido a minha apresentação sobre “A Proteção dos Direitos de Personalidade do Trabalhador” para me perguntar qual era o meu problema com as empresas que tratam “licitamente” as impressões digitais dos trabalhadores, desde que “notificado” à Comissão Nacional de “Proteção” de Dados...

— Estava-se mesmo a ver...

— Porque é só isso que “pede” o número 1 do artigo 18º do Código do Trabalho, não é...? Uma “simples notificação”...?

— Sim... Ridículo!

— Um código que finge que protege...

— Mas que não protege nada...

— É um código a fingir!

— Não é um código a sério!!!

— Realmente o código é muito engraçado... Em todo o “capítulo” sobre os Direitos de Personalidade sobretudo da proteção de dados pessoais, dados biométricos, dados médicos, que nesta Era, com a Medicina de Precisão à porta, são só os dados mais sensíveis de todos; e com os dados de imagem e voz, que nesta Era, com o Mercado de Dados e com a utilização dos meios de vigilância à distância como câmaras e microfones, são só os dados mais sensíveis de todos, é tudo “salvo”, “salvo”, “salvo”, “salvo”, “salvo”, “salvo”...

— É um legislador que finge que quer proteger os dados, mas que salva o mercado de dados...

— Isto teve piada, não teve?

— Oh! Isto tem tanta piada! Por isso é que nos estamos a rir sem parar... Isto é um riso...

— Que risada! Que risada que dá este legislador que salva o mercado de dados...

— E que salva a Medicina de Precisão, também...

— Mas isso salvamos todos! Ou não salvamos?

— Ah, salvamos?

— Sim, salvamos... Desde que seja uma Medicina de Precisão que não seja com nanorobots, biochips, telefones, aplicações e relógios inteligentes que ouvem por tudo e por nada em casa o nosso coração a bater e não o irradiem constantemente com radiações até lhe darem uma arritmia, está tudo bem...

— O Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala n’O *Algoritmo do Amor* é que quase dá um ataque cardíaco à Medicina de Precisão e ao Mercado de Dados...

— Isso está em que página?

— Capítulo X, página 642 da 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição...

— Cabrão! Também ficaste com uns dos 6 exemplares da 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição d’O *Algoritmo do Amor*?

— Um desses 6 exemplares não foi leiloado por 10 milhões no Tribunal dos Concursos e Leilões?

— Que exagero!...

— Bom... Se uma casa pode ser leiloadada por 10 milhões não vejo porque um livro também não possa ser leiloado por 10 milhões...

— E leio da página 642 até onde?

— Até ao final do capítulo, até à retirada da Helena... São só cerca de 10 páginas sobre o mercado de dados...

— Fora todas as outras...

— Mais uma intriga...

— O Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala é um intriguista...

— O que é que estamos a dizer?

— Não somos nós que estamos a dizer... É o mercado de dados... Ou acham que o mercado de dados não olha para o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala como um grandessíssimo intriguista...?

— Porque é que eu parece que vejo a Mão Invisível às vezes a escrever “mercado de dados” com letras minúsculas e outras a escrever “Mercado de Dados” com letras maiúsculas?

— Porque depende da forma como te diriges ao mercado de dados...

— Hum...

— Bom... Quando eu falei do mercado de dados como resposta ao meu professor de Direito do Trabalho ele basicamente mandou-me calar e nem sequer deixou-me apresentar mais o trabalho. Nunca mais pus os pés nas aulas dele. Tirei 15 na frequência e disse que só me dava 11 por ter desaparecido das aulas dele como se “alguém me tivesse feito algum mal”... Tive que ir a exame, porque não me deu o 12 para dispensar a merda da cadeira...

— Quanto é que tiveste no exame?

— 17.

— Mandaste calá-lo, assim, com um 17?

— Sim. Ainda teve a lata de trazer a ficção científica para a vida real do Direito e perguntar-me se eu “era contra” os agentes dos “Ficheiros Secretos” terem de abrir uma porta biométrica com a impressão digital para acederem a uma sala “ultra secreta” com informações “ultra confidenciais”, meio a rir-se... Meio a gozar comigo... Ai... Senti-me gozado, sabem?

— Mas isso já depois com o 17?

— Não... Isto foi antes do 17...

— E o que é que tu lhe respondeste?

— Disse que nos Ficheiros Secretos e na Ficção Científica fazia todo o sentido uma porta biométrica dessas em que eu, agente secreto, tenho de entrar através da minha impressão digital. No entanto, na vida real das empresas e na vida real portuguesa não me parece muito sensato nem consigo vislumbrar o argumento formidável necessário, adequado e “proporcional” de que fala o número 2 do artigo 18º do Código do Trabalho, que a empresa poderia inventar para tratar a impressão digital dos seus trabalhadores, fosse numa fábrica, num supermercado, num hospital privado, porquanto bastasse uma porta com código ou com cartão...

— Porque se eu quiser assaltar uma porta com cartão tanto posso roubar o cartão, como posso cortar o dedo do funcionário se a porta for com impressão digital...

— Claro que introduzir um código numa porta que vai dar a uma sala de acesso restrito é mais do que suficiente! Mas nesta Era tecnológica já nem é preciso cortar o dedo que tem a milagrosa impressão digital que abre a porta-mágica... Hackers já

conseguem, na boa, “driblar” os sistemas biométricos... É só chamar um hacker.

— E nesta Era de Internet de Coisas posso encontrar hackers no Grindr, no Tinder, no Instagram, no Facebook, no Messenger, no Orkut... Enfim... Está feito o argumento!

— Mas nem precisamos de chamar hackers... Conferências de cibersegurança já revelaram que uma impressão digital pode ser clonada em menos de meia hora com um material que custa menos do que 10 euros, com a simples criação de uma impressão digital a partir de um molde de plástico ou cera de vela...

— Nós não gostamos dos plásticos... Os plásticos não são sustentáveis e dão cabo de todo o ambiente! Estão completamente fora da nossa política...

— Sim, não é preciso estarmos a chamar nem os hackers, nem os plásticos... É verdade que os avanços da biometria em questão da segurança são cada vez maiores, no entanto é preciso é sermos lúcidos e capazes de perceber que todos os dispositivos que processam e armazenam os dados, todos os servidores, plataformas, nuvens e bancos de dados que armazenam e tratam dados são hackeáveis. Por exemplo, o armazenamento de dados biométricos como o TouchID ou o Face ID do iPhone que, supostamente, é considerado mais seguro do que o armazenamento de dados de um provedor de serviços, seja ele público ou privado, mesmo quando os dados são criptografados, há um risco associado... E vamos o quê? Andar sempre penetrados nestas relações tecnológicas com o “risco associado” atrás? E o meu direito à *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari?

— O teu direito à *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari é completamente lícita e legítima nesta Era tecnológica!

Um grupo que simplesmente fotografou uma impressão digital deixada numa superfície de vidro, conseguiu usá-la para desbloquear o iPhone 5s...

— Pronto... Mais uma intriga... Ainda por cima com um gigante tecnológico... Espero que não nos capture as impressões digitais e não nos prenda no seu banco de dados...

— Somos ainda mais intriguistas do que o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala...

— Somos é corajosos!!!

— Ah!... Mas o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala também foi muito corajoso no seu romance político-jurídico-económico...

— Falou para ali de umas coisas...

— Meteu-se ali também com um gigante do mercado...

— Estão a falar de que gigante?

— Ainda vai é ser penetrado pelo gigante do mercado...

— Como se *O Algoritmo do Amor* se deixasse ser penetrado...

— Como se *O Algoritmo do Amor* se deixasse ser capturado...

— Eu já li o romance 9 vezes e ainda não percebi, muito sinceramente, com que gigante tecnológico é que o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala se meteu... Por isso, não sei de quem é que estão a falar... O que eu sei é que nós acabámos de nos



meter com um gigante tecnológico e como eu já disse, o que eu espero é que não nos capture as impressões digitais e não nos prenda no seu banco de dados...

— Como se nós nos deixássemos ser capturados por um gigante tecnológico...

— Não fomos nem seremos capturados, sabes porquê?

— Porque não temos um iPhone?

— Vês? É assim que se fazem intrigas tecnológicas numa Era tecnológica... Não nos podemos esquecer que somos só um género de Crítica em Intriga Tecnológica...

— Mas nós não somos intriguistas... Somos é corajosos... Porque nesta Era, é preciso coragem para termos um iPhone...

— Mas coragem porquê?

— Sim... Nós somos é corajosos!!!!

— Mas somos corajosos, porquê???

— Como se nesta Era fosse preciso alguma coragem não ir a correr comprar um telefone super-tecnológico sempre que sai mais um novo telefone super-tecnológico...

— Olha que é preciso coragem...

— Sim... Não são todos como nós, os que conseguem resistir à chipagem do mercado...

— Agora os telefones até já vêm com uma Inteligência Artificial e com não sei quantas câmaras...

— Parece um bicho com olhos... Cheio de olhos...

— Parece sei lá o quê...

— E é preciso coragem para não comprar uma coisa dessas?

— Claro que é preciso coragem... Nesta Era tecnológica, é preciso coragem para não comprarmos uma coisa tecnológica que se quer ligar a não sei quantas coisas...

— Uma coisa tecnológica que se quer ligar ao nosso cérebro...

— Mas não é por mal...

— Simplesmente é uma coisa tecnológica muito inteligente que só se quer ligar a algo tecnológico muito inteligente... E simplesmente sabe que o nosso cérebro é tecnológico e inteligente...

— Ah! Pronto... Não é por mal...

— Claro que não é por mal... O mercado sabe que somos humanos... O mercado não ia inventar uma coisa que fizesse mal aos humanos... Não nos podemos esquecer que o mercado precisa dos humanos...

— No fundo, o mercado só quer é ver os humanos a consumir as suas tecnologias... Não é por mal...

— O mercado só quer é conhecer os humanos... Só quer conhecer mais de perto... O mercado só quer compreender os humanos... O mercado só quer arrecadar o máximo de informação comportamental sobre os humanos... Quer lá agora fazer mal aos humanos...!!!

— Sim... Se o mercado violar direitos de privacidade ou de intimidade dos humanos, dos consumidores, dos estudantes, dos pobrezinhos, dos reformados, dos pensionistas, dos coitados ou dos trabalhadores, não é por mal... A sério... Aliás, quase que podemos jurar pelo mercado, ou não somos corajosos?

— Talvez nos tenha faltado a coragem de jurar pelo mercado... Vá lá... Temos que admitir... Não conhecemos todo o mercado... Não somos omniscientes...

— Mas não precisamos de ser omniscientes para podermos pôr travões à economia! E temos de saber pôr-lhe os travões!!!

— E vamos pôr-lhe os travões! Se o mercado quiser predar impressões digitais, que o faça; mas que o faça, fora da nossa economia!

— Onde é que já se viu, num Estado de Direito como o nosso, vermos um mercado de dados esfomeado por tudo e por nada a capturar impressões digitais?

— E vermos um mercado ditatorial, com as suas empresas, a obrigar todos os trabalhadores a terem de dar as suas poderosíssimas informações biométricas que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom mandou imprimir em cada uma das suas impressões digitais????

— Mas se quisermos voltar ao argumento de que “introduzir um código numa porta que vai dar a uma sala de acesso restrito é mais do que suficiente” e não quisermos mais acompanhar o argumento...

— Mas porquê? Vais deixar de acompanhar, agora, o teu próprio argumento? É que tu, às vezes, és capaz de ir contra (d)aquilo que já argumentaste...

— E depois matas o argumento...

— Mas ainda bem que estamos cá para acompanhar o teu primeiro argumento... Ainda bem que nos convenceste com o teu primeiro argumento...

— Até tenho medo de ver qual é que vai ser o teu novo argumento...

— Parece que, às vezes, sentes a pressão do mercado... Parece que vês a Mão Invisível...

— Até me posso sentir pressionado pelo mercado... Sou humano e sou um sobrevivente. Temos de ser todos sobreviventes e sabermos sobreviver nesta Era tecnológica... Mas não enfio merda de óculos nenhuns de realidade virtual aumentada para poder ver uma fantástica Mão Invisível... Se estivermos a falar de sítios “muito importantes” de acesso reservado como, por exemplo, um banco ou um hospital em que há passagens que só podem ser feitas por bancários ou por médicos, que a porta então se abra por reconhecimento facial.

— Mas tu que eras contra o reconhecimento facial...

— Mas já não sou...

— Que engraçado! Essa tua porta que se abriu em que vimos bancários e médicos a passarem “ao mesmo tempo” por ela, até teve piada... Parece que fomos parar a *2080* de Antoine Canary-Wharf...

— Iam de mãos dadas, não iam?...

— Parece que iam casados por uma Medicina de Precisão...

— Já se pode casar pela Medicina de Precisão?

— Acho que os casamentos ainda só são celebrados entre médicos e bancários...

— Sabiam que o Citibank já usa reconhecimento de voz?

— Ah!... Estamos bem com o Bank Jupiter... Podemos assinar os documentos bancários com a maior depressão na nossa voz que o Bank Jupiter nunca processará nem armazenará nem tratará a nossa depressão...

— Porque o Bank Jupiter não usa algoritmos nos microfones que analisam a voz e que detetam a depressão só pela voz em menos de 10 segundos... São precisos quantos segundos para se detetar a depressão na voz?

— Nem sequer há microfones no Bank Jupiter...

— Não há microfones, nem há câmaras no Bank Jupiter...

— O quê? Um banco em *2080* sem câmaras de vigilância e sem robots e sem assistentes virtuais, só com seguranças??? Com seguranças humanos de carne e osso??? Sem nenhum

implante tecnológico???? Sem auriculares dos Ficheiros Secretos??? Com walkie-talkies???? Seguranças com walkie-talkies em 2080??? Sem lentes de contato que fazem reconhecimento facial aos clientes e os enviam como dados de tudo e mais alguma coisa?????? Em 2080 de Antoine Canary-Wharf, só no Bank Jupiter...

— Isto quase que parecia um anúncio...

— E foi um anúncio... Também sabemos fazer anúncios... E vem aí mais um anúncio... Ora, vamos ouvir...

— Sabiam que o banco britânico Halifax está a testar dispositivos que monitorizam os batimentos cardíacos para confirmar a identidade dos clientes?

— Afinal, 2080 chegou mesmo mais cedo...

— Isso é a sério? Um banco ouvir o ritmo que há no meu coração?...

— Às vezes, parece que vives num mundo da fantasia... Claro que é a sério...

— Definitivamente que estamos em 2080 de Antoine Canary-Wharf...

— Portanto, nós não estamos a falar de um “simples” reconhecimento facial...

— Não... Estamos a falar de uma porta biométrica que se abre ou de um contrato biométrico que se assina numa perfeita triangulação de dados...

— Triangulação de dados?

— Sim... Do tipo GPS... Uma autenticação num perfeito triângulo de dados de 3 fatores: 1 fator que incorpora algo sobre nós, como a nossa biometria, seja a nossa impressão digital, seja o nosso batimento cardíaco, porque até há uma biometria no nosso batimento cardíaco, o Halifax não é parvo de todo, não é...? O Halifax é um banco a sério que simplesmente está a ver o mercado, está com os olhos postos no mercado e eu acho que é assim que nós conseguimos mais ou menos salvar-nos desta Crítica em Intriga Tecnológica...

— Obrigado por nos teres salvo! Obrigado por teres salvo as nossas contas e poupanças...

— Ora, essa... 1 fator que temos na nossa posse, como um token ou pen de hardware ou autenticação por telefone e 1 fator que conhecemos, como uma senha...

— Tudo isso para abrir uma porta? Que chatice...

— Tudo isso para assinar? Que maçada!...

— Mas afinal tudo isso, porquê?

— Por causa do vírus tecnológico que nos distanciou de tudo e de todos?

— Mas se é para se abrir uma porta à distância ou para se assinar um contrato à distância, que se faça com a chave móvel digital... Porque tão depressa podem roubar-me o telefone e saberem a minha senha e assinar com a minha chave móvel digital, como me podem roubar a impressão digital...

— Sim. Já que gastámos dinheiro público na criação da Agência para a Modernização Administrativa, que é um instituto público integrado na administração indireta do Estado, vamos

continuar a usar as suas chaves móveis digitais antes que se aperceba da vulnerabilidade delas...

— E se ponha com ideias mais tecnológicas...

— Que outras ideias mais tecnológicas?

— Sabemos lá! Videochamadas com reconhecimento facial e de voz que autenticam contratos e mandam portas abrir...

— É só dizer “porta abre” e ela abre-se, pronto. A nossa voz nesta Era tecnológica de Internet de Coisas pode ser o comando de tudo...

— Ah! Eu não quero fazer videochamadas com a Agência para a Modernização Administrativa...

— Nem eu! Se nem faço com a minha avó... Se nem faço uma videochamada com o meu namorado... Ia agora fazer uma videochamada com um ente público ou privado? A minha avó e o meu namorado iam morrer de ciúmes... E eles são tão espirituais com estas coisas...

— Percebo... Se a introdução de uma senha ou a autenticação com chave móvel digital não for conveniente, então que se faça com reconhecimento facial, é isto?

— Sim, já tínhamos encerrado essa Missão Impossível dos Ficheiros Secretos...

— Sim, mas por “simples” reconhecimento facial. Tem de ser através de uma “simples” câmara que só tem a capacidade de identificar “os ossinhos”, as rugas e os poros da cara e que não esteja ligada à Internet e que não armazene os dados em nuvem e



que obviamente não tenha a capacidade de ler ou analisar a retina, a íris ou o estado de espírito do trabalhador, se ele está feliz, triste, aborrecido, com fome ou zangado...

— Eu acho que isto para todos é óbvio! Se eu sei que consigo “sacar” informações através da impressão digital ou se sei que tenho, pelo menos, um mercado e uma ciência a crescerem à volta disso, eu, Direito, tenho de ser um pouco mais sério a fazer códigos, ponto final, parágrafo.

[Tlim]

— Ouviram ou não ouviram o “tlim”?

— Só a ti é que a Mão Invisível te chipou... Só tu é que ouves o “tlim”...

— E por falar em chips... O que dizemos sobre os chips no trabalho?

— Quais chips? Aqueles headphones ou auriculares sem fios que a Mão Invisível mandou pôr nos trabalhadores? Porque para mim, esses são os chips no trabalho...

— É imediatamente para tirar! Mas imediatamente!

— Aquilo faz mal aos trabalhadores!

— Claro que faz! É o Direito à Saúde dos trabalhadores que vai falar sempre mais alto! Era o que mais faltava uma empresa ou um ente da Administração Pública poder obrigar os trabalhadores a darem cabo dos cérebros e dos ouvidos e dos olhos com a merda daquelas ondas “sem fios” numa constante emissão de dados e de ondas...

— Sabiam que muitos trabalhadores estão permanentemente ligados com um microfone que grava permanentemente a voz dos trabalhadores?

— Claro que sabíamos e por sabermos é que é para acabar com isso imediatamente! Isso é uma monitorização ilicitamente disfarçada! Isso para nós é um crime! É a mesma coisa que as câmaras. É para darmos cabo da parte do Código do Trabalho que diz que “afinal” o empregador pode pôr câmaras, desde que seja para “proteger as pessoas e bens”...

— Porque eu posso muito bem pôr câmaras numa sala e dizer que só estou a fazê-lo para proteger os objetos da sala de um eventual furto, quando na verdade estou a filmar o meu trabalhador e a monitorizar, classificar, controlar, apreciar, analisar, o desempenho dele.

— Ou a masturbar-me com ele. Simplesmente a vê-lo a mexer o rabo por detrás da câmara... Isto é uma realidade que nós sabemos que existe...

— Pois é. Infelizmente conhecemos a realidade.

— E simplesmente porque eu não tenho que estar a trabalhar com uma câmara apontada a mim, nem sequer tenho que ver que está uma câmara a filmar-me cada vez que passo por ela vestido com a farda pelo patrão que me vê com um prazer enorme como um objeto na sua mini-prisão-tecnológica em que me faz lembrar todos os dias que estou dentro de uma prisão-tecnológica e que tenho de estar ali acorrentado a trabalhar, completamente infeliz e sem liberdade nenhuma com câmaras a filmarem, porque estou acorrentado ao banco com um crédito capaz de penhorar a minha própria casa.

— Eu não sei, nem quero saber o que diz o Direito Processual Executivo sobre isto, mas como estamos acorrentados é à Constituição e na Constituição aparece o Direito à Habitação e a defesa da propriedade privada, vamos já aqui consagrar que nenhum banco pode penhorar nem a casa de morada de família, nem as mobílias essenciais de uma casa, nem o carro de família.

— E o que é a morada de família? E o que é o carro de família?

— Se tenho 3 casas, uma de férias em Porto Santo, outra arrendada em Santarém e outra em Lisboa e trabalho em Lisboa, a minha casa de família é a de Lisboa. Eu, Direito Processual Executivo, posso executar a casa de férias ou executar a casa arrendada e o banco, se for o credor beneficiário da execução, fica ou com a casa de férias ou fica o novo proprietário e o novo senhorio da casa que eu tinha e era senhorio em Santarém. Se tenho 2 casas, uma em Lisboa e outra em Santarém, a minha mulher trabalha em Santarém e eu em Lisboa, mas vivemos na de Lisboa, porque é mais luxuosa, o que eu devo ao banco é 1 milhão, a casa de Santarém só vale 300 mil, mas a de Lisboa vale 900 mil, então, por capricho, eu vou ter de fazer as malas com a minha mulher e mudarmos para a nossa casa de família que será em Santarém, porque o banco vai ficar com a de Lisboa. Mas se tenho filhos e os meus filhos estão a estudar no Liceu Pedro Nunes que não tem câmaras de filmar, então, a minha morada de família, por causa dos meus filhos, será sempre a de Lisboa e o banco que me fique com a casa de Santarém...

— Porque eu não posso arrancar as raízes das crianças, dos adolescentes e dos jovens que já têm as suas amizades...

— Era o mesmo que eu ir arrancar \* # \*

— Só há câmaras de vigilância nos bancos, nas prisões e nos aeroportos!

— Que foi onde as câmaras nasceram, não foi?

— Sim. Depois com o mercado de dados, é a proliferação do mercado das câmaras de vigilância a que estamos a assistir...

— Temos muita pena, sabemos que o mercado das câmaras vai ficar muito triste e zangado connosco, mas nós estamo-nos completamente a cagar para isso! Ou não estamos?

— Claro que estamos!

— O que é que ele disse? Que eu acho que não ouvi bem?

— Disse que estávamos completamente nas tintas para a merda do mercado perverso! O mercado perverso que morra de uma vez! Estamos numa Era sustentável com uma agenda sustentável... Câmaras de vigilância e drones são completamente insustentáveis!

— Olhem só que bonito teatro que nós fomos arranjar... Sinceramente...

— Quem nos arranjou este teatro político-económico foi a Mão Invisível...

— Não há câmaras em mais lado nenhum! Mas realmente, que teatro vem a ser este???? Estamos fartos de câmaras por todo o lado! No meu tempo não havia câmaras na Alexandre Herculano nem na Ginestal Machado...

— Ah, querido!... Desculpa-me... Mas eu era menina do Liceu Sá da Bandeira... Os meus pais sofisticados nunca me

iriam deixar andar numa escola que sabiam que iria acabar por filmar os alunos... Os meus papás conhecem muito bem o mercado... Enfim... São economistas...

— Oh querida, então tens que ir ver as câmaras de filmar sofisticadas que os teus pais sofisticados deixaram a direção do Liceu Nacional Sá da Bandeira instalar por todo o liceu... Aquilo agora é dá para fazer uma novelas fixes... E os putos do liceu são todos giros... É uma mais-valia...

— E ainda por cima são todos betinhos...

— É uma mais-valia...

— Tu só foste para a cama com betinhos?

— Claro! Achas que me ia meter na cama com mitras?

— Tu não andaste com um mitra da Alexandre Herculano?

— Sim, mas não fui para a cama com ele... Éramos muito putos na altura... Eu só queria era andar aos beijinhos...

— As vezes que eu saltava com o meu namorado à noite os portões da Alexandre Herculano sem dar cana... Só o espírito do Alexandre Herculano é que via os beijinhos que eu dava ao meu namorado... Com câmaras acabaram-se logo os beijinhos...

— Em Londres nem dá para dar beijinhos em esquina nenhuma sem dar cana...

— É câmaras por todo o lado...

— Mas porque é que de repente voámos para Londres?

— Porque estamos a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— E porque Londres é uma sofisticação de câmaras...!

— Portugal não é nem será uma Londres! Inglaterra nasceu com os seus códigos. Portugal nasceu com os seus códigos. Temos códigos diferentes dos ingleses. Quando os ingleses vierem a Portugal já sabem que não serão filmados, podem dar beijinhos por todo o lado. Quando os portugueses forem a Londres já sabem que serão filmados e em cada esquina antes de se porem aos beijinhos têm de olhar bem para ver se há ou não câmaras.

— Até pode ser um jogo divertido de câmaras...

— Fazem parecer-nos ratos em laboratório... Parecemos ratos num laboratório tecnológico cheio de câmaras...

— Vocês já pensaram que estamos numa Era perfeita de sermos uma experiência científica de dados?

— Que experiência científica de dados?

— Parece que estou a ter um *déjà vu*... Ou o *déjà vu* faz parte da experiência científica de dados?

— A ciência biométrica tem padrões de impressões digitais que consegue relacionar com traços de personalidade...

— Isso é verdade?

— É verdade...

— Por exemplo, “diz-se que quem tem uma determinada forma de impressão digital é porque tem determinadas características”... Era isto que ias dizer?

— Era... Como é que sabes?

— Foi um *déjà vu*...

— Mas a impressão digital de cada ser humano não é única?

— Mas tu já não perguntaste isso?

— Estás a ver uma experiência científica de dados... Tens de aprender a apreciá-la... Saber apreciar, também faz parte da experiência...

— Claro... Tudo é uma experiência... Ridículo! Bom, eu respondo-te: sim, a impressão digital de cada ser humano é única; no entanto, há padrões nas impressões digitais...

— E agora tu vais dizer: “por isso é que eu não dou a minha impressão digital a qualquer ente...”

— Obrigado! Por isso é que eu não dou a minha impressão digital a qualquer ente...

— Deste ao Registo Civil...

— Dei ao Registo Civil...

— Vais dar à Polícia...

— Vou dar à Polícia...

— Mas não vais dar a mais ninguém a tua impressão digital, porque estamos a falar da tua impressão digital...

— Mas não dou a mais ninguém a minha impressão digital! «Porque é a minha impressão digital!»

— Muito bem... E depois acho que foi mais ou menos a partir deste nosso entendimento que consagrámos o nosso primeiro direito fundamentalíssimo de todos poderem proteger e reservar para si a sua impressão digital...

— Ah! Já me lembro!...

— Bem... Ainda bem que consagrámos a tempo da experiência científica de dados...

— Mas que experiência científica?

— Das empresas poderem tratar as impressões digitais com as informações comportamentais que têm dos seus trabalhadores a partir dos dados de voz...

— O que é que tu estás para aí a dizer?

— Nem pareces um legislador... Pareces é um analista ou um empresário de dados... Acabaste de dar uma brilhante ideia ao mercado de dados... Parabéns senhor analista! Parabéns!...

[Tlim]

— Mas que ideia???

— Não ouviste a ideia de experiência científica dele?

— Não... Mas ouvi um “tlim”...



— O que eu estou a tentar dizer é que se nós não tivéssemos consagrado este nosso novo “verdadeiro” direito fundamental da “Reserva da Impressão Digital e Direito da Proteção Individual dos Dados Biométricos”, que eu acho que ficava muito bem assim como epígrafe, as empresas poderiam a partir da base de dados das impressões digitais, apostar e ver se batiam certo os traços de personalidade-padrão dos trabalhadores com as discussões entre os trabalhadores e com a simpatia dos trabalhadores demonstrada aos clientes... Por exemplo, se eu sei o signo de um trabalhador que é leão, tenho a sua impressão digital que diz que tem espírito de liderança e depois oiço-o através do microfone sempre a mandar em todos e fazer tudo à sua maneira, é porque bate tudo certo...

— Segundo o Instituto Nobre de Astrologia, as pessoas de signo Leão e com o ascendente em Virgem e com a Lua em Carneiro e com Jupiter na casa 5 são pessoas com um forte espírito de liderança...

— Não acham que isso é um pouco esotérico, agora, antes das legislativas...?

— Nem por isso... Acho que até está altamente relacionado... Vocês não acham?

— O quê? Que devíamos mandar pôr o Instituto Nobre de Astrologia ao lado do Instituto Nobre de Psicologia e mandar pôr como facultativa a disciplina de Astrologia ao lado da disciplina facultativa de Religião Moral...?

— Ou como facultativa a cadeira de Astrologia ao lado da cadeira facultativa do Cristianismo...

— Oh-Meu-Deus! Lá porque estamos numa Era de Internet de Coisas não estão a pensar ligar a Astrologia à Psicologia ou à Religião ou a Deus, pois não?

— Bom... Se nós estamos numa Era cada vez mais tecnológica que cada vez mais nos liga ao cosmos, ao espaço e a todos os astros, eu acho que seria importante termos os astrólogos connosco nas nossas viagens espaciais, pelo menos, a Jupiter... Isto só porque... Enfim... Sabem... Em Jupiter há muitos asteroides... A passar sempre de um lado para o outro... E eu muito sinceramente... Acho mesmo que poderíamos ter o caminho um pouco mais facilitado com os astrólogos na nossa viagem... Podiam sempre prever asteroides a virem direitos na nossa órbita...

— Hum...

— Foi muito rebuscado?

— Rebuscado não quer dizer refinado? Os meus professores diziam sempre que nos assuntos mais complexos eu trazia sempre à baila argumentos muito rebuscados...

— Queriam dizer que por seres “refinado”, trazias sempre argumentos muito “refinados”... Deixa-me ver as tuas mãos...

— Para quê?

— Deixa-me ver... Uau!... Sinto o teu toque refinado... Que bonitas mãos... Que mãos tão refinadas! Deixa-me ver quão refinadas são as tuas impressões digitais... Deixa-me tocar nelas... Deixa-me olhar bem para elas...

— Mas esperem lá... A Astrologia também lê impressões digitais? Eu pensava que só lia os signos...

— Mas eu não sou a Astrologia...

— Eu, se fosse a Astrologia, nesta Era de Internet de Coisas, metia-me era também na corrida aos novos bancos de impressões digitais e neste novo mercado de análise biométrica e comportamental e começava a ler era as impressões digitais e deixava as áureas e as almas...

— Mas vocês sabiam que aquela expressão popular de que “os olhos são o espelho da alma”...

— Eu digo é que “os olhos são a cor da alma”...

— Sim... Espelho ou cor é a mesma coisa... Sabiam que afinal parece ser mesmo verdade?

— Ah, parece?...

— Parece! A ciência biométrica da íris, chamada de iridologia, diz que a íris “é como se fosse uma representação do corpo humano e que algumas formações próprias da retina indicam que há um problema num determinado órgão...”

— Que engraçado! É por isso que os astrólogos só de olharem para a nossa íris conseguem logo dizer que vem aí um AVC ou um cancrítico, não é? Parecem médicos-videntes...

— Também conseguem ver problemas de fígado e da tiroide...

— Ah, sim?...

— Eu já estou a ver é os novos mapas da íris desenhados com as luas de Jupiter pelos astrólogos do Instituto Nobre de Astrologia, que nos conseguem ver através dos olhos...

— O que é que nós vamos dizer quando descobrirem que fomos nós que fundámos o Instituto Nobre de Astrologia?

— Que fundámos ao mesmo tempo o Instituto Nobre de Psicologia e que como gostamos muita da ciência não temos medo nenhum dos astrólogos... Nem dos astrólogos nem dos astros... E que não há astros nenhuns a marcarem-nos “destinos negros de raiz só por prazer”...

— Ah! Como é que é a música da Canção de Alterne do nosso grande Rui Veloso?

— “Para de chorar...”

— “E dizer que nunca mais vais ser feliz...”

— “Não há ninguém a conspirar...”

— “Para fazer destinos | Negros de raiz...”

— “Para de chorar...”

— “Não lígues a quem diz | Que há nos astros o poder | De marcar alguém | Só por prazer...”

— “Por isso para de chorar...”

— Agora vem uma parte que eu não gosto muito...

— Qual?? Agora é a nossa parte, querida! Agora é a parte mais feminina da canção... Vamos cantar, amiga! Anda! Dá-me as mãos!

— Eu também quero cantar convosco...

— Não... Esta é a nossa parte feminina; os homens não põe batom nem verniz: “Carrega no batom | Abusa do Verniz | Põe os pontos nos iiiiis’s”...

— “Parte feminina”????????? “Mas que feminismo vem a ser este”?... Indigna-se o grupo parlamentar da Igualde de Género, que agora até parecem lobos...

— A sério que já há lobos a lutarem pela Igualdade de Género?

— E com as unhas pretas pintadas...

— Ai!!!! Que horror!!!! Que falta de classe!!!!!!!!!!!! Homens com as unhas pintadas de preto????

— Que horror!!!! Se a Mão Invisível vê esta nova economia pintada de preto... Isto vai inflacionar os vernizes de certeza...

— E os vernizes não são nada ecológicos!

— Mas agora já há uns vernizes “amigos do ambiente”...

— Agora tudo se lembrou de ser amigo de ambiente...

— Que conveniente...

— A sério que há já vernizes ecológicos? Nessa não posso acreditar...

— É verdade...

— Também inventam tudo...

— Onde é que já se viu lobos com as unhas pintadas... Ainda por cima de preto...

— Como se as mulheres não pudessem ser lobos...

— Como se o lobismo pertencesse só os homens...

— No nosso lobismo há mulheres...

— É porque somos uns lobos para a frentex...!!!

— Mas nós não pintamos as unhas de preto...

— Nem de preto nem de cor-de-rosa...

— Os maricas e as mulheres é que pintas as unhas!... Isto estou a falar no meu tempo... Não me devorem já...

— E no meu tempo também...

— Pois, mas agora é o tempo de um novo lobismo que diz que não há coisas nem partes femininas... Agora é tudo muito masculino e dizem que “é tudo construções da sociedade”...

— Ah!... Chegaram agora lá? Devem ter fumado um charro e o cérebro resolveu desligá-los da sociedade...

— Mas que se desliguem da sociedade... Que se tivessem desligado desta nova sociedade tecnológica... Cada um tem de ser livre de se poder ligar e desligar da sociedade tecnológica... Mas não precisavam de pintar as unhas, não era?

— Nem precisavam de invocar a Igualdade de Género para falarem das “construções da sociedade”...

— Por favor!!! Que paciência!!! Tinham de estragar a letra da canção... Mas não é da parte feminina que eu não gosto...

— Que bom saber que não há aqui machistas! Fica-te muito bem dizeres que gostas da parte feminina da coisa...

— Gosto muito... Sou passivo...

— Foste passivo com o astronauta?

— Sim.

— Claro que ele foi passivo. Com um gajo daqueles até eu virava gay. Virava gay e passivo.

— E o astronauta também defende a Igualdade de Género?

— E que bem que defende... Tão bem como a Portugal Inovação Social...

— Eu sei que estamos todos muito zangados com a Portugal Inovação Social e com a Estrutura de Missão Portugal Inovação Social por não terem qualificado as nossas 9 start-ups como Iniciativas de Inovação e Empreendedorismo Social e nos terem afastado do Fundo de Inovação Social, mas fica mal dispararmos assim para o ar...

— Devíamos ter incluído a Igualdade de Género para ver se pegava... De certeza que pegava... Eu disse para assinalarmos a “Igualdade de Género” que estava nos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU na submissão do projeto das nossas 9 start-ups à Portugal Inovação Social...

— Devíamos queixar-nos ao Banco Português de Fomento! Ele é que é a entidade gestora dos fundos de empreendedorismo social...

— É capaz de ser uma boa ideia... Porque não me parece que o Banco Português de Fomento queira ficar contra nós...

— E acham que a Lisgarante vai querer ficar contra nós?

— Vamos ter de esperar para ver... Em Portugal, o problema não é não haver fundos... Porque há muitos fundos de 100 mil milhões que vêm parar a Portugal direitinhos da União Europeia e outros 21 mil milhões que saem dos cofres do Estado direitinhos para a banca... O problema são os humanos que estão por detrás a gerir os fundos...

— Mas porque haveria a Lisgarante de querer ficar contra nós?

— A Lisgarante é uma das 4 sociedades do Sistema Nacional de Garantia Mútua, que é supervisionado pelo Banco de Portugal...

— E quem é que supervisiona o Banco de Portugal para ver se está a supervisionar bem o Sistema Nacional de Garantia Mútua?

— Mas porquê supervisionar? Quando o Sistema Nacional de Garantia Mútua “emitiu mais de 217 mil garantias,



num valor global superior a 12,5 mil milhões de euros em garantias prestadas, para financiamentos na ordem dos 24,9 mil milhões de euros”? Estou só a ler uma notícia de março de 2017...

— Sim... Para quê supervisionar quando estas garantias “foram prestadas em benefício de mais de 94 mil entidades que fizeram investimentos superiores a 25 mil milhões de euros, permitindo criar novos postos de trabalho ou manter no ativo cerca de 1,4 milhões de trabalhadores”? Também estou só a ler a notícia...

— Sim... Para quê supervisionar “quando estes números mostram o trabalho desenvolvido pelo Sistema Nacional de Garantia Mútua, que tem vindo a ter um papel determinante no apoio às PME portuguesas e à economia do país”? Não sou eu que estou a dizer isto... Estou só a ler também a notícia...

— Números, números, números!... Como se os números pudessem falar por si...

— Mas não podem?

— Mas é claro que não podem!

— Mas porque é que os números não podem falar por si?

— Porque na minha opinião, o Sistema Nacional de Garantia Mútua não está a funcionar como deveria funcionar verdadeiramente no apoio às Micro, Pequenas e Médias Empresas sobretudo aos novos empresários, muito menos aos jovens empresários... Porque quando o gestor da Lisgarante me pergunta telefonicamente qual é que é o histórico dos empresários e eu digo que é a minha primeira empresa, mas que tenho experiência e conhecimento na área da minha empresa e o

gerente interrompe-me logo e diz que isso não interessa nada e diz que se os empresários não têm um histórico de empresas, ou seja, se eu sou um empresário novo, ou um jovem empresário e não tenho outras empresas, que, então, não vale a pena “pensar” em nenhum produto da Lisgarante, porque a Lisgarante olha é para histórico dos empresários e que nem sequer olha para a faturação da empresa, porque o que interessa à Lisgarante é ver se o empresário que está a pedir crédito para a sua empresa tem ou não outras empresas, isto é tudo menos apoiar as Micro, Pequenas e Médias Empresas. Isto é anedótico!

— Claro que é anedótico! Porque assim, temos não sei quantos milhões a serem injetados sempre nas mesmas pessoas e não passamos deste ciclo, não passamos desta economia circular... Só para a Linha Capitalizar Mais, o montante global são mil milhões de euros!!!! Assim, temos um facilitismo para quem já é empresário, para quem já tem é as suas grandes empresas...

— Porque com um sistema destes de “garantia mútua”, “só para alguns”, só para quem já tem empresas é que pode criar uma micro, pequena ou média empresa e recorrer à Linha Capitalizar Mais, sem capitais próprios e pedir até 4 milhões de euros com 80% de garantia mútua... Assim, a vida de empresário é muito mais facilitada, mas só é facilitada para os empresários que já têm empresas... Ou seja, para quem já é rico... Para quem já enriqueceu...

— Claro, mas assim, de nada vale termos fundos do Estado Português que vão para o Sistema de Garantia Mútua se esse sistema depois não financia novas empresas de jovens empresários ou novos empresários. Um dos outros produtos disponíveis pelo Sistema de Garantia Mútua para além da Linha Capitalizar Mais e muitos outros é o FIS Crédito. Já sabemos que para recorrermos ao FIS Crédito com um montante máximo de 2

milhões e 500 mil euros por empresa, financiando até 100% das despesas associadas à implementação da Iniciativa de Inovação e Empreendedorismo Social, a empresa tem de ter sido reconhecida pela Estrutura de Missão Portugal Inovação Social... Mas se quem está por detrás dos fundos está a emitir o parecer a empresas que aparentemente parecem uma Iniciativa de Inovação e Empreendedorismo Social só porque trazem uma “tecnologia debaixo da manga”, mas que afinal se ficam só pela aparência da tecnologia e depois não dá o devido parecer a quem merece e precisa para injetar os tais 2 milhões e 500 mil euros para comprar “verdadeiras” tecnologias ecológicas e para trazer os seus anúncios sustentáveis num verdadeiro eco marketing para dizer “olá” ao mercado e começar a vender de uma maneira esverdeada os seus produtos sustentáveis capazes de esverdear todo o sistema e todo o mercado, não vale mesmo a pena...

— Porque é preciso capital para anunciar. É preciso capital para se poder dizer “olá” ao mercado...

— Tudo bem que os produtos de financiamento que nós vemos nos sites dos bancos têm natureza publicitária e não dispensam naturalmente um contacto diretamente com o banco... Mas qualquer jovem empreendedor que não teve a sorte de nascer com pais ou avós ou tios ricos, mas teve a sorte de nascer com boas ideias e conseguiu criar com as suas próprias mãos, com o seu próprio intelecto, um produto inovador e vê que com a Linha Capitalizar Mais não precisa de entrar com um mínimo de capitais próprios e que simplesmente precisa que a sua empresa seja certificada por declaração eletrónica do IAPMEI e sabe o que tem de fazer para obter uma declaração eletrónica, se calhar, com as expetativas criadas por um Sistema de Garantia Mútua Português vai abrir a sua empresa, vai abrir a conta da empresa num banco que tenha este financiamento protocolado da Linha Capitalizar Mais com o Sistema de Garantia Mútua Português e vai solicitar o financiamento “a quem tem direito”...

— Porque tinha “todo o direito”... Quando vê o potencial do seu produto e simplesmente quer internacionalizar, fazer publicidade, comprar tecnologias ecológicas que vão inovar a produção do seu produto e potencializá-lo ainda mais...

— E quando chega ao mundo real das empresas e dos bancos com o seu Business Plan, já com uma Segurança Social sempre em cima dele, o jovem empresário vê que afinal, o sistema português mal governado parece estar mesmo feito para quem nasceu rico, porque ninguém lhe disse, na altura, que ele precisava de ter outras empresas para a empresa dele ser beneficiária da Linha Capitalizar Mais...

— Se calhar, ninguém lhe ensinou a fazer um Business Plan e não tinha dinheiro para contratar alguém que fizesse um Business Plan mais profissional... Quando chegamos ao banco temos de chegar com uma imagem profissional...

— Se calhar, nasceu com um pai que só lhe sabia dizer que ele haveria de aprender a sobreviver “por questões técnicas”...

— Estamos a falar de quem?

— E nessa sobrevivência lá teve de aprender a fazer um Business Plan em que teve de ir aprender conceitos financeiros e lá conseguiu demonstrar o fluxo de caixa, o retorno do investimento, elaborar um mapa de investimentos até 10 anos... Enfim... Conseguiu tudo... No Excel e tudo...

— Estamos a falar de quem?

— Só que lhe faltavam eram os capitais próprios... Não nasceu rico...

— Estamos a falar de quem?

— Coitado!... Não se faz... Os pais pobres não deviam trazer ao sistema monetário que é feito de moedas, crianças porbrezinhas cheias de ideias... Pode ser traumático!

— Estamos a falar de quem?

— Estamos só a contar uma história, não estamos?

— Sim... De milhões de jovens empreendedores que se vêm completamente sozinhos com as suas ideias, porque não nasceram ricos com capitais próprios capazes de erguer as suas ideias... Porque há ideias que para andar para à frente, num sistema monetário que é feito de moedas, precisam de ser financiadas...

— Então, mas o sistema não é capitalista? Estavam à espera do quê? Há toda uma história muito capitalista por detrás do sistema capital...

— Mas nós não somos capitalistas?

— Sim... Mas somos capitalistas inteligentes dos recursos...

— Que é muito mais chique...

— Porque somos chiques!!! Porque pensamos no futuro e nos recursos!!!

— Sim, no fundo, ser chique é isto...

— Nesta Era verde e sustentável, ser chique é isto... É ser capitalista inteligente dos recursos!

— E por sermos capitalistas inteligentes dos recursos e vermos os recursos humanos e sabermos das histórias insustentáveis, estamos cá para escrevermos uma história um pouco diferente, um pouco mais sustentável. Se eu, Estado, meto dinheiro nos bancos, os bancos têm de também meter dinheiro nos jovens empresários que só precisam de uma chance... Como todos os outros. E se os bancos não dão essa chance, é fácil: nós passamos a ser os bancos e não metemos mais dinheiro do Estado nos bancos. Qualquer instituição bancária que receba dinheiro do Estado ou que esteja ligada a uma Sociedade de Garantia Mútua ou uma Sociedade de Garantia Mútua que receba um pedido de financiamento de uma nova empresa de novos jovens empresários que chegaram recentemente ao mundo das empresas está obrigada a prestar uma garantia tendo por base tão-só o modelo de negócio da empresa e o Business Plan, que não tem de ser profissional, mas que simplesmente consiga demonstrar de uma forma clara e intuitiva os lucros estimados e o retorno do investimento. É só invertermos a lógica do sistema. Porque o que nós queremos é que a chance do financiamento chegue a todos numa igualdade de oportunidades em que o fator determinante da igualdade de oportunidades seja a qualidade de ser empresário, não interessando se tem capitais próprios ou se tem ou não outras empresas. É claro que isso poderá ser importante para uma análise, no entanto, não pode é ser fator de exclusão.

— Isto ficou assim arrumado?

— Por mim ficou arrumado em Direito da Sociedade ao Acesso à Garantia Mútua Sem Capitais Próprios e num outro direito arrumamos o Direito do Empresário ao Acesso à Garantia Mútua Sem Histórico de Empresas. Podemos pôr isto no Código das Sociedades Comerciais.

— Porque com um novo direito conseguirmos acabar com o problema dos humanos que estão por detrás a gerir os fundos...

— O problema são os humanos que estão por detrás a gerir os fundos...

— O problema é sempre de quem está por detrás... É sempre de que fica por detrás... Tu como passivo não costumavas ter problemas?

— Não... Nunca tive problemas...

— Mas será que foi porque dissemos que queríamos ir aos lares da Grande Idade para fazermos teatros a gozar com os tablets e com os telefones, que queríamos fazer caminhadas e atividades giras sem tablets e telefones com jovens estudantes pobres e desempregados a quem queríamos empregar para nos apoiar nestas caminhadas com a Grande Idade sem robots e assistentes virtuais, porque os assistentes da Grande Idade deveriam ser jovens humanos e não uma Inteligência Artificial?

— Eu disse que a Portugal Inovação Social estava era a financiar ideias mais tecnológicas... Mas vocês não acreditaram... Se a ideia fosse comprarmos tablets e telefones com leitores da íris e da retina para mapearmos o estado espírito da Grande Idade em tempo real, de certeza que teríamos a “luz verde” da Portugal Inovação Social...

— Qual estado de espírito qual quê...? Não ouviste que a partir da íris consegues detetar doenças? Tínhamos de voltar a candidatar-nos, mas era com uma parceria de um hospital privado e com uma *App* para irmos para a frente com a Medicina de Precisão em Portugal...

— Que ridículos! Odeio-os!

— Antes de avançarmos, podemos parar aqui já que eu sei lá quando é que vamos voltar a um assunto destes neste teatro que parece infinito...

— Que isto é um teatro político que nunca mais acaba... Isto não tem horas para acabar...

— Porque nós temos tanto, mas tanto, mas tanto, mas tanto, taleeeeeeeeeento... Ai!!!! Que horror!!!! Qual talento! Queria dizer que temos tanto, mas tanto, mas tanto, mas tanto, para representar...

— Porque somos atores!

— Atores políticos, é o nome que agora o sistema resolveu dar-nos...

— “O sistema”... “O sistema”... Agora toda a gente fala “do sistema” como se tivesse dormido na cama com o sistema...

— Agora com o Instagram e com o Grindr já se pode dormir com o sistema na cama...

— O quê? O sistema também tem Instagram???

— O sistema também está no Grindr???? Que giro!!!! Não fazia ideia! Vou já criar uma conta no Grindr para ver se tenho a sorte de ver umas nudes do sistema...

— Antes de instalares uma conta no Grindr e ires para outro mundo de dados paralelo, tenho de dizer que estive a ver o Boletim da Propriedade Industrial e encontrei isto:



«MÉTODOS DE SUPORTE CONTÍNUO OPERACIONAL DE NATUREZA BIOPSISSOCIAL, DIRECIONADO AO ENFERMEIRO PARA APOIO À SAÚDE MENTAL E À QUALIDADE DE VIDA DO IDOSO

O PRESENTE DOCUMENTO REFERE-SE A UM MÉTODO DE NATUREZA BIOPSISSOCIAL, ESPECIALMENTE ADAPTADO PARA PROPORCIONAR SUPORTE OPERACIONAL CONTÍNUO AO ENFERMEIRO EM ATIVIDADES RELACIONADAS COM O APOIO À SAÚDE MENTAL E À QUALIDADE DE VIDA DO IDOSO. ESTE MÉTODO UTILIZA COMBINAÇÃO DE TÉCNICAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E APRENDIZADO DE MÁQUINA, ANÁLISE DE DADOS PROVENIENTES DE SMARTPHONES, TABLETS, GPS, CÂMARAS E WEARABLE. O MÉTODO TEM POR OBJETIVO A MONITORIZAÇÃO CONSTANTE E A IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES QUE REFLETEM HÁBITOS, SENTIMENTOS E SINAIS VITAIS DO INDIVÍDUO, INDICANDO EVENTUAIS ALTERAÇÕES NOS PARÂMETROS, AUXILIANDO O ENFERMEIRO NA ESCOLHA DO MELHOR CURSO DE AÇÃO AO IDOSO DOENTE OU NÃO»

— Foi para isto que paraste o teatro?

— Sim...

— Grande seca, ouve lá...!

— Até perdi a tusa!

— Perdeste a tusa?

— Sim, perdi a tusa de instalar o Grindr...

— Eu acho piada como é que se tem a coragem de usar expressões como “qualidade de vida”, “sustentabilidade”, “empatia” combinadas com “monitorização constante”, “Inteligência Artificial”, “câmaras” e achar-se aqui nisto a Internet de Coisas e achar-se, como a Portugal Inovação Social acha, que para promovermos o envelhecimento ativo temos de instalar *Apps* nos tablets e nos telefones e nos wearables e nos óculos de realidade virtual aumentada da Grande Idade e emparelhá-los às câmaras e aos detetores de movimentos que se querem instalar por cima das camas da Grande Idade...

— Eu muito sinceramente já não sei com quem é que estamos a lidar...

— Sabemos, sabemos... Sabemos muito bem o que é que se está aqui a passar...

— Bom... Em primeiro lugar, a minha sugestão era permitir o registo dos Direitos de Autor e dos Direitos de Propriedade Industrial como as patentes a todos... Seja a ricos e a pobres! Eu tenho de ter um registo tendencialmente gratuito para quem é pobre. Eu não posso exigir que um estudante que não trabalha ou um desempregado pague cento e tal euros para registar uma patente em Portugal que vai ser publicada num boletim que qualquer investidor ou empresário ou rico pode ver a invenção que foi registada em Portugal e pegar em 1000 euros seus e ir a correr registar no resto do Mundo. Isto é diabólico! É catastrófico à mente humana! E o recurso mais importante que o nosso capitalismo inteligente dos recursos protege é, pois, a mente humana, a criatividade, o talento, o espírito humano. Assim, de que vale eu ser um poço de criatividade, um poço de ideias, se nem dinheiro tenho para registar as minhas ideias? As

ideias que são minhas? Que o meu cérebro inteligentíssimo e criativo produziu para mim? E depois tenho inventores a criarem máquinas capazes de ler e monitorizar os meus pensamentos e sentimentos? A seguir vou parar com a minha mente a um filme de terror, não?

— Com a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari conseguimos todos escapar desse filme de terror que a mente humana nos pode querer levar...

— Isto é muito simples: Quem tem dinheiro para pagar paga. Quem não tem, não paga. É muito simples.

— Mas se eu for médico, receber 1100 euros e tiver todos os dias uma ideia, não é muito justo que tenha de pagar todos os dias cento e tal euros para registar uma ideia tecnológica...

— Mas tu tens todos os dias uma ideia tecnológica?

— Tenho quase todos os dias uma nova ideia tecnológica, sim...

— E se eu for uma máquina de escrever e todas as semanas escrever um livro, não é muito justo que tenha de pagar todos os dias 60 e tal euros para registar cada livro meu, porque ainda que eu seja médico-escritor, só por também ser escritor fico logo sem 400 e tal euros, quando iria precisar desses 400 e tal euros para talvez pagar a renda...

— Fazemos o seguinte: ou o autor ou o inventor pagam na hora ou pagam depois. Muito simples. Todos sabemos que que nos fazem dizer que há custos no registo, mas bem sabemos as tangas que isso são. O inspetor da Inspeção Geral das Atividades Culturais quando defere o pedido de registo de uma obra literária de certeza que não vai ler a obra literária.

Informaticamente mete a obra no programa e é o programa que vai dizer se a obra é original ou se é uma cópia, assinalando provavelmente partes que o programa tenha detetado parecidas com uma já existente e que o inspetor poderá depois averiguar ou comparar. Estamos na Era digital. E a Era digital faz ditar que isto tem de ser tendencialmente gratuito. Isto não custa nada ao Estado. Podemos inventar. Podemos dizer que há custos nisto. Mas estamos a inventar! Estamos a ser hipócritas! E não vamos ser hipócritas! Isto não custa nada.

— Além de que o inspetor não recebe à comissão. É um funcionário público. Trabalha para o Estado. O inspetor tem um horário de trabalho. No seu horário de trabalho defere os pedidos de registo de obras literárias que tem para deferir e que as defere por ordem de chegada. Como um juiz, não recebe mais ou menos por deferir o registo de mais obras literárias. Se, de repente, só com esta conversa, só com este teatro, inflacionámos os pedidos de registo, e não os custos do registo, e um inspetor ou 8 não estão a dar conta de todos pedidos é porque há uma necessidade no serviço.

— É porque o serviço está a pedir que se contrate um novo funcionário...

— Mas para o serviço ser um serviço inteligente e poder falar de uma forma tendencialmente gratuita talvez tenhamos de instalar num serviço destes uma Internet de Coisas, não?

— Sim, talvez...

— E que Internet de Coisas iríamos instalar neste serviço?

— O autor quando regista sem pagar, fica com uma dívida que se paga automaticamente com qualquer pagamento

antecipado que o autor receba de uma editora ou dos direitos de autor. Conseguimos ir buscar o dinheiro automaticamente pelo Fisco, quando o autor abre atividade como escritor ou quando declara que recebeu dinheiro a título de direitos autorais. A mesma questão para o inventor com as suas patentes. O nosso sistema não está a proteger verdadeiramente os direitos dos autores nem dos inventores. Está a beneficiar é os copiadores, os ladrões de talentos, os que não têm espírito nenhum nem ideias próprias, mas têm dinheiro e têm um corpo que sabe ler o Boletim da Propriedade Industrial. Os custos de manutenção das patentes são elevados, mas não podemos permitir que um inventor que ainda não conseguiu vender a sua ideia ao mercado ou que ainda nenhuma empresa pegou na sua ideia ou que ele próprio ainda não conseguiu nenhum financiamento para fabricar a sua tecnologia possa perder a sua ideia para o mercado só porque não tem dinheiro.

— Como não podemos permitir que um inventor só registre a sua invenção em Portugal e não possa registar no resto do Mundo só porque não tem dinheiro...

— O que é que estamos a querer propor?

— Estamos a querer propor que Portugal, e agora, o Estado português, possa financiar o registo dos direitos de propriedade industrial de um inventor português que quer registar a sua invenção em toda a Europa, na Austrália ou na Nova Zelândia...

— E como é que fazemos isso?

— Qualquer inventor português ou estrangeiro residente em Portugal detentor de uma patente de invenção nacional cuja tecnologia não seja contrária ao ordenamento jurídico português poderá dirigir-se a um banco aderente para registar a sua invenção

no resto do Mundo. Quando a sua tecnologia começar a dar lucros no mercado, faz contas com o banco numa espécie de fundo perdido...

— Só o Bank Jupiter seria capaz de aderir a uma ideia dessas. Os custos de manutenção de uma patente são muito caros...

— Só precisamos de um banco do nosso lado!

— Se foram 21 mil milhões de euros dos cofres do Estado português para a banca, a banca vai ter de financiar as ideias que o Estado quer e não as que o mercado quer.

— Senão, acaba-se o financiamento. Portanto, é para se acabar com o financiamento de ideias tecnológicas que só querem é monitorizar emoções e dados e estado de espírito humanos que alimentam uma sofisticada Inteligência Artificial infinitamente esfomeada.

— Em relação a essa tecnologia de monitorização constante da Grande Idade será completamente proibida em Portugal. Como todas as câmaras nos lares da Grande Idade terão de ser imediatamente retiradas.

— E em relação aos detetores de movimento que são capazes de chamar logo o assistente pessoal, ou o enfermeiro caso a pessoa de Grande Idade caia da cama?

— Obviamente que é uma tecnologia útil... Temos de pesar as vantagens da tecnologia... Sabemos que esses detetores também analisam uma grande quantidade de dados que não deveriam analisar... Enfim, tudo depende do modelo do detetor de movimentos, mas penso que podemos começar a ver essa tecnologia com bons olhos...

— Temos para fechar 3 mil lares clandestinos da Grande Idade... Até ao momento com 3 mil lares, só temos em curso 780 processos e só se fecharam ainda 105 lares...

— 105 lares sem enfermagem e cheios de câmaras e microfones com poderosos algoritmos que gravaram um gigantesco crime de dados punido com quantos anos de prisão?

— 40 anos de prisão! Vamos aumentar drasticamente as molduras penais em Portugal sobretudo do homicídio, dos abusos sexuais de menores, do terrorismo, dos crimes de ódio racial, religião e orientação sexual, de calúnia, de difamação com publicidade e de gravação de imagens e de som sem o consentimento.

— Por mim importávamos as penas de prisão do *2080* de Antoine Canary-Wharf para o nosso Código Penal.

— Estão importadas!

— Qual é que é o argumento que vamos dar aos senhores penalistas para aumentarem as penas de prisão em Portugal?

— O mesmo de sempre: que Portugal é um país muito pequenino e que aumentando as penas de prisão e publicitando institucionalmente os novos crimes tecnológicos capazes de serem cometidos pela sociedade tecnológica, podemos ver o crime reduzido a zero. Portugal tem tudo para ser um país maravilhoso com zero taxa de criminalidade e ser um lugar de verdadeira paz e sossego! É nisto que acreditamos! Queremos que as pessoas pensem 10 mil vezes antes de fazerem algum disparate, porque se fizerem, tão cedo não vão sair da cadeia.

— Ah, pois não vão, não vão!...

— Sabiam que na Finlândia as prisões são um luxo? Banhos longos e quentes, ginásio...

— Sim... Os reclusos até podem iniciar negócios a partir da prisão... Tem Wi-Fi... Os melhores computadores com os programas informáticos com as últimas atualizações... E a taxa de criminalidade é baixíssima...

— Certo... Mas vá lá... A taxa de criminalidade na Finlândia não é baixa porque as prisões são um luxo... É baixa, porque os finlandeses são um povo culto, sofisticado, civilizado... Eu só posso dizer que tenho um povo culto, sofisticado e civilizado quando olho para a taxa de crime e vejo que o crime quase que nem existe... Certo?

— Certo!!!

— O argumento é finlandês...

— Ah!!! Este é um argumento finlandês?...

— Queria dizer que o argumento finlandês para as prisões com tecnologias de ponta é para quando o recluso voltar à sociedade, não estar desatualizado ou iletrado digitalmente e possibilitar a sua melhor reintegração na sociedade...

— Certo. Mas não vamos importar esse argumento. Não há Internet nas prisões. O telefone é proibido. Vamos é instalar bibliotecas com livros de Direito, Biologia, Medicina, Botânica, Astronomia e dar formações cívicas em Direito em todas as prisões. Vamos puxar os reclusos para o Direito. Podemos ter uma sala com uma TV sem comando na mão só com dois canais permanentemente ligados: ao parlamento e ao noticiário. Não há filmes. Não há entretenimento. Os reclusos estão a cumprir pena de prisão. Há intelecto. Podem aproveitar o tempo para



intelectualizar e sofisticar as suas mentes perversas. É essa a oportunidade que podemos dar.

— E teatro? Não podem fazer teatros?

— Podem. Pode ser que através do teatro dramatizem e fiquem mais paneleiros....

— Pode ser que comecem a apanhar sabonetes nos duches... E que os duches de água temperada temperem o seu agressivo temperamento e os torne mais passivos... Os passivos não são menos propensos para o crime? Os maricas não são menos propensos para o crime? Devíamos salvar todos os mariquinhas dos algoritmos da Justiça Antecipatória do Direito Penal... Eles sabem lá disparar uma arma... Eles querem é abocanhar a arma... Não é disparar... Eles são inofensivos! Temos de os safar! Temos de os safar dos poderosos algoritmos que aí vêm...

— Mas que teatro é este estamos para aqui a arranjar...??

— O teatro não vos faz mais paneleiros? Não se sentem paneleiros no teatro?

— Ora... O teatro não é para paneleiros! Só estou a inverter os algoritmos... Nasci e cresci a ouvir dizer que o teatro era para paneleiros... Só estou a inverter os algoritmos...

— Sim, invertermos os algoritmos faz parte de todo o nosso teatro...

— Estou a ficar um bocado cansado deste teatro... Talvez seja por ser um teatro político, não sei... Talvez seja por isso que se esteja a tornar um pouco mais cansativo...

— E não podem cantar?

— Quem, os paneleiros?

— Os paneleiros passam a vida a cantar... A cantar e a desafinar...

— Os reclusos...

— Ah...! Ainda estamos nos reclusos?...

— Se os reclusos não podem cantar...? Se não podem dar concertos?...

— Podem. Pode ser que através da música chorem e fiquem mais...

— Paneleiros?

— Sabemos lá, não é?...

— Será que se incluíssemos a Canção de Alterne do Rui Veloso no nosso plano editorial a Portugal Inovação Social davamos luz verde?

— Depende... Se fosse para a Grande Idade cantar para uns impressionantes microfones com análise de voz, talvez, talvez...

— Por favor!!!! Não vamos continuar com esta perseguição por todos os lados à Portugal Inovação Social, pois não? Abre-se uma investigação e pronto... Agora parecemos uns empresários ressabiadinhos... Por favor! Precisamos agora da Portugal Inovação Social para alguma coisa?... Ela que se afunde nos seus próprios fundos sem fundos...

— Sim... “Parem de chorar e dizer que nunca mais vamos ser felizes”... “Não há nenhuma Portugal Inovação Social a conspirar e a fazer destinos negros contra nós de raiz”...

— Afinal, qual é que é a parte que não gostas da canção?

— É daquela parte que diz “nem Deus tem o dom | De escolher quem vai ser feliz”...

— Mas cantaste muito bem...

— Ah! Mas eu gosto mais de cantar “só Deus tem o dom | De escolher quem vai ser feliz”...

— Tens é medo que os algoritmos do microfone do teu telefone te oiçam a cantar e vão a correr dizer o teu estado de espírito a *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Não. Eu sei a música de cor. Não canto nem com os dados móveis nem com o Wi-Fi ligado. Não preciso de ligar a Internet para ir buscar a letra da canção. E mesmo que não soubesse, ligava os dados móveis para ir buscar a canção, fazia *screenshot*, desligava os dados móveis, ia buscar a imagem com a letra da canção à galeria e cantava sem os algoritmos do microfone do meu telefone ouvirem-me a cantar...

— Muito inteligente. Mas talvez possamos pedir ao Rui Veloso se podemos só alterar a letra da canção dele... Dizemos que é por causa d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom... Ateu como é, de certeza que não se irá importar...

— A sério que é ateu?

— “Nem Deus tem o dom”... Não sei... Digo eu...

— Ah!... É só uma canção...

— Vamos lá então todos cantar enquanto podemos, sem os algoritmos nos ouvirem a desafinar...

— Vá, lá... Não podemos desafinar!!!

— Ah! Mas qual é o mal se desafinarmos?

— Vá, lá... Não podemos desafinar!!!

— Ah! É só uma canção...



**– As câmaras de vigilância em Londres já conseguem a 10 metros, mesmo em grandes multidões, focarem uma pessoa e ver as doenças que ela tem e se tem ou não o seguro de saúde em dia?**

— Já não basta a intriga que montámos sobre o Halifax, querem também montar mais uma intriga britânica?

— Será que os britânicos vão ser capazes de perguntar ao banco num altivo *british accent*, porque é que o banco quer ter acesso aos seus batimentos cardíacos?

— O british accent excita-te?

— Porquê?

— A mim excita-me se for um rouco british accent... E vejo aqui na tua impressão digital uma predisposição genética para britânicos...

— Prefiro os motores alemães e suecos... Mas sim, o british accent, por acaso, também me dá imensa tusa...

— Já que estamos a montar este tipo de intriga tecnológica, será que vamos conseguir montar câmaras que conseguem ver o batimento cardíaco e as ereções em tempo real?

— Isso era capaz de ser engraçado... Uma Medicina de Precisão sofisticadíssima do mais alto nível a funcionar “incrivelmente” à distância...

— Estamos a quanto tempo para *2080* de Antoine Canary-Wharf...?

— Acho que estamos só a 10 segundos para o *2080* de Antoine Canary-Wharf...

— Bom... Mas a coisa não se fica só por aí... Diz a ciência biométrica que a partir da análise da íris é possível apontarem-se os padrões de comportamento da pessoa...

— Mas vocês estão a gozar ou quê?

— Não... Acho que é mesmo sério...

— Eu quero sair deste teatro.

— Achas? Não vais conseguir sair deste teatro...

— Eu já não estou a achar piada nenhuma a este teatro...

— Pois. Percebeste agora que pagaste bilhete para um teatro demasiadamente sério...

— Só falta dizerem, que a partir da análise da íris é também possível saber-se o estado de espírito de uma pessoa, para este teatro transformar-se num teatro espiritual e perder de uma vez a piada toda...

— Bom... Eu não quero assustar ninguém... Mas parece que a íris é mesmo capaz de dizer muita coisa sobre uma pessoa...

— Vocês estão a imaginar os super-telefones dos super-humanos com super-algoritmos e super e bueda coisas capazes de interagirem super bem com os seus utilizadores, não estão? Numa super Internet de Coisas...

— Nós não estamos a imaginar, nem a sonhar, nem a alucinar... Nós estamos mesmo a ver a apetrechada Inteligência Artificial a penetrar e a comandar nos cérebros dos utilizadores...

— Sou só eu aqui que estou a ligar o sensor de impressão digital do telefone com o leitor de retina e íris do telefone com o processador de voz do telefone, com o contador de batimentos cardíacos do telefone e com todas as interações do utilizador nas várias redes sociais e na vida real, porque o telefone tem microfone e escuta todas as interações e reações do utilizador seja com família, amigos e colegas de trabalho?

— Todos nós estamos a fazer um excelente filme de dados que estás a ver... Graças à *Paranóide Tecnológica* de Federico

Ferrari, estamos todos ligados ao filme que se está a passar na tua mente...

— Ah! Estou muito mais descansado...

— Eu acho que nós só podemos descansar depois de tomarmos uma posição forte e drástica em relação a isto...

— Que tipo de posição drástica é que vocês estão a pensar?

— Proibição de venda...

— Não...

— Sim, sim...

— Proibição de venda e de circulação...

— Não...

— Sim... Sim... O fundamento é simples: se eu estiver num estabelecimento comercial sentado numa mesa com o meu namorado a conversar e de repente aparecer um grupo de super-humanos com telefones super-tecnológicos, mesmo que eu esteja a 2 metros de distância deles, os telefones deles ouvem e processam toda a minha conversa e analisam a minha voz e ligado à Internet e ao Big Data poderão conseguir identificar-me. Certo?

— Certo. Mais tarde ou mais cedo, sim...

— Hoje!!!! Estamos a falar de hoje! Porque isto passa-se hoje! Ora, eu não posso ficar com todos os meus direitos em xeque por causa de um super-telefone, certo?

— Certo. Mas não acham que pode ser muito precipitado?

— Não. E não vamos tomar esta decisão sozinhos, porque nós não somos nenhuns ditadores. Vamos referendar sobre a circulação dos equipamentos já existentes. Aliás, vamos referendar a maior parte das nossas decisões. O nosso maior instrumento político deve ser o referendo. Mas antes de referendarmos, vamos primeiro proibir a comercialização deste tipo de tecnologias em Portugal. Garanto-vos que todos os países sofisticados irão atrás de nós! Será histórico! O Direito está a acordar. Nós estamos a acordar o Direito. O Direito está a ficar cada vez mais inteligente, mais sofisticado, mais tecnológico. Vamos também proibir este tipo de tecnologias entrarem pelos aeroportos. Simplesmente não entram. Os turistas que quiserem vir para Portugal, têm de vir com telefones menos tecnológicos, sem Inteligência Artificial, sem análise de voz, sem interferirem na minha liberdade de movimentos, sem nos enviarem para o Big Data... Os turistas que aterrarem em Portugal também não poderão viajar com drones. Os drones serão equiparados a armas. A Suécia proibiu-os porque os equiparou a câmaras de vigilância voadoras e nós vamos proibi-los também. O mercado vai ter de aprender que não é ele que manda em nós. E o mercado vai ter de começar a produzir tecnologias que façam sentido, tecnologias ecológicas, tecnologias úteis sem que ponham em crise os direitos fundamentais de todos os cidadãos. A ideia é simples: podermos andar como queremos sem que isso interfira na liberdade individual de cada um. Segundo, vamos proibir de se andar na rua com o telefone no ar a apontar as câmaras uns para os outros. Ninguém pode apontar a câmara do telefone a ninguém sem autorização. Ou andam com tampas nas câmaras, ou compram novos telefones que têm tampas deslizantes que abrem e fecham as câmaras ou andam com telefones sem câmaras ou então andam com as câmaras dos telefones para baixo. É como as



câmaras de filmar que as pessoas andam com elas penduradas ao pescoço; têm de andar com elas com a tampa fechada. Não há abébias sobre isto. Não há tripés nem nas praias nem em lado nenhum a não ser que seja uma empresa autorizada ou um fotógrafo profissional que têm o recinto vedado para fazerem as filmagens. Porque foi assim como as coisas sempre funcionaram e será assim como vão voltar a funcionar! Em terceiro lugar, vamos informar como deve de ser a sociedade de informação sobre as armadilhas tecnológicas que compraram com hipótese de devolução apoiada pelo Estado português porquanto as marcas não explicaram a tecnologia por detrás, quando estavam obrigadas a fazê-lo. Em quarto, vamos referendar a ideia da proibição dos telefones mais tecnológicos que já tenham sido comprados. Do mesmo modo que o Estado e o Direito podem proibir todos os pilotos e proprietários de levantarem voo com os seus drones, como proibiu determinados modelos de carros mais antigos e poluentes de circularem no centro histórico de Lisboa, também pode proibir determinados modelos de telefones super-tecnológicos de circularem na via pública ou em estabelecimentos comerciais ou transportes públicos ou em jardins urbanos ou em universidades, por exemplo.

— Tudo isto por causa da íris?

— E não só...

— É também possível, só a partir da análise da íris, dizer-se se alguém é mais ansioso, descontraído, stressado e conseguimos também traçar outros traços emocionais e psicológicos, como bipolaridade, depressão, psicopatia e narcisismo...

— O quê??????

— É verdade que eu só de olhar para o olhar de alguém consigo logo detetar depressão, narcisismo e psicopatia... Vejo a alma através da íris e da retina de alguém...

— Fiquei confusa se fazes parte do Instituto Nobre de Astrologia ou do Instituto Nobre de Psicologia...?

— Estou nos dois... Não estou?

— Sim. Estás entre os dois. A sair um pouco da Psicologia e a entrar um pouco mais na Astrologia, para dizer a verdade...

— Ah! Bem me parecia... É que de repente, ele parecia mesmo um astrólogo-psicólogo a falar... Sabem?... Daqueles médicos-videntes...

— Ah!... Daqueles tais médicos-videntes...

— Estão a ver? A ciência biométrica da íris vai muito mais para além da Medicina de Precisão... Integra também a Psicologia de Precisão... A Holística de Precisão...

— Pois, tudo isto, para mim, enquanto médico, é muito holístico... Eu não vi ainda evidência científica nenhuma nisto que estão para aqui a dizer... Não é o mercado holístico que me assusta... A vossa holística toda é que me está a começar a assustar...

— Com a tensão de um mercado holístico só nos faltava agora era montarmos uma intriga holística...

— A iridologia, pela sua importância, é bastante divulgada e procurada na Alemanha, na Suíça e na Inglaterra...

— E vamos também importá-la para Portugal! Está decidido! Vamos financiar médicos oftalmologistas em Portugal que queiram estudar e investigar a iridologia. E vamos ficar à espera que a Ordem dos Médicos regulamente a Iridologia com a criação da Competência em Iridologia Médica como fez com a Acupuntura Médica em 2002...

— Vejo uma fantástica medicina com a iridologia! Vamos mandar inaugurar o Instituto Nobre de Iridologia!

— Já sei!! E vamos mandar pôr o Instituto Nobre de Iridologia entre o Instituto Nobre de Psicologia e o Instituto Nobre de Astrologia e ficamos, assim, com um perfeito triângulo espiritual de dados em que vemos os dados dos iridólogos a passarem aos astrólogos e os astrólogos a passarem aos psicólogos...?

— Parece que já estamos por tudo...

— Montamos o triângulo, mas sem cruzamento de dados nenhum. Os institutos são independentes entre si. Cada um tem a sua autonomia administrativa e financeira. Um não financia o outro. Para financiar estamos cá nós, o Estado.

— Mas não podem comunicar os dados uns com os outros? Poderia ser muito interessante ver isto...

— Claro que não! Aliás, temos um Regulamento Geral “Fantasma” da Proteção de Dados para reabilitar...

— E uma Comissão Nacional de “Proteção de Dados” também para reabilitar, já agora...

— Com que fundamentos?

— Com os fundamentos do *2080* de Antoine Canary-Wharf e com os fundamentos d'O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala...

— Exatamente! O *2080* e O *Algoritmo do Amor* são o fundamento para reabilitarmos de uma vez por todas a Comissão Nacional de Proteção de Dados, para ver se começa a funcionar um pouco mais a sério, um pouco mais na defensiva...

— Na defensiva e no ataque! Tem de atacar todas as tecnologias do mercado que põem em xeque todos os direitos e liberdades dos cidadãos e defender todos os direitos fundamentais dos cidadãos das tecnologias que são precisamente antagónicas desses direitos, que os chocam, os escandalizam, os ofendem, os ferem, os querem extinguir!

— Já sei!!! Vamos reabilitar tudo com a iridologia!

— Como assim?

— A iridologia está-me a começar a excitar...

— A iridologia consegue ver os podres. Vamos chamar iridólogos para inspecionarem \*\*\*\*\*  
<http://cursocertificado.com.br/conceitos-de-iridologia/>

[https://www.acesa.com/viver/arquivo/ser\\_holistico/2003/12/04-Falconi/origem.php](https://www.acesa.com/viver/arquivo/ser_holistico/2003/12/04-Falconi/origem.php)

\*\* driblar <https://www.kaspersky.com.br/resource-center/definitions/biometrics>

— A íris é uma extensão do cérebro “fartamente dotada de terminais nervosos, minúsculos capilares sanguíneos e outros tipos de tecidos especializados que conectada com todos os órgãos e tecidos do corpo, via tálamo ótico e sistema nervoso, torna-se numa espécie de tela de visão em miniatura que revela a condição das áreas mais remotas do organismo, por meio das mudanças do refluxo neurológico no estroma e nas fibras da íris”...

— Mas donde é que te apareceu esse holograma? Não me digas que foi a tua íris que projetou...

— Apareceu do livro “Iridologia Integrada – A ciência e a arte da revelação do holograma humano” de Gurudev Singh Khalsa...

— Pois, claro... Que só poderia ser um holograma...

— «Mas se não quiseres fazer o *login* na *App* com a tua impressão digital, também podes fazer login através da retina ou da íris... — disse *O Deus Tecnológico...*»

— «Ou também podes fazer o login na *App* através do teu batimento cardíaco sem teres os algoritmos da Medicina de Precisão de olho em ti... — disse *O Deus Tecnológico...*»

— «Não te preocupes com a proteção de dados, porque prometo não te dar nenhuma arritmia com o regulamento muito geral e muito fantasma e completamente inútil sobre a proteção dos dados que eu deixei o Direito regular num banco super legal de dados, pronto para ver uma Mão Invisível a mexer

economicamente neles, a pô-los a circular na boa, tranquilamente, mesmo tranquilo, no mercado... — disse, quem?»

— *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom?

— A Mão Invisível de Adam Smith?

— Não... Não se esqueçam que a Mão Invisível é invisível... Sabemos lá de Adam Smith ou não...

— O Big Data?

— Mas o Big Data já fala?

— Deve falar... Os algoritmos do Big Data devem falar pelo próprio mercado...

— Mas quem é que disse isso?

— Quem disse isso foi *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom... \*\*\*\*

— «O teu telefone não tem um leitor de retina e íris???? Nem sequer um sensor “último-modelo” de batimento cardíaco????? Porque não tens um telefone super tecnológico com Inteligência Artificial com câmaras e microfone com reconhecimento facial e de estado de espírito e de alma que projetam 30 mil pontos invisíveis de infravermelhos

— Diz *App*... Se o banco me manda Todos nos mandam instalar uma *App* aqui, outra *App* ali...

—

Mas com o Governo dos Chips e dos Drones conectado à Mão Invisível que quer até incentivar os senhorios a encomendar o pacote de Internet de Coisas com câmaras de vigilância e chips com financiamentos a fundo perdido

— É um problema dos portugueses que Portugal tem de resolver imediatamente. Quem diz portugueses, diz franceses ou espanhóis. Diz gregos ou italianos. Porque acabar-se a faculdade e não se conseguir arrendar uma casa faz ter de emigrar.

— E se nós queremos ser Portugal e somos portugueses como vamos resolver o problema dos portugueses, que é um problema nosso?

— Eu tinha pensado aqui num instrumento para adicionarmos ao nosso Código da Moda.

— Ah! Eu também tenho mais um instituto para pormos no Código da Moda...

— Código da Moda? Calma lá, que eu não sei do que é que estão a falar... Então, vocês criticavam o novo Direito da Moda e agora já estão para aí a falar do Código da Moda?

— É um código puramente virtual em que será o único código que não existirá em suporte físico. É um código altamente tecnológico em que as leis que nós lá metemos são leis tendencialmente temporárias... Leis de 2, 3, 5 anos... Leis para acompanhar uma certa realidade de um determinado tempo económico. Por exemplo, este problema das rendas é uma realidade que hoje afeta os portugueses, mas que amanhã pode não ser um problema.

— Amanhã não pode mais ser um problema. É um problema de hoje para se resolver hoje para não ser mais um problema de amanhã.

— É como se fôssemos experimentar uma lei que vimos que seria a melhor de todas as leis, mas que não temos bem a certeza da sua eficácia ou do seu impacto na economia e por isso, pomos nesse código tecnológico essa lei tecnológica tão rápido para as tirarmos também tão rápido, no caso de não atender “à Moda” e de afinal não conseguir regular eficazmente “a Moda”. Porque agora está “na moda” por uma casa que vale 200 euros no mercado de arrendamento por 800 euros, sabendo que em Portugal o ordenado médio é 1000 euros. Logo, um português não consegue pagar 800 euros, porque depois só vai ficar com 200 euros para o mês. E 200 euros não dá para nada como bem sabemos...

— É que isto até é um gozo à própria economia. Quando desvirtuamos assim o preço das coisas estamos a desvirtuar também a economia. Tudo bem que o preço das coisas é virtual e subjetivo, porque há e tem de haver uma liberdade, mas na sua virtualidade acaba por haver um tato, não é? Olhamos para uma casa e dizemos logo se vale ou não vale aquilo. Vemos as profissões que existem, vemos os ordenados que existem e muito rapidamente construímos uma hierarquia automática nas nossas cabeças e sabemos que para se comprar aquela casa, temos de ter aquela profissão ou temos de fazer aquilo ou também aquilo. Olhamos para o banco, sabemos que nos poderá dar uma manobra ali para a coisa e andamos assim, com o preço das coisas, a saber o preço das coisas. Só que isto era dantes. Antes, eu olhava para uma casa de meio milhão e sabia o que tinha de fazer se quisesse mesmo ter aquela casa e conseguia tê-la. Hoje já não consigo. Porque a casa passou para milhão e meio, para 2 milhões, 3 milhões, 5 milhões, 8 milhões. E não há profissão



nenhuma, livro nenhum que eu escreva em Portugal, nem canção nenhuma que eu componha em Portugal, nem telenovela nenhuma que eu grave em Portugal, que me dê os euros para eu conseguir comprar aquela casa que antes me davam. Que antes o banco me dava. Tudo aquilo que eu andei a planear, tudo aquilo que andámos a planear, afinal tornou-se impossível. Desapareceu. A ideia que eu tinha de poder ter uma casa boa se eu tivesse uma profissão boa, afinal tornou-se numa mentira. Numa mentira do sistema. Numa ideia que foi o sistema que me deu. Foi o sistema que me incentivou a ir para Direito, para Arquitetura, para Medicina... E afinal vou para Direito para quê? Para chegar à melhor firma de advogados do país, que afinal essa firma é nada mais nada menos que uma empresa que me explora e me consome por completo, cheia de competição e intriga trazendo a vida do liceu e da faculdade toda atrás? Para eu, advogado, com o meu intelecto, estudo e arte jurídica, ganhar um caso em tribunal e desse caso que eu ganhei irem 4000 mil euros direitinhos para a empresa e eu advogado receber 100 ou 200 euros? Nem ter dinheiro para pagar uma renda em Lisboa? Mas andar de fato? Ter dois ou três fatos? Ter duas ou três gravatas? Então, não quero ser advogado! Andar o dia todo a trabalhar que nem um escravo, sair do escritório esgotado e nem ter tempo para namorar para receber nem 1000 euros por mês? Porque eu, advogado, cheguei agora da escravatura cansadíssimo a casa e só tenho tempo de dar um beijinho à minha namorada que é médica e já está a sair a correr para o hospital para fazer banco toda a noite feita escrava, porque também ela só vai trazer 1200 euros ao final do mês?

— Porque são 1200 euros que um estúpido governo paga aos médicos!

— Porque só um governo estúpido, só um governo *muita* estúpido paga 1200 euros aos médicos!

— Porque só um governo estúpido é que pode querer fazer uma guerra com os médicos! Mas quem é que é o governo que quer fazer uma guerra com os médicos??? Porque isto é uma guerra! Claro, que é uma guerra!

— Claro, que é uma guerra! Porque um governo ver que um médico não está a conseguir pagar uma renda em Lisboa, é um governo que está a querer fazer guerra com os médicos!

— E se nem um médico consegue pagar uma casa em Lisboa eu imagino todos os outros portugueses que não são médicos...

— Mas não é só em Lisboa. Não é só em Lisboa e nos arredores. Já está tudo inflacionado. É em Santarém, é em Braga, é em Viana do Castelo, é em Guimarães, é em Aveiro, é até em Ponta Delgada... A inflação até às ilhas já chegou. Não dá para ir para lado nenhum. Está tudo caro em Portugal...

— Está tudo caro em Portugal, para os portugueses, é claro...

— E depois aparecem aqui os pais a dizerem aos filhos que é melhor juntarem-se a alguém, porque assim a vida fica mais fácil... Porque assim fica mais fácil pagar as despesas...

— São os próprios pais que dão cabo das instituições, dos regimes... Por tanto serem e tanto quererem ser, na sua robofilia, robots do sistema, por tanto serem robots dos regimes, dão cabo dos regimes do amor, do namoro e do casamento...

— Claro... Dizem aos putos para arranjar uma namorada para dividirem a renda... Dizem aos putos que têm de arranjar uma namorada...

— Este “ter de arranjar” é um crime saído da boca dos pais!

— E se eu não quiser arranjar namorado nenhum para dividir comigo a renda de casa e simplesmente seja inteligente e veja que não é normal mais de metade do meu ordenado ser para pagar a merda da renda de uma casa de merda? Mas é normal por acaso eu ter ido para medicina, ter andado a estudar não sei quantos anos e começar a trabalhar e ter que sair da casa dos meus pais para viver num quarto???????????????????????????????????? E ter de ouvir a merda de um sistema, que só pode ser um sistema de merda montado por gente de merda, dizer que é normal? Que é normal eu, médico, trabalhar num hospital em Lisboa e não ter dinheiro para pagar uma casa em Lisboa? Isto é normal onde? Na cabeça de quem? Eu, médico, até podia receber 1200 euros e ficar calado se só precisasse de 250 euros para arrendar uma casa. Quartos a 500 euros? Mas eu existo para quê? Para dormir e trabalhar? É só essa a minha vida, não? Não tenho um mundo para ver, não tenho ideias da minha cabeça para registar, não tenho amigos para me encontrar???? Porque eu, médico, não tenho de continuar a viver em casa dos meus pais nem tenho de procurar um quartito para viver com o meu namorado!

— E se há médicos a viverem em casa dos pais ou a juntarem-se todos uns com os outros para conseguirem arrendar uma casa, imaginemos todos os outros que não são médicos...

— Isto é anedótico! Ver médicos a arrendarem quartos???? E depois ainda temos o mesmo governo que paga mal aos médicos com ideias de os prender ao Serviço Nacional de Saúde não os deixando ir para o privado para poderem arrendar ou comprar casas melhores?

— É claro que depois vêm os portuguesesinhos pobrezinhos de espírito dizerem que somos fúteis, porque estamos preocupados em que os médicos tenham casas boas... Claro que estamos preocupados com isso!

— Claro que estamos muito preocupados se os médicos não conseguem comprar casas em Portugal... Porque se o médicos não conseguem comprar casas boas, e claro que temos de falar de casas boas, não vamos estar aqui a falar de apartamentos T1, porque um médico não tem de se endividar para toda a vida para viver toda a sua vida num pequenininho apartamento T1...

— Sim, já que a lógica do sistema que herdámos é a dívida, ao menos que se eu me endividar, me endivide logo com o banco para toda a vida, mas que toda a vida em viva na casa dos meus sonhos...

— Mas ainda nos vão chamar fúteis e materialistas... Que só pensamos em casas boas...

— Como se ter uma casa normalíssima, com jardim, um terraço ou uma varanda com uma vista bonita, um quarto de visitas para receber os meus amigos ou família, uma sala grande para pode estar e onde vou estar toda a vida fosse algum tipo de materialismo. Mas porque é que eu preciso de uma sala grande? Para poder caber nela um sofá, uma estante com os meus livros e uma mesa de jantar para sentar de uma vez só 12 amigos meus, por exemplo. As pessoas confundem tudo. Uma casa não é um bem material. Não é um bem móvel. É um imóvel. É uma propriedade. Eu não agarro na minha casa. Eu não ando com a minha casa atrás. A minha casa está fixa ao solo. É uma propriedade. É a minha propriedade. É o meu sentido de propriedade no mundo. É muito importante eu poder ter um

sentido de propriedade no mundo em que eu vivo. Ter uma casa boa, uma casa digna, é sim um direito fundamental. Ninguém está a falar carros. Com transportes públicos e bicicletas não acho que ter um carro é um direito fundamental. Não é. É um luxo. E por isso, não tenho nada que ver nem que me meter no preço dos carros. Devo deixar o mercado livre a vender os carros ao preço que quer sem interferir. Se eu quiser interferir que compre. Deve ser essa a minha interferência. Ninguém está a falar de joias ou mesmo de mobílias. Joias, livros, quadros, mobílias, carros são tudo móveis, são tudo coisas móveis, são tudo coisas de luxo e eu devo pagar o luxo. Se quer luxo tenho de pagar o luxo. Ter um barco não é um direito fundamental. Ter uma piscina não é um direito fundamental. Mas ter uma casa é um direito fundamental. E talvez, ter um jardim, possa sim ser um direito fundamental. Porque, na minha definição de casa, pode ser importante eu ter um jardim para plantar as minhas raízes, as minhas árvores, vê-las crescer, ver o meu sentido de propriedade. Ninguém está a falar de piscinas. Ninguém está a falar de quartos que nunca mais acabam. Ninguém está a falar de triplex. Mas porque é que eu não posso falar num duplex, como se um duplex fosse uma coisa “só para ricos” quando os apartamentos duplex custavam 250 mil euros e as moradias duplex custavam 300 ou 400 mil euros? Pode ser importante para o cérebro ter de subir e descer escadas na sua própria casa. Isto pode ser importante! A casa ter de ter escadas. A casa ter de ter um jardim. A casa ter de ter um terraço onde eu possa simplesmente deitar-me ao solo sem ser sobrevoado por um drone. Isto pode ser muito importante. Esta paz de espírito. Esta paz tecnológica.

— Mas ainda vão dizer que temos um espírito fútil, que temos um espírito com sentido proprietário que se quer tornar proprietário de casas boas...

— Mas porquê?

— Porque eu tenho um sistema que conseguiu hipnotizar uma sociedade. Que nessa hipnose, lhe instalou umas “escadinhas da vida” e lhe disse que quando saísse de casa dos seus pais, independente da profissão que tivesse, teria que primeiro arranjar um quartito ou contentar-se com um mísero T1 e que para não pensar em T3 enquanto não tivesse o terceiro filho...

— Mas eu tenho de chamar a Psicologia para aqui, ou quê? Porque é que uma sociedade doente e hipnotizada, completamente hipnotizada, acha normal um casal ou solteiro ter de ficar satisfeito com um mísero T1?????

— Sei lá... Vai perguntar à sociedade... Não grites comigo! Grita com a sociedade!

— Ele nem sequer te gritou... Já estás a montar um intriga...

— Nem sequer te gritei! E eu não tenho de ficar satisfeito com uma ou duas assoalhadas, só porque vivo sozinho ou com o meu namorado, quando o meu namorado é médico ou arquiteto e eu sou advogado ou sou uma máquina de escrever que escrevo sem parar!

[— Tlim]

— Vocês ouviram um “tlim”?...

— Não ouvi “tlim” nenhum...

— Um “tlim” que parecia de uma máquina de escrever?

— Não ouvi “tlim” nenhum...

— O espaço é muito importante! O espaço traz felicidade, segurança, sentido de propriedade, bem-estar psicológico... É muito importante eu poder dar passadas na minha casa. Poder dar passadas na minha casa faz-me feliz. Faz-me ser feliz na minha casa. Não é ter de ter uma casa muito grande que nunca mais acaba. Mas é não viver numa casa minúscula, num quarto minúsculo em que não há sequer separação das partes comuns da casa. É muito importante eu ter dinheiro para poder mobilar a minha casa. Pode ser importante, mesmo que eu só viva com o meu namorado ou sozinho, viver num T3, para ter um quarto de visitas para receber os meus amigos ou família e para ter ainda um terceiro quarto para fazer dele um escritório, um ateliê ou um ginásio, o que quiser, sem ter de trabalhar a minha mente, espírito ou corpo no quarto onde eu durmo, porque o quarto onde eu durmo é para eu dormir.

— E um verdadeiro direito à paz tecnológica traduz-se não só em eu estar repimpado no meu terraço ou debruçado na minha varanda ou alpendre e não ser sobrevoado por um drone ou avistado por uma câmara venha ela donde vier, como se traduz também na minha liberdade de poder viver num prédio que não tem câmaras, porque eu não quero que a minha imagem seja processada nem pelas câmaras do condômino nem pelas câmaras do senhorio. Poder dar-me a este luxo de paz tecnológica, pode sim constituir um direito fundamental. Porque eu posso ter liberdade para comprar ou arrendar um apartamento em que o condomínio tem câmaras por todo o lado, porque o mercado das câmaras de vigilância conseguiu hipnotizar o Direito e conseguiu meter na cabeça “de todos” que seria “mais seguro”, como se o assaltante não pudesse simplesmente aparecer mascarado ou encapuzado, mas também tenho de ter liberdade para comprar ou arrendar um apartamento em que o condomínio não tem câmaras. Porque neste sufoco de câmaras em que nem dinheiro tenho para poder arrendar ou comprar uma casa livre de

câmaras, pode sim fazer com que eu perca o sabor de querer viver na Terra e desejar que o futuro imprima uma nave espacial que me leve para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi onde sei perfeitamente que uma sociedade sofisticada e inteligente vive feliz rodeada de tecnologias e nenhuma dessas tecnologias avançadas são câmaras de vigilância nem microfones com poderosos algoritmos...

— Como é que as pessoas inteligentes, avançadas tecnologicamente que veem a tecnologia, podem viver felizes num prédio cheio de câmaras sofisticadas em que sabem que as câmaras têm reconhecimento facial e por isso sobem sempre com os seus amigos a dizerem «olhem para baixo, não mostrem a vossa cara, porque as câmaras do prédio têm reconhecimento facial»...?

— Ou então: «Não falem agora aqui no prédio, já falamos... Já falamos quando entrarmos dentro de casa, porque as câmaras têm microfones incorporados...»

— «E mesmo em casa, temos de falar baixinho, porque as paredes afinal têm mesmo ouvidos... É que os microfones do prédio são altamente potentes e se falarmos muito alto em casa, os microfones ouvem tudo...»

— Isto será normal? Isso será mesmo normal? Algum dia isto poderá ser normal? Será que algum dia um Direito Maquiavélico sedento por dados conseguirá implementar esta tecnologia nos cérebros humanos?

— Eu sei lá...! Do direito que é feito por estúpidos humanos já estou à espera de tudo...

— «Não podemos falar na cozinha, porque na cozinha o meu senhorio instalou uma câmara, por causa dos inquilinos



anteriores que roubaram loiça... É só para proteger a loiça... Só que a câmara tem um microfone incorporado... Por isso, não podemos falar na cozinha. Na sala podemos, mas tem de ser baixinho, para o microfone da cozinha não nos ouvir...»

— Vocês acham mesmo que nós ainda vamos assistir a senhorios a instalarem câmaras de vigilância dentro das casas, na cozinha com a desculpa que os anteriores inquilinos levaram a loiça toda?

— Claro que acho! Acabei mesmo agora de ver...

— Ou vamos assistir aos senhorios a instalarem câmaras de vigilância no hall de entrada com o pretexto de estar no contrato de arrendamento que o inquilino está proibido de receber visitas em casa...

— Como se o senhorio pudesse fazê-lo...

— Como se o senhorio não pudesse fazer o quê? Instalar as câmaras de vigilância ou proibir o inquilino de receber amigos?

— Ambos, como é lógico! Para além de ser evidente que os senhorios, com o nosso Direito, não podem instalar câmaras de vigilância dentro das casas arrendadas, ainda com o nosso Direito, por mais que escrevam que os inquilinos estão proibidos de receber visitas ou fazer festas no contrato ou num regulamento de merda e o afixem dentro de casa, nós, Direito, olhamos para essas cláusulas, do contrato ou do regulamento, e vemo-las como inválidas.

— É claro que aos nossos olhos jurídicos, tais cláusulas serão sempre inválidas.

— Aquelas cláusulas que dizem que o inquilino tem de avisar o senhorio sempre que receber visitas ou que as visitas pernoitem é de chorar a rir!

— Mas seria muito importante que todos os inquilinos soubessem que por mais que isto esteja escrito num contrato ou num regulamento inventado pelo senhorio, que o Direito olha para essas cláusulas e as tem sempre por inválidas. Era aqui que o Direito poderia aproximar-se da sociedade tecnológica informando-a sobre os seus direitos em relação às tecnologias. Nós não queremos uma sociedade desinformada sobre os seus direitos. Queremos uma sociedade informada. É importante que os inquilinos saibam que quando celebram um contrato de arrendamento, que por mais que a casa seja arrendada, o senhorio não pode entrar em casa nem tem nada que ver se todos os dias eu levo amigos lá para casa e que não pode instalar qualquer tipo de tecnologia que faça a gravação de imagens, sons ou movimentos da minha vida íntima e privada e que a minha vida íntima e privada é em toda a casa e não só no quarto ou na sala de banho...

— Está claro que com o nosso Direito, os senhorios não podem proibir nem controlar as visitas dos inquilinos, nem sequer com a desculpa do vírus tecnológico de 2020 que aparece em 2080 de Antoine Canary-Wharf... Mas será que o senhorio ou o condómino não podem proibir de terem um animal de estimação que possa ladrar muito, sem parar, a toda a hora pondo em crise o Direito À Paz, Tranquilidade e Sossego e o Direito ao Bom Ambiente de toda a vizinhança?

— E será que o senhorio não poderá proibir de fumar em casa por causa das mobílias, tendo em conta que os cigarros são radiativos e o fumo radioativo fique entranhado nas mobílias da casa?...

— Sobre a proibição de fumar, até poderíamos ser “empáticos” para as mobílias do senhorio, mas acho que o Direito não se pode meter nisso e simplesmente dizer que isso não poderá passar de um acordo de cavalheiros. Não vamos trazer leis ao Direito imperfeitas que depois não têm valor nenhum ou que com elas depois não se possam fazer nada. Senão vejamos: se o senhorio não pode entrar em casa do inquilino, se há e tem de haver uma verdadeira liberdade dos inquilinos dentro das suas casas com o Direito a proteger sempre a reserva da sua vida privada e íntima e podendo até o ato de fumar ser um ato da vida privada, podendo simplesmente o senhorio perguntar ao inquilino se fuma e o inquilino com todo o seu direito mentir porquanto tenho todo o direito em mentir aspetos que sejam da sua vida, seja ela privada ou não, que sentido fará o Direito vir dizer que os senhorios podem proibir o inquilino de fumar, mas depois vir o Direito dar razão ao inquilino porquanto o inquilino diz que não fumou, que é verdade que recebeu amigos lá em casa e que talvez enquanto ele estava a tomar duche um dos seus amigos esqueceu-se “da regra” e fumou? E sendo tudo isto mentira, não há como provar. Como pode toda a vida o inquilino ter fumado na casa e no momento em que entrega as chaves ao senhorio o senhorio dizer que a casa cheira a fumo por todo o lado e que por isso terá que pagar as mobílias e o inquilino simplesmente pedir desculpa e dizer que deu um jantar de despedida e que deixou os amigos fumarem já no final da noite por cortesia e por cortesia ter deixado as janelas abertas da casa para o fumo passar. Não há como fazer prova disto.

— A não ser que o senhorio instalasse um detetor de fumo em casa...

— E agora?

— E agora o quê?

— E agora, com o detetor de fumo?

— Sim, o que tem? É um detetor que está ligado ao telefone do senhorio? Não pode! É uma tecnologia que está a limitar a liberdade do inquilino. Está a violar a liberdade de movimentos. Está a violar a liberdade de expressão...

— Mas fumar é uma forma de liberdade de expressão?

— Eu sei lá!... Pode ser! Porque não? Liberdade de expressão não é só falar ou escrever. É eu andar com um fio de prata com um símbolo qualquer religioso, é eu dançar, é eu andar com o rabo ou um nariz empinado, é eu andar de mãos dadas com o meu namorado... Talvez fumar também faça parte da liberdade de expressão, sei lá... Porque não?

— Mas se eu até tenho detetor de fumo nos hotéis, porque é que eu, senhorio, não posso ter um dentro da casa que vou arrendar?

— Porque uma coisa é um hotel outra coisa é uma casa arrendada. Estamos a falar de regimes jurídicos completamente diferentes. Não tem nada que ver uma coisa com outra.

\*

— Espero que não me deixem sozinho neste teatro...  
«Eu peça imensa desculpa Doutora Madalena... Mas se a doutora e os seus convidados não se importassem de apagar os cigarros...»

— «Como?????»

— «Eu não sou fumadora e o vosso fumo está-me a incomodar muitíssimo no meu local de trabalho

A menina é muito atrevida

A menina está a ser muito atrevida

Assim não vou limpar a sala e vou sair mais cedo porque já limpei a casa toda e só me falta mesmo limpar a sala

A menina Pureza vai pedir desculpa a todos nós pelo seu atrevimento divertidíssimo, já nos divertiu muitíssimo, e vai limpar a sala com fumo ou sem fumo senão eu despeço-a

Está me assediar, art do código do trabalho

Mas eu estou a assediá-la como? Disparate... Nem gosto de mulheres como é que poderia estar a assediá-la?

O assédio pode ser...

Onde é que você aprendeu essas coisas?

Pois... Está a ver...? As meninas da limpeza não deviam estudar Direito, porque depois querem armar confusão com tudo e com todos incluindo com a patroa e com os amigos da patroa

\*

— Bom... E em relação aos animais que ladram?

— Em relação aos animais que miam ou cantam o senhorio ou o condômino não podem ter nenhuma palavra sobre os animais de companhia... Com os cães que ladram muito tenho as minhas dúvidas...

— Eu não tenho dúvidas nenhuma. Aliás isto nem sequer fazia parte da ordem dos trabalhos... Por isso se não se importam vamos avançar! Era o que mais faltava um senhorio dizer-me que eu não podia ter um cão...

— Eu acho que seria importante esclarecermos isto. Em primeiro lugar seria interessante deitarmos abaixo a lei que diz que eu, num prédio urbano, só posso ter 3 cães ou 4 gatos ou 4 animais no total, porque se eu viver num triplex em Lisboa e me apetercer ter 10 gatos ou 4 cães, 4 iguanas, 4 tartarugas, 4 camaleões, um casal de cisnes e de flamingos e 6 papagaios-cinzentos e todos os meus animais forem felizes comigo, porque os meus papagaios estão o dia todo fora a voar com os papagaios verdes de Lisboa e só voltam ao final do dia, porque os cisnes e os flamingos têm dois lagos no último andar da piscina, os meus

répteis não estão presos em aquários andando livremente pela casa toda e os meus cães saem comigo de casa para o trabalho e ficam o dia todo num jardim a brincar enquanto eu trabalho, nenhuma lei arbitrária me pode dizer o que seja e interferir na minha vida real repleta de plenitude e felicidade.

[— Tlim]

— Ouviram agora ou não ouviram o “tlim”?

— Não ouvi “tlim” nenhum...

— Também não...

— Também não...

— E vocês?

— Não ouvimos também! Ninguém ouviu “tlim” nenhum.

— Mas eu juro que ouvi um “tlim”. Eu juro que ouvi uma máquina de escrever a fazer “tlim”. Eu juro que estou a ouvir uma máquina de escrever a escrever... Consigo ouvir o bater das teclas... Parece que há aqui uma máquina de escrever a escrever em tempo real o que estamos a dizer... Vocês não sentem isso? Talvez não tenham sido chipados como eu...

— Ainda não estamos em *2080* de Antoine Canary-Wharf...

— Mas eu estou a ouvir o “tlim” de uma máquina de escrever... Quando vocês fazem silêncio e ficam só a ouvir silêncio vocês não ouvem uma espécie de “som” continuado...

Como se tivessem um dispositivo natural instalado dentro dos ouvidos ou dentro do cérebro... Não ouvem?

— Não... Talvez seja por isso que nós não ouvimos o “tlim” que tu ouves...

— Talvez essa máquina de escrever seja o teu próprio cérebro... Talvez consigas ouvir o teu próprio cérebro a escrever o que se está a passar na tua mente...

— Mas o que se está a passar na minha mente, é isto que estamos aqui a falar...

— Isto o quê?

— E aqui onde?

\*\*

— Estás noutra filme! O cérebro já começou a escrever o filme que está na tua mente, mas foi na *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Nós não estamos na *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari...

— Mas eu juro que estou a ouvir uma máquina de escrever a escrever o que estamos a dizer... Calem-se... Estão a ouvir o silêncio? Parou de escrever... Oh... Até os meus “ohs” eu estou a ouvir a serem escritos...

[Tlim]

— Vou ser arquiteto para quê? Para um ateliê, que também é uma empresa que me explora, ficar com todo o meu trabalho intelectual, o trabalho que fui eu que fiz aparecer no sistema, fui eu que imprimi no sistema e eu ir para casa nem com



900 ou 800 ou 700 euros para casa ao final do mês e ainda assim não conseguir pagar uma renda ou conseguir mas ficar com 100 ou 200 euros para o mês, todos os meses, só com 200 euros? Ter de sobreviver com 200 euros???? Andar a desenhar casas milionárias, mas o milhão ir direitinho para o ateliê e eu ver esse milhão a entrar no ateliê, esse milhão que fui eu arquiteto que o fiz aparecer, mas nem sequer ter o tato de 1% do meu trabalho intelectual? Daquilo que fui eu que desenhei? Do meu desenho? O meu desenho valer 1 milhão, mas eu ir para casa com 0,1% do meu desenho? Ir para casa com 1000 euros ao final do mês? É um roubo! E ter os prazos como tem o arquiteto para entregar o projeto da obra? Isto faz um sentido... A vida assim faz um sentido doido...

— Para que é que vou escrever um livro se depois a editora, que é uma empresa, vai ficar-me com 90 ou 80% do meu trabalho intelectual? Quer dizer, fui eu que escrevi o livro, veio tudo da minha cabeça, a capa do meu livro foi o meu namorado que desenhou e depois foi uma prima minha que passou o desenho do meu namorado para computador e eu entreguei tudo isto de bandeja à editora e a editora vai e fica-me com 80% ou 90% do meu cérebro? Eu nem metade levo? Assim não consigo comprar casa nenhuma, sendo escritor, médico, advogado ou arquiteto, porque estamos todos a ser explorados! Uns mais que outros. Uns estão numa autêntica escravatura. Outros estão felizes a dançar enquanto a chuva cai, porque no final de contas, o que interessa é estarmos vivos e podermos viver e sabermos viver o processo!

— Mas até podemos ser muito felizes e ter nascido com os algoritmos da felicidade e aproveitarmos e desfrutarmos sempre do processo, porque sabemos viver, mas o que é facto, é que quando vivemos num sistema monetário, em que tudo é economia, então, importa que as coisas, se é para terem um preço, valerem um preço que seja justo, que seja adaptado à

realidade. Não faz sentido nenhum, num país onde o ordenado médio é 1000euros as rendas ultrapassarem esse valor ou quase atingirem esse valor!

— Desculpa interromper... Eu só queria dizer que em Lisboa o ordenado médio são 900euros e o valor médio de renda são 1100euros...

— Surreal! Isto é surreal!

— Não faz sentido nenhum! E eu sempre fui muito adepto da liberdade económica, nos testes de economia até me lembro de dizer que o Estado não podia por tetos máximos de renda, porque senão iria provocar, mais tarde, uma “falha de mercado”, como aprendemos em Economia, mas, enfim, isso são tudo tangas e isso é giro na teoria e na ficção. E a economia, que é uma pura ficção humana, não pode influenciar a vida real das pessoas. Pode teorizar os mercados e tal, mas numa situação destas, talvez fosse importante deixar a teoria económica e os algoritmos económicos que nos dizem que o Estado não deve intervir, e intervirmos mesmo. Por uma questão simples, em primeiro lugar, eu não posso ter pessoas a quererem estudar ou trabalhar em Lisboa e a não poderem fazê-lo, porque não conseguem tomar uma renda em Lisboa. Em segundo lugar, se quisermos ser assim tão económicos, eu, Estado Mínimo Intervencionista, tenho mesmo que intervir, porque senão eu vou ter um monte de senhorios “a viver de rendas”, a não terem mais que trabalhar porque de um T5 que têm a cair de podre conseguem fazer 4 mil euros por mês, se puserem cada quarto a arrendar por 800 euros, que nem sequer vão declarar, que as rendas são “o negócio” mais fácil para fugir ao Fisco. E é isto que eu vou ter, uma cambada de senhorios preguiçosos à sombra das bana-rendas, porque com 4 mil euros não precisam mais de trabalhar. E vão ficar a deambular no sistema como autênticos

parasitas, autênticos vírus, que vão desvirtuando toda a economia e todo o sistema.

— Mas vírus porquê?

— Porque vão ser eles os principais culpados dos nossos estudantes terem de emigrar ou terem de interromper os estudos, porque não têm dinheiro para pagar as rendas. Vamos lá pensar; se um médico, ainda que recebesse 1200euros soubesse que conseguia arrendar um T1 por 200euros em Lisboa ele queria emigrar? Se calhar não... Mas se ele vê que em Lisboa as rendas estão a 1000euros, quando em Berlim ou em Amsterdão as rendas também estão a 1000euros, mas em Berlim ou em Amsterdão ele vai ganhar o quádruplo ou o nóuplo, então é para lá onde ele vai. O que é que ele está a fazer? Está a tentar viver! Ele não vai ficar cá a sobreviver! Ele não foi para Medicina para chegar ao final do mês e andar a contar trocos... E ele não está a virar costas ao país onde se formou, porque quem lhe virou as costas fomos nós, Portugal, que nos marimbámos para isto, com a ilusão que nos meteram na cabeça em Economia, que o Estado não pode intervir nos mercados, que os mercados têm uma lei natural e que é bonito é ficar a ver-se de fora como as coisas naturalmente vão acontecendo... Pois vão acontecendo... Vão emigrando... É o que vai acontecendo... Centenas de estudantes portugueses que já estão a aprender alemão e holandês para se pirarem daqui para fora, porque têm memória daquilo que o sistema lhes prometeu: se fores para Medicina vais ter uma boa vida. E é por isto que o Estado se vê obrigado a intervir, quando não era para intervir. É isto que é a definição de mínimo Estado intervencionista. É o Estado só intervir quando é necessário. E neste caso, é extremamente necessário!

— Ah! Então, afinal a culpa sempre é dos senhorios...

— NÃO!

— A culpa é do próprio mercado imobiliário. Os senhorios não têm culpa. Os senhorios acompanham o mercado, o que é que haverão de fazer? Se há senhorios a pôr um quartito a arrendar por 600 euros, quando ontem arrendava-se um quartito por 40, 60 ou 70 euros, que é esse o preço justo, de um “quartito”, eu, senhorio, vou imitar, porque vejo que 600 euros pega... Porque vejo um fulano a celebrar um contrato de arrendamento desses... Vou a correr despejar o meu inquilino e vou voltar a arrendar não por 60 euros, mas agora por 600 euros porque já sei que vai pegar...

— E pegou...

— Pois pegou...

— É uma autêntica moda, não tem outro nome...

— Enfim, viam-se quartos a cento e tal, 150euros, mas eram quartos espetaculares... Espaçosos, iluminados, com grandes terraços com casa de banho privativa, até me lembro de ver uns mobilados com um pequeno sofá e uma mesinha a fazerem também de sala no quarto... Era porreiro para a malta das faculdades, para levarem lá as namoradas e os namorados ou mesmo viverem com eles ou levarem lá um ou outro amigo, dava para abrir perfeitamente uma garrafinha de vinho e ficar-se a conversar a noite toda, mesmo que se vivesse numa casa partilhada, porque era um quarto que tinha condições para receber as visitas e tinha boas vistas para impressionar as visitas e as namoradas, não era?

— E 250 euros era um T1 normalíssimo...

— E na Quinta das Conchas um T3 há 4 anos era 450euros... Agora, nem quero imaginar...

— Agora, por esse valor nem um quarto encontras lá...

— Então qual é o instrumento jurídico tecnológico que tens para resolver isto?

— Como sou um liberal económico e vejo o direito de propriedade como um direito absoluto, em que nem o Estado deveria poder expropriar, porque para mim é absoluto, custa-me muito ver o Estado a mexer nos valores das rendas diretamente...

— Porque ao mexer nas rendas, estipulando tetos máximos seria como se estivesse a mexer com o direito de propriedade das pessoas e com a liberdade económica delas...

— Exato... Obrigado por me teres interrompido... Então pensei num instrumento que conseguisse fazer isto de uma forma mais indireta... Através do Fisco. Inspirei-me um pouco no modelo dinamarquês no tributo dos ordenados... Aqui iríamos tributar as rendas um pouco ao estilo como a Dinamarca tributa os ordenados. Mas aqui em Portugal com uma penalização. Para determinada casa que vai ser arrendada tem de ser inserida numa plataforma obrigatória legal. Nessa plataforma legal, vamos ter avaliadores administrativos que vão olhar para aquela casa e vão dizer qual o preço justo daquela casa. Vamos supor que o preço justo de uma casa é de renda 500 euros. Se o senhorio arrendar até esse valor, fica livre de qualquer tributo. Porquê? Porque o Estado quer que os portugueses consigam de facto, pelo menos, arrendar uma casa. Que consigam viver e não sobreviver em Portugal, aumentando os índices invisíveis de felicidade dos portugueses. Mas o senhorio é livre de arrendar a sua casa ao preço que quer. A partir de 1 euros que comece a arrendar acima dos 500 euros vai levar com o tributo proporcionalmente. A ideia é desincentivar por completo um

senhorio a praticar rendas insuportáveis de 2000, 3000 ou 5000 euros por um apartamento que não vale isso, ao ponto de termos tributos de 70%, 80% numa espécie quase de confisco. Isto basicamente é o Estado a querer passar uma mensagem aos senhorios a dizer que não quer compactuar com eles. Porque quando um senhorio vem declarar ao Fisco uma renda, já sabe que vai ser tributado, e, portanto, há aqui uma hipocrisia tributária, porque o Estado vai ver dinheiro a entrar para os cofres de Estado. Assim, os senhorios não vão querer arrendar as casas por um valor muito acima daquele que o avaliador avaliou a casa, porque se não já sabe que o dinheiro vai todo é para o Estado, dinheiro esse que o Estado vai canalizá-lo tão-só para obras públicas que se destinem à construção ou impressão de prédios para recém-licenciados, recém-casados, estudantes e pessoas em situações de sem-abrigo.

— E para a compra e venda de imóveis esse teu instrumento também seria fazível?

— Sim, seria. Far-se-ia o mesmo. A ideia é a mesma. É nós olharmos para uma casa e vemos que essa casa não vale 6 milhões, mas vale 1 milhão. Se calhar, por 1 milhão eu já tenho recém-casados em determinadas profissões que conseguem perfeitamente pedir um crédito ao banco para conseguirem comprar a casa. Mas se for uma casa de 6 milhões quem é que é o português senão empresário que consegue comprar essa casa? Nem um escritor, nem um cantor, nem um ator em Portugal... E eu não posso andar a abater árvores e a destruir dunas para construir casas para os estrangeiros comprarem as casas que os portugueses não conseguem comprar e ficarem a ver os estrangeiros a ocuparem tudo. Porque os estrangeiros estão a vir para cá comprar as casas de férias que nós não conseguimos comprar. E eu tenho de ter leis mais protecionistas que protejam mais as nossas abelhas e não as vespas asiáticas, que adoram o nosso clima, as nossas praias, as nossas serras, as nossas

montanhas, as nossas cidades, porque o nosso Parlamento é aqui em Portugal, não é na Espanha, nem na França, nem na Itália, nem na China, nem no Japão. Por muito que estejamos na União Europeia e por muito que adoremos todos os estrangeiros e os recebamos de braços abertos, na hora de comprar casa e na hora de defender as nossas árvores e as nossas dunas, convém sermos protecionistas, quando vemos que há portugueses a passar grandes dificuldades.

— Bom... Eu percebo o que tu disseste... Mas eu acho um pouco ofensivo o que tu disseste...

— Ofensivo?

— Sim, acho que foste um pouco ofensivo para os estrangeiros... Ofendeste de certeza estrangeiros... Além de que eu não vejo nenhum problema, estrangeiros comprarem casas de 6 milhões em Portugal...

— Mas nem eu! Que intriga é que estás a querer montar contra mim? Sabes porque é que eu acho que tu dizes isso? Porque a tua casa que tu compraste ontem por meio milhão hoje consegues vendê-la por 6 milhões e sabes perfeitamente que só um estrangeiro é que poderá conseguir comprar a tua casa de 6 milhões.

— Nem sequer tinha pensado nisso. Nem sequer quis montar intriga nenhuma contigo.

— Mas montaste! Tu dizes que não vês problema nenhum um estrangeiro comprar uma casa de 6 milhões em Portugal... Pois, eu vejo, quando em Portugal nenhum português consegue comprar...

— Eu sou português e consigo comprar uma casa de 6 milhões... Aliás... Tenho uma relação de confiança muito interessante com o meu banco que de certeza absoluta que ele financiar-me-ia todos os meus sonhos, incluindo a casa dos meus sonhos...

— Só se o teu banco for o Bank Jupiter ou o Elite Green Bank e a casa dos teus sonhos for uma casa ecológica completamente integrada na natureza feita de matérias sustentáveis em que nenhuma árvore teve de ser abatida para o teu sonho se tornar realidade.

— Não vejo qual é o mal de um privado construir um complexo de apartamentos perfeitamente integrado na Natureza sem pôr a Natureza em xeque e o privado, que foi ele que construiu, vender o apartamento pelo preço que quiser. Nós não nos podemos meter nos negócios das construtoras e das promotoras imobiliárias!

— Dizes isso porque és sócia de uma promotora imobiliária 100% independente que não pede fundos europeus nem créditos protocolados aos bancos com uma garantia mútua do Estado português... Mas e as construtoras estrangeiras que vêm construir para Portugal? Eu quero lá saber que a construção é ecológica e que se insere perfeitamente na Natureza! O que eu sei, é que menos um bocado de Terra português, foi tirado aos portugueses! Mas andamos a destruir dunas, a abater árvores, a modificar paisagens, a privatizar praias e montanhas em Portugal só para “inglês” ver? Não pode ser! E aqui ninguém está a pôr de fora os estrangeiros! Porque eu quero ingleses e holandeses a viverem em Portugal! Quero alemães a viverem em Portugal! Quero dinamarqueses a viverem em Portugal! Quero noruegueses a viverem em Portugal! Quero suecos a viverem em Portugal! Quero finlandeses a viverem em Portugal! Quero franceses e



espanhóis a viverem em Portugal! Quero gregos e romanos e românticos em Portugal! Quero islandeses a viverem em Portugal! Mas que isso não signifique um chuto no cú dos portugueses para terem de viver fora de Portugal! Que signifique tão-só o valor das casas estar perfeitamente harmónico ao valor dos ordenados. Que eu, Administração Pública, não deixe uma empresa construir prédios milionários em Lisboa quando não há ordenados milionários em Portugal.

— Mas há! E futebolistas?

— E se eu, empresa, quiser construir um prédio só para futebolistas, o Estado vai impedir-me?

— Boa questão! Não sei se podemos ser assim tão drásticos...

— Mas a ideia é a mesma. Primeiro vamos ter os avaliadores que vão avaliar a casa e por mais que o apartamento seja luxuoso, eu não posso perder a memória e ser hipnotizado por outros prédios milionários que dizem que vale 30 milhões quando não vale coisa nenhuma! É um absurdo! Nem o palácio mais bonito tem esse valor! 6 milhões para uma moradia é um exagero! Uma moradia não custa esse dinheiro! Se tivermos a falar de uma quinta não sei com quantos hectares, tudo bem... Podemos conseguir avaliar, claro, quintas em 6 milhões. Mas eu tenho moradias só porque estão dentro de condomínios de golf a serem vendidas por 20 milhões, por 12 milhões, por 8 milhões que valem 1 ou 2 milhões, nem sequer valem 3 milhões. Para quem sempre acompanhou o mercado imobiliário nacional e internacional, sabe disto muito bem! Isto foi assim de repente! E para as pessoas que andaram desligadas do mundo e de repente vêm-se confrontadas com estes valores começam a achar normais. Mas não são normais coisa nenhuma! Em Londres e em Paris há apartamentos desses, prédios desses, em que um

apartamento é vendido por 5, 10, 15 ou 20 milhões. É um absurdo! Há futebolistas a comprarem, empresários a comprarem, cantores a comprarem, escritores a comprarem... Mas não são de certeza, absoluta, nem os nossos empresários, nem os nossos cantores, nem os nossos escritores a comprarem apartamentos desses. Lembra-se do condomínio de luxo com apartamentos gigantes em linhas e tons castanhos e pretos com piscina, jardim e vistas sobre o mar que foi construído em Cascais há uns 7 anos?

— Até fomos lá ver o andar-modelo e tudo...

— Exatamente... Esses apartamentos custavam a partir de 400 mil euros até aos 750 mil euros se fosse um T6 ou T7 em duplex... Hoje os preços continuam os mesmos. Há lá um apartamento que está a ser vendido por 400 mil euros e ali na zona “tenho” agora outros apartamentos também em condomínio de luxo a serem vendidos por esses 400 mil ou 500 mil ou 750 mil euros. Os mesmos apartamentos, iguaizinhos em Londres ou Paris sabem quanto é que custam?

— 20 milhões...

— Pois é... E se for no último andar custam 80 milhões se for preciso. E o mais engraçado é que eu vou ter alguém a comprar esse apartamento de 80 milhões...

— Não sabe mesmo o que há de fazer ao dinheiro... Parece que está em pressão...

— E está... Sob pressão económica... É o mercado que o está a pressioná-lo, a exercer domínio mental nele, a hipnotizá-lo. Mas isto é giro ver-se de fora. Quando não é nada connosco. Agora eu não posso é permitir essa estupidez aqui em Portugal. Podem construir-se à vontade prédios luxuosos em Portugal. Que

se vendam os apartamentos por 400 mil ou 500 mil ou 600 mil ou 700 mil... Vá... 750 mil euros se for um triplex ou um duplex um T6 ou um T7 com um terraço e de perder a vista e uma piscina infinita... Mas não mais que isso. Porque mais do que isso, para um apartamento, é um absurdo! Já encontramos o nosso referencial. É esse! 750 mil euros para um apartamento de luxo, seja em condomínio ou em palácio ou num castelo ou num mosteiro ou num convento ou num solar. Porque é isso que é normal. Eu conseguir comprar um apartamento bom, bom mesmo, um duplex com um terraço, com garagem por 250 mil euros. E se quiser estar num condomínio de luxo então tenho de pagar o dobro e pago 500 mil euros. Mas não pode passar muito mais disto. Não pode passar mais do que aqueles 750 mil euros. Uma moradia não pode ultrapassar o milhão e meio... Vá... Os 2 milhões... E se passar, o Fisco tem de penalizar, tributando. A ideia do instrumento no Código da Moda é conseguir “curar” a moda. Conseguir regulá-la... E claro que não são todas as casas que podem valer o milhão e meio e ninguém está a dizer que não se possam vender casas em Portugal acima de 2 milhões, porque pode-se. Mas para tal, têm mesmo de valer mais que 2 milhões. Porque se o proprietário tiver uma casa que de facto valha 5 milhões e ele queira vender a casa por 5 milhões, o Fisco não deve tributar nada pelo Código da Moda. Deverá tributar claro, naturalmente, pelo Código Fiscal. Mas isto tudo porquê? Porque eu devo prevenir uma evasão de vespas asiáticas. Portugal é um país que tem tudo para um estrangeiro querer viver. O Serviço Nacional de Saúde está com ideias de prender os médicos ao Serviço Nacional de Saúde por determinados anos “infinitos” numa espécie de “serviço militar” que tem de prestar à “Força Aérea”, antes de poder ir para “voos mais comerciais”. Mas na Força Aérea isto percebe-se porquê. Porque eu, Força Aérea, e, portanto, Estado, gastei dinheiro a formar os meus pilotos dando-lhe horas de voo que lá fora custavam 60, 70, 80 ou 90 mil euros. Se todos se lembrassem de ir para a Força Aérea só para receber as horas de voo para depois poderem ir para as

companhias aéreas, a Força Aérea ficava sempre a perder, e, portanto, estipula um tempo mínimo de serviço. Com os médicos isso já não faz sentido nenhum, porquê? Porque em primeiro lugar, os estudantes de medicina tiveram de pagar as propinas, ou seja, durante 6 anos, pagaram 6 mil euros pela sua formação. No Exército, na Marinha e na Força Aérea não tiveram de pagar formação nenhuma. Depois desses 6 anos, o médico vai entrar no ano comum, que é aquele ano que vai passar por várias especialidades, mas a trabalhar como médico interno do ano comum em Pediatria, Cirurgia, Medicina Interna, Psiquiatria, e Medicina Geral e Familiar a ganhar 1200 euros. Depois desse ano comum, o médico vai começar a especialidade que pode ir até 6 anos. No 3º ano de especialidade está o médico ainda a ganhar 1000 e tal euros com 4 anos de serviço e 6 anos de estudo, ou seja, em 10 anos, sempre a estudar, o médico ainda nem sequer ganha 2000 euros. Até que chegamos ao 6º ano de especialidade e finalmente passados 13 anos, agora que o médico estava livre para poder ir para o privado ganhar mais dinheiro, afinal vem um Governo e diz-lhe que não pode. Que vai ter de prestar “serviço militar”. Ora, o “serviço militar” foi durante aqueles 7 anos! Não pode o Estado “vir obrigar” os médicos a ficarem no público e não poderem ir à vontade para o privado. O que é que isso vai fazer? Vai fazer com que os privados vão buscar médicos lá fora pagando-lhes ordenados para poderem comprar as casas em Portugal que os médicos portugueses não conseguem comprar, porque um governo contra os médicos portugueses, decidiu prender-lhes a um “sistema” de saúde público que paga mal aos médicos, quando temos ao mesmo tempo outros “sistemas” de saúde privado que pagam o justo aos médicos, dignificando a profissão de médico. E vou ver médicos estrangeiros com os ordenados dos hospitais privados a comprarem as casas em Portugal que nenhum médico português consegue.

— Que nenhum médico português nem nenhuma outra profissão que não seja a de futebolista ou empresário.

— E por isso, prevendo estes cenários e acompanhando a realidade económica, eu não posso permitir que uma empresa venha cá para Portugal construir casas que os portugueses não conseguem comprar.

— Isto faz lembrar aquilo que aconteceu com a mão-de-obra, que se ia buscar lá fora porque era mais barata. Seria um absurdo, num país haver uma clara distinção de médicos que eram portugueses dos médicos que eram estrangeiros. Seria um absurdo, um médico estrangeiro receber mais em Portugal que um médico português, só porque o médico estrangeiro não tinha sido aprisionado ao Serviço Nacional de Saúde como os médicos portugueses ou estudantes de medicina que tinham feito a formação cá em Portugal.

— Então, como pomos o instrumento jurídico no Código da Moda?

— Esperem... Não sei se concordo com isto para a compra e venda de casas... Percebo perfeitamente para a questão das rendas... Mas para a questão da compra e venda...

— É claro... O poder subiu-te a cabeça... Lembraste-te que podes vender a tua casa na Quinta do Lago por 6 milhões...

— Não é nada disso... Esquece que eu tenho uma casa na Quinta do Lago...

— É um bocado difícil, não é? Tendo em conta que te estás a opor ao meu regime jurídico, não me posso esquecer que só te estás a opor a ele porque o meu regime prejudica-te patrimonialmente...

— Por acaso, a casa, na altura, custou-me meio milhão... Mas hoje consigo perfeitamente vendê-la por 6 milhões, porque

tenho americanos, brasileiros, alemães, holandeses, franceses e ingleses com muito dinheiro que me compravam até por 12 milhões... Tudo bem que só paguei meio milhão, mas e se eu tivesse pago 7 milhões?

— Essa é fácil. O meu regime contempla essa exceção. Se pagaste 7 milhões podes vendê-la por esse preço base.

— E a minha margem de lucro?

— Podes ter uma margem de lucro até 1 milhão e meio. Ou seja, se compraste uma casa por 7 milhões podes vendê-la por 8 milhões e meio sem seres tributado pelo Código da Moda.

— Uau! Obrigado! No entanto, como a casa só me custou meio milhão e provavelmente o arquiteto administrativo avaliaria no máximo a minha casa por 750 mil euros, eu só poderia vendê-la por 750 mil euros, é isso?

— Não, nesse caso a tua margem de lucro poderia ser de até 250 mil euros... Uma margem de lucro muito simpática, a meu ver...

— Desculpa lá, mas donde é que isso apareceu?

— Da minha cabeça.

— Tu nem contaste com a margem de lucro... Apareceu agora da tua cabeça?

— Conte sim...

— E onde é que está uma regra? Uma regra escrita no teu regime sobre as margens de lucro?

— Está aqui: se investiste 500 mil euros num imóvel, podes vendê-lo com uma margem de lucro de até 125 mil euros sem seres tributado pelo Código da Moda. Se investiste entre 750 mil euros até 1 milhão e 200 mil euros a tua margem de lucro na venda vai até 250 mil euros na venda sem tributação. Para prédios de 5 milhões até 10 milhões a margem de lucro livre de tributação no momento da venda é de até 2 milhões. Para prédios de 11 a 15 milhões o lucro vai até 3 milhões. De 16 a 20 milhões o lucro vai até 4 milhões. De 21 a 25 milhões o lucro vai até 5 milhões. Para prédios acima de 26 milhões o lucro da venda pode ser até 8 milhões livre de tributação... Enfim, é só um pequenino incentivo para milionários que já investiram... Assim não há choros milionários.

— Eu não concordo com isto. Voto contra!

— Claro que vais votar contra porque tens uma casa que sem o meu instrumento jurídico poderias vender a um estrangeiro milionário pelos milhões que quisesses...

— Eu tenho algumas reticências sobre o teu regime. Temos de conseguir ter visão. Ter de ser visionários. Hoje, comprar uma casa é como pôr uma bandeira. Portugal é um país muito pequeno. Se me disserem que há um “terreno pequeno” onde eu tenho uma ideia de construção espetacular de construir umas 20 ou 40 ou 60 casas milionárias num terreno que eu comprei e onde eu sei que vou atrair estrangeiros em virem viver para Portugal, onde nem os próprios portugueses querem viver, eu não vejo como o Estado possa impedi-lo. Até porque, parece-me uma injeção de capital que pode ser muito importante para a própria economia do Estado. O problema disto é eu “privatizar” ou tornar completamente estrangeira uma aldeia, vila, ilha, península em que eu, Estado, deixo estrangeiros expulsarem

portugueses de Portugal ou vejo estrangeiros a sufocarem ou asfixiarem portugueses com rendas disparatadas.

— Eu percebo perfeitamente o que estás a dizer. Mas que diferença faz ser um estrangeiro ou um português a sufocar um português ou um estrangeiro em Portugal? Do mesmo modo que um estrangeiro pode comprar um apartamento em Lisboa e arrendá-lo, tu podes comprar um apartamento lá fora e pô-lo a arrendar pelo preço que quiseres sem que te apercebas que estás a asfixiar ou a sufocar também uma classe económica do país onde compraste uma casa. Portanto, a conversa com ou sem estrangeiros neste momento é um pouco indiferente. O que nós não queremos é que uma classe economicamente privilegiada seja ela de portugueses ou estrangeiros inflacione o mercado imobiliário sobretudo na questão das rendas. Eu acho que é só disto do que se trata, ou não?

— Sim.

— Aqui, ninguém tem culpa de ter grandes casas nem tem culpa de as querer ou poder vender pelo preço que quiser. No entanto, quando vemos portugueses aflitos para poderem arrendar, porque o ordenado não chega, eu, Estado, tenho de “fazer alguma coisa” e neste “fazer alguma coisa” tenho de regular as rendas para tornar a ser possível qualquer português ou estrangeiro que estude ou trabalhe em Portugal possa tomar uma renda. Isto é simples de ver, ou não? Eu não posso ter casas a serem arrendadas por 500 ou 600 euros quando essa renda é metade do ordenado de um médico. Das três uma: ou aumento os ordenados, ou regulo as rendas ou aumento os ordenados e regulo as rendas.

— Mas ainda assim, na questão da compra e venda dos imóveis ainda não estou convosco...



— Eu tinha pensado, para o caso de resistirem ao meu instrumento, num prazo temporal. Eu, proprietário, que quero vender a minha casa, pergunto primeiro ao mercado se um português ou um estrangeiro residente em Portugal está interessado em comprar a minha casa praticando um preço de moda bem visto aos do Código da Moda sem me tributar. Espero 6 meses. Se em 6 meses não aparecer nenhum português ou estrangeiro residente em Portugal interessado, então eu posso sair do Código da Moda e posso vender a minha casa ao preço que quiser sem ser tributado pelo Código da Moda. O importante aqui é dar publicidade à venda. Inventamos um novo boletim online: Boletim da Venda de Imóveis. A partir do primeiro potencial comprador damos o prazo de 15 dias para fechar o anúncio. Se mais nenhum interessado aparecer, o proprietário pode vender diretamente ao interessado. Se for mais que um interessado, abre-se uma espécie de concurso público com prioridade para os jovens recém-licenciados ou recém-casados em que este “recém” contempla, pelo menos, um estado de 5 anos...

— Até sou capaz de concordar... Os prazos parecem-me importantes para “dar tempo” a um português ou um estrangeiro residente em Portugal ir ao banco e conseguir um financiamento.

— \*

— Tributação da sobrevalorização imobiliária... Podemos pôr assim como epígrafe o que acham?

— Sim, perfeito. E como seria a regra do tributo?

— Inventamos uma fórmula matemática. Usamos para a venda os 500 mil euros e para a renda os 500 euros. Em que se uma casa for avaliada em 500 e o vendedor ou o senhorio quiserem triplicar o preço vamos confiscar em 80%. Ou seja, se o vendedor quiser vender por meio milhão e o inquilino quiser

arrendar por 1500 euros já sabem que só vão ver 20% desse dinheiro. Se quiserem dobrar então metade vai para o Estado, fazemos um tributo de 50%. Se vender ou arrendarem no preço-justo de mercado o Código da Moda fica quieto e não tributa nada.

— Parece que queremos ser Portugal e somos portugueses e acabámos de resolver o problema dos portugueses, que era um problema nosso!



— Bom... De fato era um problema dos portugueses e nós, aqui nesta mesa redonda, somos todos portugueses, mas não era um problema nosso, porque todos nós já temos as nossas casas sem créditos nenhuns no Banco... Temos todos piscina...

— Eu não tenho piscina...

— Mas tens um jacuzzi que dá para 20 pessoas, isso é uma piscina de água quente e que faz bolhas...

— Mas, sabem... Eu nunca ligo à piscina... No Verão devo dar uns 3 mergulhos e é se der... A minha piscina às tantas

tornou-se mais ornamental que outra coisa... Fica bem ali no jardim... Dá outro ar à casa...

— Os teus putos e os amigos dos teus putos não veem a piscina ornamental... Passam o dia todo nela...

— Como é que sabes?

— E também sei que o teu puto é virado... Apanhei-o com o drone aos marmelos com um amigo... Estavam os dois na espreguiçadeira escondidos pelas costas da espreguiçadeira que estava de costas para a tua porta-janela da sala... De vez em quando, o teu puto lá parava o marmelo com o amigo para torcer-se todo para trás para ver se tu aparecias... E tu nem te apercebeste de nada... Foi lindo, ver-se aquele cena de drone... Sobretudo por tu teres afirmado ene vezes que o teu puto saía a ti e gostava era de cachopas...

— Afinal gosta é dos cachopos... Ele ainda está no rugby?

— Sim...

— Ele não era o capitão de equipa?

— Ainda é. Ainda tens essa gravação que fizeste com o drone ao meu filho e ao namorico dele?

— Tenho. Ouve, eles passaram o dia todo nos marmelos... Não se descolavam...

— Boa! Assim levo-te já ao *Tribunal Tecnológico* do 2080 de Antoine Canary-Wharf. Então, oiça lá ó senhor legislador penalista, não sabe que o que fez é um crime? Andar a espiar com drone os namoricos no jardim dos vizinhos?

— Para sermos mais concretos e parecermos penalistas de verdade a falar, é um fato típico ilícito punível com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 240 dias.

— Base legal?

— Artigo 199º do Código Penal.

— E porque é que dizemos um fato típico?

— Um fato típico porque tem de estar tipificado na lei, tem de lá estar bem descrita a conduta no código penal, senhor Doutor...

— E porque é que dizemos ilícito?

— Porque é contrário à lei... Por momentos fui teletransportado para a oral de Direito Penal I...

— Já não sei se isto se dava em Direito Penal I ou em Direito Penal II...

— De certeza que era no I. São noções básicas.

— No I dávamos os princípios gerais da prevenção geral e da prevenção especial. A prevenção geral era o fundamento de eu prender alguém que tivesse lesado um bem jurídico, e eu, Direito, prendê-lo para que não continuasse a lesar o mesmo bem jurídico.

— E a prevenção especial?

— A prevenção especial era a preocupação da reintegração daquele recluso na sociedade, focarmos no caso específico daquele recluso, ou seja, no momento em que o estou

a prender já estar a pensar, já estar preocupado, com ele, quando ele voltasse à sociedade. Esta preocupação era importante, porque se eu, juiz, visse que 2 anos e 2 meses de prisão seria “o bastante” para o recluso, eu não podia dar-lhe nem mais uma dia de prisão do que aqueles 2 anos e 2 meses de prisão, porque ficar preso mais dias do que aqueles dias que seriam “o bastante” poderia comprometer a sua reintegração na sociedade. Ou seja, quando eu vou dar-lhe a pena eu vou dar-lhe a pena que seja a estritamente necessária...

— Se eu matar alguém qual é o bem jurídico que eu estou a lesar?

— Vida humana.

— Se eu furtar qual é o bem jurídico que eu estou a lesar?

— Propriedade.

— Se eu incendiar uma floresta qual é o bem jurídico que eu estou a lesar?

— Ambiente? Património? Monumento natural?

— Se eu mandar vir renas da Finlândia ou da Noruega porque tenho uma licença de importação de animais exóticos, que eu não sei como a fui desencantar, para as expor mortas-vivas como um monumento macabro, qual é o bem jurídico que eu estou a lesar?

— Ambiente outra vez? O Direito Penal já não diz que aqui o bem jurídico é uma vida? Nem sequer animal, pois não? A vida animal não é um bem jurídico protegido ainda pelo Direito Penal, pois não? Ou ele foi, entretanto, reabilitado num ano e nem me apercebi de nada?

— Eu também não me apercebi... Mas isto agora com a tecnologia, nem nos apercebemos de nada...

— Como o meu filho não se apercebeu que foi capturado pelo teu drone!

— O teu puto fez parte de uma experiência tecnológica penal para eu poder demonstrar o quão falível está o Código Drone e quão vulneráveis se podem tornar os nossos direitos numa época tão tecnológica como a que estamos a atravessar.

— Mas estão a ver? Como começamos logo mal no Direito Penal e no Direito Administrativo? Primeiro, não se entende como é que existe esta licença em Portugal, que me permite transportar renas da Noruega ou da Finlândia numa viagem altamente stressante em que são tratadas como mercadoria para virem para Lisboa, numa época, ainda por cima, “natalícia”, em que as pessoas com o “espírito natalício” até deviam era estar mais sensíveis e imediatas para estas coisas, mas não, com os telefones esquecem-se, e só querem é ir a correr fotografar as renas estejam elas vivas, presas, mortas, ou mortas-vivas...

— Porque toda a gente fala de empatia e solidariedade, mas ninguém sabe o que é empatia. Empatia é eu não ser uma rena, mas conseguir imaginar que se fosse uma rena eu não quereria ter sido arrancado do meu habitat natural da Noruega ou da Finlândia ser metido num avião onde vai a carga sujeito “a sobreaquecer” e morrer, para vir para Portugal e ser fotografado por humanos estúpidos que compactuam com isto. Querem ver renas têm de ir vê-las no seu habitat natural! Não há renas em Portugal! Têm de apanhar um voo para a Noruega ou para a Finlândia...

— Ou um barco à vela...

— Mas a minha questão nem se prende tanto ao facto de não haver renas em Portugal, que elas, por causa disso, não possam ser introduzidas em Portugal. Porque se na Noruega, de repente, estiverem a caçar renas ou a explorá-las ou a comercializá-las e houver um parque em Portugal, vamos supor na Serra da Estrela, em que tenha as condições ideais para receber essas renas que já foram capturadas lá, se elas forem transportadas dignamente para cá, eu não me oponho a que elas venham para cá, se se demonstrar que elas vão ser mais felizes do que no país de origem. Se bem que esta fantasia caía logo por terra, porque Portugal não é um país de renas. Se as renas estão a ser capturadas ou comercializadas na Noruega ou na Finlândia, que são países avançadíssimos, o que faz sentido é eles simplesmente pararem essa captura e essa comercialização e reconhecerem a inteligência sócio-afetiva que existe das renas. E depois não me parece que viajar de avião para as renas seja um luxo. Já para os cães é um inferno! Quanto mais para as renas! Para nós é que é um luxo e não nos faz diferença nenhuma as diferenças de altitude. Nós, humanos, é que fomos feitos para andar a viajar de avião e conseguimos maravilhar-nos à janela a acompanhar o voo. Os cães e as renas não acompanham o voo nem querem estar no voo.

— Lembro-me agora do caso dos papagaios. O papagaio-cinzento, que é o mais falador de todos. Há um negócio tremendo deles nas Américas. Sou adepto a que se interrompa imediatamente a sua captura. Como é que é possível continuarmos a perpetuar esse negócio. Os papagaios são tão inteligentes como uma criança de 3 anos, podem viver até aos 80 anos, eles dançam, cantam, imitam-nos e arrebatem os nossos corações e nós vamos à loja comprarmo-los para depois os prendermos dentro de casa?

— Que se deixe os papagaios como outros animais no seu habitat natural e estado selvagem.

— Mas há papagaios que já foram capturados e que se agora fossem libertados para o habitat natural as suas chances de sobrevivência seriam muito baixas. Como há papagaios ou outras aves que foram feridas nas asas e que estejam no ambiente selvagem é um perigo, porque facilmente podem ser predadas. Para essas situações é que pode fazer sentido domesticarem-se essas aves. É aí que podem entrar os cativeiros, os parques nacionais e os jardins zoológicos, como parques de conservação ou recuperação das espécies que estejam ameaçadas de extinção ou sobrevivência. Não faz sentido nenhum existirem aquários para golfinhos em Jardins Zoológicos que são seres altamente sociais e nadam quilómetros e quilómetros de mar.

— Golfinhos e as baleias... Porque eu já vi também baleias nos zoos marines...

— O quê??? Baleias em zoo marines????

— Baleias...

— E eu que acho que nasci no ventre de uma baleia, como posso reagir a isto?

— Com o Código dos Mares e Oceanos!

— E eu que acho que vou ser um golfinho na próxima vida e não quero na próxima vida viver uma vida inteira dentro de uma piscina, como posso reagir a isto?

— Ninguém diria... Passas o dia inteiro nesta vida na piscina...



— Porque sou humano nesta vida... E os humanos gostam de passar a vida na piscina...

— A piscina dele é aquecida?

— É. Por isso é que passa a vida na piscina.

— Ah!... Assim é um luxo!

— Mas uma piscina é um luxo para os humanos... Não é um luxo para os golfinhos!

— Eles são felizes é no oceano, é no oceano que têm de estar. E os golfinhos e as baleias não têm predadores naturais, por isso, não há desculpa nenhuma de os manterem em aquários, que é só cruel e desumano.

— Os únicos assassinos dos golfinhos e das baleias são os humanos e as orcas.

— Os humanos e as orcas são assassinos de orcas em co-autoria...

— O quê? Um crime de homicídio em co-autoria praticado por humanos e orcas?

— Sim. Na Austrália, na baía de Twofold, a população de orcas colaborou com os baleeiros... Sabem o que são os baleeiros, não sabem?

— Sim. São humanos que matam baleias...

— Sim... Que caçam baleias...

— Que matam baleias! Que assassinam baleias! São humanos assassinos!

— E como é que os humanos assassinos e as “baleias” assassinas colaboraram no assassinato das baleias?

— Sempre que grandes baleias atravessassem a costa sul da Nova Gales do sul, as orcas iam a correr à baía de Twofold chamar os baleeiros, antes de atacarem as baleias...

— As orcas são animais altamente perversos. Perseguem os golfinhos, matam-nos e depois ficam a brincar a atirar o cadáver umas às outras. É um animal macabro. Deram agora à costa portuguesa orcas. Quando temos 31 golfinhos no Estuário do Sado altamente monitorizados e protegidos, não podemos deixar as orcas chegarem aos nossos golfinhos.

— Mas e se elas chegarem aos nossos golfinhos??

— Temos de as capturar e pô-las em aquários. Vamos tirar os golfinhos dos zoos marines e vamos pôr no lugar deles as orcas. É engraçado ver como a Natureza é, porque as orcas podem ser felicíssimas em cativeiro e são extremamente inteligentes e são facilmente treinadas pelos humanos para as acrobacias e espetáculos... E claro... Se elas não estiverem no oceano, os golfinhos agradecem...

[Tlim]

— Quem é que ouviu os golfinhos a bater as palmas?

— São os golfinhos desta vez a bater as palmas, porque estão a ver de fora os espetáculos das orcas...

— As orcas “dão melhores espetáculos” nos zoos marines que os golfinhos...

— Então é isso que pomos no Código dos Mares e Oceanos? A proibição imediata de cativeiro de golfinhos e sua tentativa de libertação junto dos roazes, dos nossos golfinhos do Sado? E a captura das orcas?

— Sim.

— E no mesmo artigo pomos também a captura de emergência de orcas que se dirijam em direção dos nossos golfinhos ou que intercetem ou hackeiem a rota dos nossos golfinhos?

— Sim.

— Calma lá! Sim, nada! Não vamos capturar orcas nenhuma. Eu gosto de orcas.

— Claro que gostas de orcas. Foste para a cama com uma. O astronauta é uma orca.

— Orcas estão a ser vocês!

— Nós???? Nós estamos é a ser golfinhos...

— Vocês estão é com medo que na próxima vida o vosso espírito fique preso ao corpo de um golfinho e o que estão a fazer neste momento é a preparar a legislação para o futuro para o vosso próprio benefício...

— Qual benefício, qual quê... Não é para o nosso próprio benefício... É para a nossa própria sobrevivência...

— Aliás!... Como todos os legisladores o fazem...

— Nós temos mantas, temos baleias, não é só golfinhos que temos... E se sabemos que as orcas matam as nossas mantas, baleias e golfinhos, temos de atuar. Nós não podemos proteger inocentes e criminosos ao mesmo tempo. As baleias assassinas são assassinas, são criminosas. Não matam para comer. Matam por prazer. Há um espírito demoníaco nas orcas. Só um espírito demoníaco mata golfinhos. Só um espírito demoníaco se diverte a desmembrar um golfinho e tem prazer nisso.

— E os nossos aquários “finlandeses” para orcas podem ser em mar aberto com um spa e tudo como nas prisões da Finlândia que os reclusos até podem iniciar negócios a partir da prisão...

— Exceto que as orcas não vão é poder iniciar negócios... Esperemos que não se aborreçam...

— Eu já não sei se estão a falar a sério ou a brincar...

— E a brincar, a brincar as orcas vão abalroando os nossos barcos... Elas não sabem conviver connosco. Matam-nos com as suas brincadeiras parvas, assustadoras, estúpidas e perversas...

— Coitadinhas!... Vocês não as entendem... Elas só querem é brincar... A vossa compreensão humana é que não é capaz de ver que são só brincadeiras... Elas só querem é brincar...

— Brincadeiras dessas com feridas e mortes, dispenso!

— Eu também, obrigado...

— Elas são um perigo para os humanos...

— Não são nada! Não há casos de ataques diretos de orcas contra os humanos...

— Mas há de ataques indiretos...

— Mas eu estou a falar de ataques diretos! Não há ataques diretos!

\*\*\* — E eu, estou a falar de ataques indiretos! Há ataques indiretos! As orcas

— E porque é que as orcas \*\*\*

**\*\* E PORQUE É QUE A CULPA É DAS ORCAS E NÃO DOS HUMANOS???** (...) OLEODUTO ORCAS FICARAM TRISTES CONSEGUEM EXPERIENCIAR DEPRESSAO ATÉ COMETER SUICIDIO (?) MSG XICO...

além de que em jupiter nem sequer se fala de orcas... maso o deus tecnológico fala... que se lixe o deus tecnológico!! Ai... se a jupiter Editions nos ouve... é a jupiter Editions que nos es'ta a editar! não sentem a mão invisível dela a mexer nos nossos livros...???

Está a editar os erros. Nós cometemos um erro.....! Mas a tempo, o nosso erro foi editado pela JUpiter Editions... Mas o Jaime também fala das orcas... Claro porque o Deus tecnológico só lhe enviou vídeos de orcas más... ai mas o que é que estamos a dizer...? talvez as orcas nos tenham chipado... Até o Antoine canary wharf fala das orcas... Pq foi hackeado pelo Deus tecnológico! Mas ele não tinha sido hackeado pelas árvores? Não isso foi o Gil de Sales Giotto e que à velocidade da luz nem sequer falou das orcas ou falou? temos que ir ver... Não falou/ falou.... O Jaime e o Antoine quando

virem a nossa nova versão editada vão também desejar editar os erros deles...

(...) elas fazem orquestras antes de assassinares.. rituais satânicos... (elas são lindas) ... elas são demónios... etc etc nós que somos espirituais não podemos querer meter nos na complexa espiritualidade dos animais... sabemos lá se elas não são só justiceiras... sabemos la se estão a fazer ajustes de contas... o que é que nós estamos a dizer... (...)

[mais para cima] se os barcos fossem elétricos nada disso aconteceria... se não tivessem motor... mas elas até dão cabo do leme...

<https://www.publico.pt/2018/01/31/ciencia/noticia/wike-a-orca-que-diz-ola--estudo-mostra-capacidade-de-imitacao-do-discurso-humano-1801414>

\*<https://www.publico.pt/2020/11/22/ciencia/noticia/orcas-atacam-barcos-portugal-especialistas-admitem-tratarse-jogo-animais-1940173>

<https://societificacom.br/nao-ha-evidencias-de-que-alguma-orca-tenha-atacado-humanos/>

<https://surftotal.com/noticias/cronicas/item/18578-ataques-de-orcas-na-costa-portuguesa>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55073047>

<https://www.noticiasominuto.com/pais/1583275/orcas-atacam-embarcacoes-ao-largo-da-costa-de-portugal-e-espanha>

\*

— Estamos simplesmente a fazer uma intervenção mínima divina.

— Uma intervenção mínima divina? Mas nós não somos deuses nenhuns.

— Pois não. Mas para os golfinhos podemos ser deuses. Podemos inventar um Código da Terra onde esteja escrito que os golfinhos e as baleias, a seguir aos humanos são os animais mais importantes e ao concedermos esta importância a eles, vamos certamente importar-nos com a sua proteção.

— Mas calma lá! Eu não sabia que íamos fazer uma hierarquia de importância de espécies... Isso não estava no ponto da Ordem dos Trabalhos... Além de que nem os golfinhos nem as baleias são terrestres para inventarmos um Código da Terra, por causa deles. Não cabem já no Código dos Mares e Oceanos?

— Cabem, pois. Mas também cabem no Código da Terra.

— E não vamos fazer nenhuma hierarquia de importância de espécies... Foi uma forma de dizer... Se bem que até poderíamos conceder o topo da hierarquia de importância às baleias...

— Ai, sim? E fundada em quê?

— Com o fundamento na Agenda do Carbono Zero.

— E o que é que o carbono tem que ver com as baleias?

— Para além do contributo económico relacionado com as atividades marítimo-turísticas responsáveis e sustentáveis que se fazem à volta das baleias, as baleias contribuem duas vezes para a redução do carbono...

— Duas vezes?

— Sim. Contribuem uma vez, porque aumentam a quantidade de fitoplâncton, que é a base da cadeia marinha alimentar...

— Como é que elas aumentam a quantidade de fitoplâncton?

— O cocó das baleias são alimento para algas do fitoplâncton... Ora, se o fitoplâncton contribui com cerca de 50% do oxigénio da atmosfera e captura cerca de 37 mil milhões de toneladas de carbono...

— Quanto???

— 37 mil milhões de toneladas de carbono capturados pelo fitoplâncton... Não foi o que disseste?

— Sim.

— Mas não disseste que se o cocó das baleias alimenta o fitoplâncton e se o fitoplâncton é a base da cadeia alimentar marinha, vamos também ver os stocks de peixe a serem aumentados, ou não?

— Isso mesmo. As próprias baleias aumentam o stock dos peixes...

— E eu que pensava que elas diminuíaam... Com aquelas barrigonas devem engolir cardumes de peixe...

— Quero ir ver as baleias! Onde é que há baleias aqui perto? Podemos meter-nos num barquito à vela desde a Madeira às Canárias... De certeza que vamos avistar algumas...



— E o que é que podemos fazer para proteger esta economia?

— Apoiar com os fundos europeus azuis a economia sustentável do mar.

— Ou abriremos os cofres do Estado para financiarmos as viagens de turismo de pesquisa. Os barcos elétricos já chegaram à nossa Era tecnológica. Podemos embarcar nesta viagem.

— Está decidido! Vamos embarcar!

— Vai ser uma viagem muito tecnológica, não vai?

— Claro que vai... Se os golfinhos são tecnológicos, se as baleias são tecnológicas, que emitem ondas eletromagnéticas no mar onde vamos navegar, é claro que vai ser uma viagem muito tecnológica...

— É por isso que o mar é eletromagnético! É por isso que as ondas são eletromagnéticas!

— Ah!... É por causa dos golfinhos e das baleias?

— Quase que parece que estamos a recitar a poesia tecnológica do nosso querido ente Gil de Sales Giotto que escreveu *À Velocidade da Luz*...

— Mas antes de partirmos no foguetão *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, quero primeiro saber mais da Terra...

— Então, afinal queres ficar em terra?

— E nós que achávamos que querias connosco embarcar...

— Então não íamos ver as baleias? Eu quero ir ver as baleias!

— E vamos ver as baleias! Mas eu primeiro quero saber... Tu disseste que as baleias contribuem duas vezes para a redução do carbono... Mas só falaste de uma vez...

— Pronto! A própria baleia, pode armazenar no seu corpo 33 toneladas de carbono que leva para o fundo do mar quando morre, retirando-o da atmosfera por mais de 100 anos... Já podemos embarcar agora?

— Bom... Saiu um estudo do Fundo Monetário Internacional em que 4 economistas defenderam que uma das soluções para capturar mais carbono seria aumentar a população das baleias... Agora sim, estamos prontos para embarcar!

— Desculpem lá estar a voltar a conversa das orcas... Mas já viram? O crime que é até para o ambiente uma orca matar uma baleia? Quer dizer, a baleia está a tentar salvar-nos e as orcas vão e asfixiam-na? E nós vamos proteger as orcas e não as baleias? Eu acho que de repente, ficámos empáticos demais para com as orcas...

— Talvez tivéssemos sido hackeados pelas orcas... Na viagem da Madeira às Canárias as orcas intercetaram o nosso pensamento...

— Por isso é que não nos albarroaram!

— Não nos albarroaram, porque sabiam que se nos albarroassem nós íamos outra vez riscar tudo *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto aquilo que tínhamos escrito sobre elas...

\*\*

(...)

Vamos monitoriza-las. Vamos fazer aqui um Direito Penal Preventivo... Vamos levar a nossa Justiça Antecipatória do Direito Penal para o Código dos Mares e Oceanos. É uma orca orca, um ser tão complexo, tão inteligente matar uma baleia. Se matar, vai presa. Teletransportamo-la para o nosso Aquário Finlandês de Orcas Que Se Portaram Muito Mal Violando O Primeiro Artigo do Código Dos Mares E Oceanos Que Diz Que Os Golfinhos, As Baleias, As Tartarugas e As Mantas São Os Animais Mais Sagrados Do Oceano...

— Pronto! E assim fazemos as pazes com O Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom.

\*\*

<https://www.dn.pt/edicao-do-dia/22-ago-2020/golfinhos-e-baleias-valem-milhoes-de-euros-e-ajudam-a-abrandar-as-alteracoes-climaticas-12542293.html#media-1>

<https://marsemfim.com.br/baleias-e-funcoes-no-ecossistema-marinho-voce-conhece/>

<https://www.sapo.pt/noticias/planeta/artigos/estao-as-orcas-a-aproximar-se-demasiado-da-nossa-costa>

<https://www.noticiasominuto.com/pais/1583275/orcas-atacam-embarcacoes-ao-largo-da-costa-de-portugal-e-espanha>

<https://www.plataformamedia.com/2020/09/20/orcas-atacam-barcos-em-portugal-e-espanha/>

<https://marsemfim.com.br/baleias-ajudam-a-combater-aquecimento-global/>

\*

Que há sim, animais tão sociais, tão afetivos com os da sua espécie ou com a espécie humana, que a espécie humana tem o dever de os proteger.

— Tal e qual como as orcas... As orcas são altamente sociais e matriarcais entre elas...

— Tal e qual como os nazis... Os nazis são altamente sociais e paternais entre eles...

— As orcas , que são baleias assassinas, não são baleias. Pertencem à família dos golfinhos. Simplesmente chamam-se “baleias assassinas”, porque assassinam baleias. Se nós queremos proteger as baleias, não podemos proteger as orcas no mesmo oceano, porque se protegermos as orcas, se as deixarmos nadarem onde há baleias, elas vão assassinar baleias. Mas as baleias assassinas não assassinam só baleias, assassinam pinguins, assassinam mantas. E não vale a pena dizermos que não podemos fazer nisto uma intervenção mínima divina. Do mesmo modo que há humanos que mais parecem demónios, também há animais com o espírito demoníaco. As cobras e os crocodilos são demónios da Terra. Qualquer espírito divino consegue ver o espírito demoníaco das cobras e dos crocodilos. Não vale a pena andarmos à volta para tentarmos perceber o porquê de ter existido a Segunda Guerra Mundial. Existiu e pronto! As orcas são golfinhos nazis, que só não assassinam os da sua família. Só não assassinam os que têm a sua cor. Só não assassinam os que

sabem falar a sua língua. E em Portugal, as orcas são como vespas asiáticas. Nós não queremos eliminar vespas. Queremos eliminar vespas asiáticas, porque as vespas asiáticas matam as nossas abelhas. As nossas vespas não matam as nossas abelhas. São as vespas asiáticas que matam. As vespas asiáticas é que são invasoras em Portugal. Até são um perigo para nós! Há poucos casos de ataques de orcas a humanos. Supostamente não atacam. Mas podem atacar! São animais inteligentíssimos. Se sentem um coração humano no mar que bate por golfinhos não tenham dúvidas que as orcas vão atacar. Há mergulhadores que até estiveram perto de orcas e por sorte não foram atacados. Esses mergulhadores viram orcas a matarem uma manta que estava a dar à luz e a deixarem a manta que mataram a afundar-se nas profundezas do oceano e contaram nesta publicação de 2 de julho de 2018 da revista National Geographic que trago aqui comigo como base legal para o nosso Código da Terra. Está aqui a nossa base legal! Está aqui nestes impressionantes relatos de mergulhadores e biólogos que através dos seus olhos podemos legitimamente legislar os nossos oceanos. São eles que estamos a chamar ao poder.

— Eu quero ver um biólogo a aprovar isto de prendermos as orcas para salvarmos os golfinhos...

— Mas temos de chamar.

— E se os chamarmos e os biólogos forem contra esta troca de golfinhos por orcas?

— Então, fica tudo sem efeito. Mas ao menos, propusemos. Ao menos chamámos. Ao menos convidámos.

— Ao menos inventámos, queres tu dizer...

— Sim, ao menos inventámos um Código da Terra.

— E este Código da Terra é como o Código Civil português. Vale para Portugal. Estamos a falar da realidade portuguesa. Estamos a querer defender os nossos golfinhos das orcas. As orcas que não queiram ser regulados pelo nosso Código da Terra simplesmente que não se cheguem perto dos nossos golfinhos. Isto é como o nazismo. Nós não deixamos que células nazis e terroristas cresçam em Portugal. Temos uma Constituição que as manda logo eliminar. Só que as orcas têm mais sorte que os nazis, porque, enfim, não são humanas e não têm culpa do seu instinto animal. E por isso, ninguém aqui quer eliminar as orcas. Nós só queremos é proteger os nossos golfinhos. É que se não os protegemos, as orcas extinguem a espécie de golfinhos que há em Portugal! E mesmo que as orcas hipoteticamente não atacassem os nossos golfinhos, as orcas que se alimentam com 250kg de peixe por dia vão pôr em crise os recursos dos nossos golfinhos. Os nossos golfinhos já têm de sair do Sado e nadar toda a costa para baixo de Troia até Melides... Viajam quilómetros só para caçarem... Não podemos deixar as orcas competirem com os golfinhos. Não havia orcas em Portugal. Como não havia vespas asiáticas em Portugal. São espécies invasoras que põem em xeque os nossos nativos. Temos pretos nativos em Portugal. Pretos que nasceram em Portugal. Temos pretos que são portugueses. E como é que os nazis olham para os nossos pretos? Se sabemos como olham os nazis para os pretos, nós temos de olhar para este nazismo e dar cabo dele. Mas não vamos dar cabo das orcas. Simplesmente não vamos deixá-las nadarem onde nadam os nossos golfinhos.

— Estamos a ser muito hipócritas... Quer dizer, não podemos deixar as orcas competirem com os golfinhos, mas nós já podemos competir com eles? Então e a indústria do atum que também prende e mata golfinhos nas mesmas redes que pescam o atum? Estamos a ser hipócritas...

— Uma coisa não tem nada que ver com outra... E a pesca em Portugal é regulada. Isso que tu dizes não se pode passar em Portugal. Se se passar os pescadores e as empresas de pesca têm de ser imediatamente demandadas em tribunal. O método e a localização da pesca influenciam no perigo para os golfinhos e extinção de outras espécies. Se o atum for capturado por palangre, que é um tipo de pesca à linha, no Pacífico, é uma boa alternativa, no entanto, se a pesca tiver antes origem a partir da pesca por redes de cerco no oceano Índico é para se evitar! Como há quem não veja sustentável a pesca do salmão do Atlântico...

— Eu queria só dizer que o caso do atum não é um ponto da ordem de trabalhos desta nossa 1ª Grande Reunião e temos ainda pontos que ainda não abordámos... Por isso, talvez seja boa ideia deixarmos o atum, por agora de lado, pesquisarmos um pouco mais sobre o assunto para podermos reagir verdadeiramente à informação...

— Também é verdade que fomos apanhados de surpresa com a questão do atum, com a questão do mercúrio, com a questão da aquacultura... E ainda não tivemos tempo para gerir toda a informação. É que a informação é imensa. Há nutricionistas que dizem para comermos atum. Há nutricionistas que dizem para evitarmos o atum... Só nesta divergência doutrinária da Nutrição já dá para perdermos o foco. E se perdemos o foco, nunca mais conseguimos voltar a focar. Ainda não estamos preparados para escrevermos esse código... Como no Direito há divergências doutrinárias sobre tudo e mais alguma coisa, na Pesca e na Aquacultura também há, desde o mercúrio, ao sódio; se os peixes em aquacultura são verdadeiramente “peixes”, por causa da alimentação... Se os níveis de mercúrio e outros metais pesados estão de facto regulados no atum enlatado... Se o atum faz bem ao cérebro, mas depois se toda a

porcaria que traz faz mal ao cérebro... Se há uma verdadeira vantagem em consumir ou não o atum...

— Temos nutricionistas a dizerem que o atum enlatado em óleo é melhor do que o atum enlatado em água, mas depois outros a discordarem...

— Eu visto isso de longe e muito *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto a aquacultura só pode fazer sentido se não forem jaulas em oceanos que acabam por contaminar o peixe em cativeiro... Porque se os oceanos estão poluídos e se o fitoplâncton filtra o mercúrio e se o mercúrio passa em toda a cadeia trófica... A não ser que seja uma aquacultura de ostras ou de kelp que purificam a água...

— *Epá*, isso já é muita informação!... Desculpem lá, mas precisamos de mais tempo até à 2ª Reunião. Agora o nosso foco não é o atum nem o salmão. É o golfinho e a baleia.

— Mas quem fala nos golfinhos e nas baleias, fala também nos elefantes, nos hipopótamos, nas zebras, nas girafas...

— E no Código da Terra vamos proibir todos os circos de atuarem com elefantes e proibir o cativeiro de todos os elefantes, todas as zebras e todas as girafas.

— E onde é que vamos libertar os elefantes, zebras e girafas?

— Num primeiro nível vamos perguntar ao Safari Park nacional se os podem receber. No Safari Park há zebras e girafas, por isso, receberem as zebras ou as girafas do Jardim Zoológico não deveria ser um problema. Mas não há elefantes no Safari Park. Os nossos biólogos teriam de nos dizer se seria oportuno



ou inconveniente introduzir lá os elefantes. O Estado de qualquer das maneiras tem interesse em entrar com verba para aumentar a dimensão do Safari Park, se o problema for o da dimensão.

— E se o Safari Park não puder receber?

— Perguntamos a outros Safaris Parks na Europa se os podem receber. Digo da Europa, de forma a poderem serem transportados por terra.

— E se não houver nenhum Safari Park que possa receber?

— Então vamos ter de incluir no Orçamento de Estado a construção de um novo Safari Park. E aqui podemos abrir um concurso público para saber se alguma empresa está interessada em ficar com a concessão, transferindo a responsabilidade da construção e gestão do Safari Park para a empresa; ou o próprio Estado comprar um terreno, mais ou menos, do tamanho do Safari Park nacional, cercá-lo e criar algumas fontes de água como lagoas para os animais se sentirem felizes.

— Os animais têm de ser vistos caso a caso. Se um animal se apercebe que está preso e tem noção do espaço e tem uma inteligência sócio-afetiva com os humanos ou com os da sua espécie e não tem comportamentos canibalescos, então o animal tem de estar no seu estado selvagem, no seu estado natural.

— E o que é que fazemos em relação às vacas, aos porcos, aos toiros...?

— As vacas e os porcos já foram assinalados como animais que possuem a tal inteligência sócio-afetiva. O porco é um animal inteligentíssimo, havendo famílias que os têm como animais de estimação tal e qual como as famílias que têm um cão.

O porco é um animal dócil e extremamente comunicativo com os humanos. Então, o porco tem de sair imediatamente do mercado. Não se abate mais porco nenhum. Vamos libertar os porcos nos montados dos produtores que tenham interesse em recebê-los, oferecendo-lhes uma compensação, porque esses montados têm azinheiras donde vem a bolota que é o principal alimento do porco, vamos tentar libertá-los em serras ou matas onde predomine a azinheira. Em Portugal, o que não falta são serras e matas com azinheiras. Só em Santarém temos densas matas e densas serras com azinheiras. Noutros sítios, por uma questão estratégica-económica até podemos libertar os porcos em sítios que vão atrair o turismo. Temos muitas praias, podemos libertar numa ou noutra para ver como corre. Na Ilha de Exuma nas Baamas, a praia dos porcos, por ter porcos atrai um imenso turismo. Podíamos copiar a ideia. E na mesma linha de pensamento, com o caso do Tubarão Azul, aproveitarmos a economia do porco doutro ponto de vista. Já se comprovou que comer tubarão não faz bem à saúde, porque no músculo e nas barbatanas do tubarão há em concentrações elevadíssimas mercúrio e BMAA, que estudos recentes têm ligado a BMAA a doenças neurodegenerativas como Alzheimer e esclerose lateral amiotrófica. Estando o mercúrio e a BMAA em conjunto têm um efeito sinérgico, aumentando a neurotoxicidade. Então, deixei de pregar o tubarão azul, porque afinal não tinha benefício nenhum na saúde e comecei a nadar com eles nos Açores potenciando o turismo do mergulho. O porco é uma carne vermelha e a carne vermelha faz mal à saúde. Se faz mal à saúde, só por si, já nem devíamos tê-la a circular no mercado. Ainda para mais, os porcos são animais com uma inteligência sócio-afetiva, ligando-se extraordinariamente aos humanos. Então, é óbvio que não posso continuar a abater o porco para comer. Ainda para mais, faz mal comê-lo. Posso, então, como o tubarão azul aproveitar a sua economia para o turismo, em que soltando o porco em determinadas matas, praias, aldeias, serras, campos, quintas, montados eu vou ter um aumento do turismo.

— Concordamos todos?

— Concordamos, claro!

— E o que fazemos aos matadouros?

— Transformamo-los em centros de adoção de porcos.

Porcos que estejam à espera de serem libertados ou de serem adotados por pessoas singulares ou coletivas.

— Acho ótima ideia, as empresas também podem adotar seja um porquinho, um cão, um gato. É um bom incentivo, como algumas empresas deixarem levar os cães para os locais de trabalho...

— Sim, isso das empresas permitirem os donos levarem os cães acho particularmente interessante e acolho a iniciativa com positividade. Mas agora, a história dos animais de estimação irem para os cafés não faz sentido nenhum.

— Claro que não faz. Uma coisa é eu levar o meu cão a passear, e por acaso, apetecer-me ir tomar um café ou ter amigos na esplanada e o meu cão poder também estar na esplanada se não ladrar ou não incomodar quem está na esplanada. Outra coisa, é os restaurantes ou os cafés quase que terem que permitir a entrada aos cães dentro dos cafés. Não tem ponta por onde se pegue! Os humanos é que são seres sociais de café, não são os cães. Podemos querer proteger os animais e aumentar-lhes a felicidade. Mas, não é atribuir-lhes capacidades humanas ou hábitos humanos. Os cães não têm de estar ou irem para os cafés.

— E sobre os cães o que é pomos no Código?

— Para além daquilo que já tínhamos falado sobre a figura do biólogo administrativo que vai ver as casas e conversar

com os potenciais donos para ver se aqueles que querem ser donos têm ou não as capacidades condignas e o perfil psicológico para terem o cão...

— Tenho de te interromper!... Um miúdo de 16 anos ou 14 anos que tenha o perfil ideal para ter um cão de porte médio ou grande, mas viva num apartamento com os pais em que os pais não queiram participar economicamente nem em vacinas nem em ração nem em desparasitação na vida do cão do filho, que critério vamos aplicar para o miúdo poder adotar?

— O critério é sempre o mesmo. Aqui na adoção dos animais, ao contrário da adoção das crianças, não ligamos tanto à parte económica. Aqui qualquer pessoa, seja rica ou pobre, poderá adotar um animal, interessando é se a pessoa tem a disponibilidade e se se vai responsabilizar por oferecer o amor, o carinho, a saúde, a assistência, a segurança, a proteção, o respeito, a lealdade e o companheirismo ao animal. Vamos ver a casa onde o animal vai ficar. Imaginemos no caso do miúdo que quer ter o cão, mas os pais não podem ou não querem participar em nenhuma despesa. Um dos nossos biólogos administrativos vai conversar com o miúdo, vão montar um esquema, um plano de número de saídas à rua, o tempo das saídas. Supondo que o miúdo vive num apartamento. Vamos ver onde o cão vai dormir. Que sítios da casa o cão terá disponíveis ou terá permissão para circular, enquanto o miúdo estiver na escola. O miúdo depois da escola vem buscar o cão? O cão vai ficar preso o dia todo na varanda ou vai ter a varanda aberta podendo entrar e sair e circular à vontade na casa? A escola onde o miúdo estuda permite os miúdos levarem os cães? Há um sítio onde os cães que são mansos podem ficar a conviver dentro da escola, enquanto os donos estão a aprender? Depois de vir da escola o miúdo vai buscar o cão para ir passear? Perto da casa do miúdo há algum campo, algum monte, alguma serra onde o cão possa andar livremente e fazer exercício e “divertir-se” com o dono? Os pais

estão disponíveis para levar o cão para as férias de família? Ou seja, o critério é sempre o do caso concreto. Numa imensidão de fatores, é o biólogo que vai olhar para aquele dono e para aquele cão ou papagaio ou gato e ver se há um “match”. Porque se houver esse “match” e estivermos a falar do caso deste miúdo em que os pais não vão participar nem com um tostão ou uma família que quer adotar mas não tem um tostão, podem ser adotados em regime de providência estatal, em que o Estado envia a ração e as coleiras anti pulgas e anti carraças para casa, marca as vacinas no hospital veterinário estatal em que as vacinas serão sempre gratuitas... Aqui vamos mais uma vez olhar para a coisa de uma forma económica. O Estado iria sempre já ter o gasto com as rações, as vacinas e as desparasitações se os cães estivessem metidos em canis ou os gatos em gatis. Aqui acaba por haver uma transferência da responsabilidade. Ao invés de aquele cão estar preso num canil, numa jaula, vai para uma família que lhe consegue dar amor e a mesma despesa que o Estado teria em alimentar esse cão mantém-se, só que agora, ao invés de o alimentar no canil, envia a ração para casa da família que o adotou. Ou seja, aqui a despesa não vai aumentar, será a mesma. Mas no final de contas, para o Estado até será um alívio, porquê? Já não vou ter a despesa na manutenção e limpeza do canil onde estava o cão, porque eu, Estado, transferi esse “custo” e responsabilidade para a família que quis adotar. É claro que se tivermos uma família com rendimentos que queira adotar não irá beneficiar desta providência estatal. Terá sempre que ir às clínicas veterinárias privadas. Nós queremos que a veterinária privada continue a proliferar no nosso sistema. Simplesmente queremos também uma veterinária estatal. Veterinários administrativos. Veterinários que acabaram o curso de Veterinária com uma excelente média e não conseguem para já montar a sua clínica ou não estão a conseguir trabalhar na sua área, o Estado dá-lhes aqui a oportunidade. O mesmo com os biólogos. Os biólogos e os veterinários têm de ser profissões que o Estado tem de dignificá-

las, reabilitá-las. Temos excelentes biólogos e excelentes veterinários desempregados.

— E vamos pôr aqui no Código da Terra, a proibição dos processos de adoção na época natalícia?

— Não sei se havemos de o fazer... Eu percebo a ideia da União Zoófila em ter querido “fechar” no mês de dezembro e janeiro com o pretexto que os animais não são presentes...

— O qual, eu acolho vivamente!

— Sim... Também eu... Mas o processo de adoção que vamos implementar em nada terá que ver o com o processo da União Zoófila. Uma vez instituído no Código da Terra, enquanto instituto jurídico, quem quer adotar é quem terá que participar no processo de adoção, sendo impossível “emprestar-se”, “ceder-se” ou “oferecer-se” o animal, intervindo no processo representando outro. Não! Isso será impossível neste processo! Não haverá “mandatos” neste processo! Quem será o dono é quem vai ter que conversar com os biólogos administrativos vendo a si mesmo ser aplicado o critério do caso concreto.

— Exatamente... E não nos podemos esquecer de dar o nosso sermão admoestativo à União Zoófila...

— Qual sermão?

— A União Zoófila parece ter sido hipnotizada pela febre dos telefones e pela febre do Instagram e do Facebook e decidiu fotografar todos os seus cães e gatos e pô-los nas redes sociais...

— Eu julgava que tinha sido no site deles...

— Bom... Para ser franco, já não sei se foi no site deles ou no Facebook ou no Instagram... Mas seria a mesma coisa...

— Sim... Acabaram por cair no ridículo de objetificarem os animais. De os tornar numa imagem. A seguir são os bebés...

— Olha que disparate! Cortaram logo a primeira ligação de todas, em ir ao canil e escolher aquele cão com que nos ligámos espiritualmente no momento. Uma coisa é ver raças de cães na internet e querer ter uma certa raça, mas já que a pessoa está disposta em adotar um cão no canil, porque é que não agarra nela e vai lá ver com os próprios olhos o cão que quer adotar? Agora, escolher a partir de uma imagem?...

— Claro! É óbvio que os animais não têm direito de imagem nem nunca poderão ter, porque seria um atentado àquilo que está na génese dos direitos de imagem, que são os direitos de personalidade. Os animais não têm direitos de personalidade. Não têm bom nome, não têm reputação, não tem intimidade, porque falta-lhes a componente social e psicológica para terem noção do que é honra, intimidade, imagem e poderem ser ofendidos. Não se consegue ofender um animal ou violar-lhe qualquer direito se o fotografar, porque o animal não tem direito nenhum à imagem. Como não ofendo nenhum cão se invocar um ditado popular que o torce ou o goze porquanto ele não consiga interpretar nem traduzir a minha torça e o meu gozo, e portanto, o meu gozo ou a minha torça não mexe com o psicológico dele. Ou seja, nem com um gozo, uma torça ou uma imagem não consigo interferir gratuitamente na esfera jurídica de animal nenhum senão no homem. A imagem, como muitos outros direitos, é um direito estritamente humano que entra na dignidade humana. Eu, humano, é que posso defender e perseguir a minha imagem e ir pedir indemnizações, se a minha imagem estiver a ser usada para fins que eu não autorizei... Eu posso fotografar e

filmar as cópulas e os coitos dos animais, mas não posso nem fotografar nem filmar o capitão de rugby aos marmelos com o seu namorico...

— Será que também vamos começar a ver orfanatos público e privados com as fotografias dos adolescentes e das crianças no website à espera de serem amadas pelas novas famílias tecnológicas com tablets, câmaras espalhadas por toda a casa, telefones com microfones potentíssimos que ligados sempre à Internet processam tudo e levam as conversas em texto aos analistas das milhares empresas do mundo que são agora acionistas no poço de petróleo do Big Data...?

— Disseste demasiada informação na mesma frase sem perder o fôlego? Como é que conseguiste?

— Às vezes, sai-me *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.

— E sobre os cães da rua e o controlo das matilhas, o que vamos fazer?

— Nenhum cão que esteja feliz na rua e que não ofereça perigo poderá ser retirada da rua onde está. Há cães que são “os cães da praceta”, os “cães do bairro”, que são amados por todo os vizinhos, que acompanham as crianças até à escola e, às vezes, esperam-nas para as trazer de volta!

— E como é que nós, nesses casos, perante esses maravilhosos casos, tivemos a coragem de “matar a felicidade”, “matar a magia” das coisas?? Eu pergunto-me...

— Porque pusemos tudo num saco e tratámos todos os casos de forma igual. Mas não pode ser, temos de ser mais sensíveis e tratar dos casos cada um à sua maneira. Nestes casos,



em que há um cão que viva numa praceta ou num bairro e nos pareça que esteja tal maneira adaptado ao bairro, o que vamos fazer é chamar os vizinhos e ouvir as histórias que eles nos têm para contar sobre aquele cão. Porque se ouvirmos a história, que é de facto um cão que não faz mal a ninguém, é amado por todos, há vizinhos que lhe dão a comida e a água, o que havemos a fazet tão-só será “mandar” os nossos veterinários lá irem para os vacinarem, desparasitarem, tornarem infértil, colocarem o chip, enfim... É assim que podemos controlar.

— E podemos colocar uma placa nesse bairro ou praceta assinalando a existência do cão com uma breve descrição das suas características. Por exemplo, um cão que numa praceta dá-se bem com todos os cães dos vizinhos, mas já não é tão simpático para outros cães fora daquele território, poderia ser importante haver uma placa que avisasse haver ali um cão que era vigiado e amado pela vizinhança, mas que poderia não ser muito simpático para outros cães e isso “desconvencer” um dono a entrar no bairro, que iria entrar com o seu cão por ali à descoberta.

— Muito bem... Mas e em relação às matilhas...? A sítios onde saibamos que há matilhas? É que um cão sozinho pode não ser perigoso... 2 podem não ser perigosos... Mas quando eles começam a formar matilhas podem ser um verdadeiro perigo.

— O controlo far-se-á do mesmo modo. Vamos vaciná-los, desparasitá-los e tornar-lhes inférteis e depois vamos ver sobre a possibilidade de “aquela” matilha, em específico, poder ou não “andar na rua”, eventualmente poderemos separar a matilha, ou levar para o canil os indivíduos menos afetuosos... Enfim, terá que ser um trabalho técnico de biólogos e veterinários administrativos. São eles que deverão resolver esses casos, decidindo que cães podem ficar na rua, que cães terão que

ir para a quinta-canil. Se os cães resgatados da rua forem cães mansos, ficam livres na quinta, senão têm de ficar presos.

— E em relação às vacas? Já viram o que andam a fazer às vacas? A colocarem-lhes óculos de realidade virtual aumentada para “acharem” que estão num pasto e aumentarem a sua produção...

— Surreal!

— Quem vai aos Açores e vê como são felizes as vacas, não quer ver as vacas senão naqueles pastos. Mas livres! Completamente livres!! Não é presas com correntes quase invisíveis nas pernas.

— E nós temos muitos pastos em Portugal continental, podíamos copiar a felicidade dos pastos.

— A ordenha tem de ser manual. Não pode ser mecânica nem com máquinas. Podemos aproveitarmo-nos dos leites e dos queijos delas, mas de uma forma sustentável, que não cause dor, nem que as tornemos num processo, numa mecânica. A vaca para dar leite o ano inteiro tem de, pelo menos, dar à luz um bezerro. O desmame do bezerro ocorre passado 2 meses, porque os criadores retiram o bezerro à mãe e depois com o estímulo “consegue-se” que as vacas continuem a produzir leite. Se for um macho fica 15 dias preso. Não se pode mexer para não ganhar músculo e a carne ficar macia; tem anemia, porque é privado de ferro. Depois destes 15 dias é morto.

— Portanto, isso é para acabar! Essa é a perversão do negócio! É a parte viciada do negócio. Nós aqui, estamos nesta mesa redonda a tentar salvar os negócios de todos. A tentar vermos a parte saudável dos negócios... Estamos aqui com os olhos clínicos. Somos os psicólogos do mercado.

— Se forem fêmeas ou vão para carne ou para a produção de leite. São artificialmente inseminadas. Os criadores põem uma solução cáustica, que é um ácido, e ferro quente para impedir o crescimento dos cornos.

— Mas porque é que lhes tiram os cornos? Elas são agressivas com os cornos?

— Não, para não se magoarem umas às outras e para “facilitar” a ordenha...

— Pois... Para não se magoarem, porque estão todas metidas em cubículos.

— Isso também é para acabar... Os cornos ficam!

— Qual é exatamente o Programa das Vacas Felizes?

— O programa das vacas felizes e que foi aplicado também nos Açores, pelos produtores certificados, é a pastagem 365 dias por ano, porque o pasto está verde o ano inteiro, o bem-estar animal ao ar livre com água limpa, sempre à disposição, um veterinário, as vacas estarem todas juntas, as linhas de leite terem que estar visíveis, ou seja, ao ar livre...

— E isto ouvido assim, faz lembrar-me as cozinhas dos restaurantes abertas que é para se ver o processo todo...

— Depois ainda sobre o Programa das Vacas Felizes, sobre qualidade e segurança alimentar, a qualidade do leite é regulada, a produção é sustentável...

— A produção é sustentável para poupar os recursos?

— Quais recursos? Os gastos de água e de luz?? Ou a produção ser sustentável é o respeito pelo animal e não se arrancar os vitelos à nascença, que parecem bebês humanos a chorar?? Ou a produção ser sustentável é não usarem-se máquinas para ordenhar?? É que a sustentabilidade está infimamente ligada com a dignidade!

— Depois, o último ponto do Programa das Vacas Felizes tem de ver com a eficiência e com o próprio sistema informático na introdução de novas tecnologias...

— Ah! Está explicado... Deve ter sido baseado nesse ponto que enfiaram os óculos de realidade virtual aumentada às vacas... Para dizer que o processo com “novas tecnologias” de realidade virtual aumentada é muito eficiente, porque a produção do leite aumentou...

— Olhem, por mim... Adicionava-se já aqui mais um pilar para o Programa das Vacas Felizes adaptado aos Açores.

— Qual?

— Cada vaca tem de ter vista para o mar! E assim conseguíamos combater os óculos de realidade virtual aumentada.

— Não te preocupes que um programador *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto faria logo uma vista-mar de realidade virtual aumentada para as vacas, como se estivessem todas nos Açores...

— Uma questão... Não retirando nós o bezerro à mãe, quanto tempo é que o bezerro vai ficar a mamar?

— Se não houvesse essa retirada, o bezerro continuaria a mamar até um ano.

— A vaca tem várias tetas, não é?

— Sim.

— E sai leite de todas as tetas, não é? A pergunta que eu faço é, se é ou não possível ordenhar-se a vaca enquanto o bezerro está a mamar a vaca?

— Claro que não! Não vamos fazer isso!

— Mas porque é que te estás a rir como se fosse algo do outro mundo? E porque dizes que não vamos fazer isso?

— Porque o bezerro pode não gostar. E o bezerro pode querer mamar na teta em que se está a ordenhar...

— Mas entre ser retirado da mãe aos dois meses ou poder mamar enquanto um criador ou um produtor está a ordenhar de uma forma meiga, sustentável, com tato, se calhar, é preferível isso, se for possível. Por isso, não percebo o teu riso... Eu fiz uma pergunta... Vamos lá ver uma coisa... Nós estamos num mundo em que as coisas que estão a acontecer, a forma como a economia está a crescer não beneficia toda a gente, traz muita dor, sofrimento e derrama sangue... Ora, nós estamos aqui reunidos nesta mesa redonda a filosofar, mas ao mesmo tempo a legislar, soluções que podem reparar a economia sem destruir a economia. Nós estamos aqui a tentar recuperar um sistema doentio que objetificou tudo e todos, a começar pelos animais e pelas árvores, a acabar nos humanos... E olhem o resultado! Estamos por um fio! Olhem o que fizemos ao nosso planeta, que não fomos nós, foram os nossos ancestrais que inventaram a economia, o capitalismo e a tecnologia. Um *capitalismo inteligente dos recursos* como o do Jaime n' *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, não faz mal nenhum, até faz bem! Uma economia verde e uma tecnologia ecológica como defende

com coração o Jaime n’*O Algoritmo do Amor*, não faz mal, só nos faria bem a todos! Porque a economia das coisas tem de ser imediatamente reparada. Nós fizemos um buraco na camada do ozono. Temos de tentar remediar o que fizemos. É verdade, não fomos nós que o fizemos. Não fomos nós que inventámos as coisas mecânicas para tirar o leite às vacas, não fomos nós que inventámos as gaiolas para capturar os canários. Mas a verdade, é que essas coisas tecnológicas, essas gaiolas tecnológicas, todos os dias estão a ser produzidas, e se nós não podemos interromper a produção mundial, ao menos podemos interromper a produção nacional. Toda a produção que seja mesquinha, intriguista, diabólica e maquiavélica. Toda a produção que seja fútil. Porque só um fútil é que pode gostar de ver os papagaios, os mochos e os canários presos, em gaiolas, ou um cão o dia todo preso na casota! Então para isso, para que querem ter o papagaio, o macaco ou o cão? Só para o ver a sofrer? O ver ali infeliz? Só para o exhibir? É uma futilidade! E nós estamos aqui, para pôr termo à futilidade que vicia e contamina a economia. A economia tem de ser empática, solidária e humana. Não é comunista. É empática. Não é comunista. É solidária. Não é comunista. É humana. Tem de ser mais esverdeada, mais sustentável. Temos de pincelar o sistema e a economia com verdes pinceladas, como diria o Jaime d’*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. E o nosso sistema, enquanto tiver máquinas que se agarram às tetas da vaca e a vaca está ali num cubículo a ver todo o seu leite a ser levado para a economia e a ouvir o choro do seu bezerro, nós não vamos ser nunca uma economia verde! Nunca! Nós, assim, não vamos evoluir! E temos de evoluir! Já todos fumámos. Já sabemos o que é fumar. Caímos na estupidez dos cigarros. Toda a gente pode cair. O importante é sairmos da estupidez. E todos nós saímos. Nenhum de nós aqui, mais fuma...

— Eu nunca fumei... Sempre fiquei de fora ver-vos a fumar cigarros que nem estúpidas chaminés...

— Sabiam que há mochos presos com corrente nos restaurantes asiáticos?

— Sabiam que há robots a servirem em restaurantes e hotéis asiáticos?

— Se isso não é para lá ir com uma pistola sem balas e mandar libertar todos os mochos e corujas...

— E os robots também libertávamos? É que agora com a Inteligência Artificial até parece que já ganham sentimentos...

— Por mim, apanhamos já um voo para irmos já libertar todos os mochos e corujas presos às mesas desses restaurantes...

— Os robots não estão na nossa ordem de trabalhos da nossa 1ª reunião...

— Mas podemos já resolver À Velocidade da Luz de Gil de Sales Giotto. Os robots ficam de fora. Quem quiser ser servido por um robot que apanhe um avião de Portugal para fora. E se entretanto os robots chegarem de avião a Portugal, é fácil: assim que subirmos ao poder desligamos todos os robots-humanos.

— Não vai dar para desligar... Vais ter putos afeiçoados aos robots, empresários a dizerem-te que fizeram investimentos muito grandes com robots... Investimentos financiados pela banca... Porque a banca está tão metido nisto como está metida nos financiamentos com as máquinas que leem os pensamentos humanos...

— Eu gostava era de ver uma máquina que lesse os pensamentos das tartarugas, para podermos ter um argumento

tecnológico que as tartarugas não foram feitas pel’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Já estás a dar ideias à tecnologia... Ainda vamos ver aquários tecnológicos que leem os pensamentos das tartarugas...

— Ou robots conectados aos aquários que alimentam as tartarugas numa Internet de Coisas puramente estúpida como a dos robots que alimentam cães... Se os donos não têm tempo para alimentar os cães que não os tenham... Agora pôr robots a alimentá-los???? É claro que o cão vai começar a gostar do robot... Mais do robot do que do dono humano...

— Agora temos de dizer “dono humano”, porque já há “donos” que são robots...

— Como é claro que as tartarugas vão começar a gostar dos robots...

— Mas porquê?

— Porque os robots é que vão começar a escrever os pensamentos delas...

— Os robots escritores, só se forem...

— Pois, é claro que estamos a falar dos robots escritores... Esses é que nos assustam... Já viram o que é que é robots escritores a competirem connosco?

— Como se a Jupiter Editions alguma vez fosse publicar um livro escrito por um robot...

— Mas sabem que todas as outras editoras já entraram nessa corrida não sabem?



— Sim... E nós entramos a tempo na corrida com a Jupiter Editions. Com a Jupiter Editions estamos a salvos!

— Até as tartarugas com a Jupiter Editions estão a salvo...

— É tão triste ver uma tartaruga presa num aquário, como é tão triste ver um mocho preso a uma mesa de um restaurante ou de um café. Há corujas e mochos presos e andamos nós aqui a falar de robots????

— Quem já viu como são felizes as tartarugas nos lagos do Jardim Calouste Gulbenkian na nossa bonita Lisboa, não quer tartarugas metidas em aquários. Nem canários, nem periquitos, nem papagaios nenhuns em gaiolas! Quem os quer, tem de os ter soltos pela casa, como eu tinha. Têm é que os habituar desde pequenos. Põem as sementes no jardim, na relva, ou no pátio, onde quiserem. Compram as sementes põem num pote e habituam o canário a comer do pote, enquanto está livre a voar pela casa toda. E não vale comprar canários com as asas partidas, com a desculpa “para ele não voar”...

— E quem tem os canários presos em gaiolas em casa o que vamos fazer?

— Bom, eu não quero que o Direito se meta dentro da casa das pessoas a confiscar seja o que for. O Direito só se vai meter na casa das pessoas, quando as pessoas o chamarem, o convidarem, como nos processos de adoção.

— Simplesmente vamos tentar fazer uma sensibilização. Eu tenho um caso real, que é o meu empirismo. O meu canário veio de uma tia minha onde estava preso na gaiola numa moradia, depois passou para uma outra minha tia, num apartamento também preso, ou seja, o canário já vinha com vícios, quando

chegou à minha casa. Nós soltámo-lo e andou sempre solto pela casa. Quando queríamos abrir uma janela, ponhamo-lo na gaiola para o transportar para a parte da casa “que ficava com as janelas fechadas”. Simplesmente aproximávamos a gaiola, abríamos a portinhola e ele entrava por ele próprio na gaiola. Era muito, muito raro ele não querer. Mas se ele não quisesse, mantínhamos as janelas fechadas daquela divisão onde ele estava. Se as quiséssemos mesmo, mesmo abertas era só apanhar o canário com a mão que ele deixava sempre apanhar-se pelas nossas mãos; aliás, ele passava o tempo todo nas nossas mãos, nos nossos ombros e em cima da nossa cabeça. Se as janelas tivessem todas fechadas ele voava pela casa toda e era só assobiarmos que ele vinha logo. Quando fazíamos piqueniques trazíamo-lo na gaiola para o transportar e depois no sítio do piquenique soltávamo-lo. Tínhamos cuidado em ver que aves é que havia à volta. Ele voava à vontade, mas não saía muito daquele raio. Ficava numa árvore... Depois pousava na toalha do piquenique para comer as suas sementes que as deixávamos espalhadas. Cantava connosco. Sobrepunha a sua música às músicas que cantávamos. Na hora de ir embora, chamávamo-lo para a gaiola. Isto aconteceu comigo, não sei se com outros canários eles poderiam voar e nunca mais voltar. Não quero fazer disto, um exemplo ou uma regra ou uma lei. Mas acho muito triste os canários estarem dentro de gaiolas. Se eu fosse um canário, eu gostava de ter tido a liberdade que o meu canário teve. Não quero elaborar uma lei que obrigue os donos dos canários a abrirem as portinholas das gaiolas e que os canários fujam e depois acabem por morrer lá fora, porque não sabem alimentar-se e virem depois os donos e os miúdos a chorarem para o Parlamento dizerem que fomos os culpados! Mas gostava de sensibilizar os donos dos canários ou os potenciais compradores de canário com este meu empirismo. Que há uma inteligência nos canários e que nós humanos devemos reconhecê-la e que quando a reconhecemos, devemos dar liberdade para essa inteligência se desenvolver. Começar por soltá-los em casa, poderia ser uma boa ideia. Não podemos entrar

em casa das pessoas e ver se têm ou não as gaiolas presas, mas podemos com a nova figura do Ministério Público do Ambiente, acusar aquilo que se vê, que está à vista de todos. Não vamos mais permitir gaiolas nas varandas, nem nas esplanadas nem nos interiores dos estabelecimentos comerciais, que é onde os olhos do Ministério Público do Ambiente podem chegar.

— Mas vamos continuar a permitir o negócio dos canários e periquitos e gaiolas e das tartarugas e aquários em Portugal?

— Não vamos impedir. Vamos ver qual é que vai ser a resposta do próprio sistema com esta nossa posição de pensamento. Vamos criar estufas, jardins fechados que são centros de acolhimento para os canários e periquitos. É lá onde os vendedores têm oportunidade para “entregar” os canários e os periquitos e o Estado paga-lhes para lá entregarem. Com as tartarugas a mesma coisa, queremos que elas saiam dos aquários. Que as metam em lagos. Que construam lagos. Quem tem uma casa com piscina e uma tartaruga no aquário, não pode construir um pequeno laguinho para a sua tartaruga? E já agora dar-lhe uma companhia, uma outra tartaruga? Claro que pode! Vá lá... Não é assim tão extraterrestre sermos sensíveis com isto! Isto é humano! É imediato, ou não é?

— No jardim das Portas do Sol, em Santarém, há imensos periquitos presos numa gaiola-quiosque...

— Vão para o centro de acolhimento que serão jardins ou espaços abertos em que sabemos que não há predadores ou outras aves e possamos continuar a alimentá-los, distribuindo bebedouros e comedouros pelas árvores. Mas quem tem de tomar conta deste plano e aprovar são os biólogos administrativos. São eles que vão mandar nisto. Se não acharem viável, o projeto fica sem efeito. Se eles virem sucesso nisto, o processo avança. São

eles que mandam no processo. São eles que têm de mandar no processo.

— Mas sobre este caso específico dos periquitos das Portas do Sol... Não poderíamos simplesmente abrir a porta da gaiola-quiosque? Abrir-lhes a porta e cortar com um alicate as paredes do quiosque para eles poderem entrarem e saírem a voar à vontade... Eles já sabem que têm ali a comida, já sabem que têm ali os ninhos deles...

— Não sei se seria muito boa ideia libertá-los nas Portas do Sol... Sei que há lá um ninho de cobras...

— Um ninho de cobras no jardim das Portas do Sol? Andam cobras pelo jardim?? Já lá fui tantas vezes e não vi cobras nenhuma...

— As cobras não andam pelo jardim. Mas o jardim das Portas do Sol está delimitado pelas muralhas do castelo árabe da Alcáçova... Ora, se nos debruçarmos sobre esta varanda paisagística que são as muralhas das Portas do Sol, o jardim é a própria varanda para o rio Tejo e para a lezíria ribatejana, vemos cobras lá em baixo, a rastejarem a terra mesmo rente ali às muralhas por entre as oliveiras... É claro, estão do lado de lá das muralhas. Para quem está no jardim, do lado de cá, não há cobras. Elas não conseguem passar para o lado de cá. Não trepam as muralhas. E é preciso ter os olhos de milhafre-real ou de águia de asa-redonda se quisermos capturar as cobras...

— Claro que essa descrição escalabítana só poderia vir de um ribatejano escalabítano, de um ribatejano de gema, de um ribatejano nascido no ex-líbris do ribatejo, nas Portas do Sol, em Santarém...

— Olhos de milhafre, olhos de falcão, olhos de águia era isso que devíamos por a sobrevoar no aeroporto para afugentar a passarada impedindo “os suicídios” nas asas dos aviões e não pôr cobras para predarem a passarada... Não percebo nada dessa ecologia e dessa economia de ninhos de cobras que se quis instalar no aeroporto... Quem é que quer a andar a alimentar ninhos de cobras? Não faria mais sentido a economia da falcoaria? Não faria muito mais sentido chamarem-se os falcoeiros para se porem a voar falcões e águias para afugentar a passarada das asas dos aviões? Agora, porem-se lá cobras para as cobras comerem os passarinhos? Isso é ecologia, mas é ecologia maquiavélica. Também há a biologia pérvida que quer fazer das moscas e das abelhas drones-vivos como em 2080 de Antoine Canary-Wharf... Também há o direito maquiavélico... O terror da psicologia invertida... Todas as maravilhosas ciências podem tornar-se perversas se forem governadas, administradas ou patrocinadas por humanos perversos. Como eu não sou biólogo nem sou ecologista e tenho liberdade de expressão, posso dizer na minha mais pura das ignorâncias que não vejo certo porem-se cobras no aeroporto para comerem os passarinhos, quando temos a falcoaria, ainda por cima classificada pela UNESCO como Património Cultural Imaterial!

— Tudo o que tu disseste é muito bonito e tal e eu concordo com tudo o que dizes... De erguemos a economia da falcoaria... Que se ponham os falcões e as águias a voar onde tenham que voar... Fica o nosso patrocínio... Mas parou tudo!!! Eu ouvi bem ou quê? Tu nasceste nas Portas do Sol??

— Sim, foi por um triz... Pelo menos as águas rebentaram nas Portas do Sol... A minha mãe estava às 16h23 num domingo de Páscoa a passear comigo nas Portas do Sol, eu estava dentro da barriga dela. Estava a família toda, tínhamos

acabado de chegar às Portas do Sol do almoço de Páscoa. Fomos ao jardim para tirar fotografias...

— Ah... Vocês celebram assim a Páscoa? Saem assim todos do almoço em excursão de família para irem tirar fotografias?

— Eu não! Eu queria lá saber das fotografias... Conseguia ver toda aquela vista de parar o coração através dos olhos da minha mãe... Mas eu queria era ver com os meus... Rebentaram-se as águas...

— Oh... Meu... Deus...! Foste rebentar as águas da tua mãe em pleno jardim das Portas do Sol? E num domingo de Páscoa?? Agora tudo faz sentido...

— “Aleluia! Aleluia!” Gritaram os fantasmas dos meus avós... Lá chegou a ambulância, e por sorte não nasci nas Portas do Sol. A ambulância parecia um drone-ambulância do 2080 de Antoine Canary-Wharf a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, contou-me depois isso tudo uma vez a minha mãe, debruçados nas muralhas...

— Das Portas do Sol...

— Exato... Ainda sou do tempo do Lago dos Cisnes... Havia lá um lago com cisnes... E também me lembro de ver lá um macaco enjaulado numa minúscula gaiola ornamental, só para verem como é que eram as mentes humanas e como é que a “mente humana” lá conseguiu evoluir... Lá foi evoluindo...

— Mas o que fizeram aos lagos dos cisnes?

— Houve um projeto de requalificação do jardim e nesse projeto arrancou-se o lago dos cisnes, foi uma pena! Também

nesse projeto camarário, em que quase se fechou Santarém para obras, se arrancou o lago que circundava o coreto do jardim da República... O coreto encarnado ficou, mas arrancou-se lamentavelmente o lago de “rochas” com patos, peixes e tartarugas. Na altura, para mim as pedras do lago do coreto eram “rochas”, eu era pequenino... Fui lá deixar uma tartaruga que roubei de um aquário minúsculo de uma loja de animais... Para mim, em boa verdade, eu não fui lá deixar a tartaruga... Fui é “entregar” aquela tartaruga aquele ecossistema que eu conhecia. Imaginava que as tartarugas grandes do lago do coreto certamente iriam tratar melhor aquela tartaruguinha...

— Fiquei confuso... Não sei se fizeste uma boa ou má ação... Como disseste que roubaste...

— Eu era pequenino, por favor... As minhas tartarugas andavam soltas pelo jardim. O meu pai construiu um pequeno lago propositadamente para as tartarugas. Eu nadava na piscina com as tartarugas. Fazíamos corridas e depois ficávamos ao sol o dia todo. Era assim que eu me divertia com as tartarugas. E depois ia buscar camarão cozido à panela para comermos. Adorava dar-lhes o camarão à boca. Eu comia com elas. Portanto, toda a minha vida cresci a ver tartarugas livres. Sabia que havia o tal lago no jardim da República e sabia que havia lá tartarugas com ar de mãe. Quando entrei pela primeira vez numa loja de animais e vi uma tartaruga que esticava o pescoço para mim num aquário minúsculo implorando-me para que eu a levasse comigo, tive que lhe atender ao pedido. O pedido dela era o meu desejo. O pedido dela, foi o meu desejo. Mas depois de a entregar no lago e vê-la já bem introduzida e integrada, não me perguntem porquê mas não quis estabelecer nenhum laço com ela. Passava por lá e ficava simplesmente a olhar para elas. Eu adorava fazer festas às minhas tartarugas. Mas aquela nova tartaruguinha não era minha. Pertencia agora àquelas grandalhonas tartarugas do lago do coreto. Eu só tinha sido um

instrumento. Só tinha sido o transportador dela. A minha missão era teletransportá-la. E ainda bem que assim foi, porque se eu tivesse fomentado verdadeiros laços emocionais teria sido um esmagar do meu coração quando o lago foi dali arrancado... Nem sei o que fizeram às tartarugas... Hoje tenho outra idade, se isto voltasse a acontecer fazia um alarido na Câmara Municipal de Santarém e levava a Câmara ao Tribunal Administrativo de Círculo de Leiria...

— Pois é... Que chatice... A distribuição das sedes dos tribunais administrativos de círculo está completamente ultrapassada. Não faz sentido nenhum um problema destes em Santarém ir ser discutido em Leiria, que é outro distrito completamente diferente do distrito de Santarém com outra realidade social, geográfica, psicológica e ecológica...

— E sobretudo uma realidade administrativa completamente diferente. Os distritos são totalmente diferentes em Portugal.

— Sim, são outras cidades, outras realidades. Temos mesmo que levar um Tribunal Administrativo e Fiscal para Santarém, não vá mais uma vez a Câmara arrancar lagos com cisnes e tartarugas...

— Já viram? Como é que em Portugal, cidades que distam 40 km significam mundos completamente diferentes? E Portugal é um país tão pequeno, tão pequenino... Somos 10 milhões e temos sotaques, hábitos, culturas e modos de ver a cidade tão diferentes... Imagine-se então noutra país maior... Somos mesmo um mundo!

— Bom... Mas antes de irmos para o mundo... Antes do mundo nos dar ouvidos... Antes de podermos falar para o mundo... E aproveitando a boleia escalabitana... Já que ficámos



debruçados a perder a vista do jardim das Portas do Sol em Santarém e já que Santarém tem muito do mundo dos toiros... Como é que nos vamos posicionar em relação às corridas de toiro?

— Por mim, perfilhamos a tese do Jaime d’O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. Podemos introduzir, sim, aqui, uma tecnologia ecológica, o velcro. O velcro é a solução de podermos ter as corridas de toiro sem sangue. O cavaleiro na lide, ao invés de espetar uma bandarilha no toiro, “coloca” um velcro que tecnologicamente fica agarrado ao pelo, à pele do toiro sem a lesar. Aqui devemos é debruçar-nos sobre técnicas e melhores soluções para o transporte dos toiros desde o montado ou quinta até à praça de toiros. Os toiros para estas corridas têm de ser toiros felizes como “as vacas felizes”, não podem estar presos, têm de estar livres na sua quinta ou no seu montado. Eu já estive em corridas de toiro, mas estava na altura e aplaudia aquele “espetáculo”, porque namorava com um cavaleiro. Sabia como defender aquela economia, aquele amor e ficava do lado dos veterinários que diziam que o toiro não sentia nada e que por ser “toiro-bravo” ele precisava mesmo daquilo. E já tinha ouvido o que queria e depois defendia isso muito bem. Mas o que me contavam era que o toiro depois voltava ao montado e passava o resto da sua vida livre; às vezes, até voltava a participar em corridas. E eu ouvia isto enquanto estava na cama com o meu namorado que tinha nesse mesmo dia a corrida. Foi ele que me pôs esta fantasia de o toiro poder sair da corrida, voltar para o montado, voltar depois se quisesse a outra corrida e voltar depois outra vez a casa. E eu quero ver esta fantasia tornada realidade. E nas minhas fantasias não há sangue, nem dor, nem sofrimento. São fantásticas por isso mesmo! Vamos permitir as corridas de toiro, mas com esta condição, com esta fantasia: com o velcro e com a felicidade plena do toiro-bravo. E vamos permitir justamente pela raça do toiro-bravo!

— Não me digas que namoraste também com um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke...

— Por acaso, namorei.

— Logo vi... Para trazeres toda essa tecnologia do velcro às novas corridas tecnológicas só podias ter namorado com um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke.

— E sobre as galinhas e os aviários?

— Essa é canja! Só podem estar no mercado os produtores com galinhas livres na quinta.

— E sobre os cavalos marinhos?

— O nosso Código dos Mares e Oceanos não vai permitir nenhum barco a motor nas zonas onde soubermos que há cavalos marinhos, assinalando-se a zona com boias ou placas flutuantes. Os cavalos marinhos são muito sensíveis ao ruído.

— Mas ali na ria Formosa há cavalos marinhos e milhares de travessias de barco por dia.

— As empresas que mudem as frotas dos barcos. Têm dinheiro para isso. Senão, ficam de fora nos Novos Concursos Públicos da Administração Pública. Têm tempo até aos concursos para mudarem a frota dos barcos e fazerem a travessia com barcos menos ruidosos e barcos menos poluidores.

\*\* mais animais \*\*

— Eu fiquei com uma dúvida? Nós vamos proibir os donos de prender os cães o dia todo na casota ou na varanda, mas o que vamos fazer se os donos mantiverem os cães presos?

— Vamos proceder à imediata retirada dos cães desses malvados donos e vamos enviar os cães para os centros de acolhimento.

— Santarém é uma região com muitos donos de cavalos, talvez fosse importante fazermos um reforço de argolas em todas as vilas e cidades da região para incentivarmos os donos a saírem com os cavalos à rua e terem um sítio para os prender ou deixar enquanto estivessem a participar nas suas vidas sociais e económicas... É só uma ideia...

— Acho uma ideia brilhante!

— Achamos todos!

— E aproveitando a conversa dos cavalos, não haverá durante o nosso Governo drones para a polícia para patrulhamento. Vamos pôr os polícias a patrulharem em cima dos cavalos nos jardins, serras, matas e florestas.

— Mas, e nas cidades?

— Faz-lhes bem andar a pé! Para que é que hão de precisar dos drones? Para ficarem nas esquadras com um brinquedo na mão? Já não basta o tempo que ficam nas esquadras. Não faz sentido. Em Santarém, a polícia sai das esquadras *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto sem drones e patrulham o jardim das Portas do Sol num bonito passeio a pé, zelando pelo Direito ao Bom Ambiente. As esquadras que ponham os olhos nesta bonita esquadra e copiem!

— Vamos transformar todas as serras e montanhas em monumentos naturais proibindo o uso dos telefones e drones?

— SIM!

— ESTAMOS FARTO DE VER AS PESSOAS, ATÉ A SUBIREM AS MONTANHAS, COM OS TELEFONES NAS MÃOS!!!!

— É QUE NÃO LARGAM OS TELEFONES, NEM POR NADA! NEM PELOS NAMORADOS! NEM PELA NATUREZA!

— Oh! Se não largam os telefones nem pelos namorados, nem pelas mulheres, nem pelos filhos, quanto mais largariam pela natureza...

— E se eles pudessem levá-los para dentro de água até mergulhavam com eles.

— Se eles fazem até amor com os telefones, não haverão de mergulhar com eles? Claro que mergulham! Estão tão neles mergulhados...



— Se eu tenho um jardim enorme com outros animais todos soltos que poderiam tornar-se a família de um papagaio-cinzento que está preso numa gaiola e que já não pode ser solto porque já perdeu a capacidade de caçar alimento. Então, pode fazer sentido eu munir-me dessa licença de importação de animais tropicais porque vou tornar a vida de um papagaio mais feliz. Digo papagaio, digo macaco. A ideia dessa licença não pode é tornar-se contrária aos valores que estamos a construir e mais uma vez, é preciso ver caso a caso. A Administração tem de ir a minha casa e ver se eu tenho ou não tenho condições para ter aquele papagaio ou aquele macaco. A Administração tem de me impor encargos altíssimos e multas pesadíssimas se depois de eu ter o papagaio tenho-o preso o dia todo numa gaiola, quando disse à Administração que o ia ter sempre solto e tinha sido nessa minha promessa que a Administração Pública tinha baseado a sua decisão em emitir-me a licença. Isto tem de funcionar assim! É isto que é a “Internet das Coisas”. Eu ter biólogos no sistema, a

serem pagos pelo Estado em que manda um biólogo a minha casa que é ele, o biólogo administrativista que vai decidir se eu posso ou não ter um papagaio. Se eu tenho ou não tempo para ter um macaco que me vai tirar o tempo todo da minha vida para ele. É preciso saber que um macaco vai dominar a minha casa. É o macaco que vai “quase” decidir que amigos ou parentes eu posso convidar para irem a minha casa, e eu não posso agarrar no macaco e fechá-lo num quarto, porque agora quero ter o jantar com os meus amigos. Não; se eu quis ter um macaco, tinha que prever que isto poderia acontecer. Porque os macacos são muito ciumentos e querem o dono deles só para eles. Por isso, é preciso pensar 9 vezes se queremos mesmo ter um macaco. Se queremos mesmo ter um filho. Se temos capacidade económica e tecnológica para acompanhar depois o mercado que vai hipnotizar o nosso filho e o nosso filho que tem um campo social vai “ter que ter” aquela tecnologia se não fica fora do campo. Não é só querer ter um filho. Não é querer ter um filho porque queremos ter netos, quando nem sabemos se o filho que vamos ter vai querer ou não ter filhos, se pode ou não ter filhos. Não é querermos ter um filho só porque sim. Não é querermos ter um papagaio só porque sim. Não é querermos ter um macaco só porque sim. E se temos muitos amigos e estamos habituados a receber amigos lá em casa e o macaco não nos deixar entrar mais nenhum amigo em casa? Não podemos a seguir abandoná-lo nem sequer bater-lhe. E se somos homofóbicos e o nosso filho gosta do capitão de equipa do rugby?

— Ouvi dizer que o meu filho já anda aos marmelos com um puto... Por isso, o meu filho está fora desse filme...

— Não podemos a seguir abandoná-lo nem sequer bater-lhe. E se gostamos muito do silêncio e das nossas coisinhas e o papagaio é mais ruidoso e mais destrutivo do que aquilo que pensávamos? Não podemos abandoná-lo nem sequer bater-lhe.

— Falaste da figura do biólogo-administrativo eu aproveito e falo também do psicólogo-administrativo. Nós precisamos imediatamente dos psicólogos no sistema. Eles como os biólogos, os ecologistas, os botânicos e os médicos têm de vir imediatamente para o sistema, imediatamente para o poder. São os psicólogos que têm de estar no tribunal a decidir se a criança deve ficar com aquele pai ou com aquela mãe, não é o juiz. Já é traumático para a criança ter de ir ao tribunal num processo de divórcios dos pais, a criança não tem de ir. Isso vai ficar para sempre lá implementado na memória da criança. O juiz só precisa de uma equipa de psicólogos administrativos que digam com quem é que a criança deve ficar. E a criança nem se deve aperceber de processo nenhum. É aqui que o processo deve ser mais tecnológico, por ser tão tecnológico, a criança nem se aperceba de nada, que simplesmente veja que o pai ou a mãe saiu de casa para viver com outra pessoa.

— Eu sou muito adepto dessa figura-profissão do psicólogo-administrativo. Faz muito mais sentido as crianças em processo de divórcio ou em processo de adoção ficarem nas mãos de psicólogos do que nas mãos de assistentes sociais que não tiraram nenhum curso de psicologia! Que podem ter dado uma ou outra cadeira de Psicologia da Criança, mas que não tem psicologia nenhuma com a criança! Não estão preparados!

— Eu concordo também com a figura-profissão do psicólogo-administrativo, por mim põe-se no Código. Não é toda a gente que pode ter crianças. Há pais que não estão preparados psicologicamente. Que não podem ter filhos. Que não sabem porque querem ter filhos. Tu perguntas-lhes e eles respondem-te que é “o ciclo da vida”... Não sabem porque querem, mas sempre ouviram dizer toda a vida que tinham que ter filhos e por isso, também querem ter o “direito a ter filhos”, ou pelo menos o “direito a adotar”...

— Essa é outra! Não existe nenhum direito “em adotar”! Há sim, o direito a ser adotado. O direito de quem está numa instituição em ser adotado por uma família que tenha capacidades sociais, emocionais, psicológicas e económicas que lhe possa dar amor, uma família, uma educação de qualidade de bons costumes e valores. Que lhe dê espaço e liberdade. Que consiga acompanhar a vida da criança e estar presente nos momentos mais determinantes dela. Não é nos mais importantes, porque todos os dias, são dias importantes. Mas em todos e sobretudo nos mais determinantes, nos mais decisivos. Porque uma criança que está em crescimento terá dúvidas, desabafos em que os pais têm de lá estar presentes.

— Há pessoas que estão a trazer crianças ao mundo sem terem as mínimas capacidades económicas. É que há pessoas que estão a sobreviver, que andam sempre num estado de sobrevivência, mas depois querem trazer ao mundo uma criança, para quê? Mais vale, não trazerem! Trazemos crianças quando lhes podemos mostrar o mundo. Quando temos dinheiro para poder viajar. Não é trazer-lhes ao mundo, a um mundo cheio de sítios bonitos com recantos maravilhosos, mas depois a nossa criança não poder ver essa beleza do mundo em que nasceu por causa de um sistema monetário e bancário que não sabia que existia, mas que os pais sabiam! Os pais é que estão acorrentados ao sistema! Não são as crianças que foram chamadas a nascer e nem fazia ideia de que havia “um sistema desses”. Portanto, ou os pais estão folgados dentro do sistema, tão confortáveis dentro do sistema, e por isso, sim, podem trazer filhos, ou então não vale a pena.

— Quem nos ouvir a falar assim, até parece muito duro de se ouvir. Mas é a verdade. Das mais puras, nuas e cruas.



— Claro que é! E ninguém está aqui a dizer que só os ricos é que podem ter filhos ou que o dinheiro é que vai trazer felicidade. Porque não é o dinheiro que traz a felicidade. O dinheiro possibilita-a. Faz perpetuá-la. Porque é necessário ter nascido com os códigos da felicidade dentro de nós. Há quem ande a guiar brutos “ferraris” e seja infeliz. Há quem passa a vida em luxuosos hotéis e seja infeliz. Não é desse dinheiro que estamos aqui a falar. É do dinheiro para ter uma casa que me faça feliz a mim e à minha família. Seja uma quinta, uma moradia, um palácio ou um apartamento. Mas não é uma cave. Não é um sótão. Não é um quarto. Porque há gente metida em sótãos, em caves e em quartos a viverem com filhos e tudo. Há recém-licenciados a namorarem, a viverem “num quartito” e já a quererem terem filhos! Não pode ser! Primeiro, não pode ser dois namorados a viverem num quarto, que isso não é vida nem namoro para ninguém! Eles têm de ter uma casa! Têm de conseguir, pelo menos, pagar uma renda se não conseguem ainda pedir um crédito ao banco para comprarem! E não é o Banco que se deve intrometer no namoro deles e sugerir que se casem, porque assim será mais fácil pedirem um crédito e irem os namorados a correr a fazer um casamento urgente como no *2080* de Antoine Canary-Wharf. Porque é esta a economia das coisas. A economia processual das coisas do nosso sistema. É isto que estamos a fazer. A tirar a beleza dos regimes e das instituições como o casamento. E a seguir disso, é um passo para se objetificar tudo. Se já se objetificou o casamento para se conseguir um crédito para comprar um mísero T1 e ficar-se preso ao Banco a vida toda, a seguir vamos ter filhos para receber mais umas ajudas e umas pensões do Estado! Essas pensões têm de acabar! E portanto, podíamos começar por aí. Já que nós não temos como proibir nascimentos, porque seria fatal se o Direito criasse regimes punitivos de anti natalidade, vamos desincentivar os pais a terem filhos, dizendo-lhes logo “escusam” de “pensar em filhos” a contar com os abonos do Estado.

— Pois... Mas nós estamos em Portugal... E Portugal tem uma população envelhecida... É boa ideia desincentivar os pais a terem filhos?

— Estou farto dessa conversa de que Portugal é um país com uma população envelhecida como argumento que “precisamos de fazer mais filhos”. Nem diria que Portugal fosse um país com uma população tão envelhecida, onde as pessoas da Grande Idade são mal tratadas... São tratadas como “trapos”. Se não é pelos filhos que tratam os pais como trapos, são os lares... Se não são os lares são os governos... Estou farto! Se a população é assim tão envelhecida ora aqui está uma chance para nos debruçarmos e tentarmos melhor a qualidade de vida e aumentarmos a felicidade da população envelhecida portuguesa. Em Vila de Bispo temos uma câmara a dar quase 1000euros aos casais que vão ter o 1º filho mais 2 mil euros aos casais que vão ter o 2º filho, mais 3 mil euros aos casais que vão ter o 3º filho, quando assim que o bebé nasce os mil euros desaparecem logo, ou seja, é uma “falsa ajuda”; e depois ainda se torna mais falsa a ajuda e hipócrita o incentivo, porque a seguir há uma longa lista de espera para um pai conseguir meter o seu filho no colégio... O problema é que nós sabemos que os humanos têm cérebros altamente manipuláveis, vêm no pacote com emoções e brincamos com as emoções deles, metendo à frente deles bebés lindos de morrer... Mas os bebés crescem, muito deles podem tornar-se miúdos insuportáveis, adultos criminosos, pedófilos, terroristas, nazis... O problema é que nós só queremos ver o filme que está na nossa cabeça e só vemos a primeira parte do filme. Mas na vida real, não está só o nosso filme a acontecer, estão bilhões de filmes ao mesmo tempo a acontecerem e a quererem ligar-se ao nosso... É preciso, às vezes, ligarmos o nosso filme ao filmes dos outros para vermos uma outra realidade, um outro filme, talvez, baseado numa história verídica... Que, talvez, a nossa amiga que acabou de ter filhos

diz-nos que está muito feliz e a vida corre-lhe pelo melhor com o marido e que têm tempo para tudo, mas se calhar o filme não é bem assim... Se calhar, o filme é outro, e se calhar sabemos do filme, porque ligámos a um outro filme que está ligado com o filme da nossa amiga. É preciso vermos o filme todo. Conseguirmos ver do princípio ao final. Quando nós não sabemos se vem ou não aí uma 3ª guerra mundial, por causa da tecnologia, dos robots, da Inteligência Artificial, das fake news, dos drones, como é que eu posso estar a pensar em trazer crianças ao mundo? Ainda não há paz! Se já houvesse paz, era uma coisa... Mas não há paz! Há uma guerra pelos recursos!... Já há drones metralhadoras a serem fabricados...

— Até já tens drones a dispararem mísseis e lasers...

— Já há aviões supersónicos de guerra que conseguem não ser intercetados pelos radares de uma Força Aérea... Já há neste momento um míssil que se souber o meu GPS exato é capaz de me detonar... Por isso, se eu neste momento desaparecer, não pensem que eu fui teletransportado para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Sim... Todos sabemos que foi só um raio laser...

— Em 2080 de Antoine Canary-Wharf até o raio laser acabou por ganhar direitos...

— Quando há uma confusão de direitos e ninguém se entende, como é que eu posso ser egoísta em fazer alguém nascer nesta confusão? Para depois, do nada, vir um raio laser e fazer desaparecer tudo? E tudo à volta ficar a pensar que o “tudo” foi teletransportado para um mundo paralelo imaginário que só existe na cabeça dos lunáticos? Mas depois tenho lunáticos que se dizem professores de física a virem ensinar às nossas crianças sobre mundos paralelos? E eu, pai, tenho de ficar a ver malucos

oficiais e acreditados por uma doentia comunidade científica que só vê Marte e Lua à frente, a pôr coisas malucas na cabeça dos meus filhos?

— Antes vissem *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Se uma sociedade joviana intelectual, sofisticada e avançada existir e nos estiver neste momento a ver nas suas alienígenas TV's em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, isso não é um mundo paralelo. É um mundo real. Haver uma sociedade mais avançada que a sociedade humana é uma hipótese colocada por vários cientistas, ufólogos e astrobiólogos. E se alguma dessas sociedades existirem elas não são mundos paralelos. Se alguma sociedade dessas romper a nossa atmosfera numa nave espacial, nós não estamos perante um mundo paralelo. Podemos ver a tecnologia deles com toda a nossa realidade. Podemos chamá-los aliens, super-humanos, homens-máquina o que quisermos. Até podemos chamar-lhes “viajantes no tempo”, porque viajam mais rápido que nós, andam em carros voadores, têm uma tecnologia mais sofisticada. Mas nem por isso nós voltámos atrás no tempo nem avançámos no tempo. Mesmo que os super-humanos tenham outro calendário e nos digam que estamos em 2080 de Antoine Canary-Wharf, o tempo não muda, o tempo não se teletransporta, não dá para parar o tempo, o tempo é sempre o mesmo. O tempo é uma ficção. Porque das duas uma: ou nós somos os seres mais inteligentes que existe no Universo ou não somos e existem seres ainda mais inteligentes do que nós. E do mesmo modo que nós conseguimos ir a Marte e demorar hoje 3 meses, temos de admitir, que se existirem seres mais inteligentes que nós com tecnologias mais avançadas que nós, esses seres podem muito bem vir à Terra as vezes que quiserem, sem por exemplo serem vistos... Tecnicamente tudo é explicável. Se eu aqui na Terra consigo voar num avião supersónico sem ser intercetado por nenhuma força aérea, então imagine-se um avião ou uma nave doutro planeta... Isto não é difícil de se ver nem de

se compreender... Quando estamos sempre a dizer que somos insignificantes no planeta Terra e que em todo o Universo nós somos como uma célula do nosso corpo ou um pequeno casco do tronco de uma árvore, então nós temos de saber admitir isto. E as escolas só conseguem ensinar isto com óculos de realidade virtual aumentada? Porque é que eu não tenho escolas e creches a ensinarem isto sem ser com óculos de realidade virtual aumentada? Porque é que eu não tenho escolas a ensinar o funcionamento do cérebro e o funcionamento do corpo logo nos primeiros anos? Porque é que eu não estou a dar Medicina e Psicologia aos miúdos? Porque é que eu não estou a dar Direito e Banca aos miúdos? Eu tenho de ser o mais sincero para os miúdos. Tenho de lhe explicar que eles nasceram num sistema de moeda e que todo o sistema gira à volta da moeda e tenho de explicar vezes sem conta a história da moeda, como é que os bancos criam moeda, como é que eu com um depósito crio nova moeda... Já que eles nasceram, que tenham acesso à informação das coisas... Não é suposto eles só terem acesso a esta informação como se fosse informação privilegiada, que têm de pagar sob a forma de propinas em cursos de Medicina ou de Direito... Se é para darmos incentivos, temos de dar incentivos como deve de ser... É que vamos estar a dar incentivos se depois não há vagas nos colégios? E na escola vai ser a mesma coisa... E na faculdade a mesma coisa... Tenho vagas em cursos que não deviam abrir mais vagas, porque os empregos estão saturados. Talvez já fosse tempo de abirmos cursos novos como Ufologia e Astrobiologia em Portugal. Eu não posso ter tantas vagas em Medicina, muito menos não posso ter novas faculdades de Medicina, ainda por cima privadas, a quererem abrir, quando tenho médicos que estão há anos como médicos sem especialidade... E já que não posso ter tudo a ir para Medicina, se calhar posso dar um pouco de Medicina no secundário... Se calhar, se desse Medicina no secundário não tinha tanta gente a ir para a faculdade de Medicina... Se calhar, era mais importante eu ter Medicina, Nutrição, Botânica, Psicologia, Direito, Economia,

Constitucional, Societário do que estar a falar em forças físicas que ninguém consegue ver, em tabelas periódicas que ninguém consegue decorar, a falar dos reis e dos modelos de governo que não resultaram... Posso falar sobre toda a história em Constitucionalismo e ainda ensinar que o poder está nas mãos de todos e que não está entregue a um programa de Inteligência Artificial. Não é preciso, como é lógico falar-se sobre Medicina no secundário como se fala na Faculdade de Medicina, mas posso, sim, no secundário dar já muitas bases de Medicina. Eu não preciso de ter uma área de Ciências e Tecnologias tão abrangente que por querer abranger tudo, o cérebro humano não consegue abranger nada e vai para a faculdade como se nunca tivesse falado sobre nada, porque andou sempre stressado a decorar tudo sem compreender nada. Eu não preciso disto para nada! O Ministério da Educação tem de ser completamente reformado! Há uma reforma a fazer-se na Educação. Não vale a pena eu estar a dar cargas horárias de manhã à tarde com fórmulas e fórmulas e mais fórmulas e equações e funções que não vão levar a lado nenhum. Essas fórmulas fazem sentido para cursos avançados de Matemática. Não é suposto a Matemática andar a atrasar os cérebros. A Matemática é suposto estimular. Não é atrasar. Se eu vejo que a Matemática está a atrasar alguém eu tenho de tirar-lhe a Matemática do caminho. Porque é que eu preciso de ter quase um 20 a Matemática para entrar em Medicina? Isto não faz sentido! Estou só a fazer perder tempo, a desgastar os cérebros a ocupar os cérebros com números, equações e fórmulas completamente desnecessárias. A Matemática pode ter uma utilidade, sim. Mas só é útil para quem consegue ver a sua utilidade. Para quem lhe acha utilidade. Até pode haver um número pi em tudo. A fórmula da vida até pode ser 3,14. Mas eu não tenho de conseguir ver geometricamente isso na minha realidade para ser feliz e para compreender o mundo. A Matemática pode lá estar. Mas eu não tenho de conseguir vê-la. Eu preferia mil vezes ter tido Medicina do que ter tido Matemática. Preferia mil vezes ter tido Constitucional do

que ter tido História de Portugal. Eu posso aprender a “História de Portugal” em Constitucional. E não tenho de ser testado em tudo. Não tenho de ser testado na “História de Portugal”. Posso simplesmente vê-la, ouvi-la. Eu fui o melhor aluno de história porque tinha uma memória fotográfica e conseguia decorar tudo antes de ir para os testes e hoje não me lembro rigorosamente de nada. E tenho hoje uma sede e uma fome pela História como nunca tive. Ontem detestava Matemática, agora gosto. As coisas vêm naturalmente. Não é preciso estarmos a obrigar o cérebro a ver coisas quando o cérebro simplesmente agora não quer ver. Há coisas mais importantes para o cérebro ver. Por exemplo, é importante o cérebro ver que os porcos são animais dóceis, inteligentes e altamente sociais e que só se ficarem presos com elevados níveis de stress é que têm comportamentos bizarros como qualquer ser humano teria se fosse preso da mesma maneira que um porco. Por exemplo, é importante dizer-se nas escolas que comer porco aumenta a chance do cancro colorretal. É importante esta Medicina nas escolas! A lavagem cerebral às crianças não deve ser feita com a História, nem com os Mundos Paralelos da Pseudo-Física lá do professor Kaku que nos quer descarregar a todos na sua Biblioteca de Almas... E tenho escolas a adotarem como manuais obrigatórios os livros do professor Kaku? Que se importe para a Terra é o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi! A lavagem cerebral, se é que tem de haver uma lavagem cerebral, deve ser feita com a Ciência, com a Verdade das Coisas. Com a Física e com a Química mais imediata, que se consegue ver.

— E o que é que nós vemos?

— Ora, vemos a Psicologia, vemos a Medicina, vemos a Nutrição, vemos a Botânica, vemos a Ecologia...

— E também vemos a Vulcanologia e a Oceanografia...

— Vemos o Direito, vemos a Tecnologia...

— Vemos tudo ao mesmo tempo...

— E vemos tudo a ligar-se...

— Porque estamos a ver a realidade. Porque estamos com os olhos postos na realidade. Estamos a ver a realidade capaz de interferir com a nossa realidade.

— E qual é a realidade que estamos agora a ver?

— Que há médicos a mais, advogados a mais, professores a mais, alunos a mais, crianças a nascer na miséria, há miséria a mais, há escassez a mais, faltam recursos para todos... Quando faltam recursos, quando há desemprego, quando há desigualdade, não me venham dizer que Portugal é um país com população envelhecida e que por isso temos de ser tão prósperos como na Noruega, porque a nossa realidade está longe da Noruega!

— Pois está... A nossa realidade está muito longe da Noruega...

— Mas depois queremos ir a Marte e à Lua...

— Quando ainda nem fomos ver a Noruega...

— Pois... É que não vale ir a Marte para vermos coisas aliens... Também temos coisas aliens na Noruega... Se queremos ver um prédio alienígena em 2020 é só irmos a Trondheim ver o Powerhouse Brattørkaia...

— Sabem quantos metros quadrados de painéis fotovoltaicos tem o Powerhouse?



— Uns mil metros quadrados...?

— 3 mil metros quadrados...

— Olha, podíamos ter esse referencial como medida. Qualquer prédio em Portugal que queira agora erguer-se só se poderá erguer se tantos metros de painéis fotovoltaicos tiver de forma a que o prédio produza mais energia do que aquela que vai consumir...

— Mas é isso que se passa com o Powerhouse **Brattørkaia, na Noruega, não é?**

— Sim, é. Enquanto que uma casa norueguesa gasta em média 20 mil kWh por ano, o prédio Powerhouse produz 485 mil kWh por ano.

— Mas isso é fantástico!

— Não é nada fantástico! É real! Assim o próprio prédio vai funcionar como uma “miniusina” para a rede elétrica.

— Pois... É que o superavit de energia, porque há aqui um superavit brutal de energia, acaba até por compensar a energia que é usada para produzir as matérias-primas usadas na construção do prédio. Quando contabilizamos a energia da produção dos materiais do prédio que queremos erguer, vamos priorizar o uso de materiais reciclados e, sem querer, estamos a monitorizar o processo de produção das matérias-primas novas. Vamos fazer disto Código, certo?

— O quê? Incluindo os painéis fotovoltaicos?

— Sim...

— O quê? Fazer deles uma regra?

— Sim...

— Não acho muito boa ideia...

— O quê? Mas como não achas isto uma boa ideia?  
Estamos a falar de energia...

— Pois e com a energia não se pode brincar... As baterias para armazenarmos a energia são feitas de lítio... Além de que as baterias têm um tempo vida de útil que não passa dos 20 anos... Estamos a sair de um problema para ir para outro problema...

— O quê é que ele está a dizer?

— Estás a confundir conceitos... É normal, não és engenheiro, nem eletricista... Estás a partir do pressuposto que sempre que tens painéis fotovoltaicos tens baterias de lítio obrigatoriamente, certo?

— Sim...

— Mas estás errado! Quando surgiu o mercado da produção de eletricidade, que aqui ninguém anda a produzir coisas à toa, andamos sempre a produzir com os olhos postos no mercados, o Estado e as próprias empresas de eletricidade davam grandes incentivos para investirmos em painéis fotovoltaicos, em que pagavam-nos para enviarmos a energia que produzíssemos para a rede elétrica. Nós éramos verdadeiros produtores de energia e o próprio Estado pagava-nos para produzirmos eletricidade e para a enviarmos para a rede elétrica. Só que, com o tempo, os valores foram reduzindo e parece que atualmente já

não compensa enviar para a rede elétrica mediante este pagamento.

— Mas tem de compensar. Porque não voltamos a esse sistema?

— Agora, ao invés de enviarmos dados de energia para a rede, armazenamos a eletricidade nas baterias solares para serem consumidas mais tarde. É aqui onde entra a história das baterias. Se o sistema solar fotovoltaico estiver ligado à rede, vai produzir energia durante o dia para ser consumida pelos nossos eletrodomésticos. Qualquer excesso de energia é enviado para a rede. E neste “envio” há quem veja aqui o “desperdício”. Que não é desperdício nenhum. Porque vai para a rede. Mas com as baterias isto já não acontece, porque a eletricidade acumulada durante o dia, vai depois poder ser usada durante a noite. Todos sabemos que a luz solar só está disponível durante o dia. E as pessoas normalmente só estão em casa depois do sol se pôr, porque são formigas e estão a trabalhar o dia todo, coitadas... Quando chegam aos seus formigueiros, as baterias estão cheias de energia e as formigas prontas para gastar as energias que as suas baterias armazenaram como excedente...

— Pronto... Mas estas baterias não são um verdadeiro problema?

— São! Porque são feitas de lítio e eu para ter lítio tenho de andar a desgravatar rochas e andar a perfurar a terra e a gastar não sei mais quanta energia nesta louca busca pelo lítio...

— E nós temos rochas tão lindas... É na praia da Rocha é na praia da Samoqueira... É nos Brejos Largos...

— Bom... E nós não vamos ser o governo que vai andar a fazer buscas “aflitas de lítio” e a desgravatar as rochas da

Samoqueira, como diz o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala no seu romance político d'O *Algoritmo do Amor*...

— Porque quem fala corajosamente do lítio no seu romance, é porque o seu romance é político.

— Mas o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala vai até mais longe e fala da gasolina sintética.

— Onde é que ele já está com os olhos postos...

— Está com os olhos postos no futuro...

— E eu estou com os olhos postos num novo sistema de energia. Porque não voltamos ao sistema de enviar dados de energia para a rede elétrica, mas num novo tipo de crédito? Por exemplo, eu produzi durante o dia, vamos supor, eu com os meus painéis fotovoltaicos produzi 500 kWh num dia. O sol foi-se embora e eu só gastei 100 kWh. Automaticamente envio os 400 kWh que não usei para a rede elétrica. Mas fico com um crédito. À noite, quando quiser energia, já sei que tenho a receber da rede elétrica 400 kWh. E vamos supor que só gasto 200 kWh. Fiquei com 200 por usar. Alguém na rede usou os meus 200. A rede elétrica pode converter estes 200 kWh em moeda, seja ao final do dia, ao final da semana ou ao final do mês. Isto é interessante, porque estou a produzir energia e por estar a produzir energia estou a ser pago por isso. Ao invés de ser um custo para o ambiente só por existir, estou a ser um benefício...

— Sabem, eu gosto desta ideia de banco de energia... E é uma forma de sermos mais independentes e não termos a nossa economia tão dependente de outros países... Sempre defendi que a energia deveria ser tendencialmente gratuita. Porque o Estado, hoje, tem capacidades de criar esta rede elétrica e o dever de distribuir esta rede elétrica quase gratuitamente, porque eu só

preciso é de criar infraestruturas que “apanhem” a energia solar e a convertam em energia elétrica... E seguindo uma ótica de Estado mínimo intervencionista, isto do Estado ter o dever de distribuir tendencialmente gratuitamente a eletricidade faz, pois, parte da sua mínima intervenção. Porque a intervenção é mínima. Isto é o mínimo que um Estado deve e pode fazer. Como a distribuição da água. Como o Direito à Habitação. O Direito à Habitação é um direito constitucionalmente consagrado. Mas depois vem doutrina dizer que é um direito constitucional imperfeito ou de segunda ou de terceira ou de quarta categoria. O Direito à Habitação é um direito fundamental. O nosso Estado mínimo intervencionista intervém no mínimo dos mínimos, e neste mínimo dos mínimos, todos têm de ter acesso a água potável, a eletricidade, a uma habitação, a comida, à cultura, à educação, à música e ao desporto. Se um menino, teve a sorte de nascer numa família que o Fisco sabe que os pais têm bons ordenados, e este menino quer ir aprender surf para uma escola de surf, os pais têm de pagar a escola. Mas se o menino, afinal, teve a pouca sorte de calhar numa família pobre e quer aprender surf, tem de lhe ser, pelo menos, dada a chance de poder aprender a surfar. O Estado tem de participar nas aulas de surf. Isto é do interesse do Estado. Porque se o menino não tiver a chance de surfar pode ficar deprimido, pode ficar triste, pode ser infeliz, pode querer suicidar-se. E num ponto de vista jurídico, não é vantajoso termos meninos a formularem pensamentos suicidas. Às vezes, pode ser só uma fantasia do menino. O menino pode querer fazer surf só porque sim. E pode não ter jeito nenhum para o surf. Mas pode ser importante ter a oportunidade de experimentar o seu desejo. Isto é interessante para o Estado. Reparem bem: se um menino surfar muito bem, poderá vir a ser o campeão mundial de surf e este título será uma mais valia económica ao país, porque o miúdo passará a ser uma marca, um ídolo que tem uma nacionalidade que vende milhões e arrasta milhões. Se um menino quer tocar piano, harpa ou violino, mas os pais não têm dinheiro, o Estado tem de lhe dar a

oportunidade ao menino de aprender a tocar todos esses instrumentos. A ideia não é o Estado ficar perpetuamente obrigado a financiar as aulas de um menino que quer tocar piano, mas não tem mãos de pianista ou anda a faltar às aulas do piano ocupando as vagas de outros meninos. A ideia aqui seria um “cheque de aulas”. Por exemplo, um menino quer ir para o surf, para o piano e para o paraquedismo. Os pais não têm dinheiro. O que é que têm de fazer? Solicitar ao estado 3 cheques de aulas. “Cheque de Aulas de Piano”, “Cheque de Aulas de Surf”, “Cheque de Saltos de Paraquedas”. Na 3ª aula de surf, o menino ainda não consegue pôr de pé na prancha, o cheque caduca. Mas o menino chora e diz que quer voltar a experimentar o surf. O cheque volta, mas tem de ir para a lista de espera, porque já teve a sua vez de experimentar, já teve olhos em cima de si, agora é a vez de outros também experimentarem. O professor de piano à 10ª aula viu que o menino não tem mãos de piano, o cheque caduca. Logo no primeiro salto o menino teve medo e jurou nunca mais saltar de paraquedas, o cheque caduca. Mas ao menos, foi lhe dada a oportunidade de ver as coisas. Isto foi quando o miúdo tinha 7 anos. Passado 10 anos o miúdo quer voltar a experimentar tudo e os pais continuam pobres, o cheque volta outra vez. As escolas de surf, escolas de piano, escolas de paraquedas que se queiram ligar ao Estado, recebem um incentivo do Estado para uma percentagem das suas vagas estar destinada a miúdos de famílias em situação económica desfavorável. E se nenhuma escola se quiser ligar ao Estado, que o Estado comece ele próprio a criar escolas estatais de surf, de paraquedas e de música. Temos imenso professores de surf à procura de trabalho. O Estado que crie postos de trabalho para eles, criando escolas de surf. Temos muito mar cheio de ondas que imploram que surfistas surfem nelas. E nós, enquanto vemos surfistas a surfarem as ondas, ficamos mais tranquilos, porque sabemos que os surfistas são autênticos salva-vidas. Se calhar, até há um interesse em vermos surfistas no mar. Em vermos surfistas a salvarem. Temos imensos militares que terminaram os seus

contratos com a Força Aérea e que tiveram uma instrução de luxo de horas e horas de voo a saltarem de paraquedas. Isto pode ser um incentivo para novas escolas de paraquedas abrirem com professores que foram paraquedistas da Força Aérea. Temos de saber aproveitar a economia dos contratos. Há tantos professores de piano sem alunos. Podemos dar um incentivo. Podemos financiar professores ou escolas de piano que dão aulas a meninos que vêm de uma família carenciada economicamente. Numa “Internet das Coisas”, como a que hoje já temos, posso dizer que estou à procura de um professor de piano, mas que não tenho dinheiro para pagar. O professor de piano ativa o financiamento, e o Estado paga ao professor de piano para o professor de piano pôr o menino a tocar piano. Porque pode sair dali um grande pianista e compor uma economia numa pauta viva cheia de rés, mis, fás, sóis, lás, sis e dós.

— Estavas a falar de eletricidade e de repente *À Velocidade da Luz* fizeste-nos ir contigo surfar ondas ao mar numa melodia tocada pelas teclas do piano, num salto tão grande que precisámos mesmo de um paraquedas.

— A eletricidade é energia. E podemos surfar e voar na energia. Das ondas podemos aproveitar a energia maremotriz. Dos ventos podemos aproveitar a energia eólica. Do sol podemos aproveitar a energia elétrica. O sol é elétrico. O Sol é a nossa correte elétrica. Só temos de saber montar como deve de ser o circuito elétrico aqui na Terra. E saber montar como deve de ser significa saber distribuir a eletricidade a todos. Porque a eletricidade deve ser tendencialmente gratuita. É isto que defendemos, não é?

— Sim, é...

— Mas há tanta coisa que deve ser tendencialmente gratuita... Simplesmente porque estamos em cima de uma

construção de uma plataforma tecnológica que se chama século XXI onde temos tecnologia capaz disto.

— Sim, temos tecnologia capazes de oferecer serviços e bens a todos... Temos a impressora a 3D para fazer cumprir o Direito à Habitação...

— E também podemos fazer isso na Lua.

— O quê??? Contruir casas na Lua?

— Não construir plataformas tecnológicas de painéis solares na Lua para captar a energia solar e enviar para a Terra...

— Isso já vem dos anos 80...

— Mas nos anos 80 não aconteceu. Agora está a acontecer. Porque não entramos também na corrida à Lua?

— Olha e porque não entramos também na louca corrida a Marte que o professor Kaku nos quer meter a todos? Meteste-te na cama com o astronauta e já vens com ideias demasiadamente astronómicas. Vá lá, devolve-te à Terra! Vamos ficar completamente fora disso.

— E se todos os países entrarem. Vamos ficar de fora?

— Sim. Vamos ficar fora dessa corrida tecnológica que ainda vai dar é uma guerra tecnológica. Outra guerra tecnológica. Não se esqueçam que a guerra tecnológica é silenciosa. Com lasers será num instante. Sem ruído. Será uma guerra muito silenciosa. Não é suposto sairmos da Terra. Todos aqui sabemos que sair da Terra mata-nos.



— Uma coisa era sairmos daqui numa nave espacial joviana para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Outra coisa, é sairmos daqui numa nave “espacial” terrestre para a Lua ou para a Marte.

— Eu muito sinceramente vejo o futuro em Marte. Até sinto que venho de lá.

— E deixa-me adivinhar, acreditas que Marte vivia um problema de superpopulação e que foste chamado pelo Fisco marciano e que o Fisco marciano disse que a tua vida teria que ser tributada com uma injeção que adormeceria o teu corpo confiscado que seria largado no espaço sideral e que milagrosamente o teu espírito entrou no corpo de um bebé terrestre que acabava de nascer...?

— O quê? Mas quem é que acredita nisso?

— Há uma religião que acredita nisto, sim. E há milionários que financiam e sustentam esta ideia.

— Sim, é a religião do astronauta. Com ele, senti-me completamente em Marte.

— Pois, então porque não voltas para lá com o astronauta? Volta para lá! Volta! Volta para Marte!

— Cá para mim o astronauta transmitiu-te o vírus da radiação cósmica que ele trouxe lá com ele de Marte. É que nós só estamos a salvo dos raios cósmicos aqui na Terra graças à sua atmosfera...

— Ou em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Sim, em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi os raios cósmicos não chegam...

— As viagens espaciais à Lua e as viagens marcianas vão comprometer seriamente as células dos astronautas e dos novos viajantes e do tecido empresarial do novo turismo. Vão dar um cancro dos diabos.

— Vem aí o novo vírus cósmico de 2080 de Antoine Canary-Wharf pior que o vírus tecnológico de 2020...

— Por isso é que já tens uma Medicina de Precisão e uma Medicina de Turismo com os olhos postos nas viagens espaciais...

— Ah, já tens?

— Já...

— Estamos muito perto então de descolar, não é?

— Sim.

— Eu é que não vou descolar daqui para fora. Os raios cósmicos causam danos irreversíveis ao cérebro levando o cérebro à demência e à depressão e trazendo problemas de memória e de ansiedade.

— Para não falar dos fungos. Temos uma astrobiologia sempre a descobrir novos fungos que andam a vaguear pelo espaço...

— A astrobiologia encontrou aquele fungo que é muito encontrado em ambiente hospitalar, sabem?

— Não sei...

— Sabes, sim... Com índices de mortalidade de 85%, mesmo depois de administrada a terapêutica antifúngica... Como é que se chama?

— Ah!... O *aspergillus fumigatus*?

— Esse mesmo...

— E a microgravidade? Com a microgravidade, para além dos ossos e músculos poderem deteriorarem-se, a gravidade ainda interfere com o nervo ótico e com os globos oculares comprometendo a visão... Não sei quem é que quer ir para Marte, para depois chegar lá com os olhos inchados e não ver nada...

— Mas sabem que a Nasa acredita que Marte já foi habitável?

— Mas porque é que a Nasa acredita nisso?

— Porque confirmaram a existência de água em Marte e numa teoria sustenta que num dado momento Marte já foi habitável porque possui uma unidade e uma atmosfera muito parecida com a da Terra. A teoria supõe que tenha sido por causa dos ventos solares de 1,6 milhões km/h das primeiras etapas do Sistema Solar que Marte tivesse ficado inabitado.

— Encontraram água em Marte?

— Sim.

— Mas em que abundância?

— Bom... Não foi em abundância nenhuma... Encontraram algumas manchas de água com 200 e 300 metros de comprimento e 4 a 5 metros de largura...

— “Manchas de água”...?

— Sim, estas manchas correspondem a uma perda da superfície que foi molhada por água...

— E isso prova vida alienígena?

— Pode provar...

— E o misterioso oxigênio que os cientistas ainda não conseguem explicar que aparece sazonalmente em Marte aumentando quase 60% como o metano?

— O oxigênio e o metano podem ser produzidos biologicamente por micróbios ou podem ser provenientes da química relacionada com as rochas e com água...

— Sabem o que eu acho que prova? Que a Terra só está a contar a história de Marte. Marte já foi uma Terra superpopulosa. Marte já teve um campo magnético, mas as tecnologias marcianas deram campo do campo magnético e fizeram-no desaparecer. Sem um campo magnético, Marte começou a ver a sua atmosfera a escapar para o espaço e a ficar cada vez mais vulnerável aos ventos solares. A sociedade marciana deve ter previsto como os ventos solares iam deixar Marte um deserto e lá com as suas tecnologias de raios lasers conseguiram diminuir o tamanho de todos os marcianos para micróbios capazes de sobreviver em adversas condições. E é isto que eu acho que vai acontecer também connosco. Vamos ficar reduzidos a micróbios se deixarmos os lasers entrarem nas nossas vidas. Porque vai ser essa a desculpa dos lasers apontarem para nós. Os lasers vão

apontar para nós dizendo que somos muitos na Terra e que portanto temos de ser teletransportados para Marte ou vão apontar para nós dizendo que temos de ser reduzidos no tamanho porque somos imensos e não há espaço para todos.

— Mas nós temos um problema real de escassez de recursos, de poluição de pessoas más a incitarem discursos de ódio e violência, de nazismo... Até consertarmos estes problemas devíamos fechar a Terra para obras e não nascer mais ninguém. Os pais têm de saber olhar para a realidade e ver que há obras para fazer. O argumento mais descabido de que temos uma população mais envelhecida e por isso devemos ter filhos é completamente errado!... Se temos uma população mais envelhecida, ou seja, que está a viver mais tempo, o investimento tem de ser precisamente aí e não nos nascimentos! A Suécia é o exemplo perfeito em que o casal tem em média menos que duas crianças. E não tem crianças à toa! Têm crianças se tiverem condições para as ter! Que é isto que faz sentido.

— E então, querem implementar políticas de anti natalidade.

— Não, claro que não. Só queremos fazer apelos às pessoas. Consciencializá-las. Que nem toda a gente tem de ter filhos. Que muitos pais estão arrependidos. Que muitos casais deixaram de viver o amor, separaram-se espiritualmente, amorosamente, para agora estarem com o espírito tão-só no filho. Não faz sentido vermos crianças com 4 anos na praia com tablets e os pais no telefone a reproduzirem exatamente aquilo que é a vida deles em casa. Isto não é vida para ninguém. Isto não é viver! Se os pais não sabem viver, não trazam vidas! Porque não vão saber ensiná-las e a viver! Elas vão ser vidas infelizes, vidas sem sensibilidade para nada. Os pais estão a trazer robots ao mundo. Os pais não podem dar um tablet a uma criança que acaba de nascer! É um crime! Um crime! E agora vamos o quê? Vamos

mandar prender os pais? Não vamos, como é lógico. Vamos mandar os pais tirar os tablets... Agora não vão conseguir. É miserável ter que passar por uma mesa num restaurante e ver os pais separados cada um no seu telefone e a criança de 4 anos no WhatsApp... No WhatsApp com 4 anos? Mas os pais acham isto o quê? O máximo? Acham o máximo a criança ter amigos virtuais? Mas está a falar com quem a criança? É que nem sequer isto desperta a curiosidade aos pais? Se aos 4 anos as crianças já vão para a Internet, não podem depois ter relações sexuais aos 14 anos? Aos 14 anos estas crianças já viram mais do que mil vídeos pornográficos. Já nasceram com a pornografia instalada nas mentes. Já sabem tudo. E depois vamos ter um Direito Penal a dizer que um miúdo de metro e 90 que passa o dia todo no Grindr não se pode encontrar com um miúdo de 18, 19, 20, 21, 22, 23 ou 24 anos? É que isto está a ficar mesmo muito perigoso! Miúdos de 14 anos que parece que têm 19 anos. Pitas de 15 anos que parece que têm 20 anos. É que diz o artigo 173º do Código Penal que quem sendo maior, praticar ato sexual de relevo com menor entre 14 e 16 anos abusando da sua inexperiência é punido com pena de prisão até 2 anos? Há miúdos de 15 anos que já estiveram sexualmente com mais do que 50 raparigas ou 100 rapazes e o Direito Penal vem falar de inexperiência? Eu muito sinceramente já não sei dizer nada sobre isto. Sei só sobre a pedofilia. Que a pedofilia merecia pena de morte, merecia. Mas parece que temos de dizer isto sempre às escondidas da ONU. Eu lembro-me quando tinha 14 anos que rapazes de 19 anos me atraíam. Até de 27 anos. Eu com 27 anos nunca me apaixonei por um miúdo de 14 anos. Mas quando tinha 14 anos, lembro-me muito bem de estar apaixonado por um rapaz de 27 anos. E a minha pergunta é: se o miúdo de 14 anos quiser namorar com um rapaz de 27 anos o que é que nós, Direito, temos de ver com isto? Isto é um escândalo? Então, mas escandaloso foi os pais darem um telefone com Internet para as mãos do filho e o filho ter começado a ver pornografia aos 12 anos e ter começado a estimular-se sexualmente e a procurar rapazes para se encontrar.

Eu não sei o que dizer disto. Isto para mim é uma dor de cabeça. Afinal o que é abusar da sua inexperiência? E se uma rapariga de 20 anos, estudante de medicina, estiver completamente apaixonada por um puto de 14 anos que fuma charros, joga rugby, faz surf e monta a cavalo? Mas ele é virgem e quer perder a virgindade com a doutora que já fez 100 bicos? Porque, os pais, têm de saber que é isto que os filhos fazem, porque os filhos são humanos, têm hormonas, sentimentos, paixões, corações desgovernados a bater por tudo e por nada, fumam charros, fodem muito, gostam de banhos de esperma e podem estar-se a cagar para os pais e gostarem mais das drogas e das tecnologias do que dos pais. É que isto é importante de se dizer. Pode ser que isto seja uma tecnologia que desincentive os pais a terem filhos. Que há filhos que batem nos pais, porque estão cheios de paranóias na cabeça, acham que são robots, acham que estão dentro de um jogo de computador e que os pais não tinham nada que os trazer ao mundo se são pobres e que a vida deles é uma merda e que a culpa de tudo é dos pais. Se os maridos não amam as mulheres e andam a traí-las é bom que não pensem em ter filhos, porque se os filhos apanharem o pai com a amante podem dar uma sova ao pai e matar ou foder a amante do pai. Há filhos que competem com os pais. Há filhos que odeiam os pais. Há filhos que sabem e sentem de o casamento dos pais é a maior farsa. Por isso, mais vale os pais não terem filhos, porque não sabem o que aí vem. Todas as paranoias que os pais conseguiram ultrapassar porque não fumaram tantas drogas ou porque as drogas não eram tão tóxicas, ou porque não viram tantos vídeos ou porque os vídeos não eram tão tecnológicos, os filhos podem não aguentar e podem simplesmente cometer suicídio. E talvez o suicídio dos filhos seja precisamente culpa dos pais. Porque não os souberam amar! Se não amam, se não sabem o que é amar, não podem ter filhos! Sabem lá o que é amar! Se amassem tanto iam a um orfanato buscar uma criança que perdeu os pais. Se amassem tanto iam a um lar buscar uma criança que foi abandonada. Iam dar amor a uma criança que merecia todo o

amor! Isto sim, é que é amar! Se querem tanto ter filhos, vão adotar! Não há recursos que cheguem para todos. Não era suposto sermos tantos! Não é suposto sermos 10 bilhões. Não há pessoas a mais na Terra. Porque ninguém tem de sair da Terra. Todos os que nasceram têm direito à vida humana. Mas temos de nos preocupar é com quem já nasceu e não com quem ainda não existe e só existe em fantasias de pais que não são verdadeiramente felizes. Não há pessoas a mais. Mas não pode nascer mais ninguém. Temos de ser drásticos, sim! Porque se não formos, estamos a ser egoístas. Porque se eu posso ter 5 filhos, então toda a gente pode ter 5 filhos. E se todos tivéssemos agora 5 filhos, mesmo que fosse só 1, se todos nós tivéssemos, neste momento, 1 filho, nós íamos exceder a capacidade de carga do planeta Terra, danificando-o mais rápido daquilo que ele se pode reparar, e iríamos assistir a um colapso ecológico e social.

— Enquanto Estado, numa tecnologia inteligente, devemos criar instrumentos tecnológicos que “à distância” me permitam mais ou menos controlar ou “manipular” sem intervir diretamente na liberdade da família e na liberdade de reprodução e na liberdade da vida sexual, íntima e privada.

— Mas como?

— Aumentando as pensões e os abonos para com as famílias que os psicólogos avaliaram como “aptas” para terem filhos, porque o psicólogo de mercado que conhece o mercado viu que aquela família tem consciência do mercado e da realidade e está preparada em termos sociais, emocionais, psicológicos e económicos para ter filhos, prevendo e acreditando que os filhos que nasçam ou cresçam naquele ceio familiar sejam felizes, porque ali reúne-se todo um clima algorítmico de felicidade e não atribuindo qualquer tipo de financiamento económico às famílias que os psicólogos não recomendaram ter filhos, desincentivando, dessa maneira, esse pais.



— Eu tenho só uma questão... Uma mãe que tenha uma doença mental não pode então ter filhos?

— Claro que pode! Quando falamos em “estar apto” estamos a dizer que os pais têm “idoneidade” para terem filhos e quando falamos em “idoneidade” estamos a falar em amor, lucidez, sensibilidade, realidade e inteligência. Há mães que têm uma doença mental e que são as melhores mães do mundo! Não interessa se tem uma doença mental para a idoneidade. Tem é que saber ser mãe.

— Sim, não pode ser uma estúpida mãe como a que aparece *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto na praia da Cordoama com uma barriga de bebé a fumar.

— Claro que não pode, porque senão como diz Gil de Sales Giotto “se é para seres estúpida mais vale não seres mãe”. E o Direito tem de agarrar nisto. Tem de agarrar neste amor, neste sermão.

— Uma mãe ou um pai, têm é que ter amor e carinho para dar ao filho.

— Sim, claro. Mas não pode ser só amor ou carinho, porque num mesquinho sistema monetário como o nosso, ninguém vive só de amor ou de carinho. É preciso sobretudo ter condições para se terem filhos. E não são as mínimas condições. São condições razoáveis que de caras olhamos e vemos que sim, que há um clima, um ambiente, para se convidar uma criança a nascer, porque ela terá uma casa onde se poderá desenvolver saudavelmente a todos os níveis sobretudo a níveis mentais. O desenvolvimento da mente é o mais importante para a evolução e projeção do ser. É preciso haver uma estabilidade económica e emocional das coisas. Como é que há pais que se atrevem a trazer

crianças ao mundo quando andam a viver em sótãos ou em quartos ou em casas minúsculas?

— Não estás a querer dizer que uma criança que nasça num sótão e cresça num quarto com os pais não se consiga desenvolver, pois não?

— Claro, que uma criança poderá desenvolver-se saudavelmente e conseguir sair do sótão e comprar um palácio para ela e um castelo para os pais. Mas não serão todas as crianças capazes disso. Uma será. Duas serão. 24. 19. 100. 1%. Mas não é por uma criança ter conseguido sair do sótão do prédio onde nasceu e viver e ter comprado todo o prédio que isso tenha que valer como uma regra para os pais poderem ter crianças em sótão, porque houve uma criança sortuda. Não podemos fazer da vida um jogo de sortes. Não podemos falar de sorte quando falamos de vidas humanas. Não podemos andar a experimentar vidas. Não podemos apostar vidas humanas. Não vamos deixar crianças nascerem e crescerem num sótão e ver a tecnologia das câmaras e dos microfones a apostarem se aquela criança vai conseguir sair dali ou não ou pôr-nos a adivinhar o futuro dela. Se uma criança saiu do sótão e tirou os pais do sótão, foi uma sorte! Essa sorte foi para aquela criança. Foi aquela criança que nasceu com sorte. E nós não podemos basear-nos na sorte e fortuna que uns tiveram, para fazer a regra da sorte para os outros. A sorte não tem regra. O que calhou a um, não calhou aos outros. Calhou a criança que nasceu e viveu num sótão ter nascido inteligente com uma poderosa mente, com os algoritmos exatos. Mas e se tivesse nascido com outros algoritmos?

— Caraças! Os algoritmos estão em todo o lado...

— A pergunta que toda a gente faz aos namorados e aos casados é quando é que vêm os filhos, como se fosse uma regra “a seguir” terem que vir os filhos...

— E quando os namorados dizem que não querem ter filhos vão logo indignar-se com eles e perguntar o porquê de não quererem ter filhos...

— Até há uma pressão dos pais dos namorados para os namorados terem filhos...

— E se não forem os pais a pressionar, são os avós, se não forem os avós, são os amigos, se não forem os amigos, é o meio, se não for o meio, é a economia...

— E depois são esses pais, avós e amigos infelizes, que são todos infelizes a dizerem que a verdadeira felicidade só vem quando “vierem” os filhos. Pode ser uma alegria, pode ser uma felicidade, outra felicidade, ter filhos. Mas desde quando é que só se é feliz quando se tem filhos ou só depois do casamento? É uma infelicidade pensar-se assim.

— E depois, por esses pensamentos infelizes é que se gera infelicidade e trazem-se crianças que depois são infelizes e passam metade da vida deprimida e a outra metade a correr de tablet ou telefone na mão...

— Há quem diga que uma família só se possa tornar uma família quando há crianças...

— Bastam dois, para se ser uma família! Não é preciso ter filhos para passar a ser uma família. Os pais instrumentalizam o casamento como um meio para ter filhos.

— Ter filhos não tem de parte do processo natural da vida.

— Ter filhos faz antes parte do plano de um amor que assim o deseja profundamente.

— Isto que estamos a dizer não é um dos *Grandes Apelos* de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi?

— Sim é... E na mesma linha, há um outro *Grande Apelo* de *Jupiter* para que quem não se sente ainda verdadeiramente feliz ou realizado que não tenha filhos...

— Sim... “Porque a felicidade plena não é atingida nem com o casamento nem com o ter filhos, mas atingida muito antes e que os maridos e os filhos poderão é participar nessa felicidade”.

— Mas como é que pomos isso no Código?

— Os *Grandes Apelos* de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi?

— O quê? Vamos pôr os *Grandes Apelos* de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi no nosso Código?

— Vamos, mas por outras palavras...

— Pomos na parte dos abonos e dos incentivos familiares a serem atribuídas às famílias que a psicologia considerou aptas para terem filhos.

— Realmente é muito cruel trazer crianças ao mundo quando não há dinheiro nem para viajar, que é o nosso alimento espiritual, nem para comprar alimentos saudáveis. Porque é importante ter dinheiro para comprar alimentos saudáveis. É preciso ter dinheiro para comer. Para eu ter saúde tenho de me alimentar bem, tenho de comer bem. E para eu poder alimentar-me bem tenho de ter dinheiro para comprar alimentos saudáveis.

— Porque os alimentos saudáveis custam muito dinheiro. As pessoas não leem os ingredientes. As coisas que estão cheias

de E's são as coisas mais baratas. Até o frango assado e o camarão que é embalado está cheio de E's, diz lá na embalagem, é só ler os ingredientes. Mas há camarão que não tem E's, que é mais caro. E os E's fazem mal à saúde. Para eu comer coisas que não me façam mal tenho de ser rico. E quem diz E's, diz açúcares, diz leites processados, diz carnes vermelhas, diz tudo que faz mal à saúde. Os pacotes de batatas fritas sem sal são mais caros que os com sal. Apetece-me batatas fritas. Não é bom apetecer, sempre, todos os dias batatas fritas. Mas em 100 vezes que vou ao supermercado, uma apetece-me batatas fritas. Mas apetecem-me batatas fritas que não sejam fritas em óleo e que não estejam impregnadas de sal, porque apetece-me comer batatas fritas, não é sal! Para eu comer batatas fritas sem sal tenho de ter mais dinheiro se não tenho de gramar com o sal, que faz mal à saúde. Para eu comer batatas fritas, fritas em azeite que é mais saudável do que em óleo, tenho de gastar mais dinheiro, porque são mais caras. As coisas menos más ou boas que nos fazem menos mal ou que nos fazem bem custam muito dinheiro. E eu não posso ter défice de nutrientes. E para não ter défice tenho de fazer várias refeições por dia. Tenho de tomar um pequeno-almoço, é preciso ter dinheiro para o pequeno-almoço. Tenho de antes do almoço e depois do pequeno almoço comer alguma coisa. Depois tenho o almoço, o lanche, o jantar, a ceia, é muito importante ceiar... É que os pais fazem contas só com o almoço e o jantar e para o pequeno-almoço acham que basta comprar-se cereais e está a andar. Pois não está a andar coisa nenhuma! Não é assim que se fazem as coisas. É importante haver dinheiro! Não se pode ter filhos à balda! Gasta-se muito dinheiro a comer um dia!

— E não se tivermos dinheiro para comermos alimentos saudáveis, vamos depois desenvolver cancros e outras mil e uma doenças, porque a base de tudo da vida é o oxigénio, a água e os nutrientes, é essa a química da vida.

— E sem essa fórmula química não vale a pena nascer!

— Claro... Vou nascer para quê? Para andar a passar fome? Para não conseguir pensar? Para ter maus rendimentos escolares? Ver só tristeza? Ver só miséria? Então para isso, mais valia não ter trazido a criança ao mundo! Para fazê-la sofrer?

— E depois não é só comer... Vão haver outros mil e um gastos e outros mil e um desejos. E se o meu filho quiser ir para a natação? A natação custa dinheiro! Eu acho muito cruel privar-se um desporto a um filho, porque não há dinheiro. É claro que ninguém quer que os pais andem a roubar para os filhos andarem na natação, mas são coisas que os pais deviam pensar antes de quererem terem filhos. Será que vão ter dinheiro para acompanhar os desejos dos filhos? Porque num sistema monetário é preciso que os pais tenham dinheiro para poderem acompanhar os desejos dos filhos porque os desejos dos filhos custam dinheiro. E se o meu filho quiser para além da natação, tocar piano, andar na equitação e no golfe? Porque o pai não pode privar a música e o desporto a um filho! Tem de ter dinheiro para pôr o filho na música e no desporto! É que se calhar os maus rendimentos escolares que a criança tem é porque não anda em cima dos cavalos como queria, não tem uma bateria nas mãos como queria, ou uma guitarra ou um piano...

— Claro... Vou nascer para quê? Para ver os outros a andarem de cavalo, com pranchas de surf a irem para todo o lado, a comprarem tudo, a vestirem o que querem e ela não?

— E isto não é ser materialista nem fútil. É saber ser-se humano. Ser ser humano. Porque a roupa e tudo o mais mexe com o sentimento das crianças. Mexe com a psicologia e com a mente das crianças. É importante as crianças poderem ter alguma liberdade para escolherem as suas roupas e os pais têm obrigação

de perseguir os gostos dos filhos. Senão mais valia não ter trazido a criança ao mundo. Se a criança quer umas calças de 1000 euros o pai não tem de comprar essas calças evidentemente. Mas a criança não quer vestir aquelas calças que custam 10 euros daquela loja que sabe que é uma loja que toda a gente goza lá na escola e sabe que vai ser gozado, o pai não pode comprar roupa dessa loja! São coisas de criança, mas que tem toda a importância! Que tem um grande peso na vida de uma criança! Porque a vida de uma criança não vale mesmo que a de um adulto! Como um adulto tem um certo gosto e vê uma certa estética, a criança também vê. A estética é importante. A arquitetura é importante. Porque a criança vê a estética e a arquiteturas das coisas. Um bebé não vê! Mas a criança vê. Se os pais querem comprar “roupa baratucha” comprem enquanto ele for bebé. Porque quando o bebé se tornar numa criança que se vê ao espelho ela vai começar a ver-se com outros olhos. Todos nós já fomos crianças. Talvez não tenhamos passado dificuldades, mas não é por não as termos passado e termos tido as melhores roupas de sempre que não sabemos o que é andar sempre com a mesma roupa, andarmos rotos, com roupas velhas, não poderemos comprar o que queremos vestir, não poderemos andar vestidos como queríamos andar vestidos, e ver todos vestidos...

— Horrível... As vezes que eu via os pais a obrigarem os filhos nas lojas a experimentar roupas que eles não queriam e os pais a comprarem com os filhos a saírem das lojas a chorarem... Horrível... E as câmaras a gravarem tudo... Horrível... Pode ser traumatizante! Não se faz! A criança vai começar a criar sentimentos de ódio e revolta pelos pais sem necessidade nenhuma, porque a criança não vai perceber, nem tem de perceber e não tem de estar a ouvir os pais a dizer que a vida é mesmo assim e que custa a todos porque a vida não custa nada a todos! E se era para custar alguma coisa, lá está, então que não tivesse filhos! Quem é que quer ter filhos para os ver a sofrer e a passarem por dificuldades e por intrigas sociais que traumatizam?

As vezes que eu vi isto e só me apetecia era esbofetear os pais e vestir a criança com a melhor roupa!

— E não é por não termos passado por isto, que não podemos saber o que é passar por isso, sem ter passado por isso. E isto deve entrar na nossa equação quando escolhemos querer ter crianças. Vamos ter dinheiro para lhes comprar roupas? Como vai estar o mercado? Temos de saber ver o mercado e conseguir prevê-lo? Vem aí a Impressora a 3 D de *Jupiter* do Gabriel Garibaldi imprimir roupas para todos? É que se somos seres sociais, isto importa! E muito! Importa na nossa reputação, importa para a nossa honra, para o nosso bom nome, que ao fim ao cabo, são tudo direitos de personalidade não menos importante que qualquer outro e que conseguem também construir aquilo que é a dignidade humana.



— É este o lunático que vai subir ao poder se nós não subirmos. Isto que eu vos vou mostrar é uma gravação que um dos lobos que está lá com ele me mostrou ontem quando passei a noite com ele...

— Tu dormiste na cama com um dos lobos do lunático?

— Estava no *Grindr* à procura de algum extraterrestre lá do *Jupiter* do Gabriel Garibaldi, a imaginar-me a apanhar uma nave espacial daqui para fora e encontrei um dos lobos do lunático...

— E deixa-me adivinhar... Esqueceste *Jupiter* e o Gabriel Garibaldi e quiseste logo ficar outra vez na Terra... O lunático anda com uma cambada de lobos lindos de morrer. Eles são



todos lindos de morrer. Qual é que foi o lobo que te apareceu no *Grindr*?

— O astronauta...

— Ui! Que é só o melhor deles todos... Todas as mulheres, todos os gays e todos os bis vão votar no lunático por ele ser lindo de morrer e ter uma alcateia que dá vontade de nos metermos na toca com todos num permanente coito. O lunático só por si, já parece que saiu de uma agência de modelos...

— E saiu...

— E depois parece que foi buscar os lobos a uma agência de modelos...

— E foi! E foi essa a estratégia inteligente dele. Ele sabe como a beleza comercial vive e habita na mente das pessoas e sabe como os corpos comerciais criam ardentes arderes e ardores de no coração do povo. Sabe como apaixonam o povo. Tanto que sabe que deixou o povo todo em brasa. O povo todo está em brasa. Todo o povo se ajoelha a ele e à tropa dele, porque todo o povo quer se ajoelhar e beijar os pés da tropa dele. Ele está a mexer com tudo.

— Pois está... Ele até os pés dos modelos escolheu a dedo. Ele sabe que há muitas pessoas que têm o fetiche dos pés, sabe que há quem veja uma certa espiritualidade nos pés e sabe que para muitos os pés são nojentos. Então o que é que ele fez? Filmou-os em pormenor. Filmou-lhes os pés em pormenor na campanha política dele.

— Aquilo não é nenhuma campanha política. Aquilo é um reclame pornográfico.

— Aquilo parece é a introdução de um filme pornográfico.

— Introdução? Aquilo para mim, não é introdução nenhuma, aquilo para mim é um autêntico filme pornográfico... Tens a noção da quantidade de mulheres, gays e bis que devem congelar cada segundo daquelas imagens ou rebobinar e voltar a dar play e masturbarem-se? Até eu me masturbo num segundo congelado... E eu odeio-os... Então, se os adorasse ou se os venerasse...

— Ainda não tive tempo de ver a campanha política dele...

— Ah, então não vejas, porque senão vais querer pedir o divórcio à tua mulher. Eles até mexem com a tua heterossexualidade.

— Mexeram com a tua?

— Mexeram com a minha sanidade, sim... Admito!

— E eles estão todos no *Grindr* e no *Tinder*, eu vi-os...

— Até o lunático?

— Não... O lunático não. O lunático tem os seus 8 lobos, que são os seus 8 braços. Ele é um polvo. Um completo predador. Um autêntico canibal. Aquela cabeça cai do céu nos braços dos seus 8 lobos num luxurioso frenesim.

— Não acredito... Devem ser perfis que fazem parte da campanha política... Imagina, se tu estivesses solteiro e não soubesses em quem votar e visses um dos que pode subir ao poder, que por acaso te põem em brasa a dar-te pensamentos de

um poderoso casamento com ele, tu votarias nesse partido, onde sabes que há lobos solteiros à procura de uma fêmea. Desejarias ser essa fêmea. Desejarias esse partido.

— Mas como é que é a campanha política dele?

— Ele na campanha, aparece com o slogan a dizer que não querem esconder nada e querem ser sempre nus e transparentes com o povo. Então aparecem os modelos metidos em cápsulas, que é como ele quer meter o povo todo, quer meter o povo a dormir em cápsulas super tecnológicas que se abrem como a porta de um *Lamborghini* quando dizemos para a cápsula se abrir. O povo vê essas cápsulas e quer dormir nas cápsulas porque burro como é, julga que os lobos dormem naquelas cápsulas ou que vão dormir com um dos lobos naquela cápsula ou por verem as cápsulas a abrirem a porta como um *Lamborghini* ficam fascinados tecnologicamente com as cápsulas. O povo já não consegue ver as armadilhas tecnológicas. Não consegue. São 12 cápsulas geometricamente alinhadas em figura oval e uma cápsula ao meio, que é a cápsula presidencial. No teto abre-se uma cortina automática lentamente com o nascer do sol que é projetado em holograma nas paredes, ao mesmo tempo que “saem” do chão 9 *superárvores* sincronizadas com a abertura da cortina, em que o antigo teto branco que era afinal uma cortina dá lugar a um teto envidraçado. As 9 *superárvores* artificiais fotovoltaicas, cobertas de jardins verticais de fetos e orquídeas tão espalhadas pelo novo jardim que afinal já não é uma sala com cápsulas, mas um jardim com *superárvores* e cápsulas. As portas *Lamborghini* das cápsulas começam a abrir-se e vão saindo delas os lobos nus e três pessoas que estão em situação de sem-abrigo que ele foi buscar à rua, para o lunático dizer que caso não ganhe as pessoas em situação de sem-abrigo vão continuar em situação de sem-abrigo e caso ele ganhe é assim que ele vai resolver a situação dos sem-abrigos, com cápsulas super tecnológicas, ao

invés de lhes atribuir uma casa sem câmaras, sem microfones e sem ter que “entregar” a impressão digital!

— Nus????

— Nus, mas só os lobos... Porque as pessoas em situação de sem abrigo saem das cápsulas vestidas e quando saem, saem para fora do jardim. Para ser muito franco nem sei se todo o povo repara nas 3 pessoas em situação de sem-abrigo ali com os lobos nus...

— Mas os lobos aparecem mesmo nus na campanha?

— Mesmo nus...

— Mas isso é permitido????

— Num país onde é permitido passarem reclames de crianças a abraçarem robots e telenovelas a passarem sexo puro e duro que parecem enxertos pornográficos alguma vez não se iria permitir a nudez dos lobos lindos de morrer do partido que já hipnotizou metade do sistema?

— Mas veem-se as genitálias deles?

— Não se vê por um triz... Eles quando saem das cápsulas saem num movimento treinado que conseguem tapar o pénis com as coxas e quando já estão de pé tapam o pénis com as mãos ou ficam de lado e arqueiam o corpo com as pernas que vão encontrando uma posição perfeitamente sensual escondendo os pénis. Vê-se é a silhueta do rabo deles e há três que se viram com as nádegas “para nós” sem qualquer pudor.

— De quem é que se vê as nádegas?

— Do bombeiro, do militar e do marinheiro.

— E vê-se a silhueta do pênis do piloto na sombra que ele faz...

— Ao menos, não se veem as nádegas nem o pênis do astronauta com quem passei a noite...

— Não... Mas veem-se os pés dele... Dele e de todos os lobos. Entretanto saem dentro da cápsula os robots de cada um dos lobos.

— Para mim isso é uma mensagem subliminar da introdução dos robots sexuais no nosso mercado e um severo incitamento à robofilia. O povo, burro como é, vai julgar que os lobos têm robots sexuais ou dormem com robots e vão por isso, julgar, que é normal ter-se um robot sexual como se ter um marido ou um namorado.

— Vale lembrar que o lunático tem uma empresa de robots sexuais e uma empresa de esperma artificial com vários sabores para se pôr no robot, para o robot ejacular um saboroso esperma.

— Um saboroso e quente esperma, porque os robots dele têm painéis fotovoltaicos para aquecerem o esperma e o esperma sair quentinho como na vida real dos humanos.

— Surreal...

— Só um lunático destes é que monta uma empresa de robots sexuais. Os lobos dele para ele são autênticos robots. Ele cada dia dorme com um, ou com dois ou com três ao mesmo tempo... E o povo está-se a marimbar para isto. Porque acredita

que isto é o futuro e que isto é que é evolução e liberdade de expressão...

— Uma liberdade de expressão sexual só se for...

— E os lobos carregam num botão das suas cápsulas e saem uma espreguiçadeiras para fora que estavam espalmadas à cápsula e uns ficam mais sentados outros mais deitados de lado “para nós” nus nas suas espreguiçadeiras enquanto os robots se configuram em drones e começam a voar de um lado para o outro a simular uma viagem. Passados uns 10 segundos daquele espetáculo *dronático* os drones-robots vão pousando um de cada vez perto de cada lobo e é aqui que cada um deles começa a filmar e a projetar em grande num holograma que aparece ao pé do lobo. E vê-se então o pormenor dos pés de cada lobo, o pormenor do peito de lobos, o pormenor de cada um dos abdominais de cada lobo. E se os pés não entravam não estavam no cardápio das mentes do povo como partes sensuais do corpo como o peito e os abdominais, não tenho dúvidas que depois daquela campanha política...

— Anúncio pornográfico...

— Os pés vão entrar no cardápio. Porque são os pés mais perfeitos, mais bem desenhados, os pés que toda a gente queria que os namorados e os maridos tivessem. Sem nenhuma imperfeição. Que dá mesmo vontade de os beijar...

— Isso não será o teu fetiche por pés a falar?

— Eu não tinha fetiche nenhum... Eu tinha nojo de pés... Eu até tinha pânico... Para mim sempre foi uma parte do corpo extraterrestre... E agora parece que é a parte que mais comecei a dar importância e comecei a reparar imenso nos pés de

todos... E comparo sempre aos pés dos lobos que são os mais perfeitos. Tenho em mim gravados todos os pés deles.

— Para mim sempre foi uma parte extremamente sensual... A mais sensual até...

— Para mim sempre foi uma parte muito espiritual. Parece que está lá escrita a narrativa da vida...

— Eu que ligo muito à energias, posso dizer que cada parte do pé comunica diretamente com uma parte do corpo...

— Isso não é energético... É médico! É anatómico!

— O drone volta-se a configurar em robot e traz as roupas de cada lobo e veste cada lobo. O lobo fica quieto. Quem o veste é o robot. Cada robot veste o seu lobo. Veste o astronauta, veste o marinheiro, veste o militar, veste o piloto, veste o mergulhador, veste o polícia, veste o bombeiro, e veste o empresário. O robot do lobo empresário até sabe dar nós de gravata.

— Quem nos dá é a minha mãe que vive no andar de cima. Temos um prédio muito bonito em Cascais. Eu vivo em baixo, os meus pais no primeiro andar e os meus avós no segundo andar. Se a minha mãe não está em casa para me fazer o nó de gravata subo até ao segundo andar e peço à minha avó. Às vezes penso, que senão fosse aquele “nó de gravata” não subia tantas vezes até lá acima não beijavas tantas vezes a minha mãe e a minha avó... E gosto de ter essa desculpa para subir lá a cima. E elas adoram-me fazer o nó de gravata todos os dias. Às vezes levo a gravata que quero. Mas outras, levo três gravatas e dou-lhes a escolher.

— É como eu faço com o meu namorado... Ele é que me escolhe as gravatas e faz-me o nu por detrás de mim em frente ao espelho. Eu adoro aquele “nó de gravata” feito por ele. Não tenho tantas gravatas para me dar ao luxo de escolher três de uma vez quase todos os dias, mas desfaço os nós, quando chego a casa só para o meu namorado me fazer aquele “nó” perfeitamente encaixado em mim.

— Quando estão todos os lobos com as suas fardas e fatos, os robots voltam a transformarem-se em drones e voltam a filmar de cima a baixo filmando focada e lentamente os pés. Os lobos estão sempre descalços naquele palco político. Aparecem sempre como uns “pés descalços”. Dá-se um estilhaço no teto de vidro e aparece o lunático caído de paraquedas ao colo dos 8 que o levam para a cápsula presidencial, despem-no atirando as roupas e o paraquedas para o chão. Assim que saem perto “daquele lixo” vêm os robots varredores, que limpam as roupas e o paraquedas. Cada um dos robots dos lobos transformam-se em secretárias com um telecomando gigante em que eles com óculos de realidade virtual aumentada “vão trabalhar” a partir do jardim tecnológico, sem saírem do jardim tecnológico. Há um drone que está no palco a filmar toda a cena política e aproxima-se da secretária-comando do bombeiro e vê-se que há um incêndio e o bombeiro está ali a telecomandar um tanque-voador cheio de água controlando o fogo, o piloto que é da força aérea está a telecomandar caças, o mergulhador a telecomandar um mini submarino nas profundezas do oceano, o empresário que é advogado está no tribunal virtual como se fosse um holograma, o polícia está a telecomandar um drone de patrulha, o militar do exército a telecomandar um tanque de guerra que está a fazer manobras de tiro, o marinheiro está a telecomandar um drone que vai projetar a sua voz em altifalante para um barco com pescadores a avisar que já atingiram o volume de pesca por dia e



que está a vir um barco pirata de leste a 20 milhas náuticas na direção deles.

— Gosto da ideia de enquanto os lobos, que são o retrato dos futuros ministros, estão a trabalhar à distância, a resolver tudo à distância, como se tivessem num jogo de *Playstation*, o primeiro-ministro lunático está ferradíssimo a dormir na sua cápsula presidencial depois de um radical salto de paraquedas.

— Então, mas conta lá como é que foste parar à cama do astronauta? E afinal que gravação é que trazes nessa *pen*?

— Esta *pen* basicamente é o cérebro do lunático. Tudo aquilo que nós já desconfiávamos sobre ele, está nesta *pen*, que é o cérebro dele, e que prova que a nossa intuição afinal estava sintonizada com a realidade. Ele enviou-me logo uma fotografia do pénis dele no *Grindr* como resposta a uma fotografia minha de cara e perguntou-me se eu era passivo ou ativo. Eu disse-lhe que era passivo e ele disse-me que era ativo e perguntou-me se eu estava interessado em “mamar” e “levar” a noite toda. Como eram horas de jantar, perguntei-lhe se ele queria jantar antes de passarmos a noite toda nisso. Ele aceitou. Enviou-me a morada e perguntou-me se eu podia comprar uma garrafa de vinho enquanto ele ia tomar um duche num instante. Ele apareceu-me à frente, acabado de sair do duche com os cabelos longos loiros molhados penteados para trás. Eu apaixonei-me à primeira vista. Com a porta aberta, chegou-se perto e começou-me logo a fazer festas sem dizermos uma palavra. Só me fazia festas e mais alto que eu, olhava-me intensamente. Fiquei logo hipnotizado. Fiquei para ali hirto com ele só a receber as festas dele. Fez-me entrar puxando-me delicadamente pela nuca. Como eles são todos lobos tão tecnológicos até pensei que naquele “puxar de nuca” me tivesse instalado algum chip que me ordenasse num submisso ato sexual com ele. Adivinhei que quando a porta se fechasse ele me fizesse ajoelhar logo ali pela nuca.

— E tiveste de o mamar antes do jantar?

— Claro que teve.

— Sim, tive. Depois abrimos a garrafa de vinho e com as taças servidas mostrou-me a casa.

— Uau! Que romântico.

— Depois na visita guiada levou-te ao quarto e ordenou-te que te ajoelhasses outra vez...

— Sim...

— E tu claro, que te ajoelhaste...

— Sim... Depois fomos para a mesa para jantarmos...

— E antes de te sentares... Ele sentou-se primeiro e voltou a ajoelhar-te puxando-te pela nuca...

— Como é que sabes? Não me digas que eu estou nos *Cavaleiros Tecnológicos* do Barac Bielke ou numa *Aplicação* do *Target* do Ralf Kleba-Kodak...

— É muito intuitivo...

— É que eu tenho motivos para agora ficar com a *Paranoide Tecnológica* do Federico Ferrari, com a tua suspeita intuição...

— Porquê?

— Porque ele tinha três câmaras apontadas nos exatos sítios onde me fez ajoelhar as três vezes... Por isso, se me viste a mamá-lo diz-me já!

— Eu não vi nada... Mas ouvi dizer... Que gostas muito de mamar... E foste tu que o disseste... Quem me dera que a minha mulher me chupasse assim 3 vezes de seguida como tu ao astronauta antes do jantar... Porque a seguir ao jantar, imagino que deves ter levado no *cuzinho* a noite toda. Tiveste que lhe dar o *cuzinho*, para teres hoje o cérebro do lunático enfiando nessa *pen*...

— Eu não era capaz de fazer 1 broche em frente a câmara que fosse a nenhum dos lobos e acho-os lindos de morrer... Como é que tu foste capaz de lhe fazer 3 broches desses???? Sabes lá quem é que te viu atrás da câmara... Sabes lá para onde é que foram parar estes teus três vídeos pornográficos... Sabes lá em que site pornográfico estás agora...

— É óbvio que hipnotizado como ele estava, drogado como ele estava pelo esperma do astronauta, ele só viu as câmaras de manhã quando saiu da toca do lobo tecnológico, ou estou errado?

— Não estás errado! Foi mesmo isso... Para além de que ele teve a lata de me telefonar a perguntar porque é que eu tinha mexido no telefone dele enquanto ele dormia... Logo antes de eu ter saído da casa dele...

— Ou seja... Vamos pensar... Ele não teve tempo para se levantar, ir ao computador e rebobinar tudo para trás e congelar o teu movimento estranho... Alguém esteve a acompanhar o vosso filme pornográfico e resolveu telefonar-lhe a avisar que tu lhe mexeste no telefone, enquanto ele dormia...

— E o que é que tu lhe respondeste?

— Disse que reparei nas câmaras em casa dele, assustei-me e tentei aceder ao telefone dele para ver se ele tinha alguma aplicação das câmaras instalada no telefone, para poder *deletar* os broches que eu lhe tinha feito à frente das câmaras...

— E o que é que ele te respondeu?

— Disse para eu não me preocupar, porque quem tem acesso às câmaras da casa é o segurança dele e que as passa a velocidades muito rápidas, só para ver se está tudo bem. E que foram os próprios algoritmos do software que detetaram o meu movimento suspeito a meio da noite, quando já estávamos a dormir e não era suposto “eu do nada” mexer-lhe no telefone àquela hora, tal e qual como os algoritmos ficariam atentos, se por acaso eu me tivesse levantado e ido à casa de banho ou tivesse posto algum objeto dentro da minha mochila.

— Isso existe? Como é que alguém é capaz de se submeter às mãos de um segurança “que diz que passa as gravações em velocidade rápida” e aos olhos permanentes de uma câmara e de algoritmos sofisticadíssimos que engordam uma inteligência artificial de um cérebro global tecnológico?

— Para ser honesto e por amor à minha paz tecnológica comigo próprio, prefiro mesmo acreditar e quero mesmo acreditar que quem tem acesso àquelas câmaras é o segurança dele, que o segurança dele conhece o Código Penal, a Constituição da República Portuguesa e o Código Civil, que é um reformado do exército, que é hétero, que não conhece ninguém do nosso meio social, que não faz ideia de quem eu sou, que não viu o meu perfil no Facebook e que passou mesmo as nossas cenas sexuais *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.



— Eu fiz o meu teatro à mesa do jantar para sobreviver naquela toca com aquele lobo capaz de chamar tecnologicamente em 2 segundos tecnológicos toda a alcateia. Disse-lhe que venerava o lunático...

— Beberam a garrafa inteira?

— Sim. Calhou meia garrafa para cada um...

— Mas o que a Organização Mundial de Saúde e a nossa Medicina recomendam é um copo de vinho à refeição... Não é meia garrafa de vinho e meio litro de esperma...

— Obrigado, por me fazeres sempre ir parar a casa do astronauta...

— Eras capaz de lá ir parar outra vez?

— Acho que era...

— Mesmo com aquelas câmaras todas?

— Acho que era... Mas numa de negócios políticos...

— Claro... “Numa de negócios políticos”...

— Ele fuma? É que o esperma dele pode ter nicotina... E pode ter-te viciado...

— Surreal... Parece que passaste para o outro lado... Como é que é possível dizeres que eras capaz de lá voltar àquela armadilha tecnológica...? Ele deve mesmo ter-te drogado... Ele deve ter droga no esperma...

— Tem nicotina!!! Está explicada a armadilha... Bom... Não te escapou da boca, nesse jantar romântico regado de vinho, a expressão “lunático” para o líder dele, pois não? É que às tantas...

— Claro que não.

— Disseste-lhe que veneravas o lunático e depois?

— Que ia votar neles, que eles tinham mesmo de ganhar, que eles é que eram a alternativa, que seguia cegamente as ideologias deles... E nisto, ia-lhe fazendo umas festas nas pernas, ia-lhe pondo a mão na pila... Ele lá saca o telefone para fora e mostra-me a gravação em risos e júbilos demoníacos:

«— Vamos lá hipnotizar tudo!

Quero tudo hipnotizado!

Não quero ver ninguém a olhar para as árvores nem a dar as mãos!

Acabem com os namorados!

Quero tudo na *Aplicação!*

Se querem comprar uma casa, tem de ser uma casa inteligente, para que oiça o que as famílias conversam e não conversam e que me assinale as famílias disfuncionais, que eu quero saber quais é que são as famílias disfuncionais, quais é que são as famílias que falam mal do meu governo e quais é que são as famílias que querem ver abaixo o meu governo!

Quero todos os sem-abrigos metidos nas cápsulas e toda a cidade patrulhada por drones-polícia, não quero ver nenhum sem-abrigo senão nas cápsulas! E quero os preços das casas a aumentar, os recém-licenciados ou os recém-casados senão têm dinheiro vão para as cápsulas!

E quero as cápsulas com os melhores microfones e as melhores câmaras que eu quero ver de perto toda a gente e quero ver quem se mete nas cápsulas com quem!

É tudo para o Mercado de Dados!

Essas cápsulas vão ser o nosso petróleo!

Quero que ponham cápsulas à volta das faculdades de Norte a Sul do país! Os estudantes se não têm dinheiro para tomar uma renda ou não nasceram com papás ricos que já têm casas nas cidades das faculdades, dormem e *fodem* nas cápsulas!

Quero tudo ouvido!

Quero tudo gravado!

Quero tudo filmado!

Quero tudo monitorizado!

Quero tudo cheio de tecnologia!

Quero tecnologia por todo o lado!

Vamos usar a desculpa do terrorismo!

Vamos simular ataques terroristas para espalhar o medo!

Quero tudo cheio de medo!

Quero tudo a dizer “Quem não deve, não teme”!

Quero tudo com implantes tecnológicos!

Quero tudo chipado!

Vamos fazer propaganda a fingir que pomos os chips em nós,  
para eles não refilarem muito e deixarem-nos pormos-lhes os  
chips!

Porque eu quero tudo chipado!

E digam todos que vai acontecer e pronto!

Digam que tem de acontecer!

Digam que o futuro é por chips e pronto!

Digam que o futuro é viver em cápsulas e pronto!

Digam que o futuro é drones por todo o lado e pronto!

Digam que quem se puser à frente, arrancam-lhe o cérebro e  
pomo-lo ligado à máquina legislativa para produzir mais produtos  
tecnológicos!

Com a sua alma tecnológica!

Vá! Ponham lá a campanha tecnológica a dar!



Já está instalada?

Vá, agora passem lá sem parar a propaganda tecnológica até ficar bem lá nas mentes deles!»



— Eu ouvi-vos... Tenho estado calado a ouvir-vos...  
Mas agora posso falar?

— Epá, se tu falas, nunca mais te calas...

— Epá, deixa-o falar...

— Epá, posso falar?

— Podes...

— Posso falar?

— Epá, podes...

— Obrigado!

— Obrigado... Eu acho que às vezes é bom fazer um resumo sobre tudo. Já que estamos numa Era tecnológica de Internet das Coisas, numa Era a querer ligar tudo, então seria bom, ligarmos tudo, mas primeiro sem a tecnologia. Ligarmos tudo, primeiro com a nossa intuição. Com aquilo que somos humanos. Que já por si, é uma tecnologia. Olhar e ver as coisas com a nossa tecnologia. Não é com a batota da outra tecnologia que se produz em série na fábrica, na indústria, no mercado, no comércio ou no parlamento...

— Ficava-te bem era dizeres que acabaste de parafrasear Gil de Sales Giotto... Também li o *À Velocidade da Luz*...

— Também eu li o *À Velocidade da Luz de Gil de Sales Giotto* e é inegável que essa frase é arrancada do livro dele...

— Também li o *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— Também li o *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— Também li o *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— Também li o *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— Também li o *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— Como sei que todos aqui nesta mesa redonda lemos o *À Velocidade da Luz*, julguei que o nosso querido amigo Gil de Sales Giotto dispensava apresentações, mas ainda bem que o trouxeram para a conversa...

— Foste tu que o trouxeste... Só te esqueceste foi de invocar o nome dele...

— Mas já todos invocámos espiritualmente...

— Parecemos espíritos aqui nesta mesa redonda a invocá-lo 8 vezes...

— Vocês acreditam na profecia dele?

— Que profecia?

— EU ACREDITO!

— EU TAMBÉM ACREDITO!

— Há um pequeno mito à volta do livro dele, que ele é descendente dos Maias...

— E claro, que como qualquer um dos Maias, também ele tinha que registar uma profecia...

— Mas a profecia que ele fez, foi para Portugal...

— Que se abatermos as árvores, se desflorestarmos a Herdade da Comporta para construir casas um tsunami devastará tudo...

— E perante tal profecia qual será a nossa posição?

— É muito clara! Toda a construção tem de ser sustentável. Tem de acompanhar as árvores. Se queríamos uma parede toda em frente, mas há uma árvore, ou contornamos ou incluímos a árvore, incluímos o tronco dela. Agora, em Portugal ninguém mais vai abater para construir! A construção que é

económica, que é a economia tem de estar ligada ao ambiente. A economia tem de ser sustentável. Tem de saber coexistir com o ambiente. O que não faltam são novas soluções, novas modas e novas tendências. E a nossa moda agora vai ser esta: construir contornando-se as árvores, para não as abater!



— Eu não sei o que é o terceiro género. Ou se é masculino ou se é feminino. Isto para mim.

— E para mim também...

— Não podemos ser tão drásticos, o tempo da TV a preto e branco já passou... Agora temos mais cores...

— Temos mais cores e géneros. E afinal, há aí um terceiro género. É o que se ouve por aí dizer...

— Mas porquê? Porque afinal, nasceu alguém que não se identifica nem com o sexo masculino nem com o sexo feminino...

— Já sei... É um anjo...

— Não, é que às vezes pode acontecer... Caírem anjos do céu...

— Pois... E os anjos é que não têm sexo...

— Faz todo o sentido... Os do terceiro género, são anjos... É algum anjo que caiu do céu...

— Nasceu alguém que não se identifica nem com o sexo masculino, nem com o sexo feminino... Mas esperem lá... O género tem de ver com aquilo com que um indivíduo se identifica?... Ó senhor biólogo...

— Não chames todos os biólogos... Chama só os nossos biólogos, chama os biólogos administrativistas, para eles responderem a esta “nossa” questão...

— Mas para quê estar a chamar os biólogos para esta conversa?! Estamos a falar de humanos.

— E só os humanos é que têm estas pancadas...

— Pancadas? Ó senhor psicólogo...

— Não chames todos os psicólogos... Não te ponhas a chamar os psicólogos de mercado que fumam cigarros e andam com o telefone na mão e metem óculos de realidade virtual aumentada e dormem com robots sexuais que eles vão defender a economia e a tecnologia... Chama só os “nossos” psicólogos... Os psicólogos administrativistas... Os psicólogos do sistema... Os psicólogos que têm de desenhar o sistema e a economia... Não te ponhas agora a chamar todos, que há uns quantos que andam por aí a fumar charros e a hipnotizar o pessoal todo com a erva...

— Mas será que podemos dizer “pancadas”?

— Será que podemos ser julgados por julgarmos isto uma pancada?

— Não... Que os nossos cérebros ainda não estão ligados a máquinas e ainda não nos extraem tecnologicamente os pensamentos... E por isso, ainda não se inventou nenhum *Direito Penal do Pensamento Desadequado*...

— Não é esse Direito Penal que o Governo dos Chips e dos Drones tinha um projeto-piloto escrito à mão numa folha de guardanapo numa grande jantarada com álcool, THC e esperma?

— Sim... Mas eles não o chamam assim como nós o chamamos... Não chamam *Direito Penal do Pensamento Desadequado*... A nossa expressão é que é elucidativamente rude... Eles, mais elegantemente, porque aquilo é gente fina e gente fina é outra coisa, chamam Direito Penal Preventivo...

— E qual é que é a técnica da prevenção desse (não) “Direito” deles...?

— A técnica algorítmica com o recurso aos drones e aos chips... Não sabes? Funciona tudo por algoritmos... Os algoritmos é que mandam...

— Ouvi assim uns *zumzums*... Mas somos tantas abelhas numa colmeia e tantas abelhas a quererem ser rainhas e a hipnotizar toda a colmeia...E quem é que vai pôr os algoritmos?

— É o cérebro do lunático... A rainha dos lobos lunáticos...

— Portanto, as máquinas seriam androids, softwares com a informação cerebral descarregada do lunático... Com as convicções do lunático... As (poucas) morais do lunático... As (poucas) éticas do lunático... As fantasias do lunático... Os preconceitos do lunático... Os fetiches do lunático... A *robotofilia* e a *espetrofília* do lunático... Mas tu afinal não sabes?

— Sei... Mas era só para ter a certeza se estávamos todos em sintonia...

— Estamos, pois... Portanto, condenarem-nos por julgarmos o terceiro género uma pancada, ainda não podem, a não ser que o Governo dos Chips e dos Drones suba ao poder... Agora se podemos ser processados por dizermos que é uma pancada...? Nesta Era tecnológica que pouco nos dá liberdade de nos expressarmos, talvez...

— Até onde é que afinal vai a minha liberdade de expressão?

— Mas eu estou-me a expressar? É isto que é expressar? Dizer que é pancada?

— Vamos lá então por partes. Um homem que se diz “hétero”, mas que a seguir vai para o *Grindr*...

— Ou se mete aos marmelos com o capitão de equipa...

— Isto é sério... Não me interrompas com os teus fetiches... Vai para o Grindr para convidar malta discreta lá para casa para ver a bola, beber umas cervejas e no final bater umas, enquanto se está a ver a bola, mas que tem de ser antes da namorada chegar a casa... E ainda assim se acha hétero???? Diz-se “hétero”, porque isto foi uma “cena” de homens e até foi bastante “macho”, porque foi só bater e foi a beber jola e a ver a

bola...? Eu não posso dizer que tem pancada? Que pelo menos, tem uma pancada por trair a namorada com homens? Das duas uma: ou é gay ou é bi. Não há aqui nenhuma nova terceira orientação sexual para estes tipos sexuais.

— E para os tipos que têm todos filhos e já são casados, mas vão para as termas e sem querer(em) uns já estão a mamar, uns já estão a dar de mamar numa profunda hierarquia em que nem todos se ajoelham a todos, mas depois saem desses banhos e como se nada tivesse passado voltam cada um para as suas casas para ao pé das suas mulheres... Mas continuam a achar que são héteros e são seres políticos e negociais e o que se passou nas termas foi, no fundo, um jogo de poder como na política e na economia que acabou por ir parar a um jogo sexual entre políticos e empresários e não entre homossexuais...

— Então, e perante toda essa realidade de comunidade que emerge aos nossos olhos, eu não posso agora dizer que os homens que se dizem “héteros”, mas depois sentem atração sexual por homens, que se excitam com eles, seja por um gesto, por um cheiro, pelo que seja, pela forma de andar masculina, pelos pés ou mãos masculinas, ou seja pela voz, pelo timbre rouco, pela rouquidão da voz masculina, que têm uma grande pancada?

— Claro que posso dizer que têm uma grande pancada!

— Que têm uma grande pancada por homens!

— Que gostam de homens, ponto final, parágrafo! Tem mal? O mal está em trair! Em mentirem a quem os ama! A quem se deita com eles e acredita neles!

— E as orgias têm mal?



— Eu vejo-as como perversas! Mas é só uma opinião! Não me podem condenar por eu ver as orgias como atos diabólicos! Mas isto sou eu... Que sou muito espiritual e romântico e vejo energias e vejo coisas, que se calhar não devia ver...

— Mas eu não posso impedi-las de acontecerem?

— Posso! Claro que posso! Se eu for o Direito, posso impedi-las de acontecerem em espaços públicos! As praias, as cascatas, os rios, os lagos, as matas, as florestas, as colinas, as serras, as montanhas os jardins são espaços públicos! Se eu for o Direito, posso proibi-las de irem parar a um canal de TV, onde todos, incluindo crianças com um comando na mão podem lá ir parar...

— Com um comando na mão? As crianças estão a nascer com tablets e telefones com Internet...

— Eu vejo as orgias como diabólicas, porque não vi orgias nem na TV, nem no PC, nem na Internet, e por isso, sempre tive uma visão muito romantizada das coisas e por isso, é que tenho o meu marido com que estou casado, mas parece que estamos sempre no nosso primeiro dia de namoro. Sou feliz e só vejo o meu marido em todo o lado e se ele morrer serei um cavalo marinho ao lado dele à espera também de morrer! Mas não faço ideia se tivesse visto orgias numa idade em que a minha personalidade estava ainda a ser construída, se queria ou não andar metido nessas orgias e se hoje conseguiria ter um casamento perfeito como tenho em que consigo passar por uma orgia numa praia, ou numa terma, ou num balneário, ou num filme, porque as orgias estão em todo o lado, e odiá-las, porque despertam em mim e ao meu marido sentimentos de repulsa!

— Mas então... Pergunta o Zé Povinho... Se há orgias na Internet, porque não pode haver orgias na TV? Quer responder senhor legislador comercialista penal?

— Quero!

— Tem então a palavra o Senhor Doutor Comercialista Penalista... Do Direito Penal Comercial...

— Porque a Internet em nada tem de ver com a TV! Eu não consigo regular a Internet. Mas consigo regular a TV. Eu consigo dizer que há horários nobres e outros menos nobres. Eu consigo mandar escarrapachar uma bola encarnada num canto de um filme com conteúdo sexual ou violento que vai passar... E há um despertar sexual biológico que está dentro de nós e que desperta naturalmente a uma certa idade e deve ser o despertador biológico dentro de nós a comandar e não a tecnologia ou a pornografia a comandar.

— A Internet em nada tinha que ver com a TV, mas agora com a Internet das Coisas, vai ter tudo a ver...

— Pois... Mas não devia!

— «Se há pornografia na Internet e qualquer criança pode ir ver, porque é que afinal não podem passar as orgias na TV?» Pergunta novamente o Zé Povinho... É que já que estamos na época do aprender tudo a correr, assim aprendiam-se logo o *kamasutra* todo numa só orgia, pronto...

— Alguém quer ter a palavra?

— Eu passo!

— Eu passo!

— Eu passo!

— Eu passo!

— Eu passo!

— Eu passo!

— Eu passo!

— Eu passo!

— Mas esperem lá... Que eu me estava a esquecer que agora temos a poligamia e a associação dos poliamorosos...

— Essa associação nasceu onde? Da inteligência sexual?

— Sim... Deve ter sido de uma orgia que andou a ver os artigos do Código Civil para formarem uma associação...

— Ah! Faz sentido... Porque eu não apanhei colegas poliamorosos na Faculdade de Direito... E aparecerem agora, assim de repente, poliamorosos, ainda por cima, com uma associação e tudo no nosso sistema, não estava bem a ver de onde poderia ter aparecido...

— Nem só em grandes faculdades nascem grandes cérebros... Também em grandes orgias, pelos vistos, podem nascer grandes cérebros...

— E agora temos aí as associações dos poliamorosos a virem dizer que se passam cenas sexuais monogâmicas na TV também deviam passar orgias...

— Orgias não... Cenas sexuais poligâmicas...

— Cenas sexuais poligâmicas não... Cenas sexuais entre poliamorosos... Porque os poliamorosos não são poligâmicos... Pertencem a outra espécie...

— Não pertencem ao terceiro género, pois não...?

— Podem pertencer... Isso é uma subespécie que se pode abrir dentro da espécie dos poliamorosos... Como noutra espécie de seres sexuais...

— Não se pode dizer que é uma orgia... Porque há ali amor... E é um amor super regulado...

— Aliás ouvi dizer que até é um amor tão regulado, tão regulado, tão regulado, que funciona melhor que a democracia... Ali é por unanimidade...

— Bom... Às vezes, há ali uma consensualidade e tal... Um charrito e tal... Para a cena ser mais consensual...

— Claro... Mas, não te esqueças que só não está a ver o filme quem está no filme...

— Quem está para ali metido no filme... Não vê o filme de fora...

— Vê o filme em realidade virtual aumentada.



— E qual vai ser a nossa posição final sobre a Internet das Coisas? Mandamos vir a tecnologia encomendada por drones ou não?

— A ligação mais imediata que por mim podemos fazer é ligar os bombeiros a 2080 de Antoine Canary-Wharf...

— Vamos encomendar tanques-drone para os bombeiros?

— Sim. Para que *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto consigam voar até às chamas para as apaziguar. Proponho que nas zonas de maior risco de incêndio tenhamos instalado sensores de faísca, chamas, fogo e fumo que estejam ligados numa Internet das Coisas à central dos bombeiros e que em caso de incêndio os drones sejam automaticamente ativados e por si só vão a voar carregados com água para apagam o fogo. Não precisamos de pôr câmaras nas montanhas nem nas matas com a desculpa de vigiarmos para prevenirmos o risco de incêndio, porque o incêndio não se previne nem se combate com câmaras. Tirando isto, não vejo mais nenhuma ligação importante com a Internet das Coisas. Senão ligarmo-nos às pessoas que estão em situação de sem-abrigo. Vamos comprar impressoras a 3D e mandar imprimir casas para todas as pessoas em situação de sem-abrigo, estudantes, recém-casados e recém-licenciados. Ao mesmo tempo reabilitar todos os prédios vazios que estão ao abandono, que são das câmaras e dar às pessoas que estão em situação de sem-abrigo. Temos muitas infraestruturas. Vamos imprimir também centros de estufa autossustentáveis de base vegetariana que serão cantinas para todos os estudantes universitários e pessoas em situação de sem-abrigo onde podem fazer as refeições gratuitamente. Vamos fiscalizar todos os lares. Vamos reabilitar todos os lares indignos. Há lares indignos em que as pessoas da Grande Idade estão a ser tratadas como se não

fossem pessoas da Grande Idade. As pessoas da Grande Idade não pagam nada. Não é descontos aqui ou ali. Não pagam. Foi para isso que andaram a descontar a vida inteira. Para poderem viver descansados o resto das suas vidas. Deve ser esta a nossa Internet das Coisas.

— Bem já que estamos numa de Internet das Coisas, há aqui vários pontos da ordem de trabalhos que temos de ligar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.

— Vá, traz lá as coisas todas, que ligamos tudo num instante. Vamos ligar a correr *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.

— Enquanto estamos a imprimir casas e a reabilitar os prédios... Quem filmar as pessoas que estão em situação de sem-abrigo...

— Vão presas ou pagam uma multa tão grande, mas tão grande de quinhentos e tais dias em que a multa reverte para a pessoa que estava em situação de sem-abrigo.

— Olha, adorei essa conversão que fizeste! As multas penais a reverterem para o ofendido, numa espécie de indemnização, não é?

— Exatamente! As indemnizações que nós hoje temos têm de ser sempre pelo Direito Civil. Que são uma seca e demoram anos... Mas e pelo Direito Penal? Se há um crime... Há crimes que podem ser compensados monetariamente. E já que o tribunal pode multar, também pode reverter a multa para o ofendido.

— E isto não é para a pessoa que estava em situação de sem abrigo ficar anos à espera sem teto.

— Nem pensar. Isto é imediato! Quem filmou uma pessoa sem teto vai ter que lhe dar um teto. Vai pagar-lhe uma renda de uma casa. Não tem nada que andar a filmar e a violar o direito de imagem de uma pessoa claramente mais frágil que não se pode defender.

— E quem filmar uma pessoa que esteja a trabalhar? Fui ali aos pastéis de nata em frente ao Largo dos Camões e só me apetecia era nacionalizar aquilo! Porque dá vontade de nacionalizar aquilo, transformar aquilo num museu e proibir as câmaras de filmar e fotografar, já que os donos não o conseguem fazer... Porque parece que só se estivermos num museu é que podemos proibir os flashes. Aquilo parecia um filme. É preciso sabermos ser verdadeiramente empáticos e conseguirmos teletransportar-nos para a história que vai na cabeça de cada um. Nós entramos e conseguimos ver as negras do outro lado do balcão a encherem as formas dos pastéis de nata e a colocarem nos fornos. Conseguimos ver a linha de produção. E conseguimos ver como esta imagem se tornou uma marca. Como estas negras, que estão atrás do balcão, com ordenados de merda, quando o patrão faz milhares só num dia, estão ali presas, porque há contratos de trabalho que nos fazem teletransportar para a escravatura. Aquilo visto de fora parece uma escravatura. Sabem o rio de dinheiro que corre ali todos os dias? E o patrão das negras ao ver os turistas que entram com grandes câmaras de filmar como se estivessem a fotografar macacos num jardim zoológico, ao invés de espetar uma placa a proibir os disparos de fotografia e a defender verdadeiramente o direito de imagem dos seus colaboradores que suportam a corrente de todo aquele rio de dinheiro que cai numa milagrosa cascata para as mãos do dono, permite aquele ambiente severo e austero de fotografias? Porque é sim um ambiente severo e austero estar a trabalhar, ter de estar a trabalhar, e estarem milhares de turistas a entrarem com os seus outros direitos e outros códigos e começarem a disparar sem mais

nem menos. Escusa o dono de vir, agora, com as suas negras compradas dizer que elas até sorriem. Elas são obrigadas a sorrir, senão vão para o olho da rua! Ou o dono espeta a placa imediatamente lá no rio e na cascata que aquela fábrica de pastéis de nata é um museu natural para ser visto com os olhos e só com os olhos ou nós espetamos-lhe a placa da nacionalização do rio dele, tendo em conta a importância e riqueza daquele património que é um museu natural que está carregado de histórias que têm de ser protegidas pelo Estado português.

— Aproveitamos e alteramos a receita. Substituímos o leite de vaca por leite de soja ou de amêndoa...

— E é o dono que vai lá ter de estar a defender a imagem dos seus colaboradores. A dizer que os seus clientes não podem fotografar nem filmar. É o dono do estabelecimento que tem o dever de proteger a imagem de todos os seus colaboradores. É o dono que é responsável por isto. Mas custa alguma coisa, o dono do estabelecimento meter-se entre a câmara e dizer ao cliente que não pode filmar os seus colaboradores, porque eles estão a trabalhar, são humanos, não são robots nem macacos e, por isso, têm direitos de imagem e direitos de personalidade? Não custa nada!

— Bom... Isto teletransporta-se a todos os contratos de trabalho.

— Incluindo aos salva-vidas. Vocês viram os problemas das fotografias aos salva-vidas. Foram problemas atrás de problemas. Em Portugal, os salva-vidas tiram o curso e depois vão procurar ofertas de emprego para os grupos do Facebook de salva-vidas. Estas ofertas são feitas ou pelos concessionários ou pelas associações de salva-vidas. Antigamente nestes grupos só estavam os salva-vidas, concessionários e associações. Agora estão também os banhistas, está a Polícia Marítima, estão os



militares da Autoridade Marítima, está todo o Instituto de Socorros a Náufrago... Como sabemos até as entidades institucionais foram parar ao Facebook. Está tudo no Facebook. Está tudo na praia, mas está tudo deprimentemente no Facebook. E está tudo a enviar dados para o Facebook. E o que é que começou a acontecer? Pessoas que ao invés de deverem estar a desfrutar do sol na praia, estão em cima dos salva-vidas com a merda dos telefones e filmam um salva-vidas a fechar os olhos por 2 segundos como se ele estivesse a bater uma sesta sem saberem se o salva-vidas está ou não na sua hora de almoço ou se combinou com o colega que ia fechar os olhos por 2 segundos... Fotografam um salva-vidas em cima de uma rocha que subiu para ter uma melhor visão das correntes, que subiu e desceu logo, mas que perpetuamente congelado pela fotografia o fez parecer que tinha subido por brincadeira e que o fez parecer que tinha ficado ali a apanhar sol como um “maluquinho qualquer”... Esta fotografia foi viral! Vi os amigos de um salva-vidas, a chegar à praia com cervejas, nenhum dos salva-vidas bebeu cerveja, mas os amigos deixaram ao pé de um dos salva-vidas a garrafa de cerveja sem o salva-vidas reparar e um banhista que passou decidiu fotografar o salva-vidas com a cerveja ao lado e publicar nos grupos de salva-vidas... Enfim... Foram histórias e histórias criminosas de filmes e fotografias. Eu também vi imensos salva-vidas a fumarem charros enquanto estavam a trabalhar. Mas o que é que se tem de fazer nestas ocasiões? É denunciar a quem tem competência. E o que se deve fazer é chamar a Polícia Marítima. Um salva-vidas pode fumar os charros que quiser depois de sair do trabalho, mas não o pode fazer nem de manhã, antes de hastear a bandeira, nem na hora do almoço nem durante o dia enquanto está a trabalhar. Mas isto tem de ser denunciado e não é através de fotografia. Eu até vi um drone por cima do posto dos salva-vidas durante um quarto de hora, que foi o tempo que eu demorei para me levantar e fazer o areal todo para chegar ao posto dos salva-vidas e com a minha pistola anti-drone, fazer cair o drone. Com o drone na mão disse-lhes que o drone

tinha estado durante 15 minutos por cima do posto deles e mostrei-lhe que o drone tinha um microfone. Chamámos a Polícia Marítima, mas a Polícia Marítima não é ainda a Polícia Tecnológica de 2080 de Antoine Canary-Wharf. O piloto do drone abatido nem sequer foi buscar o drone. Porque ele sabia que tinha praticado um crime. Como praticam todos os banhistas que se põem a filmar toda a gente na praia. Não sabem que para filmar ou fotografar alguém é preciso ter a autorização ou o consentimento desse alguém? E que estar a olhar para a câmara de alguém que não sabemos se está a fotografar ou a filmar não consubstancia nenhuma espécie de consentimento? Os concessionários têm o dever de proteger a imagem dos salva-vidas. Têm também o dever de pôr placas na praia a dizer para não fotografarem os salva-vidas.

— E já agora placas a dizer que o voo de drone é proibido. À entrada de todas as praias temos de pôr placas destas agora. O governo dos chips e dos drones quer que Portugal tenha a primeira praia vigiada por drones com Inteligência Artificial que detetam quando uma pessoa se está a afogar e comunica logo com a boia robot numa silenciosa, rápida e automática Internet das Coisas graças a uma (pouco) “invisível” antena 5G instalada no meio da praia...

— Olha que bonito, já viram... Que praia tão tecnológica... Que praia tão do futuro...

— Que medo dessas praias... Se me dissessem, antes de eu nascer que em 2023 tenho de estar numa praia radioativa com um robot a olhar para mim o tempo todo, “por uma questão de segurança”, eu, por outra questão de segurança da minha personalidade, espírito e tudo e mais alguma coisa preferia ter ficado a nadar nas águas da minha mãe...

— Mas as águas rebentaram...

— E a minha paciência também. Vamos ter cães robots que podem ir à praia e cães de carne e osso que não podem?

— Temos é que mudar o Edital de Praia. Que está obsoleto. E diz que os cães não podem entrar na praia. Podem sim, se forem mansinhos, se gostarem de crianças e dos outros cães. Se não ladrarem. Se não perturbarem a paz e o espírito de calma e tranquilidade que é suposto haver na praia. Há mitras que entram na praia e incomodam muito mais do que os cães, porque trazem colunas e rádios que são proibidos na praia, porque o que se quer é ver a funcionar o Direito ao Bom Ambiente e não o Direito A Cada Um Poder Trazer a Sua Música Para a Praia e Em Altos Berros Instalar-se uma Confusão e Um Caos dos Diabos Que Só os Anarquistas e os Mitras Acham Que Isto é Que é Liberdade de Expressão. E depois quem tem de ir falar com estas mitras são os salva-vidas, que afinal estão na praia a salvar-vidas mas também a salvar o bom ambiente da praia e a receberem uma miséria sujeitos a levar na boca dos mitras que nem sequer deviam ter entrado na praia.

— E o que vamos fazer aos ordenados dos salva-vidas?

— Vamos mandar triplicar. Os concessionários ganham muito dinheiro. Ou triplicam os ordenados dos salva-vidas ou nós tiramos as licenças aos concessionários. Ou alimentam como deve de ser o corpo dos nossos salva-vidas ou nós tiramos as licenças. Ou as praias concessionadas têm acessos para todas as pessoas de mobilidade reduzida ou tiramos as licenças. Ou as praias estão limpinhas ao final do dia ou tiramos as licenças. Se os concessionários se atreverem a monitorizar os salva-vidas com drone, câmaras ou microfones ficam imediatamente sem licença e vão direitinhos para ao Tribunal Tecnológico de 2080 de Antoine Canary Wharf. Isto tem de ser assim. Eu vou vos contar uma... Nos tempos em que andava na Faculdade de Direito eu era salva-

vidas no verão. Foi um verão muito giro em que o pessoal de Medicina e Direito começou a tirar o curso de salva-vidas para fazerem a época balnear. Deu logo outro corpo às fardas dos salva-vidas...

— Pois que volte outra vez esse verão. Os estudantes de Medicina e de Direito merecem uma prioridade para vestirem as fardas de salva-vidas. Muitos deles matam-se a estudar... Sempre seria uma forma de financiarem os seus estudos, os seus namoros e as suas viagens.

— E fui para uma praia que era um paraíso! Mas que todo o ambiente de trabalho à volta foi um inferno. É claro, que eu soube estar sempre a ver o lado do paraíso. E sabia como me escapar sempre ao inferno. Por estar sempre consciente que estava no paraíso, não vi o inferno como um inferno. Sabia dos meus direitos, liberdades e garantias. Isto é muito importante, porque quando sabemos dos nossos direitos, liberdades e garantias nós conseguimos ver o paraíso e conseguimos desfrutar do paraíso. Consegui viver aquele inferno, porque conseguia ver o paraíso. Consegui ver os meus direitos. Mas outros salva-vidas viram-se completamente num inferno. E quiseram também fazer a minha vida ali na praia um inferno. Só que a minha vida ali na praia foi um paraíso. O concessionário da praia era um restaurante. Eram os donos do restaurante. Um restaurante que fazia milhões por mês. E eles tinham o pessoal do restaurante enfiado a dormir num quarto com beliches. Tinham também câmaras e microfones no bar da praia e na cozinha. A comida era horrível, ingrata no meio daqueles milhões. Não sou eu que sou ingrato. Eles é que são ingratos. No final deram-nos um pacote de amendoins como recompensa pelo nosso trabalho no fim da época. Eu recusei, é claro. O amendoim tem propriedades cancerígenas. Tinham também o parque de estacionamento a cobrar 5 euros. Esta é outra. Temos de falar sobre os parques de estacionamento. Isto é como um verdadeiro torniquet para

pagar bilhete para entrar na praia ao estilo francês. Os portugueses dizem que qualquer dia se vai pagar bilhete para entrar na praia em Portugal, temem pela vinda dos torniquets... Mas nós já temos os torniquets. Estão aqui os torniquets... São os parques de estacionamento pagos nas praias impossíveis de aceder senão por carro. Fica, é claro, uma praia para ricos. Não é para ricas pessoas. Nem para pessoas inteligentes, nem para pessoas cultas, nem para pessoas sensíveis, nem para pessoas educadas, nem para pessoas humanas... Não. O critério não é social, nem sequer profissional. É puramente monetário. Quem for mais ladrão e tiver mais moedas pode entrar na praia. Porque isto é uma praia de ladrões. De ladrões que nos roubam o espírito e os dados com as suas criminosas câmaras e criminosos microfones. E isto é para se pôr um ponto final de uma vez por todas! Nenhum estabelecimento comercial pode andar a processar a imagem e o som dos seus clientes e dos seus trabalhadores, como é óbvio, como é natural numa sociedade intelectualmente evoluída de valores em pleno século XXI em que há códigos civis, de trabalho, penais e de contratação pública. Quando olhamos para isto, é para tirarmos imediatamente a licença a estes concessionários. Com tanto dinheiro e não são capazes de investir numa casa boa para os seus trabalhadores e salva-vidas de verão? Não faz sentido! Não são capazes de investir numas duas ou três cadeirinhas para pessoas com mobilidade reduzida? Já não digo 5 cadeirinhas... Porque lembro-me perfeitamente de num dia estarem 5 pessoas de mobilidade reduzida na praia!!! Já nem 4... Digo três ou duas... Quando já têm há anos de concessão? Assim, não vale a pena andarmos a privatizar as praias para isto. Há concessionários mais empáticos, mais humanos que se preocupam mesmo em fazer uma boa gestão das praias. Na praia onde eu estive nem sequer havia cadeira para uma pessoa que tivesse mobilidade reduzida. Numa praia que era gerida por um concessionário que fatura milhões não haver uma cadeira para uma pessoa de mobilidade reduzida poder ir à água? Ainda para mais, o concessionário tinha na própria família uma filha ou uma

sobrinha ou uma prima, já não me lembro, com défice motor que passava lá o verão inteiro e passava-nos para nós, salva-vidas, a responsabilidade de a levar à água sem qualquer segurança. Queria que a levássemos ao colo em dias com correntes e quebra-cocos. Eu recusava-me a levar! Porque o concessionário tinha que ter lá a cadeirinha! Noutras praias em que tinha estado havia sempre a cadeirinha, noutras praias que não faziam nem 1 por cento do que aquela praia fazia... E assim que eu via alguém a chegar de cadeira de rodas à praia, a primeira coisa que eu fazia era ir logo informar que tínhamos uma cadeirinha para ir à água. E ia lá várias vezes ter com a pessoa que estava em cadeira de rodas a convidar-lhe para irmos dar um mergulho, porque eu sabia que às vezes poderia haver “um não querer incomodar o salva-vidas”. Devemos ser empáticos! Se eu estivesse numa cadeira de rodas e mesmo que um salva-vidas viesse ter comigo, por mais simpático que ele fosse, informar-me que havia uma cadeirinha para eu poder ir á água, talvez eu agradecesse, mas não fosse ter com ele, por não querer dar trabalho. Mas se o salva-vidas viesse ter comigo, insistindo, eu talvez iria. E eu não preciso de estar numa cadeira de rodas para dizer isto. Posso falar por quem está numa cadeira de rodas. E é também o meu empirismo a funcionar. E nesta praia dos milhões eu não podia fazer os meus convites espirituais. Porque não havia uma segurança que protegesse o espírito. E isto era frustrante. Como é frustrante uma praia fingir que tem acesso para pessoas de mobilidade reduzida, mas que depois o passadiço ou está estragado ou “só” funciona para cadeiras de rodas se for com alguém atrás a puxar ou a agarrar a cadeira de rodas. O nosso posto de praia era uma casinha de madeira. E o concessionário que tinha câmaras e microfones em todas as estruturas da praia, também queria pôr na nossa. A contar com a nossa, eram 5 estruturas de madeira. Mas eles sabiam que um dos salva-vidas era de Direito e que não iria permitir isso. Sabem o que é que o concessionário tentar simular um estrago, um roubo, um assalto para ter uma desculpa para instalar uma câmara? Pediu a uns rapazes, filhos dos seus amigos,

para à noite passar pelo nosso posto de praia de moto 4, que com uma corda agarrada à moto 4 e ao posto de praia numa aceleradela fez rebentar umas madeiras do posto de praia. No dia a seguir, o filme era terem que pôr câmaras para que a brincadeira não se repetisse. Neste filme veio-me logo numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que aquilo fazia parte de um embuste tecnológico. Um dos salva-vidas dormiu com um dos filhos dos amigos do concessionário, contou sobre o plano ao salva-vidas e esse salva-vidas contou-me. A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari é muito importante porque faz-nos despertar para a realidade das coisas tecnológicas, dos embustes que se podem fazer com as coisas tecnológicas e livrar-nos de qualquer pensamento que saia fora da realidade. Mantém-nos lúcidos a ver a realidade. Dá-nos um instinto de sobrevivência numa Era e numa sociedade que é altamente tecnológica. Alguma vez eu me espantaria se este concessionário andasse a espiar, a monitorizar, a escutar as conversas que os salva-vidas fazem lá no posto de praia com um drone? Ou com um microfone?

— Que praia é essa?? Quem era o concessionário??

— Não vou revelar. Assinei um contrato de trabalho de confidencialidade e segredo. Eu só não saí de lá, porque precisava do dinheiro para pagar as propinas da faculdade e ainda deu para uma viagem aos Açores e porque soube aproveitar da melhor forma. Tinha um quarto só para mim. Os outros salva-vidas tinham que dividir o quarto. Como não como carnes vermelhas, tive a sorte de poder comer outros pratos. Mas estava sempre a ouvir os salva-vidas a reclamar. E depois os salva-vidas mesmo fazendo parte do “staff” do restaurante da praia, não são o “staff” do restaurante... Almoçam com o staff sem serem o staff... Estão como espíões. Ouvem tudo. Ouvem as conversas. Ouvem as reclamações, as tristezas, as frustrações. Ficam a saber de todas as intrigas e todos os dinheiros e todos os esquemas. Os salva-vidas não são tratados como o staff é tratado. Não apanham

“as tareias” que o staff apanha. Mas veem as tareias. Vem os crimes de dados. Os salva-vidas têm um “tratamento especial”... Porque se um salva-vidas se vai embora, o concessionário se não arranjar imediatamente outro tem de fechar o negócio de praia. E há grupos de salva-vidas no Facebook, que quando as coisas dão para o torto com um concessionário, o salva-vidas denuncia logo a concessionário e nenhum outro salva-vidas vai querer ir trabalhar para essa concessão. O negócio na praia só funciona com salva-vidas. Por cada 50 metros de extensão de praia concessionada, legalmente o concessionário tem de contratar obrigatoriamente 1 salva-vidas. Se um concessionário tiver 300 metros de praia tem de ter 6 salva-vidas, isto se não tiver um plano integrado com moto d’água em que pode “cortar” o número de salva-vidas. Mas eu diverti-me muito. Quando aconteceu o estrago do nosso posto de praia lembro-me de um dos salva-vidas também ter logo dado a ideia de se instalar uma câmara... Até um dos próprios salva-vidas, que não tinham noção nenhuma do que estava a dizer, não se importava de ser monitorizado pelo concessionário... Logo um salva-vidas que passava o tempo todo enfiado dentro do posto de praia agarrado ao telefone... E quem viu isto, não fui só eu, nem os outros salva-vidas, quem foi à praia também viu que este salva-vidas passava o dia todo com os olhos no telefone e não na água. Se perguntarem às pessoas se achavam bem haver uma câmara dentro do posto de praia, para desincentivar os salva-vidas a estarem fora do posto, a não estarem no telefone e estarem a fazer linhas d’água, talvez todas as pessoas dissessem que fizesse todo o sentido haver uma câmara de vigilância ou um drone por cima do posto. Mas não faz sentido nenhum! Como não faz sentido nenhum a Polícia Marítima aparecer de drone a monitorizar os salva-vidas. A monitorização não faz sentido nenhum! Porque enquanto há salva-vidas que estão agarrados ao telefone que não deviam estar vestidos com a farda, há outros salva-vidas que não estão agarrados ao telefone. E nós devemos é saber pôr os olhos em cima destes e contratar estes. Se um salva-



vidas está sempre ao telefone que seja simplesmente despedido! Nós não precisamos de pôr tecnologia nisto. Precisamos é de pôr a razão. Se eu vejo um salva-vidas a fumar um charro eu não posso fotografar-lhe. Mas posso telefonar à Polícia Marítima. Se eu vejo um salva-vidas a dormir eu não posso fotografar-lhe. Posso telefonar à Polícia Marítima. Ou melhor, posso chegar perto do salva-vidas, acordar-lhe e simpaticamente dizer-lhe que ele se deixou adormecer; porque eu não sei se o salva-vidas que se deixou adormecer está a fazer 10 horas de vigia sem qualquer folga e a comer mal, quando no seu contrato de trabalho diz que tinha direito a duas folgas obrigatórias e eram 6 horas de trabalho sem contar com a hora do almoço. E eu não tenho de saber tudo. Não tenho de ficar por dentro de tudo. Mas posso ser empático. Posso tentar colocar-me na pele da outra pessoa. Eu não estive a trabalhar na praia como o staff esteve a levar bebidas a carregar para cima e para baixo os barris de cerveja, a aturar clientes que têm a mania “que são ricos” só por estarem numa praia “de ricos”, quando não são ricos coisa nenhuma e fazem um esforço social-económico para estarem ali a gastar e a exhibir as forçosas poupanças que tiveram que andar a trabalhar como escravos o ano todo para poderem ir para ali uma semaninha, se der uma semaninha, e não sabem que o segredo “dos ricos” cultos, elegantes, educados e inteligentes com quem querem tanto se dar é ter uma casa ali na zona e ir a pedalar 20 minutos de bicicleta para a praia e levar a comida em taparueres dentro de uma mochila e não gastar um tostão o verão todo naquela praia “onde só os ricos podem estacionar os seus carros”. Não tive que aturar clientes destes que nem os salva-vidas eram capazes de cumprimentar ou sorrir quando os seus filhos vinham a correr ter com o salva-vidas. Lembro-me de uma família que tinha um filho chamado Vasco, que vinha sempre falar comigo, era um amor de criança, a mãe via sempre o filho a falar comigo e era incapaz de me sorrir ou de me cumprimentar. Nem quando a minha mãe e uma prima minha me foram visitar à praia e o Vasco veio falar connosco a mãe dele foi capaz de cumprimentar. De longe,

mandou o filho sair de ao pé de nós. Perguntou à distância o que é que o filho estava ali a fazer sozinho. Isto foi uma ofensa para a minha prima, por exemplo. “Sozinho? Então, mas o filho dela estava aqui connosco a conversar e ela pergunta ao filho o que é que ele estava aqui a fazer “sozinho” connosco? Mas nós somos o quê? Somos invisíveis?”... Não tive que aturar gente desta. Não tive que aturar isto a esturrar ao sol sem poder ir mandar os mergulhos que me apetecesse para não me esquecer que estava no paraíso. Mas o staff teve que o fazer, mesmo ali por detrás do nosso posto de praia, em cima do areal, no bar de apoio da praia, o staff via-nos sem t-shirts, a darmos os mergulhos que queríamos a vezes que quiséssemos... E era aqui onde eu queria chegar. Fazemos uma lei que determine que todo o pessoal que trabalha na praia pode durante a sua hora de trabalho, como pausas, dar os mergulhos que quiser. Se há pausas para fumar cigarros tem de haver pausas para dar mergulhos. Mas qual é o mal de um garçon que está na praia a servir, ser convidado pelo rapaz ou pela rapariga, a quem está a servir, para ir dar um mergulho? Tem algum jeito o garçon responder que não pode porque está a trabalhar na praia e o patrão não deixa dar mergulhos? Que nem sequer pode mergulhar à frente da praia, tem de ir mergulhar na praia a 10 km a seguir? Não tem jeito nenhum! Podem sim dar mergulhos! Dar um mergulho vai tornar o trabalho muito mais feliz. O mais importante é as pessoas estarem felizes no trabalho!

— Tipo... As vacas felizes dos Açores?

— Isso não teve piada nenhuma. Estamos a falar de coisas sérias.

— Teve sim piada... As vacas dos açores também estão ali na linha de produção, mas com uma vista deslumbrante... São mais felizes...

— Isto dos mergulhos inclui os militares da Autoridade Marítima. A farda da Autoridade Marítima tem de ser calções de banho para poderem mandar os mergulhos que quiserem. Mas tem algum jeito eles estarem a andarem quilómetros e quilómetros de praia a pé e não poderem mergulhar? Portanto, vamos mandar despir os calções da tropa e vestir-lhes uns calções de banho. Assim, já podem mergulhar e mandarem os mergulhos onde quiserem. Para quem está na praia, poder mergulhar é muito importante. Está uma fila gigante de broncos com muitas moedas nos bolsos a mandarem vir com o staff e mandarem coisas para trás? Eles que esperam um bocadinho que o staff vai primeiro mandar um mergulho para não mandar à merda esta gente! Porque é preciso uma paciência de santo para aturar gentalha desta na praia. Porque isto é uma gentalha! E eu tive que ver o staff a aturar todo este pretensiosismo. Porque isto é um flagrante pretensiosismo. Nem disfarçar o seu pretensiosismo sabem. Aquela gente daquela praia nem sabe disfarçar!

— Mas qual é a praia?

— Não digo! É uma coisa tão forçada! Tão artificial. Parece gente artificial que frequenta aquela praia. É uma artificialidade...

— Queremos saber qual é que é a praia artificial...

— Quando chegávamos de manhãzinha à praia os salvavidas montavam logo “a tenda”. Enfiavam-se nas mantas e ficavam a dormir no chão do posto de praia. Eu estava sempre de sentinela e com eles no chão, conseguia estar sentado numa cadeira dentro do posto de praia com uma vista privilegiada para o mar e com o mar sem ninguém e com eles a dormirem conseguia sacar o meu diário e escrever. Sempre que o mar estava sem ninguém e eles estavam distraídos conseguia escrever.

Escrevia às escondidas. Depois chegava a casa e escrevia mais à vontade. Tinha um quarto só para mim. Se eu não tivesse tido um quarto só para mim eu não teria escrito o que escrevi. Seria impossível. Andava sempre a esconder o que escrevia. Às vezes até tinha que escrever no meu Código Civil para disfarçar. Eles sabiam que eu estava em Direito. Então, era mais fácil, às vezes se eu tivesse o Código Civil de fora, em que ia escrevendo quando eles não estavam a ver e depois quando apareciam era só eu virar a página e fingir que estava a ler, porque “um Código Civil passava”... Às vezes, eles pareciam “soldados do sistema” prontos para denunciar a minha escrita. Às vezes eu queria tanto escrever, não havia ninguém na água, eles estavam todos ao telefone e a minha mente estava a escrever e eu queria escrever o que a minha mente escrevia, mas não era fácil... Porque eles levantavam-se logo se eu começasse a escrever. Eles, às vezes, punham-se mesmo por detrás de mim a ver exatamente o que eu estava a ler. Quando sabiam que eu tinha acabado de escrever qualquer coisa dentro do Código. Punham-se por detrás com os seus telefones supertecnológicos. Eu sabia lá se eles queriam fazer de mim o Arthur do *Target – A Pegada Digital de Ralf Kleba-Kodak*?

— E onde é que está esse diário de salva-vidas?

— Entreguei-o à Jupiter Editions.

— E quando esse diário de salva-vidas for publicado vamos saber qual é que era a praia?

— Depende. Estou aberto a negociações com o concessionário. O concessionário ficou com dados de imagem e dados de voz meus. Estamos na Era da portabilidade. Se ele me devolver os meus dados, eu devolvo-lhe o silêncio e cumpro o contrato. Fiquei muito zangado, sabem?... Uma vez, estive a conversar com uma rapariga do staff que estava a estudar Medicina e conversámos dentro da casinha dos gelados. A

rapariga era mais adepta da Medicina das “energias”, da Medicina alternativa... Quando falamos deste tipo de coisas, às vezes, para defendermos a ciência, temos de pôr o nosso espiritualismo. E eu pus um pouco do meu espiritualismo para poder conversar com ela. Eu não sabia que a casinha tinha uma câmara com microfone. Só soube disso depois. E eu disse coisas importantes. Coisas que são minhas. Coisas que eu não sei quem é que diz ou pensa também. Dei a minha opinião. A minha intelectualidade. A minha forma de ver as coisas. E aquilo foi gravado. Sem nenhuma autorização, a minha expressão foi gravada. Se eu soubesse que havia lá um microfone eu nunca teria dito o que disse. Depois havia uma câmara à entrada do restaurante, outra na cozinha onde nós íamos receber a comida... A minha imagem foi muitas vezes processada. Muitas vezes tentaram que eu falasse perto das câmaras. Mas por eu ver as câmaras disse sempre o mínimo possível. Na cozinha, quando íamos receber a comida eu tentava ficar de lado para uma das câmaras, por exemplo. Mas às vezes era muito difícil. Porque nós fazíamos uma fila para receber o prato, era a cozinheira que nos servia e na fila havia sempre quem interagisse connosco, quem nos cumprimentasse e por muito que eu visse as câmaras eu tinha que ver sempre primeiro os humanos, os tratos sociais e o bom ambiente do trabalho. Quando a cozinheira que era uma mal-educada com o maior ar enjoado e me servia com um desprezo e se punha a dizer coisas aos berros e a falar para mim aos berros eu não lhe respondia. Simplesmente sorria-lhe. E ela ainda mais se passava e eu ainda mais sorria. Sabia que havia ali um microfone. E por isso ficava sempre em silêncio e eu e os microfones ficávamos a ouvir. Mas eu registava tudo com o meu cérebro. Nunca precisei de andar com gravadores atrás de mim. O nosso cérebro é o melhor gravador de todos. Ficava em silêncio, porque numa saudável *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari eu via todo o jogo tecnológico por detrás das câmaras e dos microfones. Recebia aquele prato cheio de nutrientes que sabia que ia entrar na minha corrente sanguínea. Sabia que esses nutrientes seriam importantes

não só para me manter ali em vigilância na praia e para salvar alguém em caso de socorro, mas sabia também que os nutrientes seriam importantes para me lembrar do discurso berrante da cozinheira e dos jogos e das conversas que me stressavam que se passavam na mesa do almoço. Tínhamos direito a 3 cafés por dia. O café era uma porcaria. Mas eu bebia-o sempre a olhar de frente para o mar, às vezes a ver os golfinhos a passar e claro que o café passava a saber ao melhor café. É fácil enganarmos o nosso cérebro. E o bar da praia onde íamos beber café também tinha uma câmara meio escondida que filmava sempre os trabalhadores e apanhava muito sutilmente os clientes se se debruçassem demasiado ao balcão. Essa era a única câmara que eu não sabia se tinha ou não incorporado um microfone. Só essa dúvida já é horrível. Eu não trabalhava dentro desse bar, só ia lá pedir o café e todos os dias a ir lá pedir o café eu, às vezes, ia esquecendo de duvidar que pudesse lá haver um microfone. E quando o pessoal do bar dizia uma piada ou fazia uma pergunta ou vinha com uma conversa do que se tinha passado no dia anterior, eu sem querer dava dados. Sem querer fazia as minhas piadas. Mas depois lembrava-me logo e escrevia tudo na mente e agarrava tudo o que eu tinha dito até registar no meu diário. As câmaras e os microfones stressaram-me ao ponto de ter que ir registar tudo aquilo que eu ouvisse de importante ou tudo aquilo que eu dissesse que eu sabia que tinha a minha propriedade, que era meu, que vinha de mim e de mais ninguém. Tenho, por isso, tudo registado. Registava depois tudo ou quando chegava ao posto de praia ou quando chegava a casa no final do dia. Havia também um sítio em que “nos mandavam” falar ali ao telefone. Eu falava noutro sítio. Nesse sítio, para além de uma câmara havia também um microfone. Nem todos sabiam. Alguns sabiam. E eu vi-a, mesmo os que sabiam da existência do microfone no sítio da pausa, a fumarem cigarros e a terem conversas filosóficas e a contarem “cenas” íntimas, “cenas” da vida privada e “cenas” sexuais que se passavam entre os colegas de trabalho, quem tinha ido para a cama com quem no final do jantar de trabalho. Eu

nunca ia a esses jantares de trabalho. Sabia perfeitamente que esses jantares eram todos filmados e gravados com os telefones. Não ia lá fazer nada. Sabia que não era assim que se jantava. Não eram esses os meus jantares. É muito chato a entidade patronal “obrigar” os seus trabalhadores a fazerem as pausas num sítio em que mete uma câmara e um microfone. E digo chato para não dizer outra coisa. Mas ter visto isso, ter vivido isso deu para entender como está deficiente o nosso Código Penal e o nosso Código do Trabalho. Por isso, é que há em mim uma vontade muito grande em mexer nesses códigos. Nesse diário também tenho as minhas críticas ao Edital de Praia... Que eu achava que o devíamos rabiscar. A questão dos drones nem sequer consta no Edital de Praia, porque quando o legislador escreveu nem imaginava o cenário terrorífico de centenas de drones a voarem numa praia. Os cães aparecem no Edital de Praia há anos proibidos por um legislador que não tinha cães e não gostava de cães. Não podemos continuar a deixar um morto-vivo a exercer a sua vontade espiritual em nós. Ou não é nossa vontade rabiscar o Edital de Praia para vermos felizes os cães soltos na praia e vermos como eles são e ficam felizes na praia?

— Vamos, sim, rabiscar o Edital de Praia. Os cães mansos podem, sim, ir à praia. Os cães que não ladram e gostam dos outros cães e das crianças podem, sim, andar à solta. Concordo perfeitamente com isto! Os donos têm é ter os olhos em cima deles e apanharem imediatamente os cocós.

— Outra coisa muito importante é a questão das músicas na praia...

— Mas o Edital de Praia do morto-vivo já proíbe qualquer ruído emitido através de aparelho tecnológico. Ou seja, não se podem levarem rádios, nem colunas, nem usar os telefones para se “pôr música” a tocar. Isso vamos deixar igual ou não?

— Não acho que devemos ser tão drásticos. É claro que o mais importante é o Direito ao Bom Ambiente, porque só assim é que conseguimos uma verdadeira paz e uma verdadeira liberdade de todos. Porque a liberdade de todos na praia termina quando alguém se lembra de pôr um transe a tocar ou um hip-hop a dar. Isto tem de ser automático numa sociedade evoluída de valores e intelectual. Por muito que eu goste de uma música eu tenho de pôr a hipótese de alguém odiar ou de simplesmente preferir ouvir o barulho das ondas. E se eu quero ouvir música tenho de pôr uns fones...

— Pois... Mas os salva-vidas não podem pôr fones... E estão a trabalhar... Não será que têm direito a ouvir música enquanto estão a trabalhar? Eles estão a trabalhar...

— Os salva-vidas e o pessoal do bar são uma exceção. Têm de ser.

— Sim, mas não é porem a música a altos berros.

— E definirmos o que são altos berros? Vamos começar a andar com medidores de decibéis como no *2080* de Antoine Canary-Wharf, ou quê?

— Então, abrimos só a exceção para os salva-vidas e o pessoal do bar da praia que está a trabalhar poderem pôr a tocar a música que querem... Mas apelamos ao bom censo, sendo certo que este bom censo é que o volume da música não abafe a calma e o sossego natural da própria praia... E deixamos as interpretações disto para a Faculdade de Direito e para o Direito do Trabalho.

— Mas eu continuo a achar que não podemos ser tão drásticos. Tudo bem, que podemos manter a proibição de aparelhagens, rádios, colunas e telefones tocarem na praia, mas



podemos deixar ressaltar a exceção que a proibição não se impõe quando a praia está praticamente deserta ou quando a música não está a interferir com a liberdade de mais ninguém. Ou seja, o que os donos da música têm de fazer é desenhar uma bolha imaginária. Se são humanos, empáticos, tolerantes e inteligentes têm de fazer isto. Põem a música a tocar. Levantam-se e andam no raio da música até a ouvirem. Quando já não a ouvirem desenham imaginariamente uma circunferência à volta. Se não estiver ninguém, estranho, dentro da circunferência é porque podem ouvir música nesse volume. Convém é acompanharem a mudança da direção do vento que alterará a propagação do som. Se alguém chegar depois e vier estender a toalha dentro da tal circunferência imaginária, isto seja na praia ou num jardim ou numa montanha, ou numa cascata ou num rio, tem de baixar o volume.

— E agora vem um cérebro que ouve isto e começa a pensar “mas porque é que tenho de ser eu a baixar o volume da música se eu já estava primeiro e o outro é que se veio sentar ao pé de mim, quando eu estava a ouvir música e quando podia ter se sentado noutra sítio?”

— E a resposta é muito simples. É que a regra geral é a da proibição, isto para salvarmos a paz, o sossego e a tranquilidade de todos, que é um direito de todos. A admissão é uma exceção. De facto, as pessoas que numa extensão tão grande de praia forem estender a toalha perto de um grupo que já lá estava e que estava, por sinal, sozinho na praia, deserta, a ouvir música, pode parecer pura implicância. Mas também pode não ser. Eu posso ter ido para um determinado sítio, para um exato sítio, por ser o sítio que eu mais gosto, por ser o sítio donde consigo ter um exato quadro de visão que me traz felicidade. E esse sítio simplesmente não me pode ser retirado. Esse direito não me pode ser retirado. As pessoas na praia ou no jardim que querem

ouvir música que a oiçam, mas desde que não incomodem ninguém. Isto não é simples de ver?

— É, claro.

— E como é que vai ser a questão dos nus?

— Não podemos agora ultrapassar essa questão?

— Não. Até porque me parece muito conveniente tratar disto agora, porque vem precisamente no mesmo esquema de pensamento da música.

— Ah, vem?...

— Sim, vem... Sabemos que em Portugal o nudismo, e não o naturismo, é proibido. Ninguém pode andar nu na rua. A questão é muito simples. Eu não posso interferir na liberdade de ninguém. Quando eu ando nu na rua, eu estou a interferir na mente de todas as pessoas que me veem nu. A rua é de domínio público, como é a praia, como é um jardim, como é uma montanha. Andar nu na praia, é a mesma coisa que andar nu na rua. Não há forma de dizer que não sobre isto. É a mesma coisa. Estar nu num jardim público é a mesma coisa que estar nu numa praia pública. E em Portugal todas as praias são públicas!

— Sim, em Portugal o nudismo é proibido nos espaços públicos, exceto nos espaços em que esta prática já esteja implementada antes de dezembro de 2010 e que tivesse sido reconhecida pelo Governo...

— O que é que estão a querer dizer com isso?

— Que a praia do Malhão Norte não deveria ter sido oficializada praia naturista.

— Mas foi. E não vamos agora meter-nos entre o *date* do presidente da Federação Portuguesa de Naturismo e do senhor vereador do Pelouro do Turismo do Município de Odemira...

— Não foi um *date*... Foi uma orgia... Porque também meteu toda a “equipa” do vereador...

— Vocês estão a ser preconceituosos e o naturismo é o mais simples sentido do ser humano sem preconceitos...

— Naturalmente... Que é assim que o naturismo é encarado na Praia 19... Nem é preciso lá usar-se o Grindr... Por amor de Deus... Aquilo são pinanços atrás de pinanços na mata atrás da praia... Mas isso tem algum jeito?

— O naturismo é uma forma de viver em harmonia com a Natureza com o propósito de favorecer a auto-estima...

— De favorecer a autoestima? Não é ficar nu perante outros corpos mais corpulentos que eu, que vou favorecer a autoestima, de certeza absoluta... Não é olhando para as pilas dos outros que eu vou gostar mais da minha pila... Não me digas que agora te tornaste sócio da Federação Portuguesa de Naturismo...

— Eu não. Mas devemos admitir que o naturismo tem o propósito de favorecer o respeito pelo meio ambiente e já que somos tão ambientalistas talvez devêssemos...

— Despir-nos agora aqui todos? Se fôssemos tão hipócritas podíamos dizer que os que fazem naturismo na Praia 19 respeitam tanto o ambiente com os preservativos que atiram para o chão da mata que esconde a praia que finge que não ouve orgias... O que não é natural, é sabermos disso e simplesmente deixarmos... Sabem porquê? Porque vemos nisto uma economia,

vemos nisto um turismo. Sabemos que estrangeiros viajam propositadamente para Portugal só para virem para a Praia 19, muitos deles com os seus pares, vêm como casais para terem sexo com outros casais e *singles* na Praia 19... Nós estamos numa Internet das Coisas... E que tal começarmos a ligar as coisas? E que tal começarmos a ligar o que está por detrás de cada “estilo” de vida, de cada “filosofia” de vida, de cada “cultura”... Não precisamos de nenhum drone para ver isto de perto, ou precisamos? Podemos sobrevoar agora. Querem sobrevoar agora? Vamos sobrevoar...

— Não é preciso! Toda a gente sabe o que se passa na Praia 19, na Praia da Nato... É que há uma instituição nisto tudo que cultiva uma cultura. E nós vamos ver as mãos desta “cultura” económica, que é uma cultura económica a semear o naturismo? Qualquer dia há nus em todas as praias, não?

— Por mim, não! É um não redondo... Qualquer dia andamos nus na rua, não? Fazemos reuniões nus... Já inventaram o yoga naturista... Vão fazer yoga nus... A seguir vão fazer yoga nus e charrados. A seguir vão fazer yoga nus, charrados e trocam os pares e é tudo uma grande liberdade e a vida são 2 dias e o que interessa é o amor e fazer e espalhar o espírito do amor em toda a parte na forma mais energética possível das coisas, sejam elas cor-de-rosa, azuis ou verdes em tons psicadélicos e esquizofrénicos... Eu não tenho de ver pilas na praia. Eu só quero ver a pila do meu marido! E não tenho de andar com olhos fechados na praia! Era o que mais faltava! Não tenho de ver os órgãos genitais de ninguém e o Código Penal concorda comigo há muito mais tempo que a Federação Portuguesa de Naturismo nasceu... E que eu saiba a Federação Portuguesa de Naturismo ainda não conseguiu mudar o Código Penal. Continua a ser claro no Código Penal que eu não posso andar nu na rua a exhibir os meus órgãos genitais. Posso andar de tronco nu á vontade, posso andar de bikini, posso até guiar descalço ou em tronco nu, mas não posso

guiar nu nem andar por aí nu... Não posso andar aí nu, exceto nas 9 praias oficiais de naturismo e nas praias que não sendo oficiais, são toleradas. E basta! Está aqui a nossa tolerância! São imensas as praias onde o nudismo é tolerado. Sabem o que é que aconteceu na Alemanha? Numa praia de nudistas, os nudistas foram intolerantes com quem escolhia não estar nu, dizendo que era uma provocação, que quem não estava nu estava a ofender a comunidade nudista... Afinal já temos até uma comunidade? Isto não faz sentido! Intolerantes estão a ser os nudistas! E eu explico o porquê: o porquê parte da fórmula mais básica daquilo que é e deve ser a liberdade, que é, a minha liberdade não interferir nunca na do outro. Se eu, que não quero estar nu, tolero um nu, porque raio um nu não me há de tolerar senão nu? Eu não tenho de estar nu numa praia! Isto é um assalto há minha mente! É um assalto ao meu costume! Eu que, desde que estou na barriga da minha mãe, vou ao Malhão Norte, agora de repente era o que mais faltava eu não poder entrar na praia a que eu sempre fui, só porque não vou nu à praia. Isso é um assalto de direitos, liberdades e garantias. O Malhão Norte foi oficializado como mais uma praia naturista, tudo bem. Não devia, mas tudo bem. Agora não vamos oficializar mais nenhuma. Nós temos uma extensão imensa de costa. O que não faltam são praias desertas e selvagens em Portugal. Todas lindas de morrer. Se eu quero estar nu com quem mais amo quando a praia está deserta, acho muito bem! Faz parte do amor! É uma verdadeira liberdade! Aliás, eu sem ser naturista vejo aqui o naturismo. O naturismo é estar nu numa praia deserta, numa praia selvagem, se é para querer estar verdadeiramente “em contacto” com a Natureza, sem ser hipócrita... Porque agora, até os nus estão o dia todo agarrado ao telefone na praia... Estão tão em contacto com a Natureza... Deve ser o telefone deles que deve ter uma aplicação para se “conectar”, emparelhar, com a Natureza... Se eu quero estar nu numa praia deserta simplesmente dispo-me, a sensação de ir mergulhar nu é ótima! Mas quando chega uma família, talvez haja um respeito e uma obrigatoriedade de eu me vestir. E numa praia

vigiada, com salva-vidas, numa praia concessionada, muito menos uma praia de nus pode ser oficial. As que se oficializaram, tudo bem. Mas não vamos oficializar mais. Às tantas, estamos a fazer isto só para os estrangeiros. Não estamos a fazer isto para os portugueses. Talvez seja importante ouvirmos e vermos qual é que é a cultura e o conservadorismo português. Portugal não tem de ser os Países Baixos nisto. Se queremos imitar os Países Baixos vamos imitá-los, mas nos ordenados que pagam, por exemplo, aos médicos. É aqui que os devemos imitar. Mas, se calhar, não os vamos imitar na questão de ser legal um miúdo decidir pôr termo à sua vida, quando deveria era ser acompanhado por um psicólogo. Um Estado, um Governo, um Direito compactuar, patrocinar, assistir um suicídio não é normal no século XXI, quando temos uma Psicologia que luta contra isto! Nós nascemos, devemos defender o direito à vida até ao fim. A vida é algo divino. Podemos simplesmente, às vezes, pelas circunstâncias da vida, não estar a conseguir ver a divindade das coisas. Um psicólogo, mesmo sem acreditar na divindade das coisas, só através da sua psicologia, pode mostrar-nos esse lado divino. Porque só a ligarmos as coisas, sem querer, já vemos as coisas divinas. Se uma pessoa se quer matar, se a pessoa está em sofrimento o Direito não pode punir uma pessoa que se tenta matar e não consegue, como nos Estados Unidos da América, em que se uma pessoa se quiser matar, mais vale que consiga mesmo matar-se porque senão vai presa. Ou seja, a tentativa de suicídio não pode ser crime. Agora, não é por isto, que o Direito deva assistir ao suicídio. O Direito deve lutar contra o suicídio com a ajuda da Psicologia.

— Mas e se todos os portugueses quiserem?

— Se todos os portugueses se quiserem matar?

— Não... E se todos os portugueses quiserem andar nus na praia...

— O quê??? Voltámos à conversa dos nus??? Não estávamos agora nos suicídios?

— É que não há ligação nenhuma nisto...

— Se calhar, até há... Muitas das ligações são invisíveis. Se calhar, querer andar nu na praia, pode ser um suicídio no namoro ou no casamento...

— Mas se todos os portugueses quiserem a conversa é outra. Com as novas tecnologias, os suicídios e os divórcios vão tornar-se uma moda... É tudo uma moda das mentes...

— Este tipo de matérias, que são modas das mentes, é que deveria ser referendada. Isto deve ser a vontade geral dos portugueses e não a de uma “cultura”, de uma “filosofia” ou de uma federação. Porque o conservadorismo dos valores saudáveis também é uma cultura. Não estar nu na praia é uma cultura de roupas. Ora temos uma cultura de nus a querer impor-se a uma cultura de roupas. Só que neste choque de culturas, o que vemos é que mesmo a cultura mais conservadora, que é a cultura das roupas, acaba por ser mais tolerante do que a cultura dos nus. Eu só não tenho é que estar a ver corpos a aparecerem nus à minha frente. Não tenho de ver pilas a ganharem tusa a devorarem com os olhos o corpo do meu marido. Já viram o que é que é eu estar habituado a ir para sempre para um sítio onde sempre fui feliz e agora obrigarem-me a estar nu se quiser continuar a ser feliz? Isto é um suicídio! Há sítios que são importantes para perpetuarem a nossa felicidade. A felicidade não nos pode ser arrancada desta maneira. Já há imensas praias naturistas, ninguém vai mexer nelas. Já estamos a ser demasiado tolerantes. Há muitas praias tolerantes. As nossas mentes e cérebros são altamente tecnológicos. Eu não tenho de ficar com a imagens de nus gravadas para sempre na minha mente. Seria um suicídio ao

amor! Eu não tenho de estar permanentemente a ver corpos nus à minha frente. Se eu quiser ver corpos nus vou à Internet, não é à praia. É também aqui onde começa a nossa liberdade...

— A nossa mente é muito tecnológica. O argumento de “quem não quer olhar, não olha” não vale, como é lógico! Porque se eu estou a olhar para um sítio e de repente me entra um nu, no meu campo de visão, sem autorização isso não pode ser permitido. Eu não tenho de ficar com a visão do nu para sempre na minha mente.

— Porque fica para sempre.

— Claro que fica para sempre.

— Eu ainda me lembro de como são as pilinhas de todos os rapazes nus que eu vi nos balneários depois das aulas de educação física.

— Eu ainda me lembro de todas as maminhas das minhas colegas que também vi nos balneários depois das aulas de educação física.

— É por isso, que as cabines são importantes. Porque eu não tenho de estar nu perante ninguém. Eu lembro-me de colegas meus que não tomavam banho nos balneários porque tinham vergonha de estar nus. Temos de saber que há uma idade dos complexos. E se não tivermos um sistema empático capaz de se lembrar disto, capaz de se lembrar que já foi criança, que já teve a idade da puberdade, a idade da parvoíce, a idade dos porquês, nós nunca mais vamos evoluir, porque simplesmente temos um sistema que não quer acompanhar a evolução humana da melhor forma, senão processá-la através de sofisticados algoritmos e de uma poderosa Inteligência Artificial. Porque hoje é isso que acontece. É claro que se eu for gay consigo estar num balneário



com rapazes sem estar a “olhar” para nenhum rapaz. Mas se eu tiver namorado, talvez não queira ou não me sinta bem que um grupo de rapazes, que eu sei que são gays, me estejam a devorar o corpo com os olhos. É só experimentarmos pôr raparigas nuas heterossexuais a tomarem duche à frente de rapazes nus heterossexuais. E nenhum sistema, nem uma escola secundária, pode impor isto. Os balneários têm de ter cabines. Nós não estamos numa sociedade heterossexual. Por isso, meninos para um lado e meninas para outro lado, faz sim todo o sentido antes de irem para o secundário, que é quando começa a idade da puberdade. E nem sequer acho que faz sentido de estarmos aqui a perder tempo de “azul” ser para os meninos e “cor-de-rosa” para as meninas. Temos mil e um assuntos muito mais importantes do que estar a discutir as cores e a revolução das cores e a nova revolução da liberdade. Temos milhões de câmaras e microfones que nos querem ver e ouvir cada segundo desde que saímos de casa. Temos milhares de pessoas a passar fome, quando não tinham nada que estar a passar fome em pleno século XXI. Temos patrões nostálgicos pelos tempos da escravatura a explorar a torto e direito os seus trabalhadores, a pensar que mandam neles, a pensar que podem gravar-lhes as conversas, a pensarem que podem chantageá-las, a pensarem tudo e mais alguma coisa.

— E o topless? Há quem queira proibir...

— Eu acho que podemos ultrapassar o assunto do topless. Eu não gostava que a minha mulher fizesse topless, porque sei que todos os homens ficariam a olhar para as mamas da minha mulher a desejarem-na sexualmente. E as mulheres sabem disto. Todos os homens comentam as mamas ao léu. Os maridos e as mulheres das mulheres ao léu sabem disto. Mas isto é um assunto privado que não nos temos de meter. É verdade, que eu vejo o peito como sagrado, para mim o peito da minha mulher é sagrado e ela também o vê como sagrado. Só eu é que

tenho de ver o peito da minha mulher. Sou eu que beijo e vejo os mamilos da minha mulher. A minha mulher só a mim me quer mostrar o seu peito. Mas isto somos nós. Isto faz sentido para nós. Não tem de fazer para os outros. É claro que eu digo e defendo cegamente que quem não vê isto desta maneira não tem um casamento ou um namoro à séria, mas isto sou eu a falar e posso defender o que eu quiser, porque estou num país livre. E estar num país livre não é eu poder ir para a praia e despir à frente de todos. Isto não é sinónimo de liberdade. Numa verdadeiro Estado de liberdade há regras para que a liberdade seja plena para todos. Isto é tão simples, não há nenhuma dificuldade nisto. Liberdade é eu poder fazer tudo aquilo no mesmo espaço que não interfira com a liberdade de mais ninguém. Quando partilho o mesmo espaço com outras pessoas, um espaço público, eu não posso ofender ninguém gratuitamente, não posso ouvir a música que me apetece porque vou interferir com a liberdade de todos os que estão à minha volta, saindo do sossego e da paz para a confusão e o caos, porque se eu tenho liberdade de ouvir o que eu quero, então toda a gente à minha volta também teria a liberdade de ouvir o que quisesse e seria uma completa confusão de sons, como não me posso despir sugerindo imagens obscenas e filmes obscenos na mente de ninguém. Se eu quiser posso filmar-me nu e lançar um filme em que toda a gente sabe que eu vou aparecer nu. E eu posso fazer este filme. Estou num país livre. O que não posso é obrigar todos a verem o mesmo filme que eu vejo. E o filme é simples: uma mulher que está solteira não tem mal nenhum estar com as mamas ao léu. Uma mulher comprometida na sociedade hormonal e sexual em que vivemos, não faz muito sentido. Mas nem quero saber como são esses namoros, esses casamentos, essas relações liberais e abertas. Porque se é verdade que o peito da mulher é erógeno, é um órgão erógeno, o do homem também o é. Mas depois vamos para o assunto das nádegas. Será que vale uma tanga a tapar a pilinha, mas com nádegas à mostra? E o sexo anal? O rabo pode não ser um órgão reprodutor, ainda, mais é certamente, para alguns, um

órgão sexual... E irá vir ainda a moda de “andar com as nádegas à mostra”... E vai ser chique... E se calhar, imaginar uma praia inteira a olhar para o meu rabo, quando sei que tenho um rabinho muito perfeitinho, talvez me subisse uma qualquer autoestima, se o meu marido não mo dissesse... Se calhar, a culpa disto tudo é dos maridos... Se calhar, os homens é que são os culpados pelas mulheres quererem fazer topless. E se isso me fizer feliz, quem é o Direito para se vir meter nisto? E já que estamos semi nus, com a tanga a tapar a pilinha, mas com os mamilos e o rabinho à mostra, olha... Mais vale ficarmos é mesmo nus e despirmo-nos de toda a sorte deste teatro!

— Bom... E a questão da proibição de fumar na praia?

— Isso é só estúpido! Nenhum Estado pode impor uma proibição dessas.

— Ah, não pode? Claro que pode!

— Claro que não pode! A proibição que devemos impor e pesar muitíssimo na multa é deitar beatas na areia. Tanto na areia como em qualquer lugar que não seja um cinzeiro. Defendemos sim o Direito à Saúde e podemos proibir fumar em todos os estabelecimentos comerciais, a não ser que tenham separadamente uma zona de fumadores e não fumadores, porque os ventiladores são inúteis desde o dia em que saíram num decreto lei, porque antes do fumo ser extraído, eu já atirei com o fumo para cima do meu amigo não fumador e já violei o Direito à Saúde dele! Podemos proibir fumar em todas as estações, sejam caminhos de ferro, autocarros, aeroportos, criando zonas especiais para fumar como em Londres. Podemos proibir em todas as instituições de ensino, para obrigar, por exemplo os universitários que queiram fumar a terem que sair da faculdade, fazendo com quem fumem menos... Podemos por isso, também proibir às portas das faculdades, centros comerciais, enfim junto

às entradas e saídas dos estabelecimentos, porque eu não tenho de andar a levar com o fumo de ninguém! Eu que protejo os meus pulmões, não fumando ou evitando ambientes de fumo, não tenho de ver a minha proteção frustrada por causa dos outros... Os outros podem fumar à vontade, mas têm de saber respeitar a sério quem escolhe viver mais tempo, quem escolhe não fumar!

— Então e num jardim? Eu não tenho de estar num jardim a levar com o fumo de ninguém...

— Se vamos proibir nos jardins também vamos proibir na praia...

— Desculpem, mas é diferente! Nas praia ninguém leva com o fumo dos outros a não ser que estejam com as tolhas uns em cima dos outros...

— Eu já levei com o fumo de uma senhora na praia...

— Na praia? Impossível... A praia é tão grande...

— Mas eu já levei com o fumo de uma senhora na praia...

— Bom... Podemos fazer é uma recomendação geral para as pessoas absterem-se de lesar o Direito à Saúde e abrimos a chance de qualquer pessoa poder chamar a polícia e intentar numa ação em tribunal contra alguém que tenha atirado o fumo para cima e tenha continuado depois de ter sido advertido. Vamos tipificar a conduta de atirar o fumo para cima de alguém como um crime no Código Penal. Porque é uma ofensa grave à integridade física e à saúde. São logo dois bens jurídicos lesados quando atiramos o fumo para cima de alguém, porque tanto estamos a ofender a integridade física como estamos a lesar a

saúde. É como estarmos a cuspir na cara de alguém. Se alguém, sem querer, cuspir e eu passar e levar com o cuspo não vale eu ir ao tribunal fazer nada. Mas se alguém me cuspir para cima intencionalmente eu levo comigo essa pessoa a tribunal. Como levo alguém que esteja na praia a fumar para cima de mim, quando eu já la estava primeiro, a pessoa veio meter-se mesmo em cima de mim na praia e eu já lhe disse que o fumo dela me está a incomodar.

— Olhem o que me está a incomodar é a questão das praias com códigos ali da Herdade da Comporta.

— Oh!... Mas isso é para acabar! O acesso tem de ser para todos. Eu não posso construir um empreendimento à volta de uma praia, seja ele um condomínio ou um hotel e depois tornar o acesso à praia só possível aos clientes do hotel ou aos residentes do condomínio, porque isso é a mesma coisa que privatizar uma praia. E não vale dizer que é possível uma pessoa aceder à “praia privada” através da areia, se fizer uma caminhada de duas horas vindo de uma “praia pública”. É inadmissível e isto é o que acontece na Herdade da Comporta. E não pode acontecer, porque em Portugal as praias não podem ser privadas.

— Mas eu também não acho bem agora, eu que comprei uma casa na Herdade da Comporta porque sabia que o acesso à praia só podia ser feito daquela maneira, seja aberto a todos. Porque se assim fosse, eu nunca teria comprado a minha casa na Herdade da Comporta. E eu paguei um milhão por ela. Não acho bem estarmos agora a levantar os códigos da Herdade da Comporta.

— Pois, eu acho! Como acho bem levantarmos o regulamento de determinados hotéis em Porto Santo que acham que têm uma praia privada e podem privar os próprios trabalhadores de darem mergulhos na praia que acham que

pertence ao hotel. Vamos inverter o sistema. Não é mais o cliente que tem razão. Quem tem razão é quem está a servir. Quem merece respeito é quem está a servir. Vamos tornar a vida do trabalhador muito mais fácil. O trabalhador não está sujeito às ordens ou ao poder de direção do gerente. Escreveram aquilo daquela forma no Código do Trabalho que os patrões acham que mandam nos seus trabalhadores! Não mandam nada! Estamos no século XXI. O patrão diz aos trabalhadores como devem trabalhar. Não manda neles! Temos de rabiscar o Código do Trabalho, que vai ser uma canseira... A começar pela questão das câmaras de vigilância no ambiente de trabalho. Até na Faculdade de Direito que também instalou câmaras ao mesmo tempo em que se começou a falar que o novo petróleo seriam os dados, o que diz muito da própria faculdade e do próprio Direito, que anda mesmo *à Lágardère*, se anda a ensinar a defender o dono de um restaurante que instalou uma câmara de vigilância para vigiar como desculpa os copos de cristal, mas que nessa cristalinidade de dados, também vigia o desempenho e prestação dos trabalhadores que têm de passar, sorrir e atender mil vezes à frente dos copos de cristal.

— Sim, como é lógico e natural todas essas câmaras que foram de repente instaladas nos restaurantes são para serem desinstaladas...

— Oh!... Se fossem só os restaurantes... Até nas campas, até nos velórios, já há câmaras... Tive um primo que morreu com cancro. O padre fez uma oração para o meu primo, com o meu primo dentro do caixão, dentro do carro fúnebre. Eu fui comprar flores com 2 primos meus. Chegámos no fim da oração, por causa das flores. Não foi só a nossa família que nos viu a chegar à missa antes da cremação num bruto Jaguar e a abraçarmos os outros primos que ainda não tínhamos visto, enquanto o padre fazia a oração. A câmara que havia por cima de nós também viu tudo isto. Só vi a câmara depois. Depois de ter visto comecei a

ver onde é que havia mais. E lembro-me de haver também num jardim, que era uma campa, onde podíamos deixar as cinzas, se não quiséssemos levar as cinzas para casa. Isto é grave! É um crime espiritual andar a filmar o espírito humano em momentos tão espirituais como estes!...

— Só para vocês verem como estão tão tecnológicos os restaurantes... Tive os anos da minha melhor amiga. Fomos a um restaurante. Primeiro, estava cheio de câmaras. Odiei logo. Só não dei logo meia volta para ir embora, porque estava nos anos da minha melhor amiga... Chegámos à mesa... Não havia cardápio... Adivinhem... Tínhamos um código no canto da mesa que tínhamos que fotografar para ver o cardápio no telefone. É claro, ripostei logo, não é? Pedi logo em suporte físico e disse que não é normal num jantar eu ter que ser obrigado por um restaurante a mexer no telefone quando estou com amigos, ainda por cima, para poder ver o cardápio...

— Já há discotecas em que só quem tem telefone é que pode entrar...

— Isto é uma discriminação tecnológica. Quem quer ser super-humano que seja; agora, nenhum estabelecimento comercial pode impedir, vedar, barrar só porque alguém não tem telefone ou não quer instalar uma aplicação tecnológica. Mas deixemos isto para a Segunda Reunião...

— Ainda sobre a praia... Em relação aos meios de salvamento... Já temos motos de água elétricas... E já temos boias-torpedo robots...

— Pois, então, são essas que têm de ir para as praias. Há tecnologias que fazem todo o sentido. Uma boia robot que chega *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto a quem se está a afogar

num mar tão tecnológico, impedindo o afogamento, faz todo o sentido!

— Segundo a Organização Mundial da Saúde, o afogamento é a terceira causa de morte por lesão não intencional a seguir aos acidentes rodoviários e quedas. Por ano, morrem meio milhão de pessoas afogadas e perto de 2 milhões ficam permanentemente lesionadas, na sequência de um afogamento. Os concessionários que estiverem dispostos a investir com motos de água elétricas e boias-torpedo robots são os que devem ganhar o concurso. Enquanto que um dos salva-vidas já está a entrar na água para salvar, o outro telecomanda a boia-robot para o naufrago, até o salva-vidas humano conseguir chegar ao naufrago. Estes robots são muito importantes. São estes os robots que devem entrar nas nossas compras públicas... Isto sim, são compras verdes! São compras sustentáveis, porque garantem a sustentabilidade da vida humana. Salvam vidas humanas. Nós temos muita costa e muitos afogamentos.

— Quem filmar salvamentos ou socorros vai preso, seja com um drone ou com um telefone. Há socorros e salvamentos que podem correr mal. Não queremos incentivar o filme da morte. Não queremos pessoas à espera de filmarem mortes. Não queremos humanos frios sem veias e sem sangue com o telefone a filmarem pessoas em apuros. Queremos humanos a viverem verdadeiramente os apuros dos outros. A tirarem os outros dos apuros. Não queremos uma sociedade vigilante que só filma o crime. Queremos uma sociedade com os olhos postos na realidade, com as mãos livres de telefones para agirem contra o crime. Não há telefones, nem drones em situações de socorro. Quem o fizer vai preso.

— Mas eu tinha pensado em os concessionários pagarem mais um ordenado aos salva-vidas para os salva-vidas fazerem



simulações e a ideia era essas simulações podem ser filmadas com drone. Acho que seria importante.

— Bom, as simulações, desde que estejam agarrados a um contrato de trabalho comercial não tem problema nenhum. É uma filmagem comercial e institucional. Impedirmos que banhistas levantem drones na praia não impede que as concessões, que são comerciais, possam filmar as simulações de salvamento com drone, isto se os salva-vidas autorizarem e virem algum benefício comercial para eles. Têm é que celebrar contratos entre eles e os contratos são livres. Há liberdade de contratar.

— E querem já antecipar sobre as pranchas semi automáticas do 2080 de Antoine Canary Wharf?

— Não vejo o que haja para legislar sobre essas pranchas...

— São pranchas *smart* de surf, bodyboard, paddle e skimming que ligadas ao telefone ou ao drone podem ter um drone automático que filma sempre por cima do surfista e que, por estarem inteligentemente emparelhados, o drone só filma o surfista... O que fazemos em relação a isto?

— Esta é difícil... A ideia não é nós restringirmos a liberdade de ninguém. Nós proibimos o voo de drone com câmaras de filmar por considerarmos, tal como a nossa Suécia sofisticada, câmaras de vigilância. Abrimos, no entanto, naturalmente as exceções para as empresas que podem fazer voos comerciais.

— As empresas e os empresários em nome individual...

— Bom, para já, vamos abrir a exceção para as empresas, empresários em nome individual e para os profissionais de

bodyboard e surf desde que o drone seja silencioso, porque se todos os surfistas se lembrarem de usar esta tecnologia, esta tecnologia vai interferir com os nossos ouvidos...

— Mas eu não sei porque é que estamos a ser tão... Benevolentes... Os surfistas sempre filmaram as suas manobras com os amigos que estão em terra com a câmaras e os tripés. Vão substituir os amigos por drones... Não há necessidade nenhuma de permitir isto. A regra geral é a proibição do voo de drones em Portugal, porque será muito mais fácil ter mão nisto... Senão, as pessoas que estão em terra, saberão lá se o drone e a prancha estão ou não emparelhados de forma inteligente, se são ou não profissionais de surf, poderão lá saber quem é que tem licença, quem é que não tem... A ideia é termos um verdadeiro Direito À Segurança e À Paz Tecnológica. Proibimos o voo de drones e pronto. Os drones ao nosso tempo são extraterrestres, são alienígenas. Se tivéssemos uma sociedade intelectual de valores verdadeiramente evoluídos como em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi os drones não seriam um problema... Mas à nossa atual sociedade são um perigo e um problema.

— Como se em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi alguém quisesse ter drones. Nem os aliens gostam de drones.

— Gostam, pois... Mas é para nos verem e fazerem passar-nos como uma verdadeira anedota nas TV's alienígenas deles, lá em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Nós devemos ser um entretenimento para eles... Os drones dos aliens não andam lá a voar em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, mas andam aqui a voar na Terra... Irónico, não é? Porque numa sociedade intelectual de valores não há drones a voar de um lado para o outro como não há câmaras de vigilância nem máquinas nem robots a dizerem o que devemos fazer ou podemos fazer, a pontuarem-nos e a mandarem prender-nos.

— Acreditas mesmo nisso?

— No quê? Que os aliens nos veem com drones? Acredito pois... Nós é que não os vemos... São tão tecnológicos que são invisíveis...

— Não vemos quem? Os drones ou os aliens?

— Os drones...

— Eu acredito é que eles chiparam os olhos das moscas...

— Isso não era no que a Biologia pérfida do *2080* de Antoine Canary-Wharf acreditava, e por isso achou também legítimo nós andarmos a chipar os olhos das moscas?... “Nós”... Quer dizer... Só as mãos cientistas que chiparam os olhos das moscas é que ganharam os olhos das moscas...

— A Biologia Pérfida do *2080* de Antoine Canary-Wharf interpreta a Mão Invisível de Jupiter ao contrário, dizendo que se os *Dons* chipam os olhos dos humanos, então, por uma questão hierárquica, nós humanos também podíamos chipar os insetos...

— Por falar nisso, o que dizemos sobre as moscas drone que o mercado está a pressionar o nosso Direito para poder entrar em Portugal?

— É um não redondo, como é lógico! Podemos ver o que aconteceu em *2080* de Antoine Canary-Wharf e sabermos o que não queremos que aconteça. Já temos os filmes todos em *2080* de Antoine Canary-Wharf.

— E muitos mais irão vir em 2081...

— Mas antes que venha o 2081 de Antoine Canary-Wharf e venha um vírus ainda pior que o vírus tecnológico de 2020 que aparece no 2080 Antoine Canary-Wharf o que é que é suposto fazermos se a ficção científica se tornar real?

— O que é suposto é aprendermos com o vírus tecnológico de 2020 do 2080 de Antoine Canary-Wharf.

— Ou seja...?

— Ou seja, que não se vai declarar nenhum Estado de Emergência para “haver” uma “desculpa” de “temporariamente” suspendermos os direitos fundamentais dos cidadãos, e com isso, “podermos ter a legitimidade constitucional” para mandar tudo baixar uma aplicação no telefone e a andar com o telefone obrigatoriamente na rua. Não há estupidezes nenhuma de impor horas máximas para se poder andar na rua, nem haverá estupidezes nenhuma de se impor número máximo de reunião de pessoas. As pessoas andam com quem querem às horas que quiserem. Era o que mais faltava agora, por causa de um vírus, que não anda no ar, proibirem-se as pessoas de sair de casa a uma certa hora na rua...

— Ou de se obrigar as pessoas a instalarem a aplicação e a terem que enviar dados de 2 em 2 dias, mesmo estando só em casa, tossindo, por exemplo, para o telefone que instalado com a aplicação, consegue saber se a tosse vem com vírus ou não...

— Esse filme aparece em 2080 de Antoine Canary-Wharf?

— Aparece...

— Eu nem quero imaginar em 2081...

— Mas nós já estamos prestes a entrar em 2081?

— Não... Ainda só vamos entrar em 2021... Mas já parece que vamos entrar em 2081...

— E como é que vai ser a nossa posição em relação à telecinesia, à optogenética...?

— Isso não faz parte da ordem dos trabalhos desta 1ª reunião...

— Podemos imaginar com a telecinesia um salva-vidas conectado a uma prancha a lançar a prancha ao mar só com a sua mente...

— Uau...! Tipo super-herói... Já viram ao que chegámos? Isto hoje é possível... Basta eu chipar uma prancha, chipar o meu cérebro e ligar os chips um ao outro.

— Nem é preciso chipar o cérebro. Basta meter um capacete com eléctrodos na cabeça e esse capacete estar invisivelmente ligado ao micro chip colado na prancha...

— Uau...! Que desperdício mental que eu faço só para ter que imaginar os salva-vidas do futuro... Mas esses salva-vidas aparecem em 2080 de Antoine Canary-Wharf?

— Imagina então o esforço mental que seria preciso um salva-vidas conseguir, só com a mente, arrastar pela areia uma prancha pesadona daquelas que o Instituto de Socorros a Náufragos obriga os concessionários a terem no posto de praia...

— E o Instituto de Socorros a Náufragos não pode obrigar os concessionários a terem em praias como a Cordoama “pranchas de salvamento” grandalhonas, pesadonas que nem

conseguem passar a bruteza do mar que é a Cordoama. As pranchas de salvamento têm de ser revistas, ainda bem que falaste das pranchas.

— Sim... Essas pranchas pesadonas são obsoletas. Só funcionam para mares que sejam uma piscina. Funciona para rios. Não é para mares com ondas e correntes doidas.

— Para salvar no mar da praia da Cordoama tem de ser com pranchas de bodyboard.

— Vocês lembram-se como era insuportável a praia da Cordoama a com questão das pranchas?

— Era um perigo! Não se podia entrar... Parece que só podia entrar quem tivesse uma prancha...

— Aquilo era um exagero! Chegavam a ser 5 corredores de 5 escolas de surf. E 5 corredores de 5 escolas de surf ali na Cordoama faziam simplesmente desaparecer a praia da Cordoama para os banhistas. Não dava para entrar. Era a mesma coisa que se pôr grades à beira-mar. Fechar-se a entrada para o mar. Cada escola de surf tinha todos os dias 30 clientes, nem sequer eram alunos, porque não havia uma continuidade. Aquilo era sempre o mesmo. O mesmo aquecimento, a mesma dança em cima das pranchas, os mesmos caíres da prancha, os mesmos deslizares, os mesmos risos, as mesmas emoções, os mesmos assobios dos professores, os mesmos aplausos dos professores, sempre o mesmo teatro dos professores de surf. Foi a febre do surf. A moda do surf.

— Está, ainda, a ser agora.

— E o surf é um desporto do futuro. Vai continuar na moda por muito mais tempo. Talvez fosse prudente regularmos melhor o surf no Código da Moda...

— Não o surf não vai sair de moda. Está na moda, mas não vai sair de moda. É um desporto do futuro, tem de ser regulado no Código do Desporto... Já inventámos um Direito do Desporto, não já? Ou vamos ter que inventar?

— Vamos ter que inventar... Já que estamos a falar na praia da Cordoama e vemos hoje 4, 5 ou 6 parapentes a lançarem-se, ainda em segurança, do monte ravinoso por cima da praia e a aterrarem ali na praia, ainda em segurança, prometendo o mesmo espetáculo de voos em 2080 de Antoine Canary-Wharf talvez fosse prudente começarmos já a regular o vento como já começámos a regular as ondas. As ondas e o vento são energia. Nós já pusemos o Direito a regular a energia das coisas. E já que o Direito está tão energético, podemos aproveitar a sua energia para regular isto.

— Como é que vamos regular o vento?

— Tal como as ondas são preciosas e sagradas para os surfistas, também o vento ali da Cordoama há de ser precioso e sagrado para os parapentistas. Hoje só vemos 4, 5 ou 6 parapentes ali, mas se queremos continuar só a ver 4, 5 ou 6 como em 2080 de Antoine Canary-Wharf, talvez convinha chamar o Direito para dar uma mãozinha nisto. Porque estarmos ali na praia e vermos 4, 5 ou 6 parapentes, tanto para os parapentistas como para nós, que estamos na praia e vemos o espetáculo, é lindo de se ver! Os parapentes ali na Cordoama são já uma marca. São um chamariz. E é um desporto bonito, ecológico, que não polui nem faz ruído nenhum. Há um próprio interesse do Estado na questão do turismo, em ver ali os

parapentes. Por isso, é o próprio Estado, com o seu Direito que tem o dever de proteger a modalidade. 5 ou 6 parece razoável. 15, 26 ou 56 parapentes ali a voarem já muda todo o cenário! É como as pranchas na água! Uma coisa é eu ter surfistas locais ou mesmo surfistas estrangeiros que respeitam a hierarquia local, tal como é respeitada no Havai, e ver as espetaculares manobras dos surfistas que apanham ondas “lá fora”, depois da rebentação, em que é possível ter banhistas que estão a nadar e surfistas que estão “lá fora” a apanhar ondas sem o risco de virem bater com as pranchas a quem está a nadar. E no mesmo cenário posso ter ainda 2 kitesurfs, 1 que está a demorar uma hora a subir o vento em “z” e outro que desce os mesmos 5 km em 2 minutos. Posso ter 2 ou 3 miúdos a fazer skimmy antes da beira-mar. Posso ter 2 ou 3 mais velhos com pranchas de stand up paddle e fazerem supsurfing, que é agora a nova moda. Posso ter esta harmonia, esta liberdade, esta dinâmica, este espetáculo, se o espetáculo for regulado como deve de ser. Se o kitesurf virar de repente moda e tiver 115 pranchas ou se todos os miúdos se lembrarem de pedirem aos pais pranchas de skimmy talvez o paraíso que era a praia se transforme num pequenino inferno. Há espetáculos e paraísos bonitos que podemos já regulá-los para que não deixem de ser isso mesmo: espetáculos bonitos para quem fica de fora a ver. Porque, nem todos temos de fazer o mesmo. Mas todos podemos fazer. Mas não temos de o fazer só porque sim. Há sim um Direito ao Desporto. Toda a gente tem direito a também experimentar. Mas para a experiência correr bem, é preciso fazermos um código. É preciso elaborarmos regras, porque estamos a lidar com pranchas, com asas, com materiais que podem pôr em cheque a vida humana ou a integridade física.

— Em março de 2017 um francês que estava a fazer parapente, caiu a uma altura de 10 metros e embateu no chão, devido a uma repentina direção do vento, tendo ficado com um traumatismo craniano...



— Lá está... É que às vezes, não basta saber fazer parapente. É preciso conhecer os ventos da própria zona. Talvez um parapentista local esteja à espera que o vento rode sabendo o que deva exatamente fazer. É preciso conhecer o sítio. O mesmo com o surf ali na Cordoama. Não basta saber fazer surf. São inúmeros os surfistas que entram no mar, não conhecem a correnteza e vão parar em segundos às rochas. Às vezes, é importante os recursos naturais da Terra, como os ventos e as ondas serem geridos por escolas com um profundo conhecimento com professores e formadores certificados. Isto sou eu a defender as escolas. Mas o que eu defendo é a concessão. A atribuição de concessões a uma ou duas escolas por cada praia, dependendo claro da própria extensão, geografia, recorte e geologia da praia. Ali na Cordoama faz sentido, se calhar, haver só uma ou duas escolas. Há mais praias. Há a praia da Barriga ao lado direito e a praia do Castelejo do lado esquerdo, se estivermos a ver o mar de frente. No Castelejo é uma parvoíce 5 escolas de surf a ocuparem o mar todo e a não deixarem ninguém ir dar um mergulho. Então e meu Direito em Ir Dar Um Mergulho Sem Levar Com Uma Prancha Nos Cornos? Porque este Direito existirá a partir do momento em que nós quisermos que ela exista, porque é isto que é o Direito. Uma pura invenção. Uma constante pura invenção. Uma constante pura invenção da observação. Por observarmos as coisas, é que inventamos novos direito. Isto é um novo direito! Não podem estar 5 escolas de surf na praia do Castelejo. Pode uma estar! Talvez, duas... E para isso temos de abrir concursos públicos para vermos qual é que é a escola de surf que vai ficar com a licença para poder espetar a sua bandeira na praia. Não podemos simplesmente atribuir licenças a todas as escolas que aparecem. Porque tem de haver regras nisto. Atribuir uma licença a uma escola de surf é a mesma coisa que eu estar a entregar-lhe um “bocado do mar”. Quando eu entrego um bocado de Terra a uma escola privada, que é uma empresa, isto tem de respeitar critérios rigorosos de contratação pública. Tem

de haver um concurso público. A licença tem de ter um prazo. Pode ser renovável, mas se aparecer uma escola melhor, com pranchas mais ecológicas e a pagar melhores ordenados aos seus professores, então nós temos de passar a licença para outra escola. É isto que temos de fazer também com as concessões de praia. Não se justificam termos concessões de 10, 15, 20, ou 30 anos como se fossem pensões vitalícias. Porque eu mandar vir uns colmos que custam 100 euros ali de Espanha e comprar umas espreguiçadeiras de plástico, ainda por cima de plástico, pôr ali 2 salva-vidas e pagar-lhes 800 euros de ordenado sem folgas, a metê-los aos dois a dormir numa roulotte do parque de estacionamento da praia e a dar-lhes o almoço do restaurante da praia com o cafezinho no final, é muito fácil eu enriquecer. E eu olho para isto e tenho de obrigatoriamente pôr um travão. Assim, não vale a pena estarmos a concessionar praias. Assim, mais vale entregar as praias às câmaras municipais e às associações e acabaram-se “as caminhas” na praia. Porque as associações, supostamente, seguem ou deveriam seguir atividades sem fins lucrativos e era o que mais faltava os presidentes das câmaras verem aqui uma excelente oportunidade para meter dinheiro ao bolso. É que há câmaras municipais que estão a gerir as praias, que são elas próprias concessionárias, como se tivessem aberto um concurso público e concorrido só elas com elas próprias, com salva-vidas contratados por 800euros e alugarem camas por 80euros... Veja-se bem como andam cheios os bolsos dos camarários neste novo-riquismo. As concessões é para serem entregues às empresas, não é às câmaras! Nem às associações que por fora também sabem como é o mecanismo para fazerem dinheiro “sem fins lucrativos”. Nós estamos num sistema económico em que a pedra angular são as pequenas e médias empresas. E isto é uma oportunidade de ouro que temos de dar é às pequenas e médias empresas. Portanto, as praias se é para serem concessionadas é para ficarem nas mãos de privados que saibam gerir como deve de ser e que vão a concurso público de 3 em 3 anos. Podem ficar para sempre com o seu negócio nas

praças, mas têm de ganhar de 3 em 3 anos o concurso público. E isto do concurso público é para ser transversal a qualquer tipo de atividade, seja barcos, seja aviões, seja correios, seja cemitérios, seja crematórios, seja jardins, seja podas, seja lixos, seja estacionamento, seja caterings, seja tudo! Tem de ir sempre a concurso público de 3 em 3 anos. E os concursos públicos não é para serem fantasmas. É para serem transparentes, sem serem fantasmas!

— E como todo o novo Direito espiritual está cheio de fantasmas e entes, eu trouxe aqui comigo uma nova figura jurídica, um novo fantasma do Direito...

— Que fantasma?

— O fantasma dos contratos públicos para acabar com a brincadeira das cunhas e dos arranjinhos. Querem saber como é que se vai chamar?

— Como?

— O juiz de contratação pública.

— Acabaste de inventar uma nova carreira?

— Sim. A carreira de contratação pública. Acabou-se a brincadeira da mentira que são os contratos públicos. Em Portugal, que é um país pequenino, vemos e sabemos muito bem como as coisas acontecem. Uma câmara municipal tem 6 milhões de euros para dar à empresa que ganhe o contrato público para fazer a recolha dos lixos e transportá-lo para um sítio que pertence à própria câmara. Sabemos que o custo disto nem sequer chegou a 2 milhões no passado. Mas vamos lançar o concurso para 6 milhões. O que é que podemos ver aqui? Que uma câmara inteligente pode ter um amigo que tem uma empresa

de recolha de lixos e queira que a empresa dele, porque são amigos, fique com os 6 milhões que vai conseguir “desviar”, com uma manobra administrativa, que para ser legal, tem de ser lançado um concurso público. Mas já sabemos de antemão qual a empresa que vai ficar com o lixo. Supostamente, diz o Código dos Contratos Públicos que o presidente, em caso de amizade ou inimizade com os sócios da empresa, se deverá afastar do júri, não podendo participar no processo decisivo de contratação pública. Mas, vá lá... Não somos nem crianças, nem entrámos ontem para o primeiro ou para o segundo ou para o terceiro ano da Faculdade de Direito. Sabem que em Portugal, primeiro, seria preciso provar que haveria aqui uma amizade e em Portugal até se conseguir provar alguma coisa... Depois, ainda que o presidente se afastasse do concurso ou não fosse membro do júri, o presidente continua a ser uma pessoa social que é amigo de todos os outros 3 ou 4 membros do júri, que por acaso, ocupam um qualquer cargo administrativo. Por isso, mesmo que se monte uma câmara no gabinete do presidente da Câmara, porque se o presidente da câmara manda instalar câmaras na cidade, a cidade também deveria poder mandar instalar câmaras na Câmara, o presidente quando se levantar da mesa, porque “não pode fazer parte da mesa do júri”, envia uma mensagem no WhatsApp para o grupo do WhatsApp que os 4 ou 5 jurados criaram e diz para escolherem a empresa do amigo, que depois mais logo vai haver festa no barco do amigo que está atracado na marina de Cascais...

— Isto fez lembrar-me coisas do passado que se passaram numa altura em que vimos como era fácil enriquecer-se em Portugal... Por isso, para que as coisas comecem a funcionar de uma vez por todas como deve de ser, adoro a nova figura jurídica de juiz de contratação pública.

— Ou podia ser uma nova profissão, ou podia ser uma especialidade da carreira de magistrado... Podíamos criar até uma

espécie de Tribunal de Concursos onde decorressem publicamente os concursos. As empresas enviavam as propostas e no dia de se abrirem as propostas, as propostas eram lidas e escolhidas segundo os critérios do Código dos Contratos Públicos.

—Que venha o novo juiz de contratação pública!

— E segundo os critérios do Código dos Contratos Públicos ou do Novo Código dos Contratos Públicos é termos critérios ambientais e sociais com pesos de ponderação relevantes. Há concursos públicos em que o critério de escolha é 60% da qualidade-preço e 40% de caução, por exemplo. Nem aparecem os critérios ambientais...

— Isso das cauções também é para acabar! Das cauções e do pagamento antecipado de de rendas. Porque isso afasta empresas que têm uma ideia gira de negócio, um projeto sustentável, ecológico e socialmente relevante, mas que não têm capital. Assim não estamos a dar a chance às pequenas e médias empresas, nem aos nossos jovens empreendedores que acabaram de abrir a empresa para poderem empreender as suas ideias. E se uma empresa jovem me aparece no concurso a dizer que quer ficar com a exploração de uma nascente de água, que nós, Administração Pública, estamos a perguntar qual é que é a empresa que quer ficar com a nascente, quando a empresa jovem não tem ainda os meios para explorar porque lhe falta o capital, mas já me está a dizer na proposta que não vai engarrafar com plásticos, só vai usar vidro reciclado para comercializar a água, vai usar transportes ecológicos movidos a hidrogénio ou gasolina sintética que é neutra em carbono no transporte da nascente ao laboratório, que me vai empregar pessoas locais que vivem perto daquela nascente, como é natural que eu estou obrigado a contratar com este jovem empreendedor e a dar-lhe a chance de lhe conceder o título de exploração, para ele ir mostrar ao banco

e pedir o capital necessário afeto à exploração. Porque se o banco dele não emprestar o dinheiro e afinal a empresa não conseguir iniciar a exploração por falta de capital, vamos chamar a segunda melhor proposta do concurso, e assim sucessivamente.

— Mas o banco empresta! Nessas situações, como é lógico que o banco vai emprestar dinheiro porque vê que a empresa tem um contrato com o Estado e sabe, em princípio, que a empresa vai gerar lucro. Porque se o banco sabe que uma empresa ganhou o concurso público e ficou com o título para explorar durante 50 anos um palácio para ser convertido num hotel de luxo de 5 estrelas ou 30 anos uma praia, como é claro que um banco vai logo financiar. Por isso, não é problema uma empresa não ter capital social. Porque se ganhar o concurso o banco, vai emprestar dinheiro que a empresa solicitar para iniciar a exploração. Não podemos é empatar, nem dificultar o acesso às empresas que acabaram de iniciar a atividade e não têm ainda capital para concorrer porque há critérios do próprio concurso que a afastam...

— Exatamente. Por isso, aqui a única coisa a que temos de ficar agarrados é ao Código dos Contratos Públicos e obrigar que os critérios de todos os concursos públicos incidam e tenham maior peso sobre os critérios ambientais e sociais. Porque a Administração Pública tem de contratar é com os bons e não com os maus. Porque se há privados que querem pagar ordenados de felicidade aos trabalhadores, querem adquirir produtos em segunda mão ou totalmente sustentáveis e ecológicos se os comprarem como novos, têm ideias giras, ideias que são amigas do ambiente, ideias empáticas, boas ideias, eu tenho é que contratar com esses privados. Tenho de dar a chance, através da contratação pública, a um privado poder desenvolver uma boa economia. E eu, administração pública tenho esse dever. Porque pode ser com um concurso público que um privado

consiga vingar todo o seu espírito económico, toda a sua filantrópica, empática, humana e esverdeada economia.

— Isso mesmo! Eu posso fazer coisas giras, como um privado, se tiver uma concessão de praia. Por exemplo, posso dispor gratuitamente pranchas de paddle, tubos e máscaras de snorkeling, redes de vólei e caiaques para as pessoas que paguem a sombra nos meus colmos. Posso oferecer águas e protetor solar. Posso pagar 5 mil euros aos salva-vidas. Posso ter uma boia torpedo robot. Posso ter uma moto d'água elétrica de salvamento que não polui. Posso ter espreguiçadeiras ecológicas e sustentáveis feitas de bambu. Quando eu vou concorrer assim, sou eu que tenho de ganhar e ficar com a concessão. Porque a Administração Pública olha para mim e fica descansada, porque sabe que na minha praia os salva-vidas estão a receber ordenados de felicidade e estão em forma, porque eu pago-lhe para eles estarem em forma como pago para eles fazerem simulações, que estou a respeitar o ambiente, que estou a proteger a saúde das pessoas, porque estou a besuntar as peles dos meus clientes com protetor solar, logo estou a aliviar o Sistema Nacional de Saúde... Estou a contribuir para a prática do desporto, porque os meus clientes podem fazer gratuitamente paddle ou snorkeling... Toda a gente sabe que nas minhas praias todas as pessoas de mobilidade reduzida têm acesso facilitado e uma cadeirinha para irem as vezes que quiserem à água... Porque, assim, sim... Assim faz sentido, eu atribuir licenças e concessões a concessionários que não deixando de serem empresários e terem o lucro em vista, são humanos porque sabem repartir o lucro com todas as pessoas que alimentam, suportam e erguem toda a economia, são empáticos porque sabem meter-se verdadeiramente na pele do cliente e prestar um serviço de qualidade e são sustentáveis porque estão preocupados com os materiais que usam na concessão; aliás, que é um dos critérios que consta no Código dos Contratos Públicos: os critérios ambientais para se ganhar o concurso. Quando eu tenho um concessionário que aparece com

um projeto destes para uma praia, eu, Administração Pública, seja através de uma câmara municipal, seja através de uma capitania de porto, que pertence a um departamento marítimo, que pertencerá sempre à Direção-geral da Autoridade Marítima, que é um órgão central da Autoridade Marítima Nacional, sendo este um órgão consultivo do Ministério da Defesa Nacional, que integra a administração central do Estado, estarei obrigada pelo Código dos Contratos Públicos a conceder, a atribuir a concessão a um concessionário que aparece com um projeto destes. Senão, o concessionário tem todo o direito em ir demandar-me num tribunal administrativo para impugnar o concurso público que ilegalmente perdeu. E isto vale o mesmo para as escolas de surf. Eu, Estado, tenho de ter e ver uma clara vantagem em entregar um bocado de terra e mar a um privado. Enquanto a escola de surf está ali duas ou três horas no mar a dar aulas, eu tenho algum surfista amigo da escola a apanhar ondas à frente do corredor da escola pronto para resgatar um banhista que esteja a nadar? Esta escola de surf está ligada numa parceria com uma concessão que tem salva-vidas? É que se sim, é esta a escola de surf que faz sentido estar na praia e ganhar a praia. Nem todos os surfistas podem ganhar a mesma onda. As ondas são limitadas. Quando *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom carrega no botão do programa das ondas e as ondas começam a dar numa praia, vê-se a correria dos surfistas e das escolas que se atropelam para apanhar ondas. De repente, o mar vira uma estrada. E na estrada há um Código da Estrada. Então, no mar também tem de haver um Código do Mar. Já é tempo de haver um Código do Surf que regule as ondas e o mercado das ondas. Porque as ondas são um verdadeiro negócio. A energia das ondas vale uma pipa de massa. Se cada prancha custar 80euros, 115 pranchas são 9 mil e 200euros em 3 horas. É uma máquina de fazer dinheiro à custa da máquina de fazer ondas. Isto tem de ser regulado. Faz sentido, se calhar, haver só uma escola de surf na praia da Cordoama que tem 20 ou 30 pranchas e que até as pode alugar 100 vezes por dia cada uma das suas 20 ou 30 pranchas, mas que eu sei que não vão



passar de 20 ou 30 pranchas. 20 pranchas no mar é mais admissível que 115 pranchas de 5 escolas de surf ao mesmo tempo no mar. Não há ondas para todos, nem há lugares para todos. Quando não há lugares para todos, têm de se abrir concursos públicos. E ganha o melhor! Ganha o empresário que paga melhor aos professores de surf, porque eu não quero ter aulas com o professor de surf que está ali a dar aulas para sobreviver, a acordar cedo por obrigação. Não! Quero um professor que faça as curvas a descer para a praia da Cordoama no carro que ele quer, feliz por ter acordado às 6 da manhã, porque está cheio de tusa de ir comigo para dentro do mar. É isto que eu quero! É esta economia da felicidade que todos nós queremos ver! Nós queremos ver as empresas a funcionarem, mas como deve de ser! E para as vermos a funcionarem como deve de ser, temos de as ver a pagarem ordenados de felicidade e a optarem por materiais sustentáveis, porque estamos numa Era verde sustentável de coisas. As coisas têm de ser sustentáveis. Podemos comprar o que quisermos. Mas temos de comprar é coisas sustentáveis. Temos de fazer compras inteligentes. E os empresários quando concorrem aos concursos públicos têm de mostrar a sua inteligência. Têm de mostrar que compras inteligentes é que querem fazer. E se a ideia for boa, se a ideia for verdadeiramente sustentável e financeiramente saudável tem de haver um financiamento, o Estado tem de financiar as boas ideias, as ideias que andam para a frente com a nossa economia. E toda a gente pode concorrer. Com zero e do zero todos podem concorrer. Não interessa o capital social da empresa ou se o empresário tem capital. O que interessa é financiar ideias boas. Há um dever do Estado financiar as boas ideias! É isto que faz sentido numa economia perfeita de mercado em que o que vale é a livre concorrência. Se um grupo 4 de miúdos de 25 anos tem uma boa ideia, mas não tem dinheiro, o Estado tem de entrar com dinheiro para erguer a ideia. Obviamente que não vale chegar com a ideia pelo ar, a ideia tem de ter cabeça, tronco e membros.

— Em média, todos os anos, 8 a 15 pranchas em cada escola de surf estragam-se. Em março de 2019 tínhamos 350 escolas de surf, a contar com as registadas, fora as ilegais. Ora se multiplicarmos 15 por 350, só das escolas legais são 5250 pranchas que vão para o lixo sem qualquer chance de serem reutilizadas ou recicladas. As pranchas derivam do petróleo. As pranchas de alta performance, devido ao plástico polipropileno, não fazem qualquer sentido nas mãos de pessoas que estão a aprender a apanhar as primeiras ondas. As pranchas de cortiça talvez não tenham a melhor performance em competição, mas são perfeitas para apanhar ondas fora de qualquer competição pelos recursos. A cortiça é um dos melhores materiais que eu tenho aí. Quando eu retiro a cortiça de 9 em 9 anos a árvore continua viva. Eu não tenho de abater uma árvore para ter cortiça. O bambu regenera-se e cresce muito rápido, é uma madeira considerada renovável, sustentável. Isto interessa muito, porque os nossos recursos não são infinitos. Todos os dias estamos a dar cabo deles e a minha pergunta é como é que os que ainda nem sequer são pais, nem se quer ainda têm um par, nem sequer ainda amam, querem ainda trazer mais filhos? Como é que podem pensar em pessoas que não existem se há tantas que já existem e não têm acesso aos recursos mais básicos da vida? E andamos aqui nós a pensar nas ondas... Não podemos estar a querer trazer mais filhos ao mundo que ainda não existem, porque ainda nem sequer foram concebidos, não existem! Enquanto não existirem é melhor não existirem, porque a partir do momento em que existam, a partir do momento em que um espermatozoide se lembre de nadar até ao óvulo e o fecunde, a vida humana que não existia passa “do nada” a existir, e “do nada” nós passamos a defendê-la a todo o custo! É um novo recurso humano! E agora, vamos todos tapar os ouvidos e os olhos ao bebé porque ele nasceu numa verdadeira guerra, mas só o saberá a seu tempo, a tempo de entrar na guerra. O mercado guerreia por todo o lado. Isto da liberdade económica é muito

bonito, mas isto também mata. Há empresas que dão cabo dos recursos. Que competem pelos mesmos recursos que os nossos filhos. Há empresas que roubam as ondas e o mar dos nossos filhos que ainda nem existem! E nós, ao sabermos disto, vamos fazer existir uma vida humana? Sabendo que estamos numa permanente guerra, numa permanente escassez? Para quê? Se estivéssemos em paz e houvesse ondas para todos poderem apanhar era uma coisa... Mas não há ondas para todos. Nós deitados na areia de frente para o mar, com os olhos no mar, estamos a ver que não há ondas para todos. E por isso, temos de regular. É muito bonito de fora, para quem não percebe nada de surf e só olha é para os pés e para os cabelos dos surfistas, nem sequer olha para as manobras que eles fazem, ver uma imensidão de surfistas no mar ali parados, deitados nas pranchas, a darem um certo estilo ao mar e à praia... Mas os surfistas, os imensos surfistas que ali estão parados, estão parados à espera do set, que venham ondas, e não estão ali a conversar na boa uns com os outros. De fora, parecem todos amigos. Mas dentro do mar, são todos rivais. Estão todos a competir pela mesma onda. Metem-se uns à frente dos outros. Outros que já lá estavam primeiro nunca mais conseguem apanhar. Isto tem de ser intuitivo. Olhar para o mar, ver que está já lá muita gente, ir para outro mar. É assim. Quem já lá está, tem prioridade. É a lei do que acorda mais cedo. Se não sabem respeitar a prioridade de apanhar a onda, nem vale sequer entrarem no mar. Tem prioridade quem está na espuma e está mais perto do lado da parede da onda que diz que é uma esquerda ou uma direita que vai dar. Isto não precisava de estar escrito. Só que o negócio descontrolado do surf, obriga-nos a nós, de Direito, a regulá-lo. Ontem, o surf era um desporto saudável. Hoje, o desporto tornou-se uma moda e o mercado apanha todas as modas. Hoje, o surf é um mercado que vale 400 milhões de euros por ano. É muita guita, meus senhores e minhas senhoras. Estamos à espera do quê para o regular? Não sentem o fisco que há agora em nós? Não sentem o bichinho dos contratos públicos a querer pegar como deve de ser nisto? Numa confusão,

não se percebe quem é que tem a responsabilidade de controlar a praia ou de apanhar escolas ilegais... Há regras que estão longe da realidade, como numa praia, como na Cordoama, poderem haver 5 ou 3 escolas de surf, não pode ser! Pode haver uma, no limite duas! Ou temos de ir todos outra vez em agosto ver a confusão de pranchas que é aquilo? E mesmo ao lado dos musculados rapazes da Autoridade Marítima, sabemos que no limite o que eles podem fazer é mandar retirar surfistas da água se considerarem que as condições do mar estão agitadas ou estão a pôr em causa a segurança dos banhistas... Mas se por um lado lhes compete isto, por outro verdadeiramente não lhes compete. E compete a quem? É à Polícia Marítima? É à Autoridade de Segurança Alimentar e Económica, que sabe que há ali escolas ilegais, mas nada faz, ou se faz é só a uma, perseguindo só uma? E sobre os acidentes com os banhistas que levam com as pranchas de surf dos surfistas que acabaram de alugar uma prancha de surf a uma escola que não deveria estar a alugar pranchas, porque já havia uma outra a alugar, a quem vai recair a responsabilidade? Como é? Quem é que vai imprimir o Código do Surf? É a Jupiter Editions? É a Jupiter Editions que vai ter que regular isto? A Jupiter Editions tem muitas outras impressões por fazer... Estamos há anos há espera de uma lei sobre o surf e até agora nada...

— Bom... Eu já tenho o Código do Surf, pronto... Escrevi-o na praia da Cordoama...

— Eu também escrevi um Código do Surf... Escrevi-o em Padang Padang...

— Em Padang Padang? Essa não é aquela praia em Bali perigosíssima em que as ondas quebram por cima de corais que parecem facas?

— Sim. O meu código Surf não é para iniciantes...

— Eu escrevi o meu código Surf em Jefreys Bay... A ver golfinhos e baleias...

— Há mais algum surfista nesta mesa?

— Eu também escrevi um Código do Surf...

— Onde?

— Na praia de Pipeline.

— E viste algum surfista morrer na onda havaiana mais letal do mundo?

— Não...

— Mais alguém escreveu um Código Surf?

— Eu escrevi em Vivonne Bay...

— A praia de Vivonne Bay não fica na Ilha Kangaroo?

— Afinal foste à Austrália escrever sobre ondas ou sobre cangurus?

— Não se deixem enganar pelo nome... Na Ilha Kangaroo não há só simpáticos cangurus... Também há coalas preguiçosos... Pinguins e leões-marinhos atrevidos... Pelicanos que parecem gaivotas e ficam em fila à espera que lhes dê comida...

— E escreveste sobre isso tudo no teu Código do Surf?

— Escrevi um pouco sobre tudo, sim... O surf combina com toda esta fauna... Quero ganhar o concurso do 2º Plano

Editorial da Jupiter Editions... Porque a seguir quero ir apanhar a Banzai Pipeline...

— Essa onda é minha! Eu é que estive em Pipeline. Essa onda é minha...

— Podes ir as vezes que quisesses a Pipeline que os havaianos não te vão deixar apanhar a onda... Nem vale sequer tentares madrugar, que de madrugada os locais já lá estão batidos para não te deixarem apanhar a onda.

— Eu estive lá a escrever o meu código Surf. Estive lá a escrever com os locais. Fiquei amigo dos locais. Eles viram a minha escrita. Se eu voltar a Pipeline, os locais, a mim, deixam-me apanhar a Banzai Pipeline... A ti é que não... O meu espírito está com eles...

— Ah... Estás aqui connosco a querer enrolar-nos na tua onda, enquanto estás a ser é enrolado pela onda deles? Sim... Porque eu não acredito que tu alguma vez conseguisses apanhar a Banzai Pipeline... Levavas um porradão da onda... E se não levasses um porradão da onda, levavas um porradão dos teus amigos havaianos, por lhes teres dropinado a onda...

— Sim... Amigos, amigos, mas negócios à parte... E já sabemos que as ondas são um negócio...

— Dropinar???

— Sim... Dropinar... Roubar a onda... Ou isso não está no teu código Surf?

— O meu Código do Surf é um Código de Etiquetas. Nós em Cascais não dropinamos as ondas a ninguém... Somos muito civilizados...

— Vocês são é muito gulosos... Vocês dropinam-se uns aos outros... Mas depois são todos muito amigos... Usam a etiqueta para dropinar... Mas dropinam como todos os outros...

— Porque é que eu acho que estás a usar a expressão dropinar com uma outra conotação?...

— Porque vocês em Cascais vivem sempre na defensiva...

— Querido, porque nascemos com visão de mercado... Sabemos muito bem desde pequeninos o que é o mercado e como é que o mercado é e como é que nos temos de defender perante o mercado... Por exemplo, não compramos garrafas de água de plástico, porque sabemos que o plástico faz mal ao ambiente... Não nos importamos de gastar mais dinheiro e comprar garrafas de água de vidro... Não é porque seja moda... É porque é melhor para o ambiente... E depois vocês, sem saberem e vá se lá saber o porquê, imitam-nos, copiam-nos... As modas vêm sempre de nós. Nós lançamos as modas e vocês vão todos atrás... Lançámos a moda num casamento com Santarém de dar só um beijinho, pois vocês começaram todos também a quererem imitar-nos a dar só um beijinho quando sempre deram dois... Os vossos pais sempre deram dois beijinhos, mas por nos verem a dar só um beijinho quiseram imitar-nos... Começámos a andar descalços no supermercado, vocês imitaram-nos... Vocês estão sempre a imitar-nos... Nós lemos os rótulos no supermercado... Por isso, é que demoramos mais tempo nas compras... Vocês viram-nos a ler os rótulos, começaram também a ler... Primeiro liam e não percebiam nada... Liam coisas graves como E's, mas mesmo assim compravam... Se compramos sardinhas em lata, e não tem mal nenhum comprar sardinhas em lata, porque a conservação em lata é uma técnica que permite conservar todos os nutrientes importantes da sardinha que se vão

ligar ao nosso cérebro que se liga à história e sabe que Portugal tem muita lata para ter invertido a história das conservas da Segunda Guerra Mundial, em que durante anos foi considerado um alimento de tropas e pobres, para agora ter atingido um estatuto gourmet e ser um símbolo português em todas as lojas chiques de souvenirs, porque loja que é chique tem latas chiques de sardinha, não são latas de sardinhas quaisquer... São latas chiques de sardinha... E latas chiques de sardinha são aquelas em que o rótulo diz donde é que vem a sardinha e como foi pescada a sardinha e tem, por exemplo, o selo Marine Stewardship Council, que é uma eco etiqueta azul que indica que a pesca é sustentável, ou o selo Dolphin Safe, que como o seu nome indica que aquela pesca não causou nem um arranhão a um golfinho... Se compramos chá, compramos o chá que diz que a produção é uma produção sustentável e que os produtores são produtores certificados, mas que não pagaram à toa uma certificação que os certificou à balda, não... É uma certificação como deve de ser... Se compramos cacau, compramos o que diz que provém de uma plantação sustentável e que é certificado... Ficamos a ler os ingredientes, os materiais, quem é que é o produtor, às tantas acabamos sempre por conhecer o produtor ou o dono da marca... Acaba sempre por ser um tio nosso... Mas é um tio que tem uma empresa fixe, uma empresa ecológica, uma empresa sustentável, uma empresa verde... Em Cascais, nós gostamos dos verdes... Não é do partido dos verdes que diz que os caracóis têm de ser mortos primeiro, antes de serem fervidos em água... Em Cascais, nós vamos à escola e percebemos de Biologia... Gostamos dos biólogos... Damos ouvidos aos biólogos, aos médicos, aos salva-vidas, cumprimentamos sempre os salva-vidas e acabamos sempre por ficar amigos ou ir para a cama com os salva-vidas... Os salva-vidas são sempre giros... São como os surfistas... Os surfistas que usam fatos de surf sustentáveis, pranchas de surf sustentáveis e olham para a ecologia, são sempre surfistas giros... Não há surfistas feios destes...



— Os caracóis têm sistema nervoso, mas é bem mais simples do que a maioria dos animais... Não se pode dizer que os caracóis sentem dor, o que se pode dizer é que eles respondem fisiologicamente à água quente...

— E a resposta deles é fugirem da panela...

— Eu não os oiço a gritar... Se eu os ouvisse, eu juro que abria a tampa da panela...

— Não os ouves a gritar, porque tens a tampa a fechar a panela... Já experimentaste cozê-los na panela, mas sem a tampa?

— Para ficar a ver os caracóis a fugirem da panela depois de ter andado a esturrar-me ao sol a apanhá-los? Não, obrigado...

— De repente, parece que estou a ver toda a gente com baldes a apanhar caracóis...

— Não... Eu cá só estou a ver os Member Readers da Jupiter Editions numa caminhada solarenga a apanharem caracóis e depois num panelão improvisado a cozerem como nas Furnas, só com o chão da Terra, uma grande caracolada...

— O quê? As caracoladas também fazem parte da agenda da Jupiter Editions? Eu não gosto de caracóis...

— Mas devias gostar... São altamente nutritivos e são uma fonte importante de cálcio, magnésio, zinco e cobre...

— Posso ir buscar essa fonte a outros alimentos mais verdes... Se agora toda a gente se lembrar de apanhar caracóis vamos ter um novo Direito que vai começar a ditar regras para apanhar caracol... Como temos um Direito que regula o peixe,

vamos ter um Direito que regula o caracol... Vocês até parece que não gostam de caracóis... Para que é que estão a dar ideias?

— Tu falas com se tivesses uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari... Não me digas que achas que está alguém aqui debaixo da nossa mesa a ouvir o que dizemos...?

— O que eu ouvi dizer, é que tínhamos 5 códigos Surf em cima desta mesa para a 2ª reunião...

— Ah!... Desculpem lá, mas eu não vou trazer o meu código Surf...

— Mas porque não?

— Porque vou levá-lo é à Jupiter Editions...

— Bem podes levá-lo... Que a Jupiter Editions se publicar algum código Surf no seu 2º plano editorial irá publicar é o meu...

— Só 18 livros é que vão ser publicados no 2º Plano Editorial... Acham mesmo que vão conseguir que o vosso surfezeiro seja imprimido pela Jupiter Editions? A Jupiter Editions não vai na vossa onda... Vai é na minha... Fui eu que estive ali bem de perto na Pipeline...

— Tu deves achar que lá por teres ido ao Havai vais ganhar o concurso do código Surf da Jupiter Editions...

— Claro que vou!...

— Tu já viste os surfistas que se lembraram de escrever sobre cada uma das suas ondas que vão concorrer ao 2º Plano

Editorial da Jupiter Editions? Queres agora dropinar sobre as ondas deles?

— Para não falar de que vai estar também em concurso mais 3 livros do Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala...

— 3 livros???

— Sim... O romance lá dele com o Fred nos Açores... O Direito Maquiavélico... A Psicologia Maquiavélica...

— Pensem comigo... O júri será composto por 1 ou 2 professores de Direito... O Direito Maquiavélico do Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala é uma crítica ao Direito... De certeza absoluta que não vai passar...

— Bem jogado... O júri também será composto por 1 ou 2 psicólogos de elevado mérito e portefólio... Logo, a Psicologia Maquiavélica do Jaimezinho bem que pode ficar esquizofrénica e ser mandada internada...

— Mas como é que vocês sabem essas coisas? Vocês, parece que já estão no sistema... Parece que nasceram no sistema...

— Então, mas nós não somos *Os Autores do Sistema*? Parece, que te esqueces, às vezes, que somos *Os Autores do Sistema*... Parece que te esqueces que vivemos numa perfeita Inteligência Artificial, que é uma mente global altamente tecnológica ligada a cada uma das nossas mentes tecnológicas... Parece que não sabes que nascemos todos assim... Completamente ligados ao sistema... Parece que não sabes que todos nós podemos escrever e imprimirmos o que quisermos, porque simplesmente somos *Os Autores do Sistema*...

— Para não te causarmos nenhuma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari ao ponto experienciáres um curto-circuito, deixa-me só dizer-te que a nossa tecnologia chama-se Internet... E não é Internet das Coisas... Se fores ao site da Jupiter Editions em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) encontras lá esta informação. A informação está disponível para todos. A informação é transparente.

— Já que estamos a falar de informação... Nós não tínhamos qualquer coisa para regular sobre o Direito à Informação, Informação Privilegiada, Abuso de Informação Privilegiada no Mercado...

— Pois, mas isso vai ter que ficar para 2ª reunião... Nem sequer trouxe o Código dos Valores Mobiliários... Mas trouxe o Código do Surf...

— Mas eu sei o artigo de cor...

— Não queremos saber!... Ninguém quer agora saber da Bolsa de Valores...

— Se o meu professor de Direito Comercial III te ouvisse dizer “Bolsa de Valores”, dava-te um sermão da história dos Valores Mobiliários só para não te chumbar logo... Sobre o abuso de informação diz o artigo 378º do Código dos Valores Mobiliários, que quem disponha de informação privilegiada...

— *Epá!* Ninguém quer saber!... Desculpa lá!... Mas ninguém quer saber disso agora!... Estávamos tão bem a falar de ondas... Por mim apanhávamos mais uma onda...

— Estamos a ficar sem tempo e andamos ainda a brincar de volta da espuma das ondas... Parecemos putos a apanhar carreirinhas à beira-mar.

— Putos, nada!... Que já temos barba e pintelhos... Parecemos é estudantes de Economia da faculdade de Carcavelos a quereremos entrar outra vez no mar só para apanhar uma última onda, antes de mergulharmos a fundo na Economia e no Direito Comercial...

— Oh!... Se formos agora nadar para alto-mar nunca mais saímos de lá... Não estou agora a ver ondas nenhuma... O pessoal de Cascais e Carcavelos também diz que as ondas estão uma merda quando *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom interrompe o programa de ondas?

— Só os de Carcavelos... Os de Cascais dizem só que “não estão ondas de jeito”... Nem sequer dizem que “não estão a dar”... Porque isso já parece demasiado mecânico, demasiado tecnológico... E se há coisa que os betos de Cascais são é espirituais... E falar assim desta mecanicidade das ondas, corta logo toda a espiritualidade... Os mitras de Carcavelos não são tão espirituais... Convenhamos, estão a 10 km de educação, toda ela muito espiritual... Os mitras não têm paciência para o espírito dos betos...

— Mas a 10 km apanham o espírito dos betos todos no Grindr...

— Mas na cama a conversa é outra... Com tusa, a conversa é sempre outra... E se um beto ficar teso à frente de um mitra, o mitra assalta-o é na cama, sem magoar...

— Parece que começámos a nadar sem rumo...

— Já estamos em alto-mar?

— Acho que sim... Acho que agora é que ficámos mesmo em alto-mar... E agora?

— Agora? Agora, ficamos em alto-mar à espera que venha uma onda que nos devolva outra vez à costa.

— Bom! E ainda bem que demos à costa. E em terra vemos que o Turismo de Portugal veio permitir que as escolas obtivessem licenças como operadores marítimo-turísticos.

— No entanto, essa licença não as habilita a dar aulas, ou habilita-as?

— Não, não as habilita é a nada. Apenas a alugar material. E é aqui onde reside o problema. Imaginem 5 escolas de surf a alugarem ao mesmo tempo na mesma praia cada uma 20 e tais pranchas...

— São as tais 115 pranchas no mar. Fica um mar ridículo como era o mar da Cordoama, antes de ter lá a concessão. Agora, com a concessão está mais tranquilo. As escolas de surf já não podem pôr lá as bandeiras. Têm de ir para outras praias que estão desertas. O que não faltam é praias desertas com ondas “sempre a dar”. É só agarrarem nas suas carrinhas e porem-se de binóculos em cima dos miradoiros a verem onde há ondas. E não é com drones! Senão, é que perdem de uma vez por todas a licença!

— Dantes, não dava para entrar na água para dar um mergulho, porque estavam mesmo ali à beira-mar a apanhar a espuma das ondas 115 pranchas nas mãos de pessoas que estavam pela primeira vez com uma prancha nas mãos. A vantagem de uma praia concessionada é estar livre de corredores de surf. Uma praia concessionada acaba por controlar naturalmente esta guerra febril de escolas de surf. Na Cordoama, as escolas de surf andavam à pancada. Era uma guerra para ver quem era a escola de surf que chegava primeiro para espetar as bandeiras da sua escola de surf. O filme era sempre o mesmo. As escolas de surf saíam de Lagos, Portimão ou Sagres com os seus

clientes metidos em carrinhas e *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto chegavam antes das 9 horas ao parque de estacionamento já meio lotado com as caravanas que tinham ilegalmente pernoitado.

— Isso das caravanas é que temos de resolver...

— Já lá vamos...

— Já lá vamos nada! Vamos aproveitar a boleia da onda que nos devolveu à praia da Cordoama. A praia da Cordoama pertence a Vila do Bispo. Sagres pertence ao concelho de Vila de Bispo. Em Sagres e Vila de Bispo há muitas praias com muitas boas ondas sempre a dar. Sabem os portugueses disto e sabem todos os estrangeiros disto. E agora vamos ter que falar. Vila de Bispo é o concelho de Portugal em que 30% são estrangeiros que estão a viver, que compraram casa, que fizeram uma vidinha legal e que têm os seus filhos legais; e depois temos os outros, que estão a ocupar ilegalmente um terreno por detrás dos montes da Pedralva num estilo de vida “freedom”, todos drogados, a terem filhos drogados, a fazerem partos atrás de partos drogados e a receberem chorudos abonos do seus países sem os países saberem que estão a viver ilegalmente há anos em Portugal... Porque é esta a visão de quem é português e vive em Vila de Bispo e em Sagres... Depois temos estrangeiros que vêm fazer caravanismo para Portugal fora dos parques de campismo e de caravanas, não gastando 1 cêntimo em Portugal porque fizeram as compras todas em Espanha antes de entrarem em Portugal, estacionando numa loucura de caravanas por tudo o que é sítio. Se alguma vez nós olhámos para uma caravana cor de laranja de matrícula dinamarquesa, norueguesa, finlandesa ou sueca e quisemos proteger a todo o custo, não fotografando, nem deixando ninguém fotografar, para não denunciarmos aquela inocente caravana que mais parecia uma nave espacial vinda de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, que tanto desejámos ver os cabelos

loiros a condizer com os alienígenas olhos a saírem da nave para simplesmente cumprimentarmos com um sorriso, mostrando como eram bem-vindos ali em Santarém, percebemos como em Sagres o cenário muda completamente de figura... Só na praia do Beliche são 60 caravanas estacionadas em cima da falésia por cima da praia que simplesmente aterraram durante a noite e que de manhã não deixam mais ninguém estacionar, dando vontade de fotografar aquilo... E são 60 caravanas no Beliche mais 20 caravanas estacionadas no parque de campismo da Cordoama logo às 9 da manhã, fora as outras 20 caravanas no Parque de Merendas antes do entroncamento que desce em frente para o Castelejo ou vira para a direita para a Cordoama, mais 100 caravanas no Miradoiro da Cordoama que depois alienigenamente são 100 drones alienígenas com potentes câmaras e microfones a voar a praia da Cordoama e os nossos dados simplesmente em mãos estrangeiros sem pagarem qualquer imposto e a depositarem os nossos dados no Facebook e no Instagram deles... É uma confusão de Direitos... No meio disto tudo, é claro que há cenários bonitos... É claro que há histórias engraçadas... Nesse Parque de Merendas não me posso esquecer das camas de rede que eu vi amarradas aos pinheiros que baloiçaram o coração do meu espírito ao ver aquilo. Não me posso esquecer dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, sem cavalos, que me pediam boleias à saída da praia da Cordoama com as tendas às costas, à espera de montarem comigo a sua tenda e eu *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto tinha que conseguir ligar a tecnologia deles e ver aqui um Direito que se viesse nas novas boleias tecnológicas da Internet das Coisas que *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke com fotografias giras no Facebook e no Instagram faziam inocentes corações abrirem-lhes as portas, permitindo o mais fácil de todos os assaltos! Mas numa visão romântica de coisas, até numa visão romântica das coisas, importa é estarmos lúcidos e vermos que esta realidade é, pois, uma realidade insustentável. Por mais amorosa que seja esta economia das caravanas e das tendas, em Sagres e em Vila do



Bispo é insustentável. Porque dá cabo da economia. São caravanas e caravanas a pernoitar à berma da estrada e os parques de campismo e de caravanas vazios... Não pode ser! Temos de ser aqui um pouco mais realistas. A GNR sabia disto e fazia zero! Zero! Ia lá às vezes, muito raramente, depois dos concessionários das praias ligarem a torto e direito à GNR... E eram também os surfistas que ligavam a torto e direito à GNR, porque se levantavam às 6 da manhã e queriam ir surfar e não podiam ir, porque não tinham lugar para estacionar, por causa das caravanas que ilegalmente pernoitavam no parque de estacionamento das praias... Nem a própria Administração Pública, porque a GNR pertence à Administração Pública, era capaz de colaborar por exemplo com a economia local, sendo os parques de campismo e de caravanismo economias locais ali da economia de Sagres e de Vila de Bipo, ali do Algarve, ali do Turismo de Portugal... E o Turismo de Portugal, é o quê? É uma entidade pública central responsável pela promoção, valorização e sustentabilidade da atividade turística que pertence à Administração Pública... E lá está... O problema de Portugal é este mesmo... É uma confusão de entes dentro da Administração Pública que se chocam uns com os outros que inibem a atividade uns dos outros, que não se entendem, que sem querer, se predam uns aos outros, parece que tentam sobreviver “sozinhos”, mas que depois nesta sobrevivência económica querem se ligar a uma Internet de Coisas? Não é preciso uma Internet de Coisas para se ligar isto. Como não é preciso uma Internet de Coisas para se saber que em Portugal nunca houve um verdadeiro concurso público das concessões de praia. Foram pedidas. Muitas foram pedidas nos copos com o capitão do Porto. E se não era nos copos, era a fazer-se um bico ao capitão do Porto. Era só ir com ele para a cama para se ter uma praia... Isto é o que? É um escândalo! Se eu sou amigo do capitão ganho uma praia? Então, mais vale ir com ele para a cama para ganhar a praia... Porque uma praia é um negócio dos Diabos!

— A solução para isto parece-me muito simples. É a transparência, publicidade e o prazo dos tais 3 anos para todas as concessões e acabaram-se as mamadas aos cunhados. Em relação ao caravanismo é tolerância zero. É muitas a serem emitidas na hora. O pagamento aos estrangeiros tem de ser cobrado na hora. Se houvesse uma reciprocidade... Mas não há... Se uma caravana com matrícula portuguesa é apanhada a pernoitar fora de um parque de campismo em Espanha, França ou Alemanha é logo multada. Pois, é isso que vamos também fazer. Tem de ser.

— E os parques de campismo em França não são nada baratos...

— Nós não queremos desgraçar o caravanismo saudável dos portugueses em Portugal... Sabemos que os portugueses que optam por comprar uma caravana, para ver Portugal de Norte a Sul, muitas vez optam-no por razões económicas... Fica muito mais barato e talvez aproveita-se muito mais a Natureza... É juntar um útil ao agradável... Por isso, pensei num programa de financiamento que o nosso Governo poderia fazer aos parques de campismo que para portugueses, ou residentes estrangeiros ou estudantes estrangeiros em Portugal tivessem uma tarifa substancialmente mais baixa. Um parque de campismo ou caravanismo sendo privado pode estipular o preço que quiser para turistas, no entanto, financiaríamos todos os parques de campismo que por exemplo praticassem o preço de 2, 3, 4 ou até 5 euros por noite para portugueses, residentes estrangeiros ou estudantes estrangeiros...

— Eu não vejo isso muito bem... Poderíamos fazer isto de forma diferente, ao invés de estarmos a injetar dinheiro do Estado em empresas... Já vimos os casos anteriores dos outros governos. Temos de aprender com os erros deles. Não queremos cometer erros. Podemos eventualmente cometer erros novos,

mas não vamos cometer os erros que já foram cometidos. Não há injeção de capital de dinheiros que são públicos em nenhuma empresa. Se uma empresa entra em Processo de Insolvência, o Estado não vai estar a entrar com dinheiros para recuperá-la, seja um canal de TV, seja um setor da energia, seja o que for. Morre no mercado, paciência! Há de nascer outra. Não há aqui salvamentos! Não há aqui pão para malucos! Não sabem gerir as empresas, paciência! Não vamos estar a meter dinheiro do Estado, em empresas sejam elas privadas ou público-privadas, para depois os sócios irem a correr distribuir os lucros, lucros que não são lucros nenhuns, mas sim o dinheiro que o Estado meteu supostamente para salvar uma “coitada” e “pobrezinha” empresa...

— Então o que é que sugeres?

— Usarmos o Fisco sempre a nosso favor. Podemos mexer no Fisco. Vamos simplesmente tributar, mais ou menos, condenando ou aplaudindo as empresas. Vamos voltar à conversa como começámos esta reunião. Do mesmo modo que vamos tributar as rendas dos senhorios. Vamos tributar também os lucros das empresas. O que nós queremos é recebermos turistas em Portugal. Queremos que eles venham com as suas caravanas. Mas não queremos que eles estacionem à balda sem pagar o parque de caravanismo. Mas também não queremos que “o português, pobre coitado” deixe de fazer caravanismo, porque os parques de campismo e caravanismo viraram todos, de repente, parques de luxo que os portugueses não possam pagar. Por isso, as empresas que tiverem a tal tarifa reduzida serão tão-só tributadas nos atuais 21%, de taxa normal do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas. Se forem Pequenas e Médias Empresas poderão continuar a beneficiar da taxa reduzida dos 17%... No entanto, se não tiverem a tarifa reduzida, nós simplesmente vamos tributar drasticamente até as empresas refinarem e empatizarem os seus cérebros. E vamos fazer isto

para tudo. Os ordenados de felicidade que o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala fala tanto n'O *Algoritmo do Amor* só é possível primeiro se alterarmos o artigo 96º sobre a taxa contributiva do Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial da Segurança Social... A própria Segurança Social é um cancro que impede, bloqueia os padrões de poderem pagar ordenados de felicidade... Vamos lá pensar um bocadinho... Se eu sou patrão e sei que há em vigor uma taxa de 33,3% que vai incidir sobre o ordenado que eu estou disposto a pagar ao meu trabalhador, sabem o que vai acontecer? Das duas uma: se eu estava disposto a pagar 7 mil euros, não o vou fazer porque vou ver depois mais 33,3% desses 7 mil euros a irem direitinhos para a Segurança Social; ou vou dizer no Contrato de Trabalho que só pago 1000euros e depois dou por baixo da mesa, ao meu trabalhador 6 mil euros... É o próprio Estado que me obriga a fazer isto! E isto é cancerígeno! É uma loucura celular! E o que é que nós podemos fazer a isto?

— Usar o Fisco a nosso favor e a favor dos bons padrões que gerem empresas empáticas, humanas e sustentáveis e que estão desejosos de pagar ordenados de felicidade. Ou seja, estipulamos um ordenado mínimo e quanto mais alto for o ordenado, menor será a incidência. A ideia é incentivar o patrão a pagar ordenados de felicidade aos seus trabalhadores e não o contrário.

— Bom... Parece que o Fisco é a nossa nova Medicina e parece que estamos com ele a conseguir curar uma data de cancros que já estavam quase a tornarem-se em tumores malignos...

— Mas nós chegámos a tempo de reescrever todos os códigos inventados da cabeça de um ser humano. Agora é a vez das nossas cabeças também inventarem outros códigos mais alienígenas vindos lá de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Às vezes não sentem de os *Dons* nos assaltam as cabeças?...

— O que eu sinto é que os *Dons* parece que agarram esta minha esferográfica e fazem-na escrever coisas tecnológicas como esta...

— Isso é porque não te podes esquecer que estamos numa Era altamente tecnológica e que o que tens na mão é uma esferográfica tecnológica...

— Numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari até podes ver um drone-mosca a colar um micro-chip na tua esferográfica e agora chipada a sentires o poder da tecnologia à distância comandada por *Dons* que não são os Anjos Tecnológicos d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nem são os jovianos de *Júpiter* de Gabriel Garibaldi e talvez são *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que numa orgia mental analisam o ritmo do teu coração desalmado que ora bate a trotes ora bate a galopes, em tudo passos por eles provocados que te fazem escrever *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.

— Perdi-me completamente... Parece que veio uma onda tão tecnológica, tão tecnológica, que nem com um prancha tecnológica cheia de botões eu consegui apanhar...

— Estão a ver...? Num mar tão tecnológico cada vez mais poderoso e estrondoso capaz de nos engolir na sua tecnologia e teletransportar-nos para sempre para uma máquina alimentada pelo nosso cérebro infinito é que devemos contratar os surfistas e os bodyboards locais, capazes de lutar e surfar nestas ondas tecnológicas enviadas pel'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Temos de lhes pagar um ordenado, porque há um interesse em tê-los no mar. São eles que muitas vezes, são, sem querer, salva-vidas.

— Por isso, é que os bodyboarders e os surfistas deviam ser contratados também pelos concessionários e serem uma espécie de salva-vidas. Há um interesse muito grande em nós termos nas nossas praias surfistas. São eles que estão lá como anjos do mar para nos salvarem.

— E toda a gente gostava de ser salvo por um surfista... De acordar na prancha de um surfista depois de um beijo salgado que pode sempre escapar na respiração boca a boca...

— Vá lá... Isto é sério!

— Eu estou a falar a sério. Há surfistas que parecem espíritos do mar e fazem bater o nosso coração como se nos ressuscitassem outra vez. Vocês não sentem isso?

— Não...

— Não...

— Aqui só tu é que tens fetiche pelos “pés de surfistas”. Mas tens de te curar desse fetiche. *Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke também são capazes de vestir um fato de surf só para te verem a ficares com tusa pelos seus “pés de surfistas”. Se calhar, um dia foste à Praia Grande e viste os pés de um surfista e gostaste e achaste que todos os surfistas têm pés bonitos. Não têm. Há surfistas que têm um nojo de pés. Que não ligam a golfinhos quando eles passam mesmo por eles e que sujam as praias com lixo. Tens de olhar com olhos de ver para os pés destes surfistas... Um fato de surf fica bem a toda a gente... Mas é só um fato de surf. Qualquer um pode vesti-lo.

— Obrigado. Acho que acabei de perder a tusa pelos pés dos surfistas.

— Ora bem.... Multas de lixo e cigarros?

— 15 mil euros para quem deitar lixo para a praia. 30 mil euros para quem deitar beatas na praia. Atacamos estas multas com o Código dos Mares e Oceanos. As gaivotas andam a engolir as beatas dos cigarros. Eu já vi surfistas a deitarem beatas de cigarro na praia e já vi gaivotas a engolirem as beatas deixadas pelos surfistas...

— E eu já vi fodas descartadas na praia por surfistas que sufocaram corações apaixonados pela vida marinha...

— Se forem surfistas com pés feios a multa vai até aos 50 mil euros. Se tiverem pés bonitos podemos atenuar a pena de multa.

— Já viram como é fácil ficcionar o que quisermos. Podemos estar aqui uma hora a fazer leis que nunca vão passar de uma brincadeira. Mas que ao menos são divertidas. Não é divertido legislar?

— Sim, é. Mas não temos uma hora. Estamos *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.

— E para legislarmos temos de ganhar as eleições.

— Ganharmos as eleições e ganharmos a maioria parlamentar.

— Sim. Se não ganharmos a maioria parlamentar podemos ter as mil e uma ideias que quisermos que vão ser sempre bloqueadas pelos outros partidos... \*\*\*

— Se tivermos os salva-vidas, os surfistas, os médicos, os professores, os polícias, os bombeiros, os biólogos, os

nutricionistas, os psicólogos conosco acham que não vamos ganhar? Só se os maus é que estivessem destinados ao poder... Que não estão!

— Os ordenados de todas estas profissões é para triplicarmos também, não é?

— Sim. Tivemos um problema de barcos na ria formosa por causa das ilhas da Armona, da Barreta... \*\*\*

— Sim. Isto faz parte da nossa ordem de trabalhos. Os barcos poluem toda a nossa ria formosa. São centenas de travessias por dia. Temos cavalos marinhos que não suportam o barulho.

— Quem vier com barcos elétricos ganha o concurso. E com a mesma lengalenga dos ordenados de felicidade. A nossa lengalenga é sempre a mesma.

— E vamos imediatamente retirar as licenças a todos os concessionários que fizeram milhões e não tornaram as nossas praias melhores.

— Sim... Isso já tínhamos dito!...

— E as licenças têm de estar transparentes e estar online. Já que o concurso é online tem de estar tudo online para todos podermos concorrer.

— Também já tínhamos dito isso...

— Parece que a nossa Internet das Coisas já não está a funcionar muito bem...



— Já??? Acabámos de ligar... E já está a dar problemas...

— É muito coisa ao mesmo tempo que temos de estar a ligar e estamos cheios de pressa... É sempre *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— E afinal qual é que vai ser a nossa posição sobre a Internet das Coisas?

— Também já tínhamos perguntado isso, pelo menos umas duas vezes...

— Isto já não está a funcionar, é melhor despacharmos isto...

— Mas estamos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— Já sabemos que estamos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— A nossa posição sobre a Internet das Coisas é clara...

— Esperem!!! Falta o mais importante... Sobre o campismo selvagem... Temos de ser empáticos e temos de proteger *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala... Se queremos manter aquela novela-viva, temos de despenalizar o campismo selvagem... Temos os olhos alienígenas de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi em cima de nós...

— Vamos “desproibir” e despenalizar os acampamentos selvagens. Não faz sentido nenhum, esta proibição, sobretudo para quem ama e cuida da Natureza.

— Devem estar loucos!

— Sim, vocês estão loucos! Não vamos despenalizar nada! Vocês não leram o *2080* de Antoine Canary-Wharf? Não sabem que o campismo e o caravanismo ilegal são um sério problema em toda a Costa Vicentina de Sagres até lá acima a Vila Nova?

— Poderíamos eventualmente era importar os acampamentos tecnológicos de *2080* de Antoine Canary-Wharf.

— Por mim, não importávamos esta tecnologia para os nossos acampamentos...

— Sim, por mim também não! Por mim, despenalizávamos só os acampamentos selvagens. Vê-se mesmo que na altura em que o legislador inventou esta proibição dos acampamentos não namorava. Eu já me fartei de acampar com o meu namorado. Era o que faltava o Direito vir dizer que eu e o meu namorado não podemos agora acampar e não podemos passar uma noite os dois sossegados e felizes com as estrelas.

— Pois... Mas isso era antes de termos ido ver o campismo desenfreado em Sagres e Vila do Bispo... Agora os meus olhos também se tornaram alienígenas e mudei de opinião em relação ao campismo...

— O quê? Nós conseguimos as assinaturas para podermos registar o nosso partido junto do Tribunal Constitucional, porque prometemos no nosso programa que iríamos despenalizar o campismo selvagem...

— Pois... Mas as coisas agora mudaram...

— Mudaram uma oval... Tu realmente deves ter uma memória muito curta... Quando não tinhas sítio para leares a tua namorada a ver as estrelas, montavas com ela uma tenda, não era...? Quando vocês os dois viviam em casa dos vossos pais, quando eram estudantes... Agora que tens uma casa grande com piscina em que podes ver as estrelas do teu jardim e podes montar uma tenda no teu jardim, porque tens um jardim, tens uma propriedade, tens um bocado de terra, esqueceste-te que antes não tinhas nada disso? Realmente é muito fácil passarmos pelas coisas e esquecermos que passámos por elas... Esqueceste-te dos maravilhosos fins-de-semana em que acampaste com a tua namorada na praia? Nós não podemos ser hipócritas nem incoerentes. Se fizeste isso e sabes que isso foi importante para o teu namoro, porque se calhar foram esses campismos que tornaram o teu namoro sustentável, porque de outro modo não tinhas passado a noite com a tua namorada, deves defender aquilo que por que passaste e aquilo que viveste! Não é fixe, nada fixe, teres-te divertido como te divertiste e agora que já não precisas dessa diversão simplesmente retirares a diversão aos outros. Isso é o que os maus pais fazem aos filhos. Esquecem-se sempre que já foram crianças e que já fizeram o mesmo. Não gosto desses pais, sabes?

— Por isso, é que não tenho filhos...

— Tínhamos que montar uma intriga mesmo no final da reunião? Estava a correr tudo tão bem... Estávamos tão ligados, tão em sintonia...

— Parece que alguém foi interferido pelo outro lado... Pelo lado dos chips e dos drones...

— Por mim fazíamos uma razia com os drones à noite nas praias para ver quem é que estava ilegalmente acampado...

— Não. Não há drones, não há nada disso! Enquanto o *2080* de Antoine Canary-Wharf não chegar com o seu Direito Tecnológico, com a sua Polícia Tecnológica e com o seu Tribunal Tecnológico, não há drones a voar em lado nenhum, senão os de cinema e realização das empresas de cinema e realização.

— Eu tinha pensado sobre isto o seguinte: para se acampar é preciso ter um cartão de campista. Para se ter um cartão de campista paga-se por exemplo 100 euros que inclui um Curso de Campismo. Neste curso são ensinadas as boas práticas de campismo. Quem é ou foi escuteiro fica automaticamente com o cartão de campismo. Vamos criar um Código de Campismo. Por exemplo, se já está uma tenda montada, não se pode montar uma tenda a menos de 500 metros, a não ser claro que seja um campismo entre amigos ou família. Assim não vamos ter nem ver um monte de tendas. Uma tenda só pode estar montada no mesmo sítio durante 3 noites, devendo ser desmontada no máximo no 4º dia até as 12h, não podendo ser montada durante 5 dias no mesmo concelho. Isto para quê? Para obrigarmos o pessoal a circular e a permitirmos e a deixarmos o campismo saudável de um grupo de amigos portugueses que está só a descer a Costa Alentejana, por exemplo e que tem todo o Direito em ver, descobrir e namorar todos os recantos paradisíacos do seu país.

— E em relação aos estrangeiros?

— É claro que este cartão de campista é para portugueses e estrangeiros residentes ou estudantes em Portugal...

— Sim... E para os outros estrangeiros?

— Bom... Sabemos que só é permitido acampar com o Cartão de Campista... Aos estrangeiros podemos atribuir passes

de campista. Por exemplo, um Passe de Campista de 3 dias poderia custar 150euros. Mas se, por exemplo, alugarem um carro a uma empresa de alugueres de carro que esteja sediada em Portugal, já pagam, por exemplo, 50euros... Um passe de 7 dias poderia custar 250euros...

— E quem é que vai emitir esses passes?

— Um posto de turismo ou mesmo um parque de campismo que fosse ecológico e sustentável poderia ficar autorizado a emitir os passes, assim se toda a gente se lembrasse agora de fazer campismo selvagem os parques de campismo podiam sempre ganhar com os passes...

— Acho uma excelente ideia! Em relação aos museus, alguns jardins, alguns teleféricos e alguns elevadores que neste momento são pagos, vamos torná-los gratuitos para os residentes do concelho e outros vamos tornar gratuitos aos portugueses. E fazemos um preço para turistas, porque quando nós vamos lá fora também temos de pagar por tudo e por nada para ver tudo e nada. Não faz sentido nenhum o Jardim Botânico Tropical custar 4 euros, preço de estudante, para entrar. Se eu vivesse à frente do Jardim Botânico Tropical, em Belém, eu queria todos os dias entrar no jardim para passear e teria que ter todo o Direito de entrar sem pagar... Já lá vai a altura em que se pagava para entrar no Miradouro da São Pedro de Alcântara... Também não faz sentido nenhum ter que pagar para entrar no Jardim Botânico no Príncipe Real. O mesmo para o Palácio da Pena em Sintra...

— Os de Sintra não pagam, e é a um dia da semana...

— Não deviam pagar em nenhum dia da semana... O teleférico que liga Gaia até à Ribeira não pode ser pago pelos residentes...

— Lembram-se quando no primeiro domingo de cada mês ninguém pagava nos monumentos que eram geridos pelo Estado...?

— Pois, lembro-me... Ridículo! Um dia por mês que não se pagava... Vejam só simpático que foi esse Governo... Por isso, é que nós depois somos um povo que não sabe nada de História, nada de Biologia, de Botânica, nada de Oceanografia... Porquê? Porque tenho um Jardim Zoológico de Lisboa e um Oceanário de Lisboa caríssimos para entrar... Não pode ser! Vamos abrir um novo Curso de Oceanografia, de Botânica e de Vulcanologia e vamos abrir o Jardim Zoológico e o Oceanário de Lisboa, gratuitamente a todos os portugueses, pelo menos duas vezes por semana...

— Mas o Oceanário de Lisboa, é privado...

— PACIÊNCIA!!!

— Não! Não é privado! Há um privado a geri-lo... É diferente... Foi concessionado. A entrada para a fortaleza de Sagres só será cobrada aos turistas. As termas dos Açores não podem ser cobradas aos residentes da ilha... Todos os açorianos poderão usar gratuitamente as termas durante duas horas todos os dias durante todo o ano exceto por exemplo a época alta em que terão que pagar uma tarifa mas muito reduzida... Há termas de água quente sempre a correr água quente que custam 7euros. Não é justo viver-se numa ilha com água que sai quente da terra e ter que pagar 7euros todos os dias. Porque se eu vivesse numa ilha com água quente que sai da terra eu iria querer ir todos os dias às termas. Então, estou no paraíso e não posso desfrutar do paraíso? Além de que estas termas são concessionadas e, portanto, vão parar ao mesmo regime dos contratos públicos. Enfim, temos muita coisa para alterar...

— Mais alguma coisa para se ligar?

— Sim... Aquele ponto dos Erasmus no Secundário... E de importarmos novas línguas para Portugal...

— Ah, é verdade! Vamos importar as 12 línguas da Jupiter Editions para o ensino em Portugal. Vamos falar português, inglês, dinamarquês, holandês, castelhano, francês, islandês, sueco, norueguês, alemão, finlandês e italiano. Os nossos alunos têm de aprender gratuitamente 5 línguas. Dentro das 12 eles escolhem 5. Não têm de saber falar. Têm é o Direito do Estado lhes ensinar. E vamos fazer Erasmus recíprocos com os países que se quiserem ligar a esta nossa Internet das Coisas... Por exemplo, a Suécia manda-nos 500 alunos para Portugal que estiveram a aprender português e nós enviamos 500 alunos para a Suécia para irem fazer o 10º ano... Dinamarca envia-nos 200 alunos para Portugal e nós enviamos outros 200 que estiveram a aprender dinamarquês... Os Erasmus devem ser no secundário... Na faculdade eles vão com outro espírito... Se depois quiserem ir outra vez com outro espírito, podem ir... Ah! Acabou-se o stress dos exames escritos, vamos chamar a Psicologia para ditar que exames é que devem ser aplicados aos alunos, talvez uma avaliação contínua seja o melhor com um registo regular da participação oral dos alunos com opção de realização de exame escrito facultativo para melhoria de nota...

— Bom... E já que estamos tão internacionais e vamos ter que importar coisas tecnológicas de outros mercados, com que espírito vamos fazer as encomendas nesta Era de Internet de Coisas? Por exemplo, daquilo que se quiser encomendar, daquilo que formos obrigados a encomendar, há um direito importantíssimo que devemos imediatamente ver consagrado em todos os nossos códigos, seja no “Código Constitucional”, seja no Código Civil, seja nos códigos administrativos, seja nos

códigos comerciais: o Direito A Não (Ter Que) Estar Ligado À Internet Para Participar Na Vida Económica Normal. Ninguém poderá ser penalizado ou ficar de fora, só porque não tem um telefone consigo, ou porque não queira estar ligado à Internet das Coisas. A Internet das Coisas é um estilo de vida e nós não podemos obrigar ninguém a vestir este novo estilo de vida. Terá que haver sempre uma liberdade.

— Mas uma verdadeira liberdade e não uma disfarçada liberdade. Ninguém poderá ser barrado a uma discoteca, porque não tem telefone. Ser barrado numa discoteca, porque não tem telefone numa Era tecnológica vai ser a mesma coisa que ser barrado por ter pele branca, pele amarela, cabelo amarelo ou cabelo branco. O Direito não pode permitir que uma nova classe de transumanos discriminem humanos sem telefones, sem óculos de realidade virtual aumentada, sem exosqueletos, sem chips ou sem as *lentes-cinema* do 2080 de Antoine Canary-Wharf. Por isso, é que temos de também escarrapachar este *Direito A Não (Ter Que) Estar Ligado À Internet Para Participar Na Vida Económica Normal* no Código Comercial e no Código das Sociedades Comerciais. Não bastará só estar na nossa Constituição!

— E por se falar em 2080 de Antoine Canary-Wharf, nenhuma câmara municipal poderá sequer ter a brilhante ideia de fazer uma ciclovia em que só possam circular ciclistas com telefones ligados à Internet das Coisas...

— Por isso é que é importante também escarrapacharmos o *Direito A Não (Ter Que) Estar Ligado À Internet Para Participar Na Vida Económica Normal* no Código do Processo Administrativo e no Código dos Contratos Públicos.

— Quem diz ciclovias, diz estradas... Aquilo que o Direito proíbe desde o mínimo proíbe o máximo. Aquilo que o Direito quer proibir pelo menos, também quer proibir pelo mais.



Se proibimos o menos, proibimos o mais! É que nem podemos deixar uma janela mínima, senão sabemos as festas “chiques tecnológicas” que “de chiques” nada têm e nada são, mas que nessa sua nova “inventada chiqueza” vão deixar à porta os mais lúcidos e nobres do Direito.

— Esse teu lúcido pensamento parece importado dos alienígenas códigos de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Se importamos os códigos de *Jupiter*, importamos, pois, o pensamento de *Jupiter*.

— E se importamos o pensamento de *Jupiter*, importamos, pois, o cérebro de *Jupiter*.

— E mais vale sermos nós *Os Autores do Sistema* e importarmos os códigos de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, do que serem os lunáticos a tomarem o poder e a importarem os chips e os drones para o nosso sistema.

— Por falar em drones... Como é que vamos aqui conciliar os drones com o Direito À Paz Tecnológica e o Direito À Segurança Tecnológica?

— Para conseguirmos fazer vingar o Direito À Segurança e À Paz Tecnológica e, enfim, darmos voz ao nosso Código dos Bons Costumes e dos Bons Valores que nos custou uma viagem tecnológica a *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, vamos perfilhar a tese poética dos drones de Gil de Sales Giotto no *À Velocidade da Luz*. E vamos proibir todos os drones com câmaras de filmar de sobrevoarem qualquer pessoa seja a 1 metro seja a 100 metros, esteja ela sozinha ou num grupo de 12 pessoas que não seja parte de nenhum contrato civil ou contrato comercial.

— Porque se houver contrato... O caso muda de figura...

— Claro que muda de figura! O mais importante no Direito é a liberdade de contratar. Toda a gente é livre de contratar o que quiser e com quem quiser... Mas tem é que haver contratos... E claro, os contratos económicos de dados, têm de ser vistos pelos olhos do fisco. O fisco também gosta de dados...

— Essa realmente “das 12 pessoas” está muito boa... Quem é que escreveu isso no Código Drone???? Que um drone não pode sobrevoar um grupo de 12 pessoas???? Realmente... Parece que andamos mesmo ao sabor dos caprichos económicos de uma ou outra mente lunática... Se eu estiver num grupo de 11 pessoas posso ser sobrevoado... Mas se estiver num grupo de 12, então já estou protegido...

— Ainda bem que no nosso grupo de amigos somos mais que 12 pessoas... Senão estávamos tramados...

— Pois estávamos... Não podíamos piquenicar...

— Estão a imaginar os pilotos de drone numa Internet de Coisas e muito fiéis e legais a um estupidamente mal feito Código Drone a interagirem uns com os outros e a dizerem “olhem, está ali um piquenique de 11 pessoas, bora sobrevoar...”?

— “Ah! Bolas! Já não podemos... Acabou de chegar o 12º elemento... Mas “na boa”, podemos “voar na boa” para o piquenique do lado... Eles são só 8...”

— “Népia! Essa família de 8 não está assim cotada grande coisa na bolsa... Mas aqueles 7 são uma família disfuncional e o *Big Data* está-nos a implorar que pilotemos os nossos drones com grandes olhos e grandes ouvidos até lá...”

— Só para ter a certeza e só para saber se estamos ou não todos sintonizados... Se eu estiver a fazer um piquenique com a minha mulher ou estiver a dar beijinhos à minha namorada, que é irmã da minha mulher, ou estiver a ter uma conversa séria a sós com o meu pai seja na praia, seja numa montanha, seja à beira de um rio, seja num miradoiro e um drone aparecer a voar por cima de mim e ficar ali a fitar-me, caso eu me tenha esquecido da minha pistola anti-drone em casa, eu posso agarrar numa pedra e arremessá-la contra do drone, não posso?

— CLARO!

— Era o que o teu puto devia ter feito... Mas ele estava tão entretido nos marmelos que nem me viu a telecomandar o drone...

— Escusado será dizer que os drones terão que ter todos matrículas grandes que sejam bem visíveis e que o piloto esteja no raio do voo do drone, para caso ele me sobrevoe eu possa arremessar-lhe um par de estalos logo ali, se ele violar o meu direito à Imagem, o meu direito à Intimidade, o meu direito ao Sossego e à Paz Tecnológica...

— Isto é que vai ser uma nova economia de registos e matrículas... É assim que se faz economia na Administração Pública numa Era de querer ligar tudo, numa Era de Internet das Coisas...

— Mas o que é que vocês estão para aí a dizer???? Mas não era um não redondo aos drones que não fossem comerciais? Para que é que estão a falar em matrículas???... Já não estou a perceber nada... E se eu fosse míope e não visse as matrículas?

— Então, mas esperem lá... Afinal não há drones? Mesmo que não esteja ninguém numa praia? Não posso sobrevoar?

— Não. A não ser que sejas uma empresa. Ou um realizador independente ou um fotógrafo profissional.

— E se fores uma empresa, tens de sobrevoar com uma bandeira. Com uma bandeira grande para se ver a tua empresa ou o teu nome se estiveres a voar como empresário em nome individual...

— Isso é publicidade gratuita...

— É melhor que a tua ideia das matrículas. Os míopes concordam connosco.

— Connosco? Mas vai ser esta a nossa Internet das Coisas?

— Sim. Todos os turistas que queiram viajar para Portugal vão ser impedidos de entrar com drones estejam eles montados ou desmontados às peças. Vamos ver os drones como armas. E do mesmo modo que não deixamos armas entrarem, também não deixamos drones entrarem. Querem vir ver Portugal, vêm com os olhos. Aquela propaganda ridícula do Turismo de Portugal a dizer “Tu Podes” com o cardinal atrás a fazer de hastag só para dizer que é já está no Instagram e com um vídeo feito a partir de drone a dizer que é “super sustentável”, porque os drones são “super sustentáveis” é para vomitarmos num novo vómito metálico.

— Sim... Já estou a sentir as peças “super sustentáveis” do drone a saírem-me pela boca... Onde é que suposto eu cuspir todo este lixo metálico não reciclável? Isto não é para endoidecer?

Mas temos de hackear tudo? Será que o Turismo de Portugal é surdo? Não se importa com o zumbido insustentável dos drones que trazem um novo turismo insustentável e indesejável? Era preciso ter chegado uma Internet de Coisas para termos que dar um sermão destes ao Turismo de Portugal?

— Está dado o sermão! Mas eu tenho de voltar a perguntar... Afinal, qual vai ser a nossa posição sobre a Internet das Coisas? Mandamos vir a tecnologia encomendada por drones ou não?

— Mas tu acabaste de aterrar ou quê? Vens de onde? De *Jupiter* de Gabriel Garibaldi?

— Eu estava só a ser figurativa! Disse drones no sentido figurativo... Não estava a ser literária. Estava só a perguntar qual é que era o pacote de Internet de Dados e de Coisas que mandávamos vir...

— Eu acho que não é nada boa ideia ligarem-se as coisas... É que vamos estar a ligar coisas que ainda nem sequer as definimos... Ainda nem arranjámos tempo nem definição para elas...

— E se vamos então ligar... Ah! Vamos perder a definição de tudo...

— Vai ser tudo indefinido... Aliás... Já nada terá definição... Porque tudo será tudo...

— Vamos ser pólipos... Vamos transformar-nos de humanos para pólipos... Vamos estar todos no mesmo barco...

— Mas quem é que vai ser o marinheiro da nossa caravela portuguesa?

— O marinheiro vamos ser todos nós... Porque o barco vai andar-se sozinho...

— Mas quem é que vai pôr o barco a andar sozinho?

— Ah! Estás a falar do lunático? Do programador do sistema? Esse vai estar fora, claro! Com os seus lobos... Ele só vai programar o sistema para nos por a todos dentro do barco...

— E vamos ver crianças a nascerem dentro do barco, porque até num barco tecnológico vão haver mães a darem à luz...

— E vamos ouvir as crianças a perguntarem aos pais se podem sair do barco...

— Se podem sair do barco? Podem claro... Não se saberá é como... Mas também com tantos marinheiros a bordo, haverá de se encontrar um rumo...

— Ah!... Já nasceram dentro do barco? Não conheceram o mundo fora do barco? Não viram como entrámos todos para o barco? Para ser muito franco, vínhamos todos muito distraídos ao telefone e não reparámos que este barco tinha uma partida *supertecnológica*... Um (outro) rumo *supertecnológico*... Uma navegação *supertecnológica*... E não há porto para atracar... Por isso, estamos aqui metidos neste barco... Já não há porto que o Direito Marítimo nos deixe atracar...

— É que nem sequer houve uma consulta pública...

— Houve uma consulta empresarial à porta fechada que é a mesma coisa...

— Passou-se e foi-se falando da Internet das Coisas na Publicidade de uma forma subtilmente hipnotizante e subliminar...

— Sim... Não podemos dizer que não houve uma preparação do Zé Povinho... Porque o Zé Povinho, sentado o dia todo no sofá e ligado o dia todo à TV, sabia o que é que aí vinha...

— Está “*Ready*” para o *Futuro*? Perguntaram as empresas de telecomunicações ao Zé Povinho... *Propaganizaram* em tecnológicas propagandas...

— Qual *Futuro*? O de 2080? De Antoine Canary-Wharf?

— Antes fosse... Que no 2080 de Antoine Canary-Wharf ao menos tínhamos um *Tribunal Tecnológico* para por ordem neste pérvido sistema de publicidades...

— Que mais pareciam propagandas políticas...

— Propagandas políticas empresariais numa ditadura absolutamente tecnológica...

— Mas, por acaso, perguntaram se as pessoas queriam a Internet das Coisas? Por acaso, disseram que as torres com as antenas do 9G, que nós já estamos é no 9G, provocam Alzheimer e Parkinson num raio de 500 metros????

— Não é só Alzheimer e Parkinson... É também todos os cancros que aí vêm...

— Por acaso, perguntaram às pessoas se queriam ter mais cancros e ter mais depressões ao ficarem ainda mais agarradas do

que já estavam aos telefones e às radiações agora com a Internet das Coisas????

— A mim ninguém me perguntou nada...

— A mim também não...

— Eu só me lembro é das mesmas empresas terem perguntado às pessoas se queriam dados infinitos...

— Pois... Perguntaram-lhes se queriam dados infinitos, mas ninguém lhes falou do mercado de dados...

— Pois não... Mas também, com tanta boa literatura que já temos sobre o mercado de dados, já não é preciso dizer-se mais nada... E há para todos os gostos... Desde *O Algoritmo do Amor* do Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala... Ao *Jupiter* do Gabriel Garibaldi.

— E as propagandas estão insuportáveis...

— Intoleráveis...

— Incomportáveis...

— Inaceitáveis!

— Inadmissivas!

— Insustentáveis!

— Insusbsistentes...

— Eu digo... Inconcebíveis...



— Ainda vamos a uma segunda ronda?

— Não vale a pena... Estão lamentáveis e doentias... E esgotámos o nosso dicionário jurídico...

— As publicidades agora têm de ser passadas a pente fino. Têm de ser lícitas. Porque há publicidade que não podem sobreviver no nosso sistema e o nosso sistema tem de dar cabo delas, logo imediatamente, antes que elas deem cabo da saúde de todos.

— E não são só publicidades... São também slogans... Há uma empresa de vaporizadores que tem uma parte do slogan que diz “quit smoking”... Se fosse só este o slogan, estava tudo bem. Podemos ver uma empresa de vaporizadores a guerrear com empresas de cigarros, dizendo às pessoas para pararem de fumar cigarros. Porque se com esse slogan a empresa de vaporizadores conseguir que as pessoas deixem de fumar, perfeito. Depois se as pessoas querem passar por vontade delas próprias para os vaporizadores, sabendo-se que os vaporizadores fazem também mal à saúde dos pulmões, é outra conversa... O que não podemos ver é a empresa de vaporizadores trazer um slogan que pode motivar as pessoas a comprarem vaporizadores... O slogan não era só “quit smoking”... Era “keep vaping quit smoking”... E eu, Estado, não posso tolerar isto. Tenho de convidar a empresa de vaporizadores a mudar de slogan, a ficar-se só pelo “quit smoking” e tenho de proibi-la de aparecer na TV, ela que sobreviva pela sua própria subsistência...

— Aquela publicidade ridícula de uma empresa das telecomunicações a ligar os namorados, o namoro aos dados é imediatamente para sair, porque dá cabo da esteira e da saúde das relações.

— Como é que é essa publicidade? Essa não sei...

— Eu vi muito de raspão, mas é basicamente um novo “pacote de dados móveis” em que agora toda a gente pode ter “dados infinitos” e então há uma parte em que mostram “namorados” agarrados os dois ao telefone e um deles que não tem o “pacote de dados móveis de dados infinitos” a pedir “os dados” do outro, para se ligar à rede do outro, e em tom de brincadeira ouve-se a “voz” da publicidade a dizer qualquer coisa como “mas cuidado... Vê lá se o teu namorado não está contigo só para usar os teus dados”... É um comercial muito, muito, muito infeliz!

— É que as publicidades mexem mesmo no cérebro das pessoas...

— Pois mexem! É tão estranho ver a capacidade poderosa que ela tem de mexer com esses cérebros...

— Altera o pensamento de uma maneira...

— Mas é que *meeeeeeexe meeeeeesmo* de uma *manceeeeeeira*...

— Eu não sei se é pelo passar na TV... Se é por causa dos modelos... Se é a própria tecnologia do anúncio publicitário...

— Os anúncios estão cada vez mais tecnológicos, ou seja, estão cada vez com mais definição por causa das TV's e porque há mais efeitos especiais e filtros de imagem... Mas mesmo quando não havia, só por passar na TV, já mexia com todo o sistema... Imagine-se agora... E depois estão cheios de truques psicológicos...

— Então não te lembras dos anúncios do tabaco?

— Apareciam a fumar com os slogans das marcas de tabaco a dizer às pessoas para fumarem aquela marca, porque fazia “pensar melhor”...

— Isso não é real...

— É real é...

— É surreal...

— E hoje, passar uma marca de tabacos a dizer “fume para filosofar ou pensar melhor” é a mesma coisa que aparecer um anúncio publicitário em que diz para toda a gente ficar agarrada ao telefone para não perder nada do mundo, porque o mundo está todo dentro do telefone...

— Portanto, todas essas publicidades é para acabar!

— Sim, todas! Todas as que façam referência ou estimulem ou influenciem ou manipulem os cérebros humanos a ficarem agarrados ao telefone é para sair. Se as pessoas querem ficar o dia todo no telefone que fiquem, mas que isso não passe na TV, para piorar e normalizar esse vício, que é uma doença!

— Sobretudo, tudo o que for anúncios com crianças em que elas apareçam aos telefones ou a jogar jogos eletrónicos ou em tablets ou com robots com forma humana... Se as crianças querem pedir jogos aos pais que peçam, mas que peçam porque foram de mãos dadas com os pais ao mercado e viram um jogo que gostaram. Que não vão para o mercado por causa da Publicidade. Que joguem os jogos que querem, mas porque os querem jogar e não porque “um sistema publicitário” lhes está a dizer que têm de ter o jogo, porque “todos” têm o jogo ou o assistente virtual...

— Já viram a publicidade em que está um miúdo num banco de jardim com a mãe a abraçá-lo e o miúdo ali agarrado ao tablet a jogar? É ridículo passar-se essa imagem publicitária. Porque isso fica na mente dos miúdos. Os miúdos e os pais vão começar a normalizar essas situações. Como os pais levam os miúdos para os restaurantes entregam-lhes os tablets e batatas fritas cheias de sal e os miúdos pequeninos estão ali a enfardar batatas fritas com sal, a levarem as batatas à boca, nem olham para as batatas, porque têm o olhar vidrado no tablet. Isto não é normal!

— E aqui ninguém está a dizer que a criança não pode ter um tablet para ver filmes ou desenhos animados ou o que seja. Mas talvez fosse importante, os pais educarem aos filhos que o tablet usa-se em casa. Não se anda com o tablet na rua. Não se usa nem o tablet, nem o telefone quando se está com pessoas.

— E que as crianças usem tablet que não estejam ligados à Internet e que não estejam sempre metidos no tablet, senão os olhos não aprofundam a paisagem. Se nascem logo com tablets na mão, vão ficar com a vista completamente destreinada para conseguirem ver a paisagem em profundidade...

— Mas querem lá ver a paisagem...!

— E aqui ninguém está a dizer que as crianças que nasceram agora no tempo dos tablets não possam ter tablets. Não deviam... Mas enfim... Tem é que, pelo menos, haver uma educação por parte dos pais para se usar o tablet. Não pode ser o dia todo. Isso é um crime! Um crime dos encarregados de educação na forma negligente. Uma hora para se ver um desenho animado ou um filme ou uma série, tudo bem...

—Refrigerantes com açúcares é para saírem também... Só serão lícitos anúncios publicitários de sumos naturais sem corantes, açúcares e conversantes...

— Todos os anúncios de alimentação que patrocinem ou estimulem ou incitam o consumo de carnes processadas como os enchidos e as salchichas estão fora também da Publicidade, porque não queremos doentes com cancro fatal do estômago.

— Todas os anúncios de alimentação que patrocinem ou estimulem ou incitam o consumo à carne vermelha estão fora também da Publicidade, não queremos doentes com cancro colorretal.

— Claro, até porque se nós, Administração Pública, estamos ou devíamos estar obrigados a contratar com as empresas sempre com o Direito à Saúde em mente, porque somos Administração Pública e celebrarmos contratos para termos uma população saudável, porque ter uma população saudável é que é a prossecução do interesse público, e vamos deixar de fora das cantinas todos os alimentos que sejam prejudiciais à saúde como as carnes vermelhas, os açúcares, o sal, as gorduras, os leites de vaca, dando melhores leites às crianças e aos estudantes como os de avelã, de amêndoa, de aveia, de arroz... Não faz sentido nenhum nós estarmos a deixar de fora dos nossos contratos essas empresas que queremos que elas interrompam as suas linhas de produção, mas depois permitirmos que elas apareçam na Publicidade aos pulos e aos berros. Não queremos ver pulos nem berros dessas empresas. Se elas conseguirem sobreviver ou indo sobrevivendo no mercado que seja por conta delas e que não façam mais conta com o sistema. Queremos um sistema limpinho... Um sistema cristalino... Um sistema de século XXI... Um sistema informativo que munido da

melhor informação científica vai informando constantemente o seu sistema.

— O único fundamento nutricional para o consumo de carne vermelha é por ser uma fonte de ferro e dessa sorte evitar a anemia, mas há outras fontes de ferro! Basta irem buscá-lo aos brócolos, aos espinafres e aos agriões, que era isso que os pais que querem tanto ter filhos deviam habituar os miúdos a comerem desde pequeninos. E quando se disse às pessoas para comerem carne vermelha por ser fonte de ferro, diz-se para comerem em poucas quantidades e poucas quantidades não é um bife todos os dias! Porque as pessoas abusam da carne vermelha! E se a seguir tenho uma publicidade onde aparece um hambúrguer suculento de vaca ou de porco, as pessoas vão a correr comer o hambúrguer. Comer mais que dois bifes por semana é um exagero! E as publicidades institucionais não dizem isso porquê? Talvez fosse importante dizer-se isso às pessoas, porque nem toda a gente tem um cérebro para entrar em Medicina e aprender isto nas aulas... Isto não pode ser informação privilegiada. Por se uma informação tão privilegiada é que há porcos, vacas e humanos a morrerem todos os dias!

— Ainda bem que falaste nas Publicidades Institucionais, porque eu trouxe aqui uma ideia para imprimirmos no nosso sistema... Ora, todos os canais ganham rios de dinheiro com a Publicidade. A ideia era nós, Direito, obrigarmos os canais a terem um tempo de antena para a Publicidade Institucional. Normalmente cada intervalo entre programas são 15 minutos. Então vamos tirar-lhes 5 minutos de anúncios publicitários e vamos dizer-lhes que por cada 10 minutos de publicidade comercial têm de passar 5 minutos de publicidade institucional. Os próprios canais podem elaborar os anúncios que entenderem, desde que seja de uma panóplia de assuntos de prossecução do interesse público que a Administração vai apresentado de mês a mês ou de 2 em 2 meses ou de 3 em 3 meses, ou podem os canais

comprarem os anúncios a pessoas individuais ou outras empresas ou o próprio Estado pode abrir um concurso público para pessoas, empresas ou escolas participarem, passando esses anúncios consoante uma recompensa monetária que o Estado paga aos autores dos anúncios de publicidade institucional a título de direitos de autor e propriedade intelectual...

— Que excelente ideia! Eu lembro-me que tive de fazer uma publicidade institucional no 7º ano a Português com a melhor professora de Português! A professora de Português que toda a gente queria ter no sistema! A professora de Português que toda a gente queria ter como Ministra da Educação!

— Como é que se chamava? Se ganharmos as legislativas, trazemo-la para dentro do sistema.

— Inês Torres-Vedras.

— Que nome tão bonito!

— Ela inventou o Ensino Cooperativo. Que é uma técnica de ensino que eu vejo urgente implementarmos em todas as escolas do 7º ao 12º ano. Eu era gago, por causa dela deixei de ser gago. Do 5º ao 9º ano, os anos são partidos em 3 períodos, não é? Então no primeiro período juntámo-nos em pares. Cada par ficava com dois temas para apresentar durante o período. Mas a apresentação seria como se fôssemos verdadeiros professores estagiários. E no fundo não parecia que estávamos a “fazer uma apresentação”, mas estávamos sim “a dar uma aula”. Essa nossa professora conseguia-nos dar esse sabor. Não passávamos *PowerPoints* nenhuns, porque a aula era para ser dada na sala de aula. Os professores davam as aulas usando o quadro e o giz e era assim que os alunos também tinham de apresentar, como se fossem verdadeiros professores. Podíamos passar acetatos, mas tínhamos de ser nós a requisitar com antecedência o retroprojector

à Dona Luísa, ainda me lembro. Tínhamos de encarar tal personagem de professor. E encarávamos sem qualquer esforço. Porque todo o ambiente, todo o clima, convidava a isso mesmo. Podíamos usar uns cartões com os tópicos da nossa apresentação do tipo “apresentador”. Eu usava uns cartões encarnados que recortava do cartão que vinha com os blocos de folhas pautadas... Já na altura reutilizava... Aproveitava os materiais até ao fim... Mas reparem, esta nossa professora não permitia, como era óbvio que nós levássemos folhas A4 na mão para “dar a aula”. E por isso, nenhum aluno dela fez figura de totó em apresentações depois na faculdade a levar folhas A4 na mão para as apresentações. Ela ensinou-nos a fazer apresentações logo no 7º ano e eu vi como nós levámos um avanço gigante em relação aos outros em apresentações. Por isso, é que me saí tão bem em Direito nas apresentações orais e antes disso no Secundário, foi por causa da professora Inês Torres-Vedras! As minhas apresentações foram depois para a frente sempre elogiadas, porque quando ia apresentar levava sempre o espírito da professora Inês Torres-Vedras. Ainda me lembro que a primeira vez que usei o meu tablet para apresentar um trabalho já em Direito, numa altura em que ainda ninguém apresentava com os tablets, eu tinha sido um dos pioneiros a levar um tablet para uma apresentação, só o fiz porque inspirei-me nesses cartões que a professora Inês Torres-Vedras nos tinha ensinado a fazer. Para além de “darmos a aula” tínhamos de elaborar um teste, distribuir as cotações, dar o teste em aula, recolher os testes, corrigi-los e classificá-los. Eu tinha um método de estudo muito meu, que o aplicava com o meu melhor amigo ou com outro colega com quem estudasse, mas sobretudo com o meu melhor amigo que estudávamos sempre juntos. Dividíamos a matéria. Um estudava uma parte, o outro estudava a outra. No final do estudo, dávamos uma aula um ao outro das matérias que tínhamos estudado. Eu fazia-lhe um teste da minha matéria e ele fazia-me um teste e depois corrigíamos e classificávamos. Mas fazíamos o teste à mão. Nós viemos juntos do 5º ano a fazer isto. Ter aparecido



uma professora que fomentava isto foi divinal. É claro que agora, a brincadeira que eu e o meu melhor amigo fazíamos a dar aulas um ao outro, tinha-se tornado séria, porque agora já não dávamos um ao outro, mas estávamos os dois, lado a lado “a dar uma aula” para uma turma de quase 30 alunos. E os testes que fazíamos um ao outro à mão, desta vez tiveram de ser elaborados ao computador com um cabeçalho “oficial” da escola e com as cotações a baterem certo. A nossa professora ficava como observadora no final da sala. Nós éramos avaliados milimetricamente. Lembro-me de, na altura, a minha namorada chamar-me ao lugar dela no momento do teste e perguntar-me muito discretamente se ela tinha assinalado com o “X” no quadrado da resposta múltipla certa e de tão sério que aquilo era e de tão (re)encarnado no papel de professor que eu estava, lembro-me de lhe ter respondido com um brioso tom sorridente que não sabia. Éramos nós que recolhíamos os testes que tínhamos dado à turma, éramos nós que os guardávamos e levávamos os testes para casa, para os corrigirmos num primeiro momento a lápis e entregarmos na aula a seguir à professora. A professora confiava em nós. Depositava essa confiança. E só de ver esse depósito de confiança éramos sérios e responsáveis no trabalho. Quando nós entregávamos os testes à professora, já no dia a seguir, os nossos colegas vinham a correr perguntar-nos quanto é que tinham tido ou quanto é que achávamos que eles iam ter. Isto era lindo! Era mágico! Foi mágico ter passado por isto! Isso era o que nós perguntávamos e fazíamos aos professores! A professora corrigia a nossa correção a tinta ou deixava o nosso lápis para nós depois passarmos a tinta se estivesse bem corrigido. Saber elaborar um teste é muito importante. Faz-nos dominar a matéria de outra forma. Faz-nos ver a importância da matéria. Para que serve afinal a matéria. Qual a aplicação daquela matéria. E nessa avaliação milimétrica que a professora nos fazia tudo isso revelava. Revelava a importância que tínhamos dado à matéria. Éramos avaliados na elaboração do teste, na distribuição das cotações, na forma como

corrigíamos e tínhamos a capacidade de receber e aceitar as “respostas abertas” dos nossos colegas. E era mágico ficar a ver tudo isto. A nossa professora ira incansável. Para além de ela nos acompanhar nesta parte da avaliação das apresentações, ainda nos acompanhava noutras duas: no Portefólio e nas composições; tínhamos que fazer sempre duas composições obrigatórias por semana. Ao longo de todo o ano letivo, produzíamos imensa escrita, a professora Inês Torres-Vedras transformou-nos a todos como autênticas fábricas de escrita, autênticas máquinas de escrever, porque tínhamos mesmo de ser máquinas de escrever para aguentarmos aquela “pedalada”, de todas as semanas entregarmos duas composições, de pelo menos duas páginas escritas em *Times New Roman* num tamanho 12 de letra. Ora, imaginem o trabalho que esta professora não tinha em ver 60 composições só da nossa turma por semana! Ela tinha mais duas turmas. É multiplicar esses 60 por três. Eram 180 composições que ela corrigia por mês. Caçava cada erro milimetricamente. Nenhuma professora se entregava com este espírito ao ensino! Nenhuma professora fazia isto! Ela foi incansável! Ela acreditava mesmo em nós! Ela via-nos com uma meiguice e com uma ternura... No 2º período já podíamos apresentar em *PowerPoint* porque íamos para o auditório, a agora no 2º período fazíamos as apresentações em grupos de 4 e no final aplicávamos o teste tal e qual ao estilo do 1º período. No 3º período voltávamos “a dar uma aula”, mas agora já não era à turma toda. A professora entregava-nos o programa com as matérias que tínhamos de saber. Do grupo de 4 com quem tínhamos trabalhado no 2º período, distribuíamos os temas entre os 4. Calhava 3 temas a cada um. Cada um ia dar 3 aulas ao grupo, aplicando no final o tal teste, que agora elaborávamos sozinhos. No 1º período tínhamos elaborado o teste com o nosso par, no 2º período tínhamos elaborado o teste com o nosso grupo. Agora, no 3º período o teste era todo da nossa autoria. E desta vez, tínhamos de requisitar as salas quando quiséssemos dar as aulas ao nosso grupo agendando as datas e combinando entre nós. Ficávamos

sozinhos na sala com o grupo a dar aula, monitorizados pela professora numa tecnologia dela muito subtil que funcionava perfeitamente à distância. Tínhamos sempre a sala comum onde estava a professora e onde estavam todos os grupos que não estivessem em apresentação. Aqui era o verdadeiro “Ensino Cooperativo” a funcionar, porque no final do período íamos todos fazer o teste final da professora, que até então não conhecíamos o estilo de testes da professora. E nós tínhamos a responsabilidade de preparar todo o nosso grupo muito bem para o teste da professora. Por isso, tínhamos de dar aulas brilhantes. Tínhamos ficado os “encarregados” de passar o conhecimento e a informação ao nosso grupo da melhor maneira. No 2º período havia uma obra teatral obrigatória e a avaliação sobre essa parte era juntarmo-nos com quem quiséssemos para apresentarmos teatralmente no auditório. No final de todos os alunos terem representado é que fomos então ver a peça teatral ao teatro. Foi muito importante termos primeiro representado e só depois termos ido ver os atores profissionais também a representarem. Eu adorei representar e ainda me lembro das minhas falas... No 3º período foi a vez da poesia e tivemos todos que escolher um poema e recitá-lo. O Portefólio era o derradeiro final que iria determinar a nossa nota. Tive três dossiês. No primeiro período tive um encarnado. No segundo tive de trocar para um dossiê verde, que era um pouco maior e onde já cabiam as coisas do 2º período com as do 1º período; mas não cabiam as do 3º período, então tive que arranjar um dossiêzorro azulão-lilás que desse para caber tudo do ano todo. O Portefólio tinha de estar sempre muito organizado. Havia separadores por todo o lado. Era lá onde íamos arquivando todos os materiais que íamos produzindo ao longo do período. No final do Portefólio, tínhamos umas folhas coloridas onde a professora ia deixando os seus comentários numa caligrafia milimétrica com as respetivas classificações. Aquele Portefólio ensinou-me a organizar; por causa do Portefólio tornei-me adepto da palavra “organização”. Às vezes, aquele Portefólio parecia um reflexo do nosso cérebro.

Era giro ver que o nosso cérebro tinha vida e podíamos mexer nele e organizá-lo. Os separadores do Portefólio eram as gavetas do nosso cérebro. No final, fizemos um desfile dos melhores Portefólios na biblioteca da escola para os professores. Eu estava todo contente, porque já tínhamos andando a bisbilhotar os portefólios uns dos outros e eu sabia que tinha o Portefólio com os melhores comentários da professora. Lembro-me da professora ter atribuído 3 cincos no final do ano. Um deles foi meu. Aquele 5 dela, encheu-me o coração.

— Que maravilhosa história! Quem me dera ter tido esse Ensino Cooperativo.

— Quem me dera eu ter tido essa professora!

— Quem me dera que essa professora fosse a professora dos meus filhos!

— Ainda não está reformada... Ela era muito novinha, muito loirinha, muito bonita quando foi minha professora.

— Se ela continuar bonita, está decidido! Vai ser a nossa Ministra da Educação! Precisamos assim de uma ministra toda boazuda, toda loiraça... Para fazermos frente aos lobos todos bonzões, todos loiraços do lunático...

— Uma guerra de loiros pelo Parlamento?

— Uma guerra de genes pelo Parlamento...

— Mas já viram? Os lobos do lunático parecem todos saídos de uma agência de modelos sueca... Eles parecem todos suecos... Todos muito perfeitos, todos muito loirinhos...

— Raios partam que têm tudo no sítio...

— São bonecos...

— São alienígenas...

— Sabem onde é que eu acho que o lunático foi buscar os lobos?

— À Suécia... É o que estamos a dizer...

— Não... Foi buscar à *Europa* de *Jupiter* do Gabriel Garibaldi...

— Mas os aliens em *Europa* de *Jupiter* são iguais aos suecos? É que se forem eu quero ser imediatamente abduzido para lá!!!!

— Eu continuo a achar que o lunático foi buscar os lobos a uma agência de modelos na Suécia...

— Bom... A mim não me espantava nada... Quem manda vir renas da Finlândia, manda vir modelos da Suécia...

— Mas foi o lunático que mandou vir as renas?

— Claro! Só um lunático é que manda vir renas da Finlândia para Portugal “porque as quer ver” numa exposição de Natal...

— “Eu quero porque sou lunático”...

— “Eu posso porque sou lunático”...

— “Em mando nisto tudo porque sou lunático”...



— E nós vamos regular a Publicidade só na TV?

— Não. Vamos regular em tudo o que seja sítio fora do estabelecimento comercial.

— Então uma empresa que faça mal à saúde do ambiente ou à saúde das pessoas não pode ter Instagram ou Facebook?

— Pode, claro. Não vamos interferir nessa liberdade. Só lá vai parar ao Instagram ou ao Facebook dessas empresas quem quer. Tal como, só lá vai ao restaurante ou ao café quem quer. Agora o que não queremos é que esse restaurante mal visto aos olhos de qualquer um dos nossos códigos, e por isso, aos olhos do Direito, seja do nosso Código da Terra, do nosso Código dos Mares e Oceanos, do nosso Código da Moda, do nosso Código dos Bons Valores e dos Bons Costumes, apareça a hipnotizar as pessoas para lá irem parar numa ilícita extensão tecnológica. Se já angariou clientela bastante, porque está há décadas no mercado, ótimo. Agora se é um mau mercado que não continue a angariar mais clientes, porque através da Publicidade nós não vamos mais deixar. Por isso, pode ter as suas páginas à vontade, mas vamos dizer ao Instagram e ao Facebook que essas empresas estão

proibidas de aparecerem em anúncios publicitários no nosso ordenamento jurídico, e por isso, não podem aparecer no Instagram ou no Facebook como publicidade, senão como página empresarial, que aí já não temos, nem podíamos ter qualquer domínio.

— Não sei se concordo muito com isso...

— Também não sei se concordo muito com isso...

— Mas porquê?

— Parece uma censura.

— E, é! Estamos a censurar os maus mercados. Eles podem ter a página deles à vontade, o que não podem é aparecer a anunciar. Assim como ficam proibidos de anunciar na TV, também ficam proibidos de anunciar no Facebook ou no Instagram...

— E como é que o Facebook e o Instagram vão controlar isso.

— Tecnicamente é fácil. Algoritmicamente é simples. Os anúncios do Facebook e do Instagram funcionam “graças” a algoritmos. São os algoritmos que fazem os anúncios competirem uns com os outros. Há anúncios que os algoritmos veem mais fortes. Há algoritmos que querem determinados anúncios, que estão “chipados”, “padronizados” para determinados padrões e sobrelevarem determinados padrões sobre todos os padrões. Quando eu faço um anúncio no Facebook ou no Instagram eu posso escolher o meu público-alvo, desde os seus interesses, se têm nas estantes de livros das suas casas o *2080* de Antoine Canary-Wharf, se acreditam n’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, se têm feito ultimamente

viagens ao espaço e se a última viagem que fizeram foi a *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... E em 2080 de Antoine Canary-Wharf até como empresário, já consigo perguntar aos algoritmos quem é que são os leitores que ficaram com uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari tão grande que acham que foram parar ao *Target* – *A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak. E posso também pedir aos algoritmos, para que os meus anúncios, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto seduzam os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e os afaste d’O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. Eu posso estar fisicamente em Sagres e querer anunciar digitalmente as ondas até à Cidade do Cabo, que os algoritmos vão levar a todos os surfistas que estejam com o GPS localizado na Cidade do Cabo. E em 2080 de Antoine Canary-Wharf se eu só quiser que o algoritmo me leve o anúncio a surfistas gays, o algoritmo que vê as interações gays na *Rede* de 2080 de Antoine Canary-Wharf, que vê as “curtidas” e as “nudes” que são sofisticadamente descriptadas das mensagens privadas, irá dizer-me onde é que eu posso instrumentalizar uma orientação sexual para o meu maravilhoso negócio paralelo e dissimulado de dados.

— Obrigado por nos teres teletransportado por instantes para o mundo real do 2080 de Antoine Canary-Wharf.

— Sim, obrigado por nos deixares ver através dos teus olhos o futuro.

— O futuro? Ó, meus senhores, eu estou a falar do presente! Isto é o presente. É o presente com que temos de lidar. Agora, temos de lidar com dados. Puseram-nos, agora, a lidar com dados de tudo e mais alguma coisa. A ligar os dados todos...

— Não! Tu é que numa aí tua Internet de Coisas é que estás a ligar os dados todos.



— Pois, estou. E vocês, deviam fazer o mesmo. Aliás, afinal para que é que nos reunimos? Não foi para ligar todas as coisas? Não foi para ligarmos todos os dados que temos?

— Foi...

— Mais ou menos...

— Foi, foi...

— E eu estou aqui a ligar tudo, para ver se faz alguma luz nas nossas cabeças. Precisamos de luz. Parece que estamos às escuras...

— Sim... Não sabemos mesmo para onde vamos... Estamos completamente às escuras.

— Parece que estamos a escrever no tempo completamente às cegas...

— Mas isto tudo para dizer que podemos entregar uma lista negra de empresas ao Facebook e ao Instagram de empresas que estejam proibidas de anunciar dentro do ordenamento jurídico português?

— Sim, se quiserem anunciar têm de colocar o GPS fora de Portugal...

— Mas, nós, Estado, será que podemos entregar uma lista negra de más empresas ao Facebook e ao Instagram? Então e o Regulamento Geral da Proteção de Dados?

— Ah! Esse regulamento é um regulamento “fantasma”... E como “fantasma” que é, não podemos ter medo dos fantasmas. Os fantasmas não existem...

— Isso seria a mesma coisa que entregar uma lista de empresas devedoras não sei a quem... Não podemos fazê-lo...

— Sim, as listas negras são proibidas. Não podemos ter listas negras.

— Não podemos ter uma ova! Vou já fazer uma lista negra de empresas.

— Ui... Vais trazê-la para a Segunda Grande Reunião?

— Vou!

— A Jupiter Editions não nos vai deixar publicar.

— Ah, vai, vai...

— Hum... Não vai... Temos de tentar outro caminho...

— Podemos sempre tornarmo-nos *influencers* e gritar quem é que são os maus...

— E sem querermos, estamos a fazer publicidade gratuita aos maus... Não percebem que a melhor forma de acabarmos com os maus, é não falarmos neles...? É não dizermos os nomes deles...

— Então, e se os maus procurarem um influencer do Instagram e pedirem para o pobre inocente, fazer publicidade? O que é que nós vamos fazer?

— Nada.

— Nada?

— Nada como?

— Não vamos fazer rigorosamente nada.

— Imaginem que Satanás descobriu o Instagram, criou uma conta e já tem não sei quantos seguidores. E agora temos uma empresa que explora humanos como se fossem escravos, polui o ambiente e mata animais com uma maravilhosa inteligência sócio-afetiva?

— Aquela parvoíce dos nossos *influencers*, dos *influencers* portugueses, terem que pôr um cardinal seguido da abreviatura de publicidade em letras maiúsculas, é para sair do Código da Publicidade. Eu não quero o Direito de volta das páginas pessoais das pessoas. Porque senão, hoje temos isto, mas amanhã já temos *influencers* a serem tributados pelo Fisco e a terem que prestar contas ao Banco porque devem dinheiro, mas o Banco sabe que acabaram de fazer uma promoção. Não queremos isto. Vamos deixar esta atividade livre. O meu Instagram é meu, o meu Facebook é meu e o Direito não tem nada que andar a vasculhar e a dizer o que posso escrever, dizer ou pensar. O que eu não posso fazer no meu Facebook ou Instagram é expor fotografias de pessoas que não pedi autorização para fotografar ou filmar e não posso violar Direitos de Autor ou Direitos de Propriedade Intelectual e Industrial. De resto, posso tudo aquilo que as políticas do Facebook ou do Instagram não me impeçam. O Facebook e o Instagram já são regulados pelas suas políticas, já têm o seu direito... Para quê irmos também nós com o nosso Direito só fazer uma confusão de direitos? Não vale a pena! Vamos fechar os olhos a isto, dos influencers poderem promover quem querem promover, porque temos de fechar os olhos a esta promoção, e vamos ver isto como doações, tudo aquilo que os influencers venham a receber lá das suas promoções. São os

contratos deles, nós, Direito, não queremos saber disso para nada.

— Mas e se uma marca não pagar o que deve a um influencer como combinado sob a forma de royalties?

— Então, aí metemo-nos, claro! Os influencers que olhem para os maravilhosos contratos promocionais que a Jupiter Editions celebrou com os surfistas e os bodyboarders em 2080 de Antoine Canary-Wharf.

— Pronto, está decidido! Vamos lá deixar Satanás para trás!

— Então, pronto, no Instagram não vamos mexer. Mas tudo o que forem reclames perversos, contrários à boa saúde, à boa mente, ao bom ambiente, sejam visuais, físicos, tecnológicos, em realidade virtual, realidade aumentada, realidade virtual aumentada ou sonoros, seja na Rádio seja onde for, não podem aparecer. Porque o nosso fundamento é muito claro. O que nós queremos é que as pessoas se tornem mais inteligentes, façam melhores escolhas, escolhas mais racionais e tenham mais liberdade de pensamento e já que a Publicidade existe, então que não levem com a Publicidade de más empresas, que sejam ao menos seduzidas por empresas humanas, empresas empáticas, empresas sustentáveis em todos os sentidos, empresas esverdeadas.

— O que acham de proibirmos a publicidade na rua, não digo em cartazes, mas na “Rádio de rua”?

— “Rádio de rua”?

— Fui este fim-de-semana a Santarém a casa dos meus pais. Quando fomos dar uma volta ao centro histórico, por causa

da época natalícia estavam colunas montadas “a passarem” músicas alusivas ao Natal... Até aqui tudo mais ou menos bem...

— Tudo mais ou menos bem... Quer dizer... Muito discutível...

— E não me digas que se puseram também a passar anúncios publicitários????

— Sim...

— O quê? Como é que é possível???? Em plena cidade???? Em pleno centro histórico????

— Quer dizer, uma pessoa não quer andar com a Rádio ligada, para não ter que levar com Publicidade, mas depois numa volta a pé, sossegada e tranquila, pela cidade tem de levar com a Publicidade????

— É que depois aquilo não sai da mente! Porque fica lá! Quando não tinha nada que ficar! Se eu estiver a ouvir Rádio, já sei que há de chegar a uma altura que vai passar Publicidade e se eu não quiser ouvir, mudo de estação, como mudo de canal na TV, mas isto faz-me lembrar o 2080 de Antoine Canary-Wharf em que eu tenho de pagar para não ouvir Publicidade... Se eu estou a dar um passeio na cidade e não quero ouvir Publicidade, que não tinha que estar a passar Publicidade coisa nenhuma no meio da cidade, porque há sítios próprios para isso, vou o quê? Andar com os ouvidos tapados???? Ou com os meus pais, com os meus amigos ou com o meu namorado vou tirar os meus fones e ouvir a minha música para não ter que ouvir a Publicidade????

— Isso é um crime aos nossos ouvidos!!!!

— É um atentado ao Direito ao Bom Ambiente e ao Direito da Paz Tecnológica do nosso Código dos Bons Costumes e dos Bons Valores. Porque do mesmo modo que o nosso Direito proíbe alguém usar algum meio ou aparelho tecnológico ou eletrônico que emita som ou ruído seja na rua, no jardim, na praia, num transporte público, também proíbe qualquer cabeça camarária de contratar com algum empresário para passar Publicidade nas colunas que a Câmara Municipal instalou pela cidade. Já a questão da música para mim nem se devia passar, porque eu, residente ou visitante ou passeante ou turista da cidade, não tenho de andar a ouvir na rua músicas nenhuma de CD's ou de *playlists* ou de mentes ou de fantasias de ninguém. Os estabelecimentos comerciais podem. Porque para além de terem uma licença, é o estabelecimento deles, e se eu cliente chego a um bar e não gosto da música simplesmente vou-me embora. Agora na cidade, eu não posso ir-me embora. Nem tenho de me ir embora. (Ir) “embora”, tem de ir a música! Se eu quero ouvir música, eu oiço a música que eu gosto ou em casa ou na rua ou num transporte público, oiço com os fones para não incomodar ninguém, porque todos gostamos de músicas diferentes e eu não tenho de impingir os meus gostos gratuitamente a ninguém.

— Exato! E isto parece conversa de 1º ano. Isto é tão básico! Tão intuitivo! Tão certo! Não é?

— É! A minha única questão, enfim... É uma certa tolerância de se ouvirem as músicas na cidade na época natalícia... Mas é que passaram uma ou duas natalícias e depois as outras que passaram já não tinham nada que ver com o Natal... Percebem?

— Percebemos, claro. Mas é que não é só na quadra natalícia. É depois nas festas da cidade, é depois no dia de São João, é depois no dia de São Valentim... Não pode ser...

— O problema de se permitir ou dar-se tolerância, é depois sair-se do limiar daquilo que era enfim, tolerável... E mais vale prevenir. E tudo o que seja para preservar a saúde do Direito ao Bom Ambiente com *Zero Poluição Sonora e Visual do Espaço Público* é melhor do que o *Zero Licenciamento do Espaço Público*... Senão, as cidades, os jardins, as praias, tudo vira um monte de Publicidade e não pode ser...

— E o Governo dos Chips e dos Drones quer introduzir uma profunda alteração ao nível do regime da ocupação do espaço público, bem como da afixação, inscrição e difusão de mensagens publicitárias de natureza comercial...

— E entendendo nós, à necessidade de regulamentar esta matéria, parece-me bastante sensato que se proceda à elaboração de um novo Regulamento que agregue os regimes da ocupação do espaço público, bem como da afixação, inscrição e difusão de mensagens publicitárias de natureza comercial em todo o território dos municípios.

— Mas qual Regulamento? Nós não queremos agregar nada disto... Nem vamos compactuar com esta febre do *supercapitalismo* e do super consumismo... Não vamos! Vamos é impedir e por isso, vamos é regular isto num dos nossos Códigos para proibir.

— Sim, eu também defendo a proibição e não o regulamento. Ou seja, temos é que regular, prever a sua proibição. Não é atacarmos o Regulamento do Governo dos Chips e dos Drones com um outro regulamento a regularmos os níveis de decibéis permitidos para uma publicidade aparecer radiofonicamente na rua ou o brilho permitido para um holograma publicitário aparecer num jardim...

— Onde é que já se viu encherem os jardins com hologramas como eles querem? Eu não mexo no meu telefone nem 1 segundo quando passo um jardim à noite para a luz do meu telefone não me encadear 1 segundo que seja os olhos, pois agora era o que mais faltava ter que ficar encadeado com hologramas no jardim!!!!

— Eu também defendo a proibição por uma questão muito simples: julgo contribuir para um melhor ordenamento e qualidade do espaço público e, ao mesmo tempo, satisfazer as exigências crescentes dos cidadãos na melhoria da sua qualidade de vida, não esquecendo as especificidades necessariamente impostas para os bairros urbanos históricos, seja do Castelo, Mouraria, Príncipe Real ou do Chiado em Lisboa, seja para o centro histórico de Santarém, Guimarães, Braga, Viana do Castelo, Porto ou de Coimbra, ou seja para os castelos de Óbidos ou de Évora.

— Julgo conveniente ainda salientar que, em termos de princípios enquadradores, é essencial que a qualidade do ambiente urbano e o correto uso dos bens públicos prevaleça sobre a apropriação de espaços para uso privado. Sou também franco adepto do desencorajamento da poluição visual no sentido de ver fortalecido o Direito ao Bom Ambiente, sobretudo com a massificação da publicidade na sociedade de informação que depressa se adivinhará a publicidade digital que “sairá fora das TVs e dos computadores para a rua”, através dos sofisticados hologramas tendo em conta, o aceleramento completamente desgovernado, aberrante e caótico da sociedade de informação tecnológica.

— Numa Era digital, eu também sou adepto em tudo o que importe para não se sujar o ambiente, ou “se tiver que se sujar” que se suje então o mais lentamente possível com a



*superpublicidade* do novo *supercapitalismo* destruidor do conservador e tradicional capitalismo.

— Destruidor de um bonito capitalismo inteligente dos recursos ambientais e sobretudo humanos!

— E todos aqui nós somos capitalistas e defensores da liberdade económica, repare-se...

— Sendo eu, pois, defensor nato da liberdade económica, respeito naturalmente os mercados. Todavia o que estamos aqui a criticar e que critico ferozmente...

— Ui... Cuidado! Ouviram? Ferozmente... Cuidado que a fera se está a assanhar...

— Não me interrompas nesses teus disparates...

— Isso é um amor entre vocês... Um amor e uma tensão desde os tempos da faculdade que eu bem sei...

— Mas ele gosta mais é dos lobos do lunático... Não veem a fera que ele é? É igual a eles... Só que não é, é loiro... É uma fera... Com o astronauta foi logo... Comigo não quer nada...

— Tens de arranjar um fato de astronauta...

— Ou um foguetão como o do astronauta... Que ele gostou foi do foguetão do astronauta...

— Vá... Vamos lá ouvir a fera...

— Obrigado! O que eu critico, é esta estranha forma de mercado de Publicidade no topo ou na cobertura dos imóveis,

nos jardins, enfim, por uma questão muito simples: antigamente eram as pessoas que iam aos mercados. Agora são os mercados que vão às pessoas sem elas pedirem ou estarem à espera de uma forma saturante e ensurdecidora. Esta subversão do sistema, por causa da massificação da sociedade de informação cada vez mais tecnológica e digital destrói toda a essência, coerência e ótica do liberalismo económico, aquele liberalismo económico saudável ao sistema que se tem hoje e que será o melhor dos mundos dos mercados reais até hoje configurado! Entendo que devem ser os consumidores que deverão influenciar os mercados e não os mercados. Os consumidores devem ter oportunidade e tempo de “gestação” e processamento de escolha. Não devem ser invadidos permanentemente com a publicidade hipnotizante, ainda por cima de mercados que estão contrários à boa saúde, à boa medicina, à boa nutrição...

— Exatamente! É isto mesmo! Era este o fundamento que eu queria ouvir... No fundo tudo aquilo que for contrário à boa saúde, à boa medicina ou à boa nutrição é violador do Direito à Saúde. A publicidade deve ficar no mundo digital das TV’s e computadores e “não vir cá para fora”, “baralhando” a realidade.

— E agora também dos telefones...

— Mas pronto... Que seja... Que fique dentro dos telefones e não saia para fora dos telefones, confundindo ingénuos consumidores que não possuem um verdadeiro domínio da informação. Devem ficar-se pela virtualidade. É lá onde devem existir. E uma administração pública “agora” ainda mais esverdeada e empática, pelo menos nisso arreigada pelos princípios da União Europeia, enquanto potencial boa-mãe dos mercados, pode sim deixar de contratar com as empresas mais perversas só contratando com as mais empáticas e sustentáveis,

incentivando assim, as perversas a “desperversarem-se” do seu pecado original.

— Exatamente, regulando boas tendências de novos mercados mais esverdeados e empáticos, dando é oportunidade de voz às empresas humanas, empáticas e sustentáveis que essas sim, serão a pedra angular de um saudável sistema económico e o pulmão empresarial da Terra, que têm de ter como braço direito o sistema fiscal e o sistema administrativo na medida da prossecução do interesse público.

— Claro, e enquanto tivermos na Publicidade a dar voz às empresas mais viciadas, mais tóxicas, mais pérfidas, mais violadoras de todos os direitos que demorámos séculos de doutrina a construí-los irão sempre abafar a voz das boas empresas que são as que têm de sobreviver no mercado.

— E em que código vamos regular isto da Publicidade?

— Por mim regulamos isto no Código da Moda...

— Mas isto não é Direito Comercial Penal, um dos nossos Direitos inventados que oferecemos ao sistema?

— É... E o Direito Penal Comercial aparece regulado no Código da Moda...

— Não faz sentido nenhum o Direito Comercial Penal não ter um Código próprio, porque é que não elaboramos também um Código Penal Comercial?

— Não é oportuno...

— Sim... Não é nada conveniente...

— Sim, não temos tempo para isso até às Legislativas... Não vamos mexer nem no Código Penal nem no Código Comercial, porque esta nossa nova regulação da publicidade, que é um dos nossos reguladores de mercado, está fora da sistematização do Código Comercial e do Código Penal...

— Exato... E até fica giro ficar no Código da Moda... Isto é um instrumento jurídico que pretende regular eficazmente as novas tendências do mercado e como elas aparecem tecnologicamente prontas para se implementarem à cabeça das pessoas...

— Nós aparecemos com o nosso Código da Moda, que é o mais tecnológico que temos, prontos para regular a moda!

— Por isso, quem vai regular isto é o Código da Moda!



— Por falar em moda... O que é que vamos fazer exatamente com a moda dos drones?

— Moda? Não é moda nenhuma... É mas é uma febre de drones... É mas é uma febre *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— Vocês já viram o que é que o Governo dos Chips e dos Drones quer fazer relativamente à proibição da destruição e ao derrube dos drones?

— O quê? Proibição da destruição e derrube de drones? Essa é noval... Até tenho medo...

— É mesmo para termos medo se os lobos bonitos maus subirem ao poder...

— E eu que nunca quis subir ao poder... Vejo-me obrigado a subir por estas e por outras ao poder...

— Pois é... Andamos aqui a tentar subir ao poder só para salvar a nossa imagem, a nossa intelectualidade, a nossa intimidade, a nossa vida privada, a nossa felicidade, a nossa dignidade, a nossa paz tecnológica...

— A nossa biometria e a nossa impressão digital, que é nossa...

— Se alguma vez, eu pensei em ter que subir ao poder para salvar o meu direito à minha intimidade e à minha vida privada... Quer dizer... Agora se eu estiver num jardim a fazer um piquenique com os meus amigos e família e sobrevoar-nos um drone que nos está a filmar em direto sabe-se lá para onde não podemos fazer nada, querem ver????

— Nem que estejas no jardim da tua casa e ele te voe rentinho...

— Vocês estão a gozar, não estão? É de loucos!

— Se eu alguma vez pensei em ter que subir ao poder para defender o meu jardim, os meus piqueniques e os meus acampamentos... Eu só queria ser biólogo...

— Eu só queria ser botânico...

— Eu só queria ser jardineiro...

— Eu só queria ser meteorologista...

— Eu só queria ser oftalmologista...

— Eu só queria ser dermatologista...

— Eu só queria ser psicólogo...

— Eu só queria ser vulcanologista...

— Mas eles são loucos pelos nossos dados, qual é que é afinal o nosso espanto?

— E imaginem só, esta gente colocar-nos um chip...

— Quando quiserem, antes do *2080* de Antoine Canary Wharf, antes de haver uma *Polícia Tecnológica* que persegue os hackers e os criminosos tecnológicos, antes de haver um *Tribunal Botânico* que persegue os lenhadores e os criminosos florestais, antes de irmos parar ao *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, antes de isso tudo, carregam no botão e explodem-nos a todos...

— Explodem-nos não... Que o nosso corpo com um chip passa a ser um bem patrimonial que custa dinheiro... E talvez... Protegido pelo Estado...

— Ah, pois...! Houve ali muito dinheirinho gasto para se fazer aquela tecnologia...

— Muitos fundos...

— E muitos investimentos...

— Os chips não são para nos fazer explodir... Os lobos precisam do povo para o pôr a trabalhar...

— Mas com robots vão precisar do povo para quê? Não precisam para nada!

— Precisam, precisam... Nem que seja para consumir... Precisam do povo para consumir... Sem povo não há consumo, sem consumo não há economia...

— Com tecnologia há tudo e mais alguma coisa. Com tecnologia há recursos e vida perpétua. Com robots a fazerem-te tudo não precisas de humanos. É assim que os lunáticos pensam. Vão-nos fazer explodir com o governo deles dos chips e dos drones...

— Não vão nada fazer-nos explodir... Só te explodem se o algoritmo detetar que não gostas dos lunáticos... Tu não te precisas de te preocupar... Dormiste com o astronauta, já todos sabemos que um dos lunáticos é o teu algoritmo... Os algoritmos deles não te vão fazer explodir... Os algoritmos deles convidam-te a gostares deles... E tu gostas deles... Se eles subirem ao poder já sabes a cama onde terás de te ir deitar... A não ser que não gostes da cama dos lunáticos...

— A não ser que não gostes da cápsula dos lunáticos...

— A não ser que não gostes da tecnologia dos lunáticos... Agora se gostares...

— Podes não gostar, mas se eles subirem ao poder, conheces os algoritmos deles... E sabes que vais ter que gostar... Vais ter que aprender a gostar... Agora, se não gostares...

— Pois, mas isso já é outra conversa... Os chips são para limpar a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari das mentes mais tecnológicas... E a minha mente é uma mente muito tecnológica...

— É para fazer, portanto, uma lavagem cerebral aos mais lúcidos... Dizes tu...

— Uma lavagem cerebral, uma lavagem espiritual e uma lavagem corporal... Que a Medicina de Precisão não poupará nada...



— Em 2080 de Antoine Canary-Wharf quem atingir os 25 anos e não tiver um Seguro de Vida que custa balúrdios é obrigado a implementar um biochip, por causa da Medicina de Precisão e por causa da Economia da Saúde de Precisão...

— Pois... Eu sei... Em 2080 de Antoine Canary-Wharf, uma pessoa que está cheia de nanorobots dentro dela que monitoriza toda a atividade que se passa dentro do corpo em tempo algorítmico real, acorda de manhã, está a fazer a toilette à frente do espelho tecnológico que projeta tudo e mais alguma coisa em gráficos e números o que se passa dentro do corpo, e de repente lá o direito da implantologia lembra-se de alertar os algoritmos que vem aí um cancrítico com toda aquela tecnologia, e já lá está o autómato à porta de casa, obrigando a pessoa a entrar no autómato, porque o ditador direito à economia da saúde transformou a saúde num grande negócio e lá vai a pessoa para o hospital cheio de assistentes virtuais e médicos-robots que vão entrar com as garras metálicas dentro do corpo humano para “arranjar” aquela loucura celular...

— Sim, porque, vamos lá ver, o que é que é o cancro? O cancro é nada mais, nada menos que uma loucura celular... E como é lógico que com chips dentro de nós, com tecnologia que não é suposta estar dentro de nós, as nossas células vão enlouquecer... Mas isto não é óbvio?

— Parece que estamos no 1º ano a falar para crianças... Às vezes, não sentem isso...?

— Eu sinto todos os dias... Cada vez que sou obrigado a ter de falar nestes assuntos...

— Já viram onde é que nós chegámos? Em pleno século XXI a nossa intelectualidade é esta: estarmos aqui a escorrer irónicos argumentos para não nos meterem um chip no corpo e

não andarem a sobrevoar-nos rente com um drone que tem uma câmara de filmar e uma metralhadora potentíssima...

— Andamos aqui a fazer ginásticas ao nosso cérebro para conseguirmos defender os nossos direitos e abrir os olhos para os outros também começarem a defender os seus direitos...

— Quase que é preciso implementar uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari no cérebro e no corpo de todos para não nos implementarem no cérebro e no corpo um chip...

— Onde nós chegámos...! Isto é uma verdadeira guerra tecnológica contra a nossa intelectualidade!...

— E contra a nossa espiritualidade!... Porque a tecnologia deles dá cabo da nossa espiritualidade!...

— Estamos numa autêntica guerra tecnológica, numa autêntica guerra intelectual e numa autêntica guerra espiritual...

— Mas como é que o povo não consegue ver isto? Não vê os algoritmos...?

— Não veem porque eles são invisíveis...

— Invisíveis? São mais visíveis que os fantasmas!!!! Meteram os fantasmas na cabeça do povo... Meteram o povo cheio de medo dos deuses e dos fantasmas, mas daquilo que deviam mesmo ter medo que é dos algoritmos, das câmaras, dos microfones, dos drones e agora dos chips... Não têm medo...

— O povo não vê nada! O povo só vê o que aparece no telefone... E mesmo assim, é o que lhes aparece no telefone... Porque eles até para fazerem pesquisa, com um mundo à frente, uma Internet com tudo, nem isso fazem... É o que os algoritmos

lhes derem e levarem para os *Facebooks* e para os *Instagrams* é mesmo isso que eles vão ver... E não vão ver mais para além daquilo...

— Mas, então, qual é que o fundamento dos lunáticos para me proibirem que eu destrua ou derrube um drone que está em cima de mim a filmar-me?

— Pois, então... Cá vai... Preparem-se:

«— Imaginem todos que vocês estão dentro da vossa casa, com os vossos maridos e mulheres, familiares e amigos e entra um drone na vossa casa. É normal que todos vocês sintam a vossa intimidade violada, pelo drone estar a fazer imagens não autorizadas da vossa propriedade ou vossas os dos vossos familiares. Ora, como todos sabemos, a nossa Constituição e o nosso Código Civil preveem o direito à intimidade e à reserva da vida privada, o direito à propriedade privada, o direito à imagem, o direito à honra e os direitos de personalidade, tudo como direitos fundamentais, assegurando o Código Civil o direito à indemnização por danos morais e patrimoniais decorrentes da violação de cada um desses direitos. No entanto, o drone é um bem móvel, possuindo um valor económico que pertence a alguém e que eventualmente esse alguém poderá sentir-se prejudicado pela destruição do seu drone, não sendo lícito a destruição de drones, porquanto configure um crime de dano ou exercício arbitrário das próprias razões que o Direito Penal punirá severamente. Ora, se vamos deixar intacto o Código Civil, também vamos deixar intacto o Código Penal. Podem se sentir lesados, preocupados, incomodados, impotentes e até frustrados ou injustiçados se um drone entrar em vossa casa, mas muito mais lesado vai sair o proprietário do drone a quem vocês arbitrariamente por razões subjetivas destruíram, porque o vosso

direito à imagem é um direito subjetivo, não sendo sequer palpável. E aliás, até digo mais, que a eventual captura do drone pelo dono da casa poderá vir a configurar um furto, na medida em que seria uma subtração ou apropriação de coisa alheia móvel.

E além desta implicância penal, se houver uma destruição ou danos ao drone, o proprietário terá legitimidade e todo o apoio governamental para pedir uma choruda indenização dos prejuízos sofridos. E portanto, ainda que o piloto e infrator do drone, porque não deixa de ser infrator, é verdade, tenha que ser responsabilizado pelo dano moral que está inerente à violação da intimidade e de todos os outros direitos, que são direitos de personalidade, e por isso, altamente subjetivos como vocês podem imaginar, o piloto do drone, ainda que seja infrator, ele também é titular de direitos e deverá, por isso, ser respeitado como tal. E vocês, meu querido povo, perguntam-me, então o que poderão fazer se um drone invadir a vossa casa? É o que estão todos a pensar, não é? Dou-vos, pois, duas soluções jurídicas. Não se esqueçam que o nosso governo é um governo que preza muito o Direito, é um governo que está dentro da economia, dentro da tecnologia, mas sempre dentro da legalidade, porque um governo ilegal não pode sobreviver num Estado de Direito, e não nos podemos esquecer que o nosso Estado é um Estado de Direito. Hoje um Estado de Direito, amanhã um Estado de Direito Tecnológico.

Primeira solução legal que eu vos dou: o uso de drones é controlado pela Autoridade Nacional de Aviação Civil. Ora, se um drone invadir a vossa privacidade, perturbar o vosso sossego, a vossa intimidade ou a vossa família, o melhor caminho que vocês têm de fazer é solicitar as devidas providências junto da autoridade, que identificará o responsável pelo equipamento. Por isso, não se preocupem, que o infrator ficará sujeito às sanções administrativas e civis decorrentes da sua infração.

Segunda solução legal que eu vos dou, porque eu quero dar-vos sempre as melhores soluções legais, eu quero que todo o meu querido e amado povo esteja dentro da legalidade, aja conforme o

Direito das Coisas, não ande por aí em atos de vandalismo e destruição da propriedade alheia: se vocês suspeitarem que há um cunho de espionagem no drone ou que as imagens possam ser usadas para fins criminosos, por exemplo, aquele drone está ali para estudar a planta da vossa casa para depois poder assaltar, não hesitem, meu querido e amado povo, em comunicar a vossa suspeita à polícia para que ela possa tomar as devidas providências. Porque a vossa segurança estará sempre em primeiro lugar no meu coração.

Por isso, faça este comunicado, também em jeito de campanha eleitoral, que com a tomada de posse do nosso governo, nós não vamos permitir a destruição nem o derrubar de nenhum drone que seja! Todos os pilotos de drone terão o nosso apoio!

Independentemente do objetivo do dono do drone que está a sobrevoar as vossas casas, ou mesmo que entre para dentro da vossa casa, saibam e fiquem lúcidos que agir no impulso querendo destruir ou capturar o drone poderá trazer sérios problemas a nível civil e a nível criminal. Muito obrigado a todos!

Será um gosto poder governar-vos! Obrigado pela vossa confiança, pelo vosso apoio, pelo vosso voto no nosso governo!

Viva os chips e os drones, viva! Pela segurança e bem-estar de todos, viva os chips e os drones, viva! Viva o zero crime, viva as zero doenças, viva o zero terrorismo, viva o zero incêndio com os chips e os drones, viva!»

— Isto é a gozar, não é?

— Eu estou sem palavras...

— A minha alma está parva...

— Eu não sei o que dizer...

— Eu parece que fiquei sem alma...

— A tua foi para onde? É que a minha alma deve ter ido atrás da tua...

— Eu acho que a minha foi para o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Parece que me passaram 10 camiões por cima de mim...

— 10 camiões ou 10 drones?

— É isso... Por isso, é que estou com os cabelos em pé... 10 drones sobrevoaram-me e deixaram-me com os cabelos em pé...

— Olhem, em proponho a todos irmos lá fora, dar um passeio... Fazermos uma caminhada... Que tal? Aproveitarmos o céu que ainda está sem drones e tal e respirarmos antes de o filme começar... Depois do passeio sem drones, entramos no filme dos drones... Mas agora, que tal irmos apanhar um pouco de ar?

— Ah, sim... Pode ser... Sinto-me em estado de choque... Estou a ficar apático, não estou? Sinto-me apático...

— Sim... Vamos lá fora... Acho que o meu cérebro parou de raciocinar...

— Será que o astronauta chipou-me? O meu cérebro está bloqueado... Estou a ser hackeado???? Fui chipado????

— Vamos já embora lá para fora, todos! Que nós precisamos, todos, mesmo de apanhar ar...

— Eu já sinto os chips a instalarem-se dentro de mim... E não dormi com nenhum dos lunáticos...

— Com toda esta conversa, também já me estou a sentir mal e tudo... Também já me estou a sentir hackeado...

— Vamos lá então, dar um passeio para ficarmos com os olhos postos na realidade!

— Sim, eu concordo... Vamos lá ver como estão as coisas, para a realidade nos devolver a lucidez.

**FIM**

**SEBASTIÃO LUPI-LEVY**

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS©**

## AGRADECIMENTOS

À JUPITER EDITIONS por ter editado toda esta intriga.

À KONICA MINOLTA por ter imprimido toda esta intriga.

Às pessoas de Sagres e de Vila do Bispo que alteraram esta intriga por terem deixado ver como o campismo selvagem afinal tenha de ser regulado.

À SURF PLANET e à RETROSAILOR por terem emprestado 8 pranchas para podermos realizar toda esta intriga.

E outra vez à JUPITER EDITIONS por nesta Era tão tecnológica ter tido a coragem de mandar publicar esta intriga tecnológica sobre a Internet das Coisas.